

# *Branding* Literário: a imagem dos autores da Geração de *Orpheu* no século XXI

**Autora:** Joana Carolina Teixeira Pires

**Orientadora:** Professora Doutora Alice Donat Trindade

Dissertação para obtenção de grau de Mestre  
em Comunicação Social, na vertente de Jornalismo

Lisboa  
2018

[WWW.ISCSP.U LISBOA.PT](http://WWW.ISCSP.U LISBOA.PT)

# *Branding* Literário: a imagem dos autores da Geração de *Orpheu* no século XXI

**Joana Carolina Teixeira Pires**

Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas  
Universidade de Lisboa

Orientadora: Professora Doutora Alice Donat Trindade

Dissertação para obtenção de grau de Mestre  
em Comunicação Social, na vertente de Jornalismo

Lisboa  
2018

*Aos meus pais.*

## Agradecimentos

Este trabalho é o culminar de uma desafiante etapa da minha vida que não teria ultrapassado sem o apoio e a colaboração de várias pessoas a quem gostaria de agradecer:

À minha orientadora, Professora Doutora Alice Trindade, pelo apoio e pelos conselhos, pela paciência e partilha de conhecimento, pelo entusiasmo e interesse que sempre demonstrou neste trabalho. Estarei eternamente grata pela sua compreensão e motivação constantes e essenciais para a conclusão desta etapa. Entendi como uma grande honra estar sob sua orientação neste trabalho.

À Professora Doutora Sónia Sebastião pelas sugestões, pela ajuda constante e pela disponibilidade demonstrada durante a realização deste trabalho. À Professora Doutora Isabel Soares e ao Professor Doutor Paulo Martins, pelos apontamentos que fizeram no *workshop* de apresentação do projeto. Aos professores que contribuíram para a minha formação ao longo dos anos.

Aos entrevistados Francisco José Viegas, José Carlos Vasconcelos, Fernando Pinto do Amaral, Manuela Goucha Soares e Maria João Machado: a todos o meu muito obrigada pelo testemunho e contributo para este trabalho. Foi uma honra poder aprender com os ensinamentos que me transmitiram.

Ao ISCSP e, em particular, ao coordenador da Área de Comunicação e Imagem, David Monteiro, pelas condições e pelas oportunidades que me proporcionaram desde o primeiro dia.

Às minhas amigas Diana, Sara e Carina; aos meus amigos Paulo e Fernando; a todos os amigos que por mais longe que estejam nunca esqueço e nunca me esquecem. À minha amiga Aninha, companheira de carteira no Mestrado. À minha amiga Filipa, pela paciência e amizade, pelo companheirismo e por todos os sorrisos em tantas horas de estudo em conjunto. À minha amiga Liliana, pelas conversas improváveis, pela motivação constante e pelos sorrisos dispostos.

A Deus pela força nos momentos bons, pelo ânimo nos menos bons e por no entretanto me dar razões para acreditar.

Aos meus pais, Maria do Céu e José, as duas pessoas mais honestas, lutadoras e pacientes que conheço. São eles a minha força, a minha inspiração e o melhor exemplo de integridade com que podia ter crescido. Agradeço-lhes ter sido educada no ambiente mais saudável e feliz possível, naquela que será sempre a única cidade em que me sinto em casa: a minha encantadora Viana do Castelo. À minha talentosa irmã Rita, por todo o apoio ao longo deste processo. Aos três: obrigada por me terem permitido ser livre nas minhas escolhas e por me ensinarem a confiar em mim e no futuro.



## Resumo

A história da literatura portuguesa faz-se de autores, grupos, movimentos e obras que contribuíram para a afirmação da identidade do país no mundo. A edição da revista *Orpheu*, que representou um dos períodos de encontro entre a Língua e a Arte portuguesas, cumpriu o seu primeiro centenário em 2015. O *branding* dos autores desta geração, inicialmente trabalhado pelos próprios, é hoje planeado e desenvolvido pelas editoras que detêm os direitos das suas obras, que pretendem republicar esses títulos, ou publicar obras inéditas.

Este estudo pretende compreender o papel dos órgãos de comunicação social impressos no processo de divulgação dos autores futuristas portugueses e das suas obras, analisar a evolução da imagem desses autores através da promoção desenvolvida pelas editoras e de que forma esse trabalho contribui para a valorização das obras no mercado livreiro em Portugal.

Nesse sentido, procedeu-se à análise de conteúdo das 71 peças jornalísticas com referência a *Orpheu* e aos autores desta geração (Cesário Verde, Fernando Pessoa, Álvaro de Campos, Mário de Sá-Carneiro, José de Almada Negreiros e Raul Leal), resultado da aplicação da técnica de *clipping* em 120 edições de cinco órgãos de comunicação social impressos, generalistas e especializados, com diferentes periodicidades (*Revista LER*; *Jornal de Letras*; *Time Out Lisboa*; *Expresso* e *Público*). A recolha feita através de *clipping* permitiu também proceder à análise iconográfica das imagens presentes nas peças jornalísticas onde se identificaram referências à Geração de *Orpheu*.

Pudemos verificar que, ao longo do período considerado para este estudo, Fernando Pessoa foi o autor da Geração *Orpheu* mais referenciado pelos órgãos de comunicação social analisados. Por outro lado, as referências a Raul Leal são quase nulas. Estes resultados mostram-nos a disparidade de tratamento e divulgação dos autores em apreço nos *media*. O *Público* e o *Jornal de Letras, Artes e Ideias* souberam capitalizar o centenário de *Orpheu* para aumentar as referências aos autores desta geração e à própria revista, valorizando este período histórico-cultural da literatura portuguesa.

**Palavras-chave:** Jornalismo; *Branding*; Identidade; Imagem; Futurismo; *Orpheu*.

## **Abstract**

*The history of Portuguese literature is made up of authors, groups, movements and works that contributed to the affirmation of the country's identity in the world. The Orpheu magazine, which represented one of the periods between the Portuguese Language and Art, fulfilled its first centenary in 2015. The branding initially worked on by the authors is now planned and developed by the publishers who own the rights of their works or want to republish them.*

*This research intends to comprehend the role of the media in the process of communication of the futurist Portuguese authors and their works, analyze the evolution of the image of those authors through the promotion developed by publishers and how that image has contributed to maintain the sales of the works on the book market in Portugal.*

*In this sense, we analyze the content of 71 journal entries with references to Orpheu magazine and the futurist authors under study (Cesário Verde, Fernando Pessoa, Álvaro de Campos, Mário de Sá-Carneiro, José de Almada Negreiros and Raul Leal), in result of the application of clipping on 120 editions of five portuguese printed media, general and specialized, with different periodicities (Revista LER, Jornal de Letras; Time Out Lisboa, Expresso and Público). The collection made by clipping also allowed to carry out the iconographic analysis of the images present in the journalistic pieces/journal entries where references about Orpheu and the authors considered were identified.*

*It could be verified that, during the period considered for this study, Fernando Pessoa was the most referenced author of the futurists authors by the media analyzed. On the other hand, the references to Raul Leal are almost null. These show us the disparity of treatment and divulgation of the authors in the media. The portuguese newspapers Público and Jornal de Letras, Artes e Ideias capitalized on the centenary of Orpheu to increase the references to the authors of this generation and the magazine itself, valuing this cultural period of the Portuguese literature.*

**Keywords:** Journalism; Branding; Identity; Image; Futurism; Orpheu.

## Índice Geral

Agradecimentos .....	iv
Resumo.....	v
<i>Abstract</i> .....	vi
Introdução.....	1
Capítulo 1. Enquadramento temático-conceptual.....	4
1.1. Identidade cultural portuguesa.....	4
1.1.1. A literatura como manifestação de identidade do autor.....	6
1.2. Imagem: auto-imagem e imagem pública .....	7
1.3. O <i>branding</i> no sector do livro .....	8
1.4. Negócio editorial: editoras e as alterações no mercado.....	12
1.5. Jornalismo: a cultura e o <i>lifestyle</i> nos <i>media</i> .....	15
Capítulo 2. O Futurismo como movimento de vanguarda moderna .....	18
2.1. A importância histórico-social do Futurismo em Portugal.....	19
2.2. O percurso dos autores futuristas em apreço.....	22
Capítulo 3. Enquadramento Metodológico.....	26
3.1. A pergunta de partida .....	28
3.2. Objetivos .....	29
3.3. <i>Corpus</i> .....	31
3.3.1. Publicações.....	31
3.3.2. Entrevistas.....	34
Capítulo 4. Apresentação e Análise dos Resultados .....	35
4.1. Síntese das entrevistas realizadas.....	36
4.2. Análise de Conteúdo: categorias de análise às edições em estudo.....	38
4.2.1. Apresentação dos resultados da análise de conteúdo e da análise iconográfica.....	41
4.3. Discussão dos resultados .....	61
Conclusões .....	65
Bibliografia .....	67
Apêndices e Anexos .....	74

## Índice de Figuras

Figura 1 - Logótipo da editora <i>Olisipo</i> (1921).....	11
---	----

## Índice de Tabelas

Tabela 1 - Caracterização do <i>corpus</i> de análise.....	39
Tabela 2 - Análise de conteúdo às 24 edições da <i>Revista LER</i> .....	40
Tabela 3 - Descrição da representação visual presente nas imagens encontradas nas edições da <i>LER</i> .....	43
Tabela 4 - Análise de conteúdo às 24 edições do <i>Jornal de Letras</i> .....	47
Tabela 5 - Descrição da representação visual presente nas imagens encontradas nas edições do <i>Jornal de Letras</i> .....	48
Tabela 6 - Análise de conteúdo às 24 edições da <i>Time Out Lisboa</i> .....	53
Tabela 7 - Descrição da representação visual presente nas imagens encontradas nas edições da <i>Time Out Lisboa</i> .....	54
Tabela 8 - Análise de conteúdo às 24 edições do <i>Público</i> .....	56
Tabela 9 - Descrição da representação visual presente nas imagens encontradas nas edições do <i>Público</i> .....	57
Tabela 10 - Análise de conteúdo às 24 edições do <i>Expresso</i> .....	59
Tabela 11 - Descrição da representação visual presente nas imagens encontradas nas edições do <i>Expresso</i> .....	60

## Introdução

A presente dissertação foi realizada no âmbito do Mestrado em Comunicação Social - vertente de Jornalismo – e procura responder à pergunta "como são comunicados os autores do Futurismo português pelos órgãos de comunicação social escritos na atualidade?". Esta investigação centra a sua análise num conjunto de autores que marcou um período da história da literatura em Portugal: o Futurismo. O tema do estudo versa o trabalho de *branding* desenvolvido em torno dos autores deste movimento, a implicação dos *media* nesse processo, e o impacto que esse conjunto de ações representa para a imagem pública da Geração de *Orpheu* no século XXI.

Para analisar o processo de comunicação dos autores futuristas portugueses e das suas obras definiram-se como objetivos:

- a) Caraterizar a identidade e a influência cultural de autores da Geração de *Orpheu*;
- b) Identificar as principais editoras atuais das obras dos autores futuristas em apreço;
- c) Analisar diacronicamente a utilização do *branding* nas estratégias de venda das editoras consideradas;
- d) Mapear as técnicas de comunicação usadas na divulgação e promoção da obra dos autores futuristas em análise;
- e) Analisar a operacionalização destas técnicas pelos profissionais dos *media* envolvidos.

A literatura contribui para a definição da identidade nacional por evidenciar as características dos indivíduos e permitir a reflexão do enquadramento político e social em que os autores se inserem (Cidade, 1973; Pascoaes, 1993). A construção da identidade portuguesa começou a partir de elementos comuns a outras culturas mas afirmou-se através das características que a diferenciavam (Gomes, 1970; Júdice, 1997; Moura, 2013). A herança cultural define-se pelas características que diferenciam um grupo de indivíduos tornando-o "portador de uma identidade própria" (Moura, 2013, p. 38). A literatura é parte dessa herança, particularmente a poesia por revelar "a alma de um Povo" (Pascoaes, 1993, p. 67).

O Futurismo surge em Itália no ano de 1909, mas apenas alguns anos mais tarde manifesta-se em Portugal (Martins, 2008a). As mudanças artísticas e sociais materializaram-se na

criação de revistas literárias e no desenvolvimento de grupos de artistas unidos por correntes estéticas semelhantes (Júdice, 1997). Os indícios de rutura com o Romantismo na poética de Cesário Verde, no final do século XIX, e o avanço dos movimentos artísticos modernos marcam este período histórico em Portugal (Ferreira, 2008; Lopes, 2007). Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro participaram na criação e publicação dos três números de *Orpheu*, revista que cumpriu o seu primeiro centenário em 2015, e nos convívios característicos da vida artística da época com os restantes artistas da Geração de *Orpheu*, como Almada Negreiros e Raul Leal (Pessoa, 1986, 2015; Silva, 2008).

O consumo de bens tem um papel preponderante na sociedade e na construção da identidade dos indivíduos (Ribeiro, 2013). O *marketing* é um processo que visa identificar as necessidades dos consumidores e prever o produto/serviço que melhor se adequa às exigências do mercado (Kotler, 2013). Os *marketers* executam um plano de ações necessárias à gestão da troca do produto ou serviço por um valor, podendo este ser monetário ou outro (Ribeiro, 2013), identificam as características que distinguem a oferta no mercado e adaptam-nas a uma estratégia de venda adequada (Baverstock, 2008). Esta estratégia pode incluir a compra de espaço publicitário nos *media* ou a consolidação de relações com os seus profissionais para a utilização das técnicas de comunicação a favor da imagem e do posicionamento da marca no mercado (Sebastião, 2009). Com este trabalho, procuramos analisar o *branding*, processo de criação e gestão de uma marca (Jamnadas, 2013), aplicado aos bens físicos (os livros) mas também aquele que é responsabilidade das organizações (as editoras), e das pessoas (os autores).

Os órgãos de comunicação social considerados para a investigação (*Revista LER; Jornal de Letras; Time Out Lisboa; Expresso; e Público*) foram estudados com base no conceito de jornalismo cultural e de *lifestyle*. Estas especializações potenciam a divulgação de conteúdos que integram diferentes secções informativas, permitindo várias abordagens e até a conjugação de diferentes temáticas numa mesma notícia (Sousa, 2006), respeitando os princípios de atualidade e pertinência para o leitor (Martin-Lagardette, 1998). Ao mesmo tempo que temas como o bem-estar, a moda, a saúde, entre outros, ganharam maior importância para o leitor (Sousa, 2001), também os aspectos visuais dos órgãos de comunicação se ajustaram às possibilidades trazidas pelas inovações informáticas (Sousa,

2006). As técnicas de comunicação existentes permitem que jornalistas, editores e livreiros beneficiem com a divulgação e promoção da informação que pretendem veicular, respectivamente (Baverstock, 2008).

Para a realização deste trabalho recorreu-se à utilização das técnicas de pesquisa e análise bibliográfica; pesquisa e análise documental a fim de reunir os estudos anteriormente desenvolvidos sobre este tema. Depois, recolheram-se opiniões de profissionais da área (jornalistas, editores, diretores de órgãos de comunicação) através de entrevistas semiestruturadas. O conteúdo dos guiões elaborados para as entrevistas resultou dos conhecimentos adquiridos com a revisão da literatura e a análise bibliográfica realizada para o enquadramento temático-conceptual da investigação, na fase inicial do trabalho. Numa segunda fase, os jornais e revistas foram selecionados e estudados com recurso a técnicas de recolha (*clipping*) e de análise de informação (análise de conteúdo e análise iconográfica). Ao estudo foi aplicado o método misto, com uma abordagem qualitativa na análise aprofundada das entrevistas e um enfoque quantitativo na análise de conteúdo produzida com os dados obtidos através do *clipping*.

Com este trabalho procura-se contribuir para o estudo da relação entre os *media* e os editores e livreiros na comunicação de autores e obras de referência na literatura portuguesa; e para demonstrar a aplicação do *branding* pelas editoras em Portugal, bem como a evolução da imagem pública dos autores através da divulgação desenvolvida pelos *media*.

Para a investigação contribuiu ainda a motivação pessoal da autora pelo estudo da história e da cultura portuguesas, especificamente na área da literatura, e a experiência profissional relacionada com a escrita para órgãos de comunicação social impressos.

O presente estudo divide-se em quatro capítulos. A abordagem aos conceitos de identidade, imagem, *branding*, jornalismo cultural e negócio editorial é apresentada no primeiro capítulo, expondo as definições e os estudos realizados por autores e investigadores portugueses ou internacionais analisados no decorrer deste trabalho. À análise ao período da literatura portuguesa que originou esta dissertação, bem como aos autores em apreço, dedica-se o segundo capítulo deste estudo. No terceiro descrevem-se as técnicas metodológicas utilizadas no decurso do trabalho, justificando-se as opções tomadas. No

quarto capítulo procede-se à exposição dos elementos reunidos através das técnicas de recolha e de análise de dados utilizadas. Este último capítulo pretende relacionar o conteúdo apresentado nos capítulos anteriores com os dados reunidos durante a realização do trabalho.

## **Capítulo 1. Enquadramento temático-conceptual**

Neste capítulo serão descritos e analisados os conceitos operacionais do trabalho, enquadrando-os com os objetivos definidos para este estudo. Definir os conceitos-chave de identidade cultural, imagem, *branding* e jornalismo revela-se importante para a compreensão dos capítulos seguintes. A abordagem ao conceito de negócio editorial também serve de base aos pontos do trabalho.

O estudo tem por base uma revisão da literatura desenvolvida em função dos autores que teorizaram estes conceitos e académicos que trabalham na sua investigação.

### **1.1. Identidade cultural portuguesa**

Portugal definiu a língua, história, cultura, comunidade, a moralidade e os modos de comportamento que, juntamente com a tradição, resultaram na criação de uma Pátria e de uma maneira de ser português (Pascoaes, 1993).

Pascoaes considerou que conhecer Portugal e os portugueses é condição essencial para reconhecer a força, o carácter e a alma da pátria. O autor defende que, num primeiro momento, após a independência, o carácter português se confundia com o de outros povos ibéricos, tendo sido o fortalecimento da Língua Portuguesa a diferenciar-nos (Pascoaes, 1993). O indivíduo deve "conhecer e comungar a alma pátria" (Pascoaes, 1993, p. 49) e reger-se pelas suas características em tudo o que faz para poder afirmar-se em matérias políticas, sociais e artísticas.

A influência de outras culturas europeias na cultura portuguesa é defendida por Pinharanda Gomes. Para o autor, Portugal não só assimilou o que herdou como foi influenciado pela



coexistência com várias culturas. Assim, há qualidades que se mantêm de geração em geração por obra da tradição, formando o carácter português (Gomes, 1970).

Vasco Graça Moura considera que a "relação de intercâmbio e diálogo a vários níveis" gerada com a cultura mediterrânica, é a prova de que Portugal teve um papel "na construção de uma identidade cultural que nos transcende" (2013, pp. 34-35) e que se mantém até hoje.

Segundo Moura, as conquistas marítimas revelaram "um empreendimento europeu com evidente projeção identitária, do qual coube a Portugal ser a vanguarda" (2013, p. 35). Esta visão foi defendida por Cidade (1973) que destacou a contribuição portuguesa para que o homem ganhasse "consciência de si próprio" no mundo (p. 57). Antero de Quental (2010) defendeu que os feitos marítimos foram "uma das maiores causas da nossa decadência", que marcou os séculos XVII a XIX da história portuguesa (p. 34).

A abordagem de Quental teve continuidade com Pascoaes, que manifestou a importância da valorização de momentos históricos que enaltecera Portugal no passado. António Sérgio contrariou o saudosismo de Pascoaes e considerou que só a vertente pedagógica de instrução com vista à estimulação do espírito crítico da população podia contribuir para a identidade nacional, pensamento que se manteve como dominante até aos anos 70 do século XX. A visão de Pascoaes é revisitada por Jorge Dias que renovou a importância de olhar para o passado no sentido de identificar as bases através das quais se constrói a identidade de um país (Amante, 2011).

Para Moura, identidade "implica uma noção de permanência, de um conjunto de traços que forma um desenho em que alguém se reconhece" (2013, p. 86). A distinção pode fazer-se a título individual, nacional e também europeu (Moura, 2013). Os fatores que contribuíram para a formação de uma identidade nacional portuguesa foram "a afirmação de um poder central forte, uma extensão geográfica diminuta, uma grande unidade linguística, uma cultura gerada dentro dessas coordenadas e potenciada por uma história comum" (Moura, 2013, p. 86).

### **1.1.1. A literatura como manifestação de identidade do autor**

A história da literatura e o percurso dos autores portugueses foi importante para a formação e conservação da identidade nacional. Hernâni Cidade (1973) afirmou que a literatura e a arte são as "forças de unificação e consciencialização" (p. 11) que contribuem para a valorização de uma nação, sendo a literatura a "criação espiritual mais independente do condicionalismo económico" (p. 14), capaz de realçar as capacidades individuais dessa nação.

Pascoaes (1993) considera que "o poeta é o escultor espiritual de uma Pátria (...), definindo e sublinhando as suas qualidades" (pp. 67-68). Para Nuno Júdice (1997) a poesia portuguesa tem uma "capacidade, única na nossa literatura [de] se manter como um reflexo da alma portuguesa" (p. 33).

No século XII a poesia portuguesa começou a destacar-se na cultura europeia. As ações de reis como D. Dinis, "promotor da cultura nacional" (Cidade, 1973, p. 19), ao estabelecer, no século XIII, que os documentos importantes seriam escritos na língua nacional, consolidaram-na como expressão da identidade e da nacionalidade portuguesas.

No período dos Descobrimentos, Portugal afirmou-se como mediador entre as várias culturas e civilizações (Cidade, 1973). A pequena dimensão territorial do país tornou fácil a agregação "de todas as forças da inteligência, da vontade e até da imaginação criadora de mitos dinamizadores" (Cidade, 1973, p. 91), retratada na obra de João de Barros, de Fernão Mendes Pinto e de Camões. A herança cultural é lembrada pelos elementos de determinada Nação "através da utilização dos símbolos – bandeiras, moeda, hinos, uniformes, monumentos e cerimónias" (Smith, 1997, p. 31) que transmitem um sentimento de pertença comum.

As lembranças históricas fazem-se também de símbolos literários: as obras "estão ligadas ao inconsciente colectivo, que apresenta marcas de tradições de tempos imemoriais" (Sebastião, 2012, p. 134), e a elas os autores. Anthony D. Smith (1997) concorda que o conceito de identidade cultural está relacionado com as características comuns dos elementos de determinada comunidade e com as memórias desse grupo.

Reconhece-se então a relação entre língua e literatura e entre literatura e atualidade, sendo que “os textos e os discursos estão claramente ligados ao seu tempo e às condições de produção” (Trindade, 2006, p. 60) e a língua tem a capacidade de agregar a narração de momentos históricos do passado e do presente, permitindo ao autor registrar as características atuais da literatura. De acordo com Alice Trindade (2006), o autor, por meio da escrita, “exprime o que existe de mais genuíno, porque é fundamental e único” (p. 64).

No século XIX, os autores começaram a ser reconhecidos como figuras sociais (Morão, 2008a) e os movimentos de vanguarda do século XX dão relevo a esta tendência. A construção do *eu*, “em cujos contornos podemos reconhecer traços que sabemos serem da biografia de tal autor” (Morão, 2008a, p. 348), contrasta com a criação do *outro*. Assim, verificou-se “um crescente encontro com o *outro*, em representação de “todos aqueles que não pertenciam a grupos homogêneos, dominantes, reguladores” (Trindade, 2006, p. 65).

## 1.2. Imagem: auto-imagem e imagem pública

Paula Morão (2008a) considera que existe nos poetas e artistas uma “face pública e uma face lunar” (p. 347), a primeira refere-se aos poetas e artistas inseridos na vida social, em convívio com outros rostos da sua geração; a segunda diz respeito à afirmação interior dos poetas e artistas que se confronta com as questões, as certezas e as incertezas da sua vida. A distinção entre os conceitos de auto-imagem e de imagem pública, “esta busca de identidade, no intervalo entre o que se é, o que se parece ser e o que se desejaria alcançar” (Morão, 2008a, p. 348), ganha particular relevo com a revelação dos heterónimos de Fernando Pessoa: Álvaro de Campos, Ricardo Reis e Alberto Caeiro, a quem o poeta atribui vida, personalidade e estilo que se manifestam nas suas obras e que são distintos do poeta ortónimo, “tão nome de autor e tão *persona* como todos os outros” (Morão, 2008a, p. 348). Morão (2008a) refere ainda o papel de Fernando Pessoa como líder e mentor nos tempos de *Orpheu*, e dos aspetos figurativos dos autores e das personagens das suas obras.

A figura do *outro* surge em volta das criações poéticas de Almada Negreiros - a figura adquire menor evidência neste autor do que nos restantes – e da prosa de Mário de Sá-Carneiro, com personagens que retratam as diferenças entre o homem público e o poeta que está para além dessa imagem (Morão, 2008a). Em Fernando Pessoa, a “imagem do eu

profundo e das suas múltiplas faces" difere da imagem pacata e discreta que o poeta apresentava quando aparecia em público, em ambiente social, "esse era o *eu* nocturno, o *eu* que surdamente se ia erguendo como poeta e como intelectual" (Morão, 2008a, p. 348).

### **1.3. O *branding* no sector do livro**

As teorias da sociologia definem o consumo como "um processo social" que deriva de um "enquadramento simbólico, (...) variável consoante as culturas, as épocas históricas e as relações sociais vigentes" (Ribeiro, 2010, p. 71). Raquel Ribeiro considera que "o consumo é importante para a sociedade" pois favorece "a construção de identidades, quer individuais, quer sociais" (2010, p. 71). De acordo com a autora, "identidade e consumo sempre estiveram relacionados entre si porque na construção de uma identidade (...) aquilo que se possui e se exhibe contribui de forma significativa para sinalizar, comunicar e interpretar" (2010, p. 76).

Antes da Revolução Industrial (séculos XVIII e XIX), surgiam poucos produtos inovadores e os que apareciam tornavam-se a fonte da procura. Com a evolução tecnológica, a oferta começou a registar grandes quantidades de excedentes. No século XX, os períodos de depressão económica e as guerras mundiais causaram um decréscimo do consumo. Na década de 50 daquele século, começou a dar-se mais importância ao papel da publicidade. O objetivo das campanhas era convencer o consumidor a comprar o produto, mas a aplicação foi, por vezes, agressiva, e os consumidores repararam nas estratégias dos vendedores. As organizações perceberam que primeiro deviam considerar-se as necessidades do consumidor e só depois persuadi-lo a adquirir aquele bem ou serviço. As Relações Públicas ganham importância por ajudarem a estabelecer uma relação de confiança entre consumidor-vendedor (Ribeiro, 2013). A partir do final do século "a organização não produz o que quer, mas sim aquilo que o mercado quer" (Ribeiro, 2013, p. 20).

O *marketing* utiliza-se para gerir de forma eficaz a troca de um produto ou serviço por um valor - monetário ou outro - baseado na oferta de uma contrapartida da parte do produto/serviço. É um processo e "visa levar indivíduos ou entidades a comportar-se de acordo com os objectivos de uma organização" (Ribeiro, 2013, p. 17). Este processo pode ser pensado para bens, serviços, experiências, eventos, lugares, propriedades, pessoas,

organizações, informações ou ideias. Kotler (2013) defende a utilização do *marketing* para “descobrir necessidades ainda não satisfeitas e preparar as soluções adequadas à situação” (p. 35), considerando errada a visão adotada por Alison Baverstock (2008), de que “*marketing means effective selling*” (p. 4).

De acordo com Baverstock (2008), o sucesso da aplicação do *marketing* “depends on a complete understanding of both designated market and product, an understanding that emerges only through detailed planning and research” (p. 1). Os *marketers* devem pensar no produto e na necessidade que os consumidores vão reconhecer-lhe, adaptar os argumentos que diferenciam o produto e os veículos de transmissão da mensagem publicitária que se pretende passar à(s) estratégia(s) de venda adequada(s). É importante conhecer o público-alvo para poder adequar a estratégia de *marketing* e procurar que o resultado final reflita uma conexão emocional entre consumidor e produto e entre consumidor e marca (Baverstock, 2008, pp. 5-11).

As atividades planeadas pelos *marketers* para a comunicação de um produto ou serviço definem a sua estratégia de comercialização. As teorias de meados do século XX distinguem as variáveis do *marketing-mix* relacionadas com o produto, o preço, o ponto de venda e a promoção às quais correspondem quatro outras variáveis: a valia para o consumidor; o custo para o consumidor; a conveniência e a comunicação, respetivamente (Kotler, 2013).

A publicidade nos meios de comunicação social é um dos elementos de *marketing-mix* que pode servir os produtos e as marcas. A escolha do meio indicado para transmitir a mensagem publicitária depende do público-alvo do produto e do orçamento da marca. O meio escolhido deve depois ser estudado no sentido de perceber qual o tipo de publicidade que pode obter melhores resultados (Baverstock, 2008). Segundo Kotler, a “publicidade através das revistas especializadas e dos grupos *online*” (2013, p. 31) é a tendência atual para os *marketers* alcançarem o público-alvo, face à multiplicação de canais de televisão e à diminuição do número de meios de comunicação impressos.

Para além da aposta na compra de espaço publicitário, as empresas podem também aprimorar as relações com os *media* com o objetivo de “contribuir para a construção e divulgação de uma imagem positiva da organização” (Sebastião, 2009, p. 131). Os profissionais dedicados à assessoria mediática recorrem a técnicas de comunicação como o

envio de notícias, comunicados de imprensa e reportagens publicitárias ou a organização de conferências de imprensa e de eventos relacionados com os produtos ou serviços da empresa (Sebastião, 2009). No caso do mercado livreiro, o recurso a estes instrumentos permite veicular informações sobre os novos livros no mercado através de artigos sobre os temas em discussão, de entrevistas aos autores, ou de críticas literárias, por exemplo (Baverstock, 2008). Kotler afirma que a presença da marca nos *media* através de peças jornalísticas pode representar um lucro maior do que a publicidade (2013, pp. 30-31). Este trabalho é conduzido pelo departamento de relações públicas da marca para “criar e mostrar uma imagem positiva no mercado escolhido como alvo” (Kotler, 2013, p. 142).

O conceito de *marketing* está ligado ao de marca: o *marketing* “surge associado à função comercial, tendo como público-alvo os seus clientes e consumidores” (Diogo, 2008, pp. 23-24); inicialmente vistas como “símbolos identificativos” que diferenciavam os produtos e serviços, as marcas têm hoje “importância enquanto activo intangível” (Diogo, 2008, p. 27). Segundo João Diogo (2008), a marca adquiriu um papel mais abrangente e próximo da estratégia de *marketing*, estando a gestão da marca “limitada e condicionada pelo seu desenvolvimento” (p. 27). A evolução do conceito indica que atualmente “um produto com marca pode assumir diferentes formas” (Diogo, 2008, p. 28), para além dos bens tangíveis. Permite ainda que as empresas centrem o seu trabalho na avaliação de produtos e serviços, na sua comunicação e na gestão da marca pois esse trabalho reflete-se na criação da identidade da marca o que, por sua vez, contribui para distingui-la de outras marcas que disponibilizam um produto ou serviço semelhante. Isto define a notoriedade e a lealdade, bem como o valor da marca junto dos consumidores (Diogo, 2008).

Para Kotler (2013), as marcas passaram a atribuir maior valor à fidelidade do cliente porque dessa forma constrói-se uma ligação de longo prazo com o consumidor. Esse elo fortalece-se pelas associações e sensações que a marca agrega, aliadas às ferramentas que a constroem, visto que “as marcas fortes exibem quase sempre uma *ideia própria*, um *slogan*, uma cor, um *símbolo* e um *conjunto de histórias*” (Kotler, 2013, p. 88).

À criação e gestão da marca, orientadas pelas ferramentas de *marketing* enunciadas anteriormente, dá-se o nome de *branding*. A sua aplicação deve ser estratégica para potenciar os elementos que contribuem para a relação marca-consumidor, como a

notoriedade e a lealdade, por exemplo, e ao mesmo tempo fortalecer a identidade e as características distintivas da marca (Jamnadas, 2013).

Stephen Brown (2015), num artigo no qual analisava como T.S. Eliot se definiu enquanto marca, concluiu que:

“The highest of high Modernists were very sharp *marketing* operators. They promoted themselves assiduously; they were authorpreneurially minded at all times; they employed a repertoire of *marketing* principles” (2015, p. 421).

Na sua investigação podemos encontrar paralelo com a criação da editora *Olisipo*, por Fernando Pessoa, em 1921 (Freitas, 2008). Pessoa pretendia divulgar Portugal no estrangeiro através da tradução de obras de autores portugueses e da edição de obras clássicas estrangeiras em Portugal (Freitas, 2008). Pessoa criou um “projeto editorial especialmente ambicioso” (Freitas, 2008, p. 560) no qual se reconhecem noções de *marketing*, por ter definido objetivos estratégicos de ação integrados na realidade cultural da época, trabalhado na angariação de subscritores e acionistas e planeado a expansão da editora a outros países (Freitas, 2008). O reconhecimento da necessidade de trabalhar a identificação visual da editora com um logótipo, desenhado por Almada Negreiros (ver Figura 1), mostra que Pessoa pretendia reforçar a identidade da *Olisipo*, porque “o logótipo (...) define a personalidade da organização, provando a sua existência” (Sebastião, 2009, p. 165).



Figura 1 - Logótipo da editora Olisipo (1921)

Para Daragh O'Reilly as marcas são “important vehicles for making and circulating meanings in society” (2005, p. 575). As organizações que participam no desenvolvimento de produtos culturais contribuem para o desenvolvimento da cultura e os significados atribuídos durante o processo de produção desses bens são revelados pelo consumo, formando a identidade da

marca: “brand identities are provisional, to be constructed and negotiated in the context of social interaction” (O'Reilly, 2005, p. 582).

O'Reilly (2005) divide as marcas culturais em: *cultrepreneurs* - “artists who act like businesspeople” (p. 582); empresas comerciais; e organizações culturais, como museus ou galerias, que desenvolvem um modelo de negócio semelhante ao praticado pelas empresas. Assim, podemos considerar os artistas da Geração de *Orpheu* um grupo de *cultrepreneurs* porque “such activity is often associated with social transgression and the strategic use of shock and outrageous identities and innovations” (O'Reilly, 2005, p. 583). Os *cultrepreneurs* desenvolvem uma estratégia de promoção que pode implicar a quebra de regras e opiniões vigentes e que trabalha a autopromoção do artista (O'Reilly, 2005).

*Orpheu* permitiu “questionar os valores estéticos consagrados”, o que é hoje reconhecido como “um momento de rutura e viragem na história da literatura e cultura portuguesas” (Pessoa, 2015, p. 110). Pessoa considerou os elementos da Geração de *Orpheu* “divergentes e originais individualidades”, a colaborar numa revista de “originalidade absoluta” (2015, pp. 117-124). As cartas de Fernando Pessoa revelam ainda que o grupo iria “tratar afincadamente da parte de administração da revista” (Pessoa, 1986, p. 102). A promoção foi de tal forma considerada que “talvez com o *Orpheu* se pensasse, pela primeira vez, num exaustivo labor de *marketing* ou propaganda internacional” (López, 2015), através de uma lista de contactos e de um plano de assinaturas (Pessoa, 1986).

O ponto seguinte explica as transformações do mercado editorial nos últimos anos, relacionando-as com o consumo de livros em Portugal.

#### **1.4. Negócio editorial: editoras e as alterações no mercado**

Na história do mercado editorial, e considerando as mudanças ocorridas nos últimos séculos, percebemos que a venda de livros era substancial, tal como nos dias de hoje. Mas, a história da edição envolve outros fatores de desenvolvimento que não só os números de vendas (Schiffrin, 2013).

Teria sido útil à investigação a existência de estudos atualizados que possibilitassem o entendimento das mudanças ocorridas no sector do livro em Portugal nas últimas décadas.



Não sendo possível proceder a essa seleção, considerou-se a análise ao *Inquérito ao Sector do Livro*, realizado pelo Observatório das Atividades Culturais (OAC) entre 2007 e 2009 e publicado em 2012 e ao estudo *Comércio livreiro em Portugal: Estado da arte na segunda década do século XXI*, realizado em 2014 pelo Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do Instituto Universitário de Lisboa (CIES-IUL), como fontes para a avaliação do mercado livreiro português. O contributo de André Schiffrin em *O Negócio dos Livros: Como os grandes grupos económicos decidem o que lemos* permitiu-nos contar com uma análise das alterações no panorama da edição ao estabelecer as principais tendências do mercado livreiro.

O século XII foi estabelecido por Neves, Beja, Santos e Santos (2014) como o ponto de partida do crescimento do valor atribuído ao livro. Com o aparecimento e desenvolvimento da imprensa (século XV), o livro passa a ser visto como um "bem cultural com vasta procura e elevado potencial económico-financeiro" (Neves, *et al.*, 2014, p. 15) e a integrar o sector das indústrias culturais. Os autores do estudo consideram que o sector é um "instrumento fundamental para o desenvolvimento sociocultural dos homens e das nações" (Neves, *et al.*, 2014, p. 17).

A comercialização de livros e o aumento de livros publicados provaram ser necessário criar espaços dedicados ao comércio de livros e levaram os vendedores a considerar a divulgação através de outros meios que não as feiras e as vendas ambulantes. A desorganização do comércio e as pressões políticas e religiosas sobre os vendedores contrastavam com os avanços do sector, que beneficiou com o Iluminismo, no século XVIII (Neves, *et al.*, 2014).

Com o aparecimento das grandes superfícies comerciais do livro, em meados do século XX (Neves, *et al.*, 2014), as editoras passaram a contar com outros canais de venda de livros para além das livrarias: empresas cuja atividade económica principal não seja a edição de livros, como são os CTT ou os Quiosques, por exemplo, e ainda os *media* (Neves, *et al.*, 2012).

As parcerias entre os *media* e as editoras visam a promoção da imagem da editora e enquadram-se na estratégia definida pelo meio em questão. Podem ser vantajosas para as editoras pelas suas características (tiragens mais elevadas, distribuição repartida por todo o

país) e para a imprensa porque a distribuição de livros “aumenta a tiragem e fonte de receita” (Neves, *et al.*, 2012, p. 112).

O desenvolvimento da internet, no final do século XX, causou “um inevitável impacto fraturante nas indústrias culturais” (Neves, *et al.*, 2014, p. 23). Este tipo de comércio tornou-se uma ferramenta relevante para as editoras ao permitir que os catálogos sejam mostrados e adquiridos pelos consumidores, sem que essa compra passe por quem gere os pontos de venda tradicionais, o que “ajuda a vender «coleções muito específicas» que, de outra forma, não seriam colocadas nas livrarias” (Neves, *et al.*, 2012, p. 116).

A partir do século XX, a edição registou um domínio crescente pelos grandes grupos económicos. Primeiro as editoras eram empresas de dimensão reduzida que geriam um “negócio que ainda se considerava ligado à vida intelectual e cultural” (Schiffrin, 2013, p. 23) e que não possuía expectativas unicamente assentes no lucro. Ao longo do século XX, a edição e venda de livros foi vista como uma operação de rentabilidade. Hoje, os editores regem-se por padrões ligados ao entretenimento ou como veículos de informação (Schiffrin, 2013). Na opinião de Nuno Júdice (1997), apenas algumas editoras conseguiram continuar “a testar novas linguagens e processos”, com o “progressivo desaparecimento dos suplementos literários e revistas em que isso se verificava” (p. 94).

Num olhar sobre o *marketing* aplicado à área editorial, Alison Baverstock (2008) aponta que nos dias de hoje são as equipas de *marketing* que detêm mais poder de gestão nas editoras do que os próprios editores. A autora considera que o setor dos livros debate-se com uma concorrência cultural significativa no mercado, uma vez que “books compete for both the consumer and business spend with a whole range of other products” (Baverstock, 2008, p. 3).

As conclusões do estudo sobre o comércio do livro impresso em Portugal revelam a diminuição das empresas com atividade principal de edição de livros em 2012 (depois de uma subida constante entre os anos de 2004 e 2011); a diminuição de empresas de comércio a retalho de livros e do respetivo volume de negócios; a diminuição do número de empresas com atividade principal de comércio a retalho de livros (descida contínua no período 2007-2012); e a diminuição do número de edições de livros impressos (Neves, *et al.*, 2014).

Em Portugal, o século XXI trouxe ao mercado editorial uma tendência registada de forma intensa no resto da Europa e nos Estados Unidos da América no final da década de 90 do século XX: a concentração editorial. Esta realidade implicou mudanças profundas no sector do livro em Portugal e "a estratégia adoptada foi a aquisição de algumas das principais casas editoriais" (Neves, *et al.*, 2012, p. 82). Nos catálogos das editoras *Assírio e Alvim*, *Tinta-da-china* e *Dom Quixote* estão as principais obras dos autores em estudo, mas também coleções, edições comemorativas e outras obras que, ainda que não pertençam a esses autores, estão com eles relacionadas. Dessas editoras são chancelas de grandes grupos económicos a *Dom Quixote*, que pertence ao Grupo *LeYa*, e a *Assírio e Alvim*, chancela do Grupo Porto Editora. A *Tinta-da-China* é uma editora independente que representa os grupos editoriais de pequena dimensão.

As obras de Cesário Verde, Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro, encontram-se sob domínio público. De acordo com o Artigo 31.º do Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, "o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente" (Lei n.º 16/2008, de 1 de abril). A obra de Pessoa, por exemplo, foi colocada pela primeira vez em domínio público no ano de 1986, quando a lei instituía que o prazo de proteção dos direitos de autor era de 50 anos após a morte do autor (Diário da República n.º 61, Série I, de 14.03.1985 (versão consolidada)). A exclusividade da divulgação da obra do autor pertencia à editora Ática até essa altura (Gomes, 2005). Em 1993, uma diretiva comunitária alterou este cenário e, em 1995, o Decreto-lei n.º 334/97, de 27 de novembro, estabelece o aumento da vigência do direito de autor para 70 anos após a morte do autor. Cumprindo estas determinações, a obra de Pessoa regressa ao domínio público em 2006. Até esta data, a *Assírio e Alvim* foi a editora responsável pela obra do poeta.

### **1.5. Jornalismo: a cultura e o *lifestyle* nos *media***

A atividade do jornalista tem como função principal informar o leitor, o ouvinte ou o espectador que procura os factos que lhe permitem compreender o mundo através dos acontecimentos quotidianos (Martin-Lagardette, 1998).

Nos primórdios do desenvolvimento da imprensa, entre os séculos XV e XVI, os jornais eram folhetos, manuscritos ou tipografados, tinham periodicidade alargada e notícias dispersas. O primeiro diário português, o *Diário Lisbonense*, aparece em 1809, dois séculos depois do nascimento dos diários generalistas, na Alemanha. A evolução da tipografia levou ao desenvolvimento de jornais: as edições tinham mais páginas, o tamanho das páginas aumentou, as notícias passaram a dividir-se por temas. A divisão temática dos jornais naquela altura facilitou a segmentação da informação que hoje conhecemos com a criação de secções (Sousa, 2006).

As revistas ou magazines, inicialmente "coleções de temas de interesse geral", têm como características a abordagem a temas diversos, como política ou entretenimento, em "publicações periódicas não diárias" (Sousa, 2006, p. 545). As abordagens aos conteúdos podem variar, conteúdos mais curtos ou mais extensos, tratados de forma ligeira ou rigorosa; assim como a segmentação, com as revistas femininas, masculinas, juvenis ou as revistas sobre televisão ou sobre culinária, por exemplo; e as temáticas abordadas: ciência, cultura, política, desporto, economia, entre outras (Sousa, 2006).

É a partir da redação que se seleciona e prioriza a informação e os temas a abordar nos jornais. Estes devem respeitar, segundo Martin-Lagardette, "a actualidade, o interesse do leitor e a linha editorial da publicação" (1998, p. 13), com o objetivo de apresentar uma mensagem que possa ser compreendida pelos leitores. As questões de proximidade entre o leitor e a informação a veicular contribuem para o processo de seleção da informação. Para disponibilizar os factos mais importantes ao leitor, o jornalista deve reunir e hierarquizar a informação que valoriza a notícia (Martin-Lagardette, 1998). A informação pode adotar diversos géneros de escrita: a breve; a reportagem; a entrevista; o artigo; ou a crítica entre outros géneros jornalísticos (Martin-Lagardette, 1998).

A atenção para com os títulos e outros aspectos visuais dos jornais, como a fotografia e a infografia que as inovações informáticas passaram a permitir, fez surgir, nas últimas décadas do século XX, "um modelo televisivo, "visual", de poucas palavras, muita cor, muito design e muita imagem" (Sousa, 2006, p. 544) ao qual os jornais se foram adaptando. Os desenvolvimentos tecnológicos possibilitaram o surgimento de novos assuntos e temas suscetíveis de tratamento jornalístico: "vingou, por exemplo, um jornalismo de serviços ou

utilitário” (Sousa, 2001, p. 31). A secção de cultura e os seus protagonistas ganham mais importância no jornalismo impresso, assim como a secção de assuntos ligados ao *lifestyle*, como o bem-estar, a moda, a beleza, a saúde, a gastronomia e as viagens.

A definição dos conceitos de jornalismo cultural e jornalismo *lifestyle* é complexa e pouco literal, uma vez que não existe uma definição comumente aceite. Os investigadores que se dedicam a este campo de estudo divergem e também os jornalistas adotam diferentes formas de os enquadrar nas suas publicações (Silva, 2009). Os temas debatidos pelo jornalismo *lifestyle* ainda são considerados assuntos inferiores tanto pelos jornalistas especializados nas áreas de política, assuntos internacionais ou economia, mas também pelos académicos e investigadores, “despite the obvious importance lifestyle journalism plays in terms of its prominence in media output and consumption” (Hanusch, 2013, p. 4).

Considerando os objetivos definidos e os órgãos selecionados para análise neste trabalho, adotámos a visão do conceito de jornalismo cultural de Jorge Rivera, citado por Silva (2009), que apresenta este tipo de jornalismo como agregador de “meios, géneros e produtos que abordam com objectivos criativos (...) a chamada cultura popular e outros aspectos que têm a ver com produção, circulação e consumo de bens simbólicos” (pp. 93-94).

De acordo com Hanusch (2013), os conteúdos jornalísticos de *lifestyle*, “focuses on audiences as consumers, providing them with factual information and advice, often in entertaining ways, about goods and services” (p. 1), são conteúdos “which audiences can apply in their own lives” (p. 3).

As áreas de cultura e *lifestyle* podem concentrar-se em secções de jornais e revistas – o que, considerando os órgãos de comunicação social em estudo, acontece no *Público* e no *Expresso*, jornais generalistas - mas podem também ser produtos que dão origem a programas de televisão e rádio, ou revistas e jornais especializados – a revista *Time Out Lisboa* é especializada no campo do *lifestyle* enquanto a *Revista LER* e o *Jornal de Letras* são órgãos especializados na área de cultura.

A relação dos jornalistas com as suas fontes de informação é essencial para que o conteúdo divulgado pelos meios de comunicação possa ser atestado e validado. Os editores, os livreiros e os autores, abordando este estudo em concreto, são atores privilegiados neste

campo pois encontram nos *media* uma plataforma de grande escala, que dispõe de espaço promocional gratuito - editoriais, entrevistas, críticas ou outros conteúdos - no qual podem participar por intermédio dos jornalistas. Esta cobertura jornalística vai além da publicidade tradicional e amplifica a transmissão da mensagem. No caso dos livros, estas acções, quando corretamente aproveitadas, devem beneficiar as vendas de livros e contribuir para a projecção ou construção da imagem pública dos autores (Baverstock, 2008, p. 171).

## **Capítulo 2. O Futurismo como movimento de vanguarda moderna**

Os movimentos artísticos de vanguarda integrados no Modernismo emergiram nos primeiros anos do século XX, um pouco por toda a Europa. Segundo Fokkema, "um dos fenómenos cruciais na história literária é a mudança dos sistemas de normas: a substituição do romantismo pelo realismo, do realismo pelo simbolismo e pelo modernismo, e do modernismo pelo pós-modernismo são acontecimentos de principal importância na história literária" (2008, p. 16).

O Futurismo, movimento artístico que surgiu em Itália por ação do poeta Marinetti, apresentava "dynamism, speed, energy, and power of the machine and the vitality, change, and restlessness of modern life in general" (Encyclopedia Britannica, 1993, p. 62) como características principais e afirmou-se particularmente na poesia e nas artes visuais. Marinetti publicou um manifesto no jornal *Le Figaro*, em 1909, onde apresentava o movimento e as suas bases ideológicas. O Futurismo surge para romper com os valores e as certezas artísticas e sociais do passado através das transformações e novidades da tecnologia e do movimento, "celebrating change, originality and innovation in culture and society" (Encyclopedia Britannica, 1993, p. 62). Ao mesmo tempo, o manifesto apresentava um discurso de valorização da violência e do conflito e de descredibilização das instituições políticas e culturais (Encyclopedia Britannica, 1993).

O Futurismo "não origina em Portugal um grupo de seguidores ortodoxos" mas é "assumido como estandarte de vanguarda na criação de uma modernidade essencialmente portuguesa" (Ferreira, 2008, p. 438). Segundo Nuno Júdice, "o Futurismo exige a exteriorização, não vive sem o público e sem o escândalo, exhibe desde o início uma agorafilia

em tudo contrária à arte finissecular" (1997, p. 45). José Augusto França considera que a "influência futurista" não passou "de uma breve revolução estética" (2004, pp. 11-17).

Para o desenvolvimento do presente estudo é útil compreender a importância histórico-social do Futurismo para a literatura portuguesa e identificar os autores da Geração de *Orpheu*, determinando a sua influência neste período. Neste capítulo procede-se à exposição do contexto sociocultural que favoreceu o surgimento da proposta futurista em Portugal.

### **2.1. A importância histórico-social do Futurismo em Portugal**

Na história da literatura portuguesa, a poesia teve na Idade Média, no século XVI e nos séculos XIX e XX os seus tempos áureos. Os dois últimos séculos mencionados representam épocas de extensa criação literária, particularmente poética, que contribuíram para a conceção de identidade nacional. Para Nuno Júdice, "a dominante poética continua a marcar uma diferença portuguesa" (1997, p. 13) na literatura.

Os períodos literários dos séculos XIX e XX ficaram marcados pelo aparecimento de grupos que na sua produção cultural apresentavam correntes estéticas disruptivas e inovadoras. Foi o caso da Geração de 70 (século XIX): Antero de Quental, Guerra Junqueiro, Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, entre outros, tentavam, desde Coimbra, revolucionar a literatura portuguesa através do Realismo para "fazer progredir o espírito do nosso intelectual na direcção daquilo que era identificado com o progresso e a civilização" (Júdice, 1997, pp. 20-21). Eugénio de Castro, Alberto Oliveira, António Nobre e Camilo Pessanha formaram a Geração de 90 (século XIX) que se servia do simbolismo e do decadentismo para "uma prática literária muito atenta à experimentação técnica, aliada a um conhecimento da tradição portuguesa e do panorama europeu" (Dias, 2008, p. 749).

A "vertigem na evolução literária" registou-se no século XX, com o avanço do Realismo e a rutura com o Romantismo e a "incompreendida aventura do modernismo". Os artistas procuravam afirmar-se "na luta contra o *mainstream* republicano e burguês" em anos "de instabilidade política e conflito agudo" (Lopes, 2007, p. 6).

Os primeiros esclarecimentos sobre o Futurismo chegaram a Portugal em 1912 pela intervenção de Sá-Carneiro e Guilherme de Santa-Rita que assistiram ao florescimento do

movimento em Paris (Martins, 2008a). As visitas regulares dos artistas às capitais europeias foram importantes para o assimilar de novas ideias e formas de escrita (Júdice, 1997). O jornal português *Diário dos Açores* tinha publicado o manifesto de Marinetti em 1909, mas, de acordo com Júdice, a situação política vivida em Portugal até então "não favorece uma proposta tão radical como a futurista" (1997, p. 45) e a divulgação feita pelo jornal português não teve repercussão. A queda da monarquia e o surgimento dos valores da República (1910) favoreceram "o fenómeno de publicação de revistas literárias com uma coerência estética, filosófica e, por vezes, política" (Júdice, 1997, p. 47). Estas publicações contribuíram para a proliferação dos ideais artísticos das vanguardas, como o Futurismo, cuja afirmação aconteceu por intermédio das revistas *Orpheu* (1915) e *Portugal Futurista* (1917).

Em 1913, o poema "Pauis", publicado por Pessoa na revista *Renascença*, representa "o primeiro assomo vanguardista em Portugal, o "Paulismo" (Martins, 2008a, p. 301). Pessoa foi ainda responsável pela criação de outros dois *-ismos* que revolucionaram a escrita: o "Interseccionismo" e o "Sensacionismo", "destinados a tornarem-se movimentos literários à maneira do futurismo" (Júdice, 1997, p. 49).

O "Sensacionismo" facilitou o aparecimento dos heterónimos de Pessoa, cada um com as suas próprias visões do mundo. Álvaro de Campos, "heterónimo iluminado pela poética futurista" (Martins, 2008a, p. 301); Alberto Caeiro, o portador da sensação no seu estado mais puro (Costa, 2008b); e Ricardo Reis, o mais clássico de todos os heterónimos (Costa, 2008b). Pessoa afirmou que esta corrente "tem só três poetas e um precursor inconsciente", referindo-se aos heterónimos e a Cesário Verde (2015, p. 33).

O plano de criação de uma revista por Pessoa e Sá-Carneiro concretizou-se no início de 1915. As ideias que Luís de Montalvor tinha para a edição de uma revista literária trimestral luso-brasileira com o nome *Orpheu*, tornam-se realidade com a ajuda de Sá-Carneiro (Pessoa, 1986). *Orpheu* "deu nome e expressão a toda uma geração de poetas" (Silva, 2008, p. 564): os poetas brasileiros Luís de Montalvor e Ronald de Carvalho; os escritores portugueses Raul Leal, José de Almada Negreiros, Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Alfredo Pedro Guisado, Armando Côrtes-Rodrigues e António Ferro; e o artista plástico Guilherme de Santa-Rita (Pessoa, 2015). Os dois únicos números de *Orpheu* foram publicados em março e



junho de 1915. O terceiro número da revista foi organizado mas não obteve autorização para ser publicado.

A Geração de *Orpheu* destacou-se por expressar uma visão de Lisboa decorrente de "certas correntes estéticas cosmopolitas" (Saraiva e Lopes, 1953, p. 1090). Esta visão representa a originalidade de um grupo que corria contra as lembranças românticas do sentimentalismo amoroso e do historicismo, do simbolismo e do saudosismo. Contrariando as tendências do passado, "a escola de *Orpheu* é internacionalista por excelência, resulta de uma síntese de todas as correntes modernas, e de alguma coisa mais (...) que é onde consiste o seu maior valor e interesse" (Pessoa, 2015, pp. 120-121).

Numa reflexão sobre os 50 anos de *Orpheu*, Almada Negreiros (2015) afirmou que *Orpheu* foi "a consequência do encontro das letras e da pintura" (p. 9) que "escandalizou apenas o ser doutra maneira" (p. 12). Essa novidade artística que, na opinião de Steffen Dix, alcançou "enorme importância cultural" é sinal de que "*Orpheu* representa uma realidade sociocultural que se tornou exemplar praticamente para todo o século XX" (2015, p. 16).

Num texto assinado pelos diretores de *Orpheu*, esclarece-se que "o termo «futurista» (...) não é aplicável ao conjunto dos artistas de *Orpheu*", assim como "o termo «modernista» não lhes pode também ser aplicado" (Pessoa, 2015, p. 123). Abordando as questões do Modernismo, Fokkema atesta que o investigador que procure explicações a partir de observações gerais na área da literatura "deverá trabalhar com o conceito de código de grupo ou sócio-código" para referir-se a "um grupo de escritores pertencentes a uma geração particular, a um movimento ou corrente literários e reconhecido pelos seus leitores contemporâneos e vindouros" (2008, pp. 24-25). O autor justifica esta posição pela "veloz sucessão e frequente coexistência de diferentes movimentos de vanguarda na literatura europeia do século XX" (Fokkema, 2008, p. 25), sendo indicado aplicar um código para determinado grupo inserido no período literário em questão como é, neste caso, a Geração de *Orpheu*.

Os problemas financeiros e as críticas à revista parecem ter estado na origem do fim da aventura órfica (Júdice, 1997). O Futurismo manifesta-se ainda com a apresentação do "*Ultimatum às Gerações Portuguesas do Século XX*" por Almada Negreiros, na "I Conferência Futurista", e a organização do primeiro e único número da revista *Portugal Futurista* (França,

2004). No mesmo ano, o jornal *Heraldo* (Faro) publicou um suplemento com o nome *Futurismo* que incluía textos de Sá-Carneiro, Pessoa e Almada Negreiros (Júdice, 1997). A morte de Sá-Carneiro (1916), de Santa Rita Pintor e Amadeo de Souza-Cardoso (1917) e a partida de Almada Negreiros para Paris ditaram a divisão do grupo e atenuaram a expressão do movimento em Portugal (França, 2004). José Augusto França considera que o “Manifesto Anti-Dantas”, de Almada, o poema “Manucure”, de Sá-Carneiro, e a “Ode Marítima”, de Álvaro de Campos, são os “poemas maiores do futurismo português” (2003, p. 10).

A memória da revista e da geração perdurou nas palavras de Almada Negreiros, “o único a prosseguir uma acção pública que mantém as características da acção vanguardista” (Júdice, 1997, p. 57), embora mais contida e pedagógica (França, 2003).

## **2.2. O percurso dos autores futuristas em apreço**

José Joaquim Cesário Verde nasceu em Lisboa, em 1855, e desde cedo foi preparado para assumir as responsabilidades do negócio da família (Buescu, 2008). Com o objetivo de cumprir o sonho de ser escritor matriculou-se no Curso Superior de Letras, em 1873, embora não o tenha concluído (Cunha, 2011). Incomoda-o “a impotência perante a dor, a doença, as epidemias, o egoísmo, a falta de desenvolvimento da ciência” (Silva, 2005, p. 110). A sua obra retrata a realidade, “o sensorialismo explícito”, contrariando “o lirismo etéreo e subjectivo dos românticos” (Júdice, 1997, pp. 30-31). A aplicação de dicotomias como cidade/campo; pobreza/riqueza ou vida/morte é característica da sua escrita (Júdice, 1997). As referências da sua poesia à vida na cidade, e em particular a Lisboa, são “o aspeto temático que constitui um dos fundos mais originais da sua estética” (Júdice, 1997, p. 31). Ao mesmo tempo, lembra as paisagens típicas do campo. As duas visões são tidas como “oposições de um espectro imagístico que vê, por detrás de cada enunciado geral” (Júdice, 1997, p. 31).

Cesário Verde assume ainda outra dimensão na literatura portuguesa: o poeta viria a ser considerado o “intérprete inaugural” da modernidade, sendo o “desajuste relativamente às práticas predominantes dos seus contemporâneos (...) que faz reconhecer em Cesário Verde um primeiro momento daquele intenso movimento histórico-cultural” (Buescu, 2008, p. 882). A sua obra “antecipa e anuncia a de Pessoa” - de forma particular a do heterónimo Álvaro de Campos (Júdice, 1997).

A colaboração pontual em revistas e jornais como a *Revista de Coimbra*, *A Tribuna* ou o *Jornal da Tarde*, obteve pouca atenção no meio literário (Verde, 1887) e Cesário morreu sem publicar a sua poesia, em 1886 (Buescu, 2008). Esta "fortuna editorial" (Júdice, 1997, p. 30) seria reunida em livro por Silva Pinto, em 1887.

Fernando Pessoa nasceu a 13 de junho de 1888 mas foi depois da sua morte, em 1935, que obteve reconhecimento como a "mais importante personalidade das tendências pós-simbolistas portuguesas" (Saraiva e Lopes, 1953, p. 1083). Ao longo da sua vida editou apenas um livro, *Mensagem*, em 1934 (Zenith, 2008, p. 624).

A sua obra tornou-se plural em 1914, com a revelação de três heterónimos com nome, vida e estilo próprios: Ricardo Reis, Alberto Caeiro e Álvaro de Campos. A criação dos heterónimos representa uma "invenção nova na história da poesia europeia" (Saraiva e Lopes, 1953, p. 1083). Os heterónimos não são vistos como personagens, mas sim como personalidades. Na pluralidade de posturas de Pessoa surgem cerca de 140 personalidades que o poeta "criou para lhes delegar tarefas de escrita" (Pessoa, 2012, p. 42). Richard Zenith classifica o ortónimo e os heterónimos como "quatro dos maiores poetas portugueses do século XX" (2008, p. 621).

Álvaro de Campos surge num ímpeto, com a escrita acelerada da "Ode Triunfal", em 1914. Criado "a partir de Alberto Caeiro", Campos apresenta características semelhantes a Cesário Verde ou Walt Whitman na sua escrita de "poeta de duas faces - uma rural e a outra urbana" (Pessoa, 2012, p. 83). Na vida que lhe foi escrita por Pessoa, Álvaro de Campos nasceu a 13 de outubro de 1890, em Tavira. Foi engenheiro naval, tendo viajado pela Europa e pelo Oriente antes de estabelecer-se definitivamente em Lisboa. Sobre Campos, Pessoa afirmou: "pus em Álvaro de Campos toda a emoção que não dou nem a mim nem à vida" (2012, p. 275).

As principais obras de Álvaro de Campos foram publicadas nas revistas *Orpheu*, *Portugal Futurista*, *Athena*, *Contemporânea* e *Presença*, sendo "o único heterónimo em nome do qual [Pessoa] se exprimiu até morrer" (Lopes, 2008, p. 131).

O contributo de Fernando Pessoa para a literatura portuguesa não é definição de uma geração, nem é uma escrita com restrições de tempo e espaço. A publicação do *Livro do*

*Desassossego* (1982) atribui "um estatuto universal à personalidade de Pessoa, tratando-se de uma obra que confere à cidade de Lisboa (...) a qualidade de cidade mítica do século XX" (Júdice, 1997, p. 77).

No dia 19 de maio de 1890, nascia Mário de Sá-Carneiro, em Lisboa. A distância da família marcou o autor - "órfão" após a morte da mãe, "desenraizado do ambiente familiar" foi criado pelos avós e "compensado de tais carências pela superprotecção material" do pai que viajava constantemente (Sá-Carneiro, 2000, p. 8). Na opinião de Ferreira, estas vivências podem justificar as atitudes de Sá-Carneiro "manifestando-se nos temas e motivos poéticos, assim como modelam as personagens criadas pelo ficcionista" (2000, p. 8).

A sua veia artística começa por manifestar-se nos versos de "A Quinta da Vitória" (1903), "denunciando talvez reminiscências de Cesário Verde no enunciado narrativo" (Sá-Carneiro, 2000, p. 10), mas também na escrita de peças de teatro. Na primeira peça apresentada em palco, "O Vencido" (1905), "a Morte impunha-se já como tema literário reflectindo a principal obsessão do seu imaginário" (Sá-Carneiro, 2000, p. 13). A escrita de outros poemas e contos viria depois, assim como a edição de jornais e as colaborações em revistas. Na adolescência, alternava as produções artísticas, com o liceu e as viagens de verão pelas capitais europeias (Sá-Carneiro, 2010).

Em 1912, conheceu Fernando Pessoa, com quem trocou correspondência frequentemente até ao seu suicídio. Dessas cartas emergem os temas que marcaram a sua obra: o dramatismo, as lembranças da infância e a relação entre o amor e a morte (Morão, 2008b). Ainda em 1912, Sá-Carneiro partiu para Paris, onde iria estudar Direito, mas a experiência cosmopolita e as vivências tidas nos cafés parisienses serviam melhor à sua poesia e "é nesses meses que realiza uma obra ímpar na prosa e na poesia portuguesas" (Sá-Carneiro, 2000, p. 26). Depois de regressar a Lisboa, em 1913, publicou os livros *Dispersão* e *A Confissão de Lúcio*. Em 1915, Sá-Carneiro lançou *Céu em Fogo*, mas o fim da aventura órfica fá-lo regressar a Paris para dedicar-se à escrita de poesias destinadas ao livro *Indícios de Ouro*, publicado integralmente após a sua morte.

A 26 de abril de 1916, depois de enviar o seu caderno de poesias a Pessoa, suicidou-se no Hotel de Nice (Sá-Carneiro, 2010). A sua obra é resgatada e divulgada por Fernando Pessoa,

pelo grupo da revista *Presença* e pela editora *Ática* até entrar em domínio público, em 1966 (Sá-Carneiro, 2010).

Nascido a 7 de abril de 1893, em São Tomé, José de Almada Negreiros chega a Lisboa dois anos depois. A morte da mãe e a ida do pai para Paris encaminharam-no um colégio onde permaneceu até 1910. A sua aventura artística começou com a publicação de jornais escritos e ilustrados pelo próprio - *O Progresso*, *A República*, *O Mundo* e *A Pátria* (1905), comprovando as capacidades que iriam moldar a carreira do artista multidisciplinar português. Em 1912 dá início à escrita de peças e poemas (Gaspar & Ferreira, 2008).

No ano seguinte expõe individualmente pela primeira vez, na Escola Internacional de Lisboa. Pessoa elogiou a exposição de Almada que, por sua vez, incluiu um retrato do poeta no catálogo do *II Salão dos Humoristas Portugueses*. Este foi o ponto de partida para a ligação entre Almada e os elementos da Geração de *Orpheu* (Gaspar & Ferreira, 2008).

Almada dedicou “A Cena de Ódio” a Álvaro de Campos no terceiro número de *Orpheu* - este é, na opinião de Rui Mário Gonçalves, “uma das três maiores expressões do Futurismo português” (2008, p. 516). Ainda em 1915, escreve o “Manifesto Anti-Dantas”, considerado também um dos mais importantes textos do movimento (França, 2003). Num período de intensa produção literária, a desilusão com o país e o escândalo provocado por *Orpheu* levaram Almada a procurar “o rumo da sua individualidade artística” (Gaspar & Ferreira, 2008, p. 512), explorando a sua personalidade enquanto poeta, romancista, ensaísta, pintor, caricaturista, vitralista, coreógrafo, cenarista, e dramaturgo, produzindo para estas e outras disciplinas (Gonçalves, 2008). Em 1935 fundou a revista *Sudoeste* que teve três números. O último foi dedicado à Geração de *Orpheu* e abriu com um texto de Fernando Pessoa intitulado “Nós os de *Orpheu*” (Negreiros, 1935).

A sua última obra plástica foi o painel *Começar* para a Fundação Calouste Gulbenkian, em 1969. Almada Negreiros morreu a 15 de junho de 1970, em Lisboa (Gaspar & Ferreira, 2008).

Raul Leal nasceu a 1 de setembro de 1886, em Lisboa. A riqueza da família permitiu-lhe estudar em casa e adquirir noções de etiqueta e boas maneiras. No ano de 1904 deixou Lisboa para prosseguir estudos de Direito em Coimbra, onde viveu ativamente as crises académicas. Concluído o curso, regressou a Lisboa para exercer advocacia (Leal, 2010).

Em 1913 viajou para Paris onde conheceu Gabriele d'Annunzio e Marinetti e se familiarizou com os ideais do Futurismo. O início da Primeira Guerra Mundial fá-lo regressar a Lisboa e às tertúlias organizadas nos espaços públicos característicos das reuniões ideológicas da época, nas quais encontrou os elementos da Geração de *Orpheu* (Leal, 2010). Os textos “Atelier” e “Novela Vertígica” e “A Liberdade Transcendente” (1913) marcaram o estilo literário de Raul Leal com a utilização da palavra vertigem "com carácter de obsessão", algo que ficou evidente pela "quase repetição mântica da palavra" (Martins, 2008b, p. 395) no texto “L'Abstractionisme Futuriste”. A esta característica da sua obra chamou-se “vertiginismo”, ou "a vivência lúcida e integral de todas as condições que foram dadas ao Homem" (Leal, 2010, p. 21).

O panfleto “O Bando Sinistro” (1915), onde manifestava as suas convicções políticas de forma violenta, foi um dos "momentos fortes do combate vanguardista" (Martins, 2008b, p. 395). Após o escândalo desta atitude e com o terminar da aventura de *Orpheu*, abandona Lisboa e dirige-se a Espanha (Leal, 2010). São deste período os primeiros textos em que Leal se intitula Henoch, tido como o profeta, numa expressão ligada ao "judaísmo esotérico" (Martins, 2008b, p. 396).

Para Fernando Cabral Martins (2008b), Raul Leal foi "um dos mais sinceros e longevos futuristas portugueses" por manter "a imagem da pulsão irresistível para o bizarro e o excessivo" (p. 396). A obra de Raul Leal ficou marcada pela aventura de *Orpheu* "de um dos mais ignorados dos seus artistas" (Martins, 2008b, p. 397), vítima de "esquecimento deliberado por parte da crítica e injusta marginalização" (Neves, 2015, p. 369).

Raul Leal morreu a 18 de agosto de 1964, no Hospital de Santo António dos Capuchos, condenado ao esquecimento (Neves, 2015).

### **Capítulo 3. Enquadramento Metodológico**

A investigação implica o delinear de uma estratégia composta pela definição dos objetivos que compõem o trabalho, bem como dos meios através dos quais esperamos que a investigação obtenha resultados. Neste capítulo pretende-se construir um desenho de

pesquisa adaptado ao presente trabalho, que possibilite a sua validação. Para tal, descreve-se o processo de implementação das várias fases da investigação (Santo, 2010).

A escolha do método a aplicar ao estudo deve surgir da definição dos objetivos do trabalho e da investigação que se pretende desenvolver, tendo em conta os contextos em que tal deve acontecer (Santo, 2010). Nesse sentido, e perante a reflexão que o objeto de estudo carece, considerou-se adequado enveredar por um método misto, de enfoque qualitativo na análise aprofundada das entrevistas e com apuramento quantitativo resultado da quantificação de dados obtidos através do *clipping*.

A utilização do método qualitativo deve-se à necessidade de proceder a uma investigação apurada de procedimentos que incidam sobre períodos de tempo consideráveis (Santo, 2010). Com o presente trabalho pretende-se “recolher e reflectir sobretudo aspectos enraizados, menos imediatos, dos hábitos dos sujeitos, grupos ou comunidades em análise” no sentido de “sustentar, de modo fundamentado na observação, a respectiva inferência ou interpretação dos seus hábitos” (Santo, 2010, p. 25). O método qualitativo procura proporcionar à investigação uma diversidade de elementos que beneficiem “a exaustividade na discussão e reflexão dos mais variados objectos” (Santo, 2010, p. 33). Segundo Quivy e Campenhoudt (2013), a investigação qualitativa ajuda o investigador a perceber acontecimentos e comportamentos, a construir uma fundamentação válida para o problema que se quer estudar. Por outro lado, o demorado processo de recolha de dados, a dificuldade na generalização e comparação dos resultados e a possibilidade da interpretação desses resultados ser condicionada pelas vivências e percepções do investigador são os principais problemas da aplicação deste método quando comparado com a abordagem quantitativa (Santo, 2010, pp. 32-38). A utilização do método quantitativo neste estudo “concentra-se na possibilidade de repetibilidade da investigação e da comparação dos resultados” (Santo, 2010, p. 37).

No sentido de fundamentar a investigação, recorreu-se a diversas técnicas de recolha e análise de dados, entre elas considera-se importante valorizar a pesquisa e análise bibliográfica, respetivamente, desenvolvidas ao longo da fase exploratória e da fase empírica. A pesquisa bibliográfica é relevante por ser “indispensável tomar conhecimento de trabalhos de referência sobre o tema ou (...) sobre problemáticas que lhe estão ligadas”

(Quivy & Campenhoudt, 2013, p. 51), bem como por permitir a seleção de trabalhos de investigação – livros, artigos e teses - relacionados com os conceitos a operacionalizar (Quivy & Campenhoudt, 2013, pp. 51-52). A operacionalização de conceitos exposta no primeiro capítulo do trabalho é reflexo dos resultados obtidos pela utilização desta técnica, seguida da aplicação da técnica de análise bibliográfica. Optou-se também pela aplicação das técnicas de pesquisa e análise documental, através da seleção e análise de inquéritos e estudos realizados por observatórios e centros de investigação.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas em profundidade com o objetivo de recolher a opinião de profissionais e especialistas das áreas a abordar neste trabalho (informadores qualificados), colmatando a parca informação existente relativamente às relações estabelecidas entre jornalistas e editores para a comunicação das obras dos autores em apreço; ao impacto da comunicação e promoção de obras literárias desses autores através dos *media*; e à importância das efemérides na revisitação de autores e de obras nos meios de comunicação social.

Procedeu-se à análise de conteúdo quantitativa das peças jornalísticas com referência a *Orpheu* e aos autores desta geração recolhidas através da utilização da técnica de *clipping* em órgãos de comunicação social com diferentes características. A estas técnicas seguiu-se a análise iconográfica (qualitativa) aplicada às imagens presentes nas peças selecionadas. Nos pontos seguintes, apresentar-se-ão as técnicas de recolha e de análise enunciadas.

### **3.1. A pergunta de partida**

Para desenvolver uma investigação coerente deve definir-se uma pergunta que objetive “expressar o mais exactamente possível aquilo que se procura saber, elucidar, compreender melhor”, apresentando-se como o “primeiro fio condutor da investigação” (Quivy & Campenhoudt, 2013, p. 44). Nesse sentido, o investigador deve procurar respeitar os três critérios que lhe permitem encontrar uma pergunta de partida enquadrada com as expectativas da investigação: clareza, exequibilidade e pertinência (Quivy & Campenhoudt, 2013).



De acordo com os procedimentos enunciados por Quivy e Campenhoudt (2013), esta dissertação apoia-se na pergunta de partida "como são comunicados os autores do Futurismo português pelos órgãos de comunicação social escritos na atualidade?" e procura evidenciar o papel dos *media* no processo de promoção dos autores futuristas portugueses e compreender a relevância dessas ações para a construção e desenvolvimento da imagem mediática desses autores.

### 3.2. Objetivos

No sentido de dotar o estudo de "um caminho de investigação apropriado e validado face a objectivos, meios e resultados" (Santo, 2010, p. 11), definiram-se cinco objetivos para este trabalho.

A formação de grupos literários com opiniões e formas de escrita à margem das ideias comumente aceites pela sociedade, procurando afirmá-las, foi uma constante no panorama da literatura portuguesa dos séculos XIX e XX. Inserindo-se num conjunto de gerações de autores que surgiram sucessivamente, tornou-se essencial **conhecer os autores da Geração de *Orpheu* e compreender a sua influência na história da literatura em Portugal.**

Os editores desempenham um papel importante na valorização das obras no mercado. A sua ação, quando acompanhada de um plano de comunicação adequado ao livro ou autor que se pretende divulgar, pode representar maior número de livros vendidos, para além de impactar a imagem pública desse autor. Por esse motivo, considerou-se como objetivo deste trabalho **a identificação das editoras que atualmente publicam as obras dos autores selecionados para este estudo.**

A estratégia de promoção desenvolvida por editores e *cultrepreneurs*, favorecem, através da utilização de ferramentas de *marketing*, a criação e a gestão de autores, obras e editoras enquanto marcas. Foi, por isso, essencial **estudar a utilização do *branding* pelas editoras consideradas.**

As técnicas de comunicação utilizadas pelos editores e livreiros para a divulgação de autores e obras podem incluir a interação com os *media*, através de publicidade paga, e com os

jornalistas, por intermédio de conteúdos divulgados pelas editoras junto destes profissionais (*press releases* sobre novos lançamentos, eventos, entre outros) ou por colaborações solicitadas pelos próprios jornalistas (entrevistas, editoriais). Assim, considerou-se **importante conhecer as técnicas que o jornalista tem ao seu dispor para divulgar as informações veiculadas por editores e livreiros e os espaços de promoção de livros e autores disponíveis nos *media*.**

No seguimento do objetivo anterior, foi essencial à investigação **avaliar a aplicação das técnicas de comunicação pelos jornalistas, relacionando-a com as características do órgão de comunicação social onde foram utilizadas.**

Com os objetivos definidos, pretende-se que os resultados da investigação possibilitem a análise aprofundada de um período específico de vanguardas artísticas em Portugal, o Futurismo, cujos autores e obras desempenharam um papel importante na história da literatura portuguesa, e a sua projeção na atualidade através de um trabalho específico de *branding* literário e da sua difusão jornalística.

Cesário Verde foi um dos autores selecionados para o presente trabalho por ser considerado o precursor da modernidade pelos investigadores que se dedicam ao estudo deste período, como Nuno Júdice (1997) e Helena Buescu (2008). Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro idealizaram a criação de uma revista literária para expor as suas considerações sobre a atualidade nacional e apresentar as suas obras mais irreverentes. Ao criarem a revista *Orpheu* permitiram que outros autores, como Almada Negreiros e Raul Leal, fizessem o mesmo. Foi também na revista *Orpheu* que Pessoa apresentou o heterónimo Álvaro de Campos. Mário de Sá-Carneiro foi um dos primeiros artistas portugueses a ter contacto com as tendências artísticas modernas quando foi estudar para Paris. Raul Leal foi influenciado pelo movimento quando viajava pela capital francesa. Almada Negreiros afirmou-se em várias disciplinas artísticas, a sua intervenção foi ativa e esteve relacionada aos ideais da modernidade até à sua morte.

### 3.3. *Corpus*

#### 3.3.1. Publicações

Avaliando as definições anteriores, considerou-se também importante recorrer à análise iconográfica. Esta técnica de análise de dados consiste na descrição das mensagens ou temas representados em contraposição à sua forma (Panofsky, 1976). Panofsky define iconografia como o significado que é “apreendido pela simples identificação de certas formas visíveis com certos objectos” (1976, p. 48). Assim, para alcançar os objetivos deste estudo, foi relevante analisar a exposição dos autores em apreço em órgãos de comunicação social impressos, de cariz cultural e de *lifestyle*.

Os órgãos de comunicação selecionados - *Revista LER*; *Jornal de Letras*; *Time Out Lisboa*; *Expresso*; e *Público* - dirigem-se a públicos especializados e generalistas e têm diferentes periodicidades, o que permite ao estudo adquirir um carácter mais abrangente.

A *Revista LER* foi fundada em 1987 e procura abordar a realidade editorial e literária portuguesa. A sua periodicidade sofreu várias alterações: inicialmente era trimestral, em 2006 passou a ser anual e, entre 2008 e 2014, teve publicação mensal, com a direção de Francisco José Viegas. Desde então é trimestral, tem mais páginas, conteúdos mais extensos e a sua tiragem é de 7 mil exemplares. Embora os conteúdos apresentados não se dividam por secções – exclusive o editorial, as crónicas e o espaço do provedor - tem vindo a definir subtítulos como *Globo Literário*, *Leituras Miúdas*, *Manifestos*, *Resumo* ou *Sindicância*. A *LER* tem um blogue onde são publicadas notícias e informações sobre o meio editorial e os autores.

O *Jornal de Letras* foi fundado em 1981 por José Carlos Vasconcelos. Dedicar-se à abordagem da cultura e das diversas áreas que com ela estão relacionadas: literatura, arte, cinema, teatro, música. O *Jornal de Letras* tem carácter de informação especializada e nele escreve-se sobre eventos culturais, entrevistam-se personalidades ligadas a estas áreas, faz-se crítica de livros, de discos e de filmes.

Com edição em 108 cidades de 39 países, a *Time Out* é uma revista *lifestyle* que apresenta temas divididos pelas secções: *Livros*, *Arte*, *Palco*, *Música*, *Filmes*, *Miúdos*, *Noite*, *Na Cidade*. Lançada em 1969, com o objetivo de apresentar aos leitores os programas culturais que se

realizam nas cidades nas quais está presente, contribuindo para o desenvolvimento e para a divulgação da cultura. Em Portugal, a *Time Out* apresenta semanalmente uma seleção de eventos e novidades.

A primeira edição do *Público* saiu no dia 5 de março de 1990, com o objetivo de criar um diário que estivesse ao nível da qualidade dos diários europeus de referência. Em 1995 inicia a publicação *online* diária da sua edição impressa que, dois anos depois, se tornou líder entre os diários de referência portugueses. A versão impressa é composta por um caderno principal e vários suplementos: *Imobiliário*, *Ípsilon* e *Inimigo Público*, *Fugas* e *P2*. O caderno principal está organizado de acordo com as seguintes secções: Destaque, Portugal, Mundo, Economia, Local, Cultura Desporto e Espaço Público (opinião).

O primeiro número do semanário *Expresso* saiu a 6 de janeiro de 1973. Inicialmente conduzido por Francisco Pinto Balsemão, tinha um caderno noticioso e outro ligado ao entretenimento. Atualmente, publica todos os sábados cinco suplementos para além do primeiro caderno: *Economia*, *Revista E* - anteriormente *Revista e Única* -, *Actual*; *Emprego* e *Espaços e Casas*. A nível digital, o *Expresso* dispõe de um *website*, de blogues associados, de uma loja *online* e, desde maio de 2014, conta com o *Expresso Diário*, com os principais acontecimentos do dia.

Para complementar este estudo, utilizou-se a técnica de *clipping*, que consiste no processo de seleção, recolha e classificação de notícias veiculadas pelos órgãos de comunicação social segundo critérios predefinidos pelos clientes. Serve para assessores de imprensa, relações públicas, gabinetes de comunicação e gestores de produto/marca perceberem o que é dito, como, onde, quando e por quem é dito, sobre o tema que importa destacar (MediaMonitor, s.d.). Os critérios de utilização desta técnica de recolha de dados prendem-se com a necessidade de perceber como é que os órgãos de comunicação social impressos portugueses trabalham as informações relativas às obras literárias e de que forma podem contribuir para a imagem dos autores junto do público.

Este estudo incidiu sobre o período temporal compreendido entre março de 2010 e dezembro de 2015. Partindo da data de publicação do primeiro número da revista *Orpheu*, 24 de março (Dix, 2015), analisaram-se edições dos órgãos de comunicação social selecionados trimestralmente. Assim, considerou-se como *corpus* de análise os números que

compreendessem o dia 24 de março, 24 de junho, 24 de setembro e 24 de dezembro de cada ano estudado. O *corpus* selecionado incluiu um semanário generalista com um suplemento cultural - o *Expresso* -, um diário generalista com um suplemento cultural semanal – o jornal *Público*; e três publicações especializadas com diferentes periodicidades - a *Revista LER*, numa primeira fase mensal e agora trimestral; o *Jornal de Letras*, quinzenal; e a *Time Out Lisboa*, semanal. As publicações de carácter especializado foram escolhidas com base na classificação definida pela Associação Portuguesa para o Controlo de Tiragem e Circulação (APCT), consideradas no segmento "Cultura/Espetáculo". O *Expresso* foi escolhido por ser o jornal semanal generalista com maior tiragem em Portugal no período em estudo (dados da APCT no final de 2015).

No sentido de aprofundar a compreensão do fenómeno em estudo, optou-se por recorrer à análise de conteúdo aos dados recolhidos através do *clipping*, uma vez que os investigadores servem-se desta técnica de análise de dados para "encontrar respostas que possam ser padronizadas, significativas, válidas e fiéis e ajudem os seres humanos a compreender melhor a sua comunicação" (Santo, 2010, p. 66). Com "particular aplicação a estudos da área da comunicação" (Santo, 2010, p. 66), a análise de conteúdo objetiva "a sistematização ou o encontrar de tendências, intenções, conteúdos manifestos ou não manifestos, regularidades, singularidades da comunicação, quer aos níveis do estilo ou forma, quer ao nível dos conteúdos comunicacionais" (Santo, 2010, p. 69). Numa primeira etapa, a escolha dos *media* em análise neste estudo pretendeu cumprir as regras de exaustividade, de representatividade e de pertinência, conforme estabelecido pelos teóricos desta técnica de análise de dados. A utilização da análise de conteúdo é concretizada depois com a avaliação do material recolhido, o seu tratamento, e a análise dos resultados (Santo, 2010).

Com a utilização da técnica de análise de conteúdo pretendeu-se ainda recolher informação sobre o registo de efemérides no período analisado relacionadas com a revista *Orpheu* e com os autores em estudo, a fim de perceber se essas ocasiões representaram oportunidades de divulgação das obras e dos autores através dos *media*. Os resultados desta verificação são apresentados no capítulo de apresentação e discussão dos resultados.

### 3.3.2. Entrevistas

A entrevista semiestruturada em profundidade é outra das técnicas de recolha de dados da presente dissertação. Esta técnica foi selecionada para considerar as opiniões dos profissionais que planeiam as ações de divulgação e das obras dos autores a que este estudo se refere, bem como de profissionais que a essas ações possam estar ligadas. Esta é, segundo Quivy e Campenhoudt, uma das "três categorias de interlocutores válidos", a das "testemunhas privilegiadas [que] pela sua posição, acção ou responsabilidades, têm um bom conhecimento do problema" (Quivy & Campenhoudt, 2013, p. 69). Desta forma, foram desenvolvidos guiões de entrevistas semiestruturadas diferentes para grupos de profissionais idênticos (ver apêndices 3 e 4). O guião relacionava-se com a profissão do entrevistado e com a informação que se pretendia obter de cada profissional abordado.

Escolheu-se a entrevista semiestruturada em profundidade por esta se distinguir como a técnica indicada para a recolha da opinião dos profissionais mais experientes na área que se quer retratar. Os temas abordados nas entrevistas pretendem evidenciar quais as estratégias de promoção das editoras em Portugal, como é pensada e desenvolvida a divulgação dos autores e das obras pelos editores para tornar as vendas eficientes, de forma particular a venda de obras com cerca de um século; a importância da relação das editoras com os *media* e como a utilização de técnicas e instrumentos de comunicação pode beneficiar essa divulgação; o *branding* desenvolvido pelas editoras; e a imagem que, com a ajuda da difusão jornalística, os autores do Futurismo português alcançam no século XXI.

No período entre dezembro de 2014 e setembro de 2016, foram realizadas cinco entrevistas. Foram entrevistados Francisco José Viegas, Diretor da *Revista LER*; José Carlos de Vasconcelos, Diretor do *Jornal de Letras*; Manuela Goucha Soares, jornalista do *Expresso*; e Maria João Machado, assessora de comunicação do grupo Porto Editora e da chancela *Assírio e Alvim* (ver apêndice 1).

Considerou-se ainda importante registar a opinião de Fernando Pinto do Amaral, responsável pelo Plano Nacional de Leitura até 2017. Este projeto é a base da educação de Língua Portuguesa nas escolas, numa dimensão importante de divulgação da arte e cultura portuguesas, sendo Cesário Verde "um autor de destaque nos programas de ensino" (Silva, 2005, p. 2), por exemplo.

Foram ainda solicitadas outras sete entrevistas a profissionais do sector do livro e jornalistas, sendo que dessas duas foram recusadas e as restantes não obtiveram resposta (ver apêndice 2).

#### **Capítulo 4. Apresentação e Análise dos Resultados**

A análise bibliográfica realizada deu-nos uma visão mais abrangente da importância da criação de identidade para as marcas e da relação marca-consumidor para destacar essa marca face a outras que disponibilizam o mesmo produto ou serviço no mercado.

Como abordado nos capítulos anteriores, neste trabalho podíamos estudar diferentes tipologias de marca: os bens tangíveis, como os livros e as obras artísticas dos autores em apreço; as pessoas, como os *cultrepreneurs* que estudámos no capítulo 1; as organizações, como as editoras; ou até grupos culturais que tenham um registo próprio e reconhecido pelo mercado e pelos consumidores, como é o caso da Geração de *Orpheu* e da sua ligação ao período dos movimentos modernos da literatura portuguesa. A relação com os órgãos de comunicação social é uma oportunidade para os editores promoverem as suas marcas e fazê-las chegar aos consumidores, potenciando as suas ações de *branding*.

Neste capítulo procedemos à apresentação dos resultados obtidos através das entrevistas em profundidade realizadas a informadores qualificados, da recolha de peças jornalísticas e da sua análise, bem como da análise das imagens presentes nessas peças, resultado da utilização das técnicas de *clipping*, análise de conteúdo e análise iconográfica, respetivamente. O estudo recorreu às técnicas de recolha e de análise de informação enunciadas para identificar as publicações e as referências feitas aos autores da Geração de *Orpheu* nos *media*, retirar ilações relativamente ao processo de comunicação desses autores pelas editoras e perceber se estes meios facilitam não só a comunicação dessas obras, mas também a renovação de obras e autores de um período específico da literatura portuguesa, ocorrido há mais de um século.

Os resultados da investigação serão discutidos neste capítulo, promovendo a relação entre a componente teórica e os dados recolhidos, interpretando-os.

#### 4.1. Síntese das entrevistas realizadas

Para uma melhor compreensão dos conceitos operacionais do presente trabalho, procedeu-se à realização de cinco entrevistas semiestruturadas em profundidade realizadas entre 3 de dezembro de 2014 e 21 de setembro de 2016 (ver apêndice 1). Os entrevistados foram escolhidos para este estudo pela profissão que desempenham e pela experiência no sector do livro que adquiriram enquanto autores e editores. Os guiões preparados para as entrevistas foram adaptados às profissões e à experiência dos entrevistados (ver apêndices 3 e 4). Foi feito o registo áudio das entrevistas, procedendo-se depois à sua transcrição, antes da análise (ver transcrição integral nos apêndices 5 a 9).

Francisco Viegas dirige a Revista *LER* e é editor da *Quetzal*. Foi diretor da Casa Fernando Pessoa (2006-2008) e Secretário de Estado da Cultura (2011-2012). Foi jornalista, produtor e apresentador de programas culturais. Dedicar-se à escrita de ficção e poesia.

José Carlos de Vasconcelos é jornalista desde 1966 e dirige o *Jornal de Letras* há mais de 35 anos. É editor e escritor, tendo publicado mais de duas dezenas de livros.

A experiência de Manuela Goucha Soares enquanto jornalista do *Expresso* desde 1988, pela escrita de temas ligados à cultura e, particularmente, à literatura, e a experiência como autora justificam a sua seleção para as entrevistas deste trabalho.

Maria João Machado é assessora de comunicação da *Assírio e Alvim*, chancela da Porto Editora, desde 2010.

Fernando Pinto do Amaral foi Comissário do Plano Nacional de Leitura (2009-2017). Desenvolve atividades de crítico literário, poeta e autor.

As entrevistas tinham como temas principais a cultura portuguesa, a divulgação dos autores, o mercado editorial português, a promoção dos autores através dos meios de comunicação social e a relevância da crítica literária e das efemérides nesse processo, e o *branding* literário em Portugal.

Os entrevistados consideram importante a divulgação de livros, autores e editoras feita pelos órgãos de comunicação social, embora seja menos evidente a relação entre a crítica literária e a venda de livros. Francisco José Viegas (apêndice 5, pergunta 1) e Fernando Pinto



do Amaral (apêndice 7, pergunta 14) observam até que a crítica literária tem vindo a perder importância junto dos leitores, em detrimento de artigos não integrados na secção de livros e adaptados a outras secções onde falar sobre eles possa fazer sentido e da divulgação de eventos ligados à promoção dos livros e dos autores.

As opiniões relativamente à importância dos críticos literários como líderes de opinião são divergentes. Com este género jornalístico a perder importância e espaço nos *media*, os entrevistados acreditam que a sua opinião possa contribuir para a venda de livros, embora não seja determinante no momento do leitor escolher comprar determinado livro. José Carlos Vasconcelos lamentou a diminuição do tempo de antena da cultura nos *media* portugueses, pois considera que mais programas e notícias sobre esta área ajudariam a “haver uma maior consciência e um maior gosto” pelos livros (apêndice 6, pergunta 3); e Maria João Machado, concorda que “o espaço (ou a influência) é mais pequeno” mas, no caso da poesia, “muitos dos jornais que publicam habitualmente críticas interessam-se” (apêndice 9, pergunta 8). Fernando Pinto do Amaral lembra os “espaços novos” de divulgação de livros na internet (apêndice 7, pergunta 17).

Os entrevistados classificaram o mercado editorial português como mínimo, face a outras realidades europeias e mundiais, com poucos autores a conseguirem destacar-se nas vendas. A jornalista do *Expresso* afirma que neste mercado pequeno onde se publica muito, o tempo e espaço de exposição dos livros novos nas livrarias diminuiu, o que dificulta a sua divulgação junto do público (apêndice 8, pergunta 2). No que diz respeito à poesia, a realidade é ainda mais limitada com poucas editoras a apostarem em livros e autores deste “género de nicho”, como afirma Machado (apêndice 9, pergunta 3), e sempre que a aposta existe a tiragem é reduzida, “o que significa que não se venderão muito”, segundo Manuela Goucha Soares (apêndice 8, pergunta 10).

O consenso dos entrevistados regista-se também relativamente à existência de *branding*, que todos acreditam existir, principalmente nas editoras portuguesas de maior dimensão. Para a Assessora de Comunicação do grupo Porto Editora, o *branding* “pode ser focado num autor, numa geração e de uma forma geral em termos de poesia, num todo” (apêndice 9, pergunta 3) e a forma de trabalhar os autores também é distinta caso os autores sejam mais ou menos conhecidos, visto que o público se aproxima dos autores que conhece. “Um

*branding* relativo ao Fernando Pessoa e à Geração de *Orpheu* pode ser mais forte nesse sentido, pode chegar a mais pessoas porque mais pessoas reconhecerão aqueles nomes”, diz Maria João Machado (apêndice 9, pergunta 4). Francisco José Viegas lembra que a editora Quetzal trabalhou o autor Roberto Bolaño postumamente com sucesso pela grande aposta no *branding* direcionado ao autor: “transformámos o autor num autor vivo”, disse (apêndice 5, pergunta 6). Ainda que a tendência atual leve os leitores a atribuírem mais atenção ao autor no momento da compra, “a obra acaba por triunfar” porque “sobrevive de outra maneira que o autor não pode sobreviver”, segundo Pinto do Amaral (apêndice 7, pergunta 12).

Sobre a Geração de *Orpheu*, os entrevistados reconhecem a importância e o destaque adquirido por Fernando Pessoa face aos outros autores daquela geração, transformando-se num ícone da literatura de Língua Portuguesa e da cidade de Lisboa. A obra de Cesário Verde, Almada Negreiros e Sá-Carneiro também é reconhecida pela sociedade portuguesa, integrando o Plano Nacional de Leitura. Dos autores em estudo, Raul Leal mantém-se à margem, praticamente desconhecido, segundo Soares, condicionado pelas perturbações mentais e de comportamento que lhe eram reconhecidas (apêndice 8, pergunta 12).

Em relação à importância das efemérides para a divulgação de livros e autores nos *media*, os entrevistados voltam a mostrar uma opinião unânime e positiva. As efemérides, na opinião de Francisco Viegas, “têm a ver com a nossa memória, (...) com o nosso respeito pela história e com o nosso respeito pelos autores” (apêndice 5, pergunta 12) e levam os jornalistas a explorar e investigar temas importantes para a sociedade, que podem estar esquecidos mas se tornam atuais em determinadas datas. José Carlos de Vasconcelos considera-as “muito importantes para o jornalismo” pois “permitem-nos falar de autores de que se deixou de falar havendo essa âncora, esse ângulo de abordagem de atualidade” (apêndice 6, pergunta 10).

#### **4.2. Análise de Conteúdo: categorias de análise às edições em estudo**

No sentido de avaliar a exposição dos autores selecionados para este estudo nos *media* generalistas e especializados inseridos nas categorias de cultura e *lifestyle* em Portugal,

elegeram-se cinco órgãos de comunicação social: a *Revista LER*; o *Jornal de Letras, Artes e Ideias*; a *Time Out Lisboa*; o *Expresso*; e o *Público*.

Considerámos que para dar validade ao estudo, seria indicado selecionar um período temporal considerável, a terminar no ano do centenário da revista *Orpheu* (2015). A revista teve o seu primeiro número publicado a 24 de março de 1915 (Dix, 2015) e, por essa razão, o *corpus* de análise constitui-se por:

1. Edições que compreendem o dia e o mês de publicação do primeiro número de *Orpheu*, 24 de março, de cada ano em estudo (2010-2015);
2. Edições trimestrais a partir dessa data.

Assim, analisaram-se as edições de 24 de março, 24 de junho, 24 de setembro e 24 de dezembro, de 2010 a 2015, ou as edições que, por não serem diárias, abrangiam o dia e o mês indicados. Esta abordagem permite que a análise parta de uma data, que é também uma efeméride, associando-lhe um conjunto de datas casuais que estabelecem uma regularidade cronológica. Isto ajuda na avaliação dos resultados relacionados com a abordagem aos objetos de estudo da presente dissertação pelos *media* portugueses em diferentes períodos temporais, com a verificação da relação entre editoras e jornalistas para a divulgação de autores e obras e com as técnicas de comunicação utilizadas para executá-la.

O *corpus* selecionado caracteriza-se conforme apresentado na tabela 1.

Tabela 1 - Caracterização do *corpus* de análise

Publicação	Segmento	Periodicidade	Tiragem
<b>Revista LER</b>	Cultura/Espetáculo	Mensal (março de 2010 a fevereiro de 2014)	<b>Maior</b> 12000 exemplares
		Trimestral (março de 2014 até ao presente)	<b>Menor</b> 7000 exemplares
<b>Jornal de Letras</b>	Cultura/Espetáculo	Quinzenal	10500 exemplares
<b>Time Out Lisboa</b>	Cultura/Espetáculo	Semanal	<b>Maior</b> 14100 exemplares
			<b>Menor</b> 11000 exemplares
<b>Público</b>	Informação Geral	Diário	<b>Maior</b> 55354 exemplares

			<b>Menor</b> 33074 exemplares
<b>Expresso</b>	Informação Geral	Semanal	<b>Maior</b> 138460 exemplares <b>Menor</b> 96775 exemplares

Fonte: elaboração própria a partir dos dados disponibilizados pela Associação Portuguesa para o Controlo de Tiragem e Circulação (APCT) e dos dados recolhidos durante a análise.

No total foram analisadas 120 edições, às quais acrescem os suplementos que estes órgãos de comunicação social disponibilizam. A consulta às edições foi feita na Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), ou através da aquisição das edições que não existiam na BNP, entre agosto e dezembro de 2016.

- **Critérios para a análise**

Foram selecionados os critérios base para a análise transversal das edições. A pesquisa:

1. Identificou as referências a *Orpheu* e aos autores em estudo na capa da publicação;
2. Identificou as referências a *Orpheu* e aos autores em estudo no corpo da publicação;
3. Serviu-se da técnica de *clipping* para recolher as menções aos termos: *Orpheu*; Geração de *Orpheu*; Fernando Pessoa; Pessoa (referência direta a Fernando Pessoa); Álvaro de Campos; Campos (referência direta a Álvaro de Campos); Mário de Sá-Carneiro; Sá-Carneiro (referência direta a Mário de Sá-Carneiro); José de Almada Negreiros; Almada Negreiros; Almada (referência direta a Almada Negreiros); Raul Leal; Cesário Verde; e Cesário (referência direta a Cesário Verde);
4. Dividiu as referências diretas encontradas por géneros jornalísticos: breve, entrevista, artigo, crónica, crítica, editorial, opinião e reportagem (Martin-Lagardette, 1998). As secções e suplementos em que aparecem foram também identificadas;
5. Identificou as imagens utilizadas para ilustrar os conteúdos publicados, de acordo com a divisão referida no critério 4;
6. Registou as imagens que apareciam como referências diretas aos autores em apreço;

7. Procurou estabelecer relação entre peças jornalísticas sobre o mesmo autor publicadas na mesma edição;
8. Avaliou a menção aos autores por intermédio de efemérides registadas nas datas das edições.

O *clipping*, concretizado pela procura dos termos acima enunciados, foi obtido através da leitura das edições em análise e selecionado manualmente. As cópias da seleção, obtidas na BNP, permitiram o arquivo por meio, ano e mês da publicação. O conjunto de termos definidos foi rigorosamente respeitado durante a pesquisa.

A definição de termos para o *clipping* permitiu, juntamente com as restantes técnicas de recolha de dados utilizadas, dividir a análise de conteúdo em categorias de análise que respondam aos objetivos da presente dissertação: identificar as técnicas de comunicação que possibilitam a difusão de informações relativas a autores e obras e avaliar a sua operacionalização por parte dos profissionais dos meios de comunicação. Assim, entendemos que as categorias a analisar são: **Secção/Suplemento**, para identificar a organização da informação; **Géneros**, referente aos géneros jornalísticos utilizados para difundir a notícia; **Termos de análise**, para identificar as menções aos autores em apreço e à revista e à Geração de *Orpheu* (quando passível de registo); e **Imagens**, para identificar as imagens utilizadas para ilustrar a notícia (quando passível de registo).

#### 4.2.1. Apresentação dos resultados da análise de conteúdo e da análise iconográfica

Os resultados da análise de conteúdo às 71 peças jornalísticas selecionadas nas 120 edições dos cinco meios de comunicação escolhidos para este estudo através da técnica de *clipping*, de acordo com os critérios enunciados nos pontos anteriores, foram avaliadas e estruturadas individualmente, considerando as características de cada publicação (segmento, periodicidade, aspetos gráficos). Os resultados obtidos com a análise das publicações são apresentados de seguida.

- **Revista LER**

As edições mais recentes da revista mostram uma aposta nas imagens de tamanho médio (meia página) e grande (página inteira), com a valorização de cores mais sóbrias e utilizando de forma expressiva as imagens a preto e branco. Os títulos são destacados com cores vivas.

Na análise às capas da *Revista LER* foram identificadas cinco referências aos autores em estudo, a primeira a Cesário Verde, em março de 2010, as restantes referem-se a Fernando Pessoa em junho de 2010, setembro de 2011 e 2012 e março de 2013 (ver anexo 6).

As edições de setembro de 2010; março e dezembro de 2012; março, setembro e dezembro de 2014 e as quatro publicações de 2015 não continham referências diretas aos autores em apreço, nem a *Orpheu*, pelo que não foram consideradas para a fase seguinte da análise que implicava a divisão das notícias por secção, género e termo de análise (ver tabela 2).

Tabela 2 - Análise de conteúdo às 24 edições da *Revista LER*

<b>Secção (frequência)</b>	Índice (2)
	Editorial (1)
	Breves (4)
	História & Apontamentos (3)
	Provedor dos Leitores (2)
	+ Livros na Estante (2)
	Não especifica (17)
<b>Géneros (frequência)</b>	Breve (11)
	Entrevista (1)
	Artigo (14)
	Crónica (0)
	Crítica (1)
	Editorial (1)
	Opinião (1)
	Reportagem (2)
<b>Termo em análise (frequência)</b>	<i>Orpheu</i> (0)
	Álvaro de Campos (0)
	Fernando Pessoa (28)
	Mário de Sá-Carneiro (0)
	Almada Negreiros (1)

	Raul Leal (0)
	Cesário Verde (2)
	Sim (24)
	Não (7)

Fonte: elaboração própria.

Com o processo de análise de conteúdo promovido às 24 edições da *LER* pudemos perceber que uma vez que a revista não divide os seus conteúdos por secções, não nos é possível identificar uma secção que se destaque. A observação permitiu-nos verificar que a breve e o artigo são os géneros jornalísticos mais utilizados para a divulgação de informação sobre os autores, dos quais se destaca, por uma margem significativa, Pessoa (ver apêndice 10).

Pudemos ainda confirmar que a aposta em imagens por parte da revista é notória, sendo que das 31 notícias que tinham referências diretas a *Orpheu* e aos autores que considerámos, 24 eram ilustradas (ver anexo 1).

Tabela 3 - Descrição da representação visual presente nas imagens encontradas nas edições da *LER*.

Peça jornalística	Secção/Suplemento	Género	Representação visual
<b>Peça 1 (março 2010)</b> “Receitas by the Book”	Não especifica	Artigo	O artigo é acompanhado por três fotografias de objetos. Nas imagens não há referências a Cesário Verde.
<b>Peça 2 (março 2010)</b> “Ilustração em Portugal – I (1910 a 1940)”	Histórias & Apontamentos	Artigo	Artigo ilustrado com a capa do livro que apresenta. A fotografia não faz referência a Almada Negreiros.
<b>Peça 3 (março 2010)</b> “Maníacos de Qualidade”	Histórias & Apontamentos	Artigo	O livro apresentado não é da autoria de Pessoa mas a sua capa, que ilustra o texto, apresenta uma referência visual ao autor.
<b>Peça 4 (março 2010)</b> “Pessoa Magick”	Histórias & Apontamentos	Crítica	A crítica é acompanhada por uma fotografia da capa do

			livro de Pessoa, com referência visual ao autor.
<b>Peça 5 (março 2010)</b> “E a estátua de Fernando Pessoa não reconheceu Sócrates”	Provedor dos Leitores	Opinião	A estátua de Pessoa mencionada no título aparece numa fotografia, junto ao texto.
<b>Peça 6 (junho 2010)</b> “As charadas de Gaudência Nabos - Inéditos Fernando Pessoa”	Não especifica	Reportagem	Esta reportagem apresenta seis imagens: uma fotografia de Pessoa em Lisboa; duas fotografias de objetos, onde são mostradas páginas de livros do autor; e três imagens de <i>lettering</i> /caligrafia, com a apresentação de três manuscritos de Pessoa.
<b>Peça 7 (dezembro 2010)</b> “Biblioteca Digital de Pessoa”	Breves	Breve	Nesta breve há uma fotografia de objeto, com referência a Pessoa: um filme fotográfico com três registos.
<b>Peça 8 (junho 2011)</b> “Folhetos para a crise”	Não especifica	Breve	A breve é acompanhada por duas imagens das capas dos livros que apresenta.
<b>Peça 9 (junho 2011)</b> “Noites com Pessoa”	Breves	Breve	A breve inclui uma fotografia de espaço, a Casa Fernando Pessoa, sem referência visual do autor.
<b>Peça 10 (junho 2011)</b> “Lisboa em Pessoa”	Não especifica	Breve	A imagem da capa do livro abordado na notícia está junto ao texto.
<b>Peça 11 (setembro 2011)</b>	Não especifica	Artigo	Nestas páginas são incluídas três ilustrações, uma delas



“Os Diamantes de Cantábria”			relaciona-se com a imagem de Pessoa pela presença de um chapéu e um par de óculos.
<b>Peça 12 (setembro 2011)</b> “Paulo Branco jogou à roleta com heterónimos”	Provedor dos Leitores	Artigo	Esta notícia apresenta uma ilustração de Fernando Pessoa.
<b>Peça 13 (junho 2012)</b> “Um Quiz de Pessoa”	Não especifica	Artigo	O filme fotográfico utilizado numa notícia desta revista em dezembro de 2010, é utilizado para este artigo, embora com apenas dois registos. O artigo contém ainda a imagem de capa do livro mencionado no texto.
<b>Peça 14 (setembro 2012)</b> Destaque no índice	Índice	Breve	Tal como em dezembro de 2010 e junho de 2012, também nesta breve sobre Pessoa é utilizado um filme fotográfico com três registos para destacar o texto.
<b>Peça 15 (setembro 2012)</b> “Para mim, há uma década que é incompreensível termos tanto material de Pessoa por tratar”	Não especifica	Entrevista	Na entrevista há três fotografias, sem referência visual a Pessoa, uma fotografia de livros antigos, duas imagens de capas de livros e uma fotografia de espaço com referência visual a Pessoa, num quadro.
<b>Peça 16 (setembro 2012)</b> “O guarda-livros que	Não especifica	Artigo	O artigo tem duas fotografias de pessoas, sem referência visual ao autor

Pessoa não teve”			mencionado.
<b>Peça 17 (março 2013)</b> “A Ibéria em Pessoa”	Não especifica	Artigo	O artigo inclui duas imagens de manuscritos de Pessoa e uma ilustração, sem referência ao autor. Há também uma fotografia de Pessoa, em Lisboa, já utilizada na edição de junho de 2010.
<b>Peça 18 (março 2013)</b> “Pessoa, o Iberismo e o Pensamento Imperial”	Não especifica	Artigo	Visualiza-se uma fotografia de um documento dactilografado.
<b>Peça 19 (março 2013)</b> “Pessoa e a Galiza: anexar o vazio”	Não especifica	Artigo	Este artigo inclui uma ilustração.
<b>Peça 20 (março 2013)</b> “Navegar num mesmo rumo”	Não especifica	Artigo	Neste artigo podemos ver uma imagem da caligrafia de Pessoa.
<b>Peça 21 (junho 2013)</b> “Pessoa Breve”	Breves	Breve	As capas dos dois livros apresentados aparecem junto ao texto. Cada capa tem uma referência visual a Pessoa distinta.
<b>Peça 22 (setembro 2013)</b> “As Paixões de Pessoa”	+ Livros na Estante	Breve	A capa do livro em questão ilustra esta breve e Pessoa está representado.
<b>Peça 23 (dezembro 2013)</b> “Livro do Desassossego”	+ Livros na Estante	Breve	A capa do livro aparece junto ao texto.
<b>Peça 24 (junho 2014)</b> “De Goa para	Não especifica	Reportagem	Aparece uma fotografia sem referência visual a Pessoa.

Caxemira: Pessoa e Saramago na biblioteca de um analfabeto”			
--	--	--	--

Fonte: Elaboração própria.

- ***Jornal de Letras***

A capa do *Jornal de Letras* inclui um grande destaque mostrado por um título forte e colorido, acompanhado de imagem. Apresenta três ou quatro temas a ser desenvolvidos no interior da publicação recorrendo a um pequeno título e ao nome dos protagonistas ou de livros, peças, entre outros.

O *Jornal de Letras* divide-se nas secções *Destaque*, *Letras*, *Artes*, *Ideias*, e *Debate-Papo*, predominando a crítica, a crónica, a reportagem e as entrevistas, géneros mais extensos. A publicação opta por colocar imagens de pequena/média dimensão, fazendo uso das imagens coloridas e das imagens a preto e branco.

Nas 24 edições analisadas desta publicação, identificámos referências textuais diretas a Pessoa em três capas, uma das capas refere Almada (março de 2014) e a outra refere Sá-Carneiro (dezembro de 2015), ambos em temas relacionados com Pessoa, que em março de 2011 não dividia a atenção com outros autores (ver anexo 6).

Os resultados da pesquisa mostram-nos que as edições de setembro de 2011, março de 2012 e dezembro de 2014 não fazem qualquer referência direta aos termos definidos para a análise (ver apêndice 11). Relativamente às menções diretas a esses termos, as restantes edições apresentaram resultados passíveis de análise (ver tabela 4).

Tabela 4 - Análise de conteúdo às 24 edições do *Jornal de Letras*

<b>Secção (frequência)</b>	Destaque (22)
	Letras (19)
	Artes (2)

	Ideias (0)
	Debate-Papo (1)
<b>Suplementos (Frequência)</b>	Camões (2)
<b>Géneros (frequência)</b>	Breve (16)
	Entrevista (6)
	Artigo (19)
	Crónica (2)
	Crítica (3)
	Editorial (0)
	Reportagem (0)
<b>Termo em análise (frequência)</b>	<i>Orpheu</i> (7)
	Álvaro de Campos (3)
	Fernando Pessoa (34)
	Mário de Sá-Carneiro (3)
	Almada Negreiros (2)
	Raul Leal (1)
	Cesário Verde (3)
<b>Imagem</b>	Sim (27)
	Não (19)

Fonte: elaboração própria.

No que aos autores diz respeito, as referências a Fernando Pessoa destacam-se com expressiva superioridade face aos restantes autores. As peças divulgadas vêm muitas vezes acompanhadas de fotografias (ver tabela 5). Das 27 peças com imagem, 7 representavam Pessoa (ver anexo 2)

Tabela 5 - Descrição da representação visual presente nas imagens encontradas nas edições do *Jornal de Letras*

Peça jornalística	Secção/Suplemento	Género	Representação visual
<b>Peça 1 (março 2010)</b> "Diário do	Debate-Papo	Crónica	A crónica é ilustrada com uma fotografia da autora.

Desassossego”			
<b>Peça 2 (junho 2010)</b> “A ‘ementa’ de Quitério”	Letras	Artigo	A capa do livro <i>Escritores à Mesa (e outros artistas)</i> ilustra o artigo.
<b>Peça 3 (setembro 2010)</b> “João Botelho – Ópio na Alma”	Artes	Entrevista	Nesta entrevista sobre um filme relacionado com uma obra de Pessoa são publicadas duas fotografias, ainda que nenhuma delas referencie o poeta.
<b>Peça 4 (dezembro 2010)</b> “Jorge de Sena – Quatro livros”	Letras	Artigo	Para ilustrar este artigo são apresentadas as capas dos quatro livros em análise, uma das quais faz referência textual a Raul Leal.
<b>Peça 5 (março 2011)</b> “Fernando Pessoa – Uma monumental Quase Autobiografia”	Letras	Artigo	Um desenho de Pessoa, feito por Almada, integra este artigo.
<b>Peça 6 (março 2011)</b> “A biografia de quem nunca teve vida”	Letras	Artigo	Neste artigo é publicada uma fotografia de Pessoa num café de Lisboa.
<b>Peça 7 (junho 2011)</b> “Nova Teoria da Heteronímia”	Letras	Crítica	A crítica é acompanhada de uma imagem do livro analisado que não é de Fernando Pessoa mas está relacionado com o poeta.
<b>Peça 8 (dezembro 2011)</b> “A Lisboa de Marina e de Pessoa”	Letras	Artigo	Este artigo apresenta dois livros, um dos quais tem na capa uma fotografia de Pessoa.
<b>Peça 9 (junho 2012)</b> “Contos de Fernando Pessoa”	Letras	Artigo	A publicação do artigo é acompanhada por uma imagem da capa do livro na qual aparece Pessoa.
<b>Peça 10 (setembro</b>	Letras	Crítica	Esta crítica tem uma imagem

<b>2012)</b> “Álvaro de Campos – Prosador e pensador”			em que Pessoa é representado através de uma pintura de Júlio Pomar e uma imagem da capa do livro analisado.
<b>Peça 11 (dezembro 2012)</b> “Apoios à edição: 22 obras publicadas até final do ano”	Camões	Artigo	A notícia tem oito imagens de capas de livros. Não há referência visual aos autores em estudo.
<b>Peça 12 (março 2013)</b> “Cesário Verde”	Letras	Artigo	No artigo aparece uma fotografia de objeto, sem referência visual ao autor referido.
<b>Peça 13 (junho 2013)</b> “Parabéns Pessoa”	Destaque	Artigo	Uma imagem da peça “Menino de Sua Avó” ilustra este artigo.
<b>Peça 14 (junho 2013)</b> “Fernando Pessoa – Amor e Literatura”	Letras	Crítica	Na fotografia que acompanha esta crítica, aparece representado Pessoa.
<b>Peça 15 (junho 2013)</b> “Um poema inteiro”	Letras	Breve	O poema apresentado é réplica de um manuscrito representado nesta breve.
<b>Peça 16 (setembro 2013)</b> “Mensagem”	Letras	Artigo	O artigo tem uma imagem da capa do livro que apresenta.
<b>Peça 17 (dezembro 2013)</b> “Mariano Deidda: Música e voz para Pessoa”	Destaque	Artigo	A fotografia deste artigo não faz referência a Pessoa, embora o texto seja sobre o autor.
<b>Peça 18 (dezembro 2013)</b> “Fernando Esteves Pinto: O labirinto de Pessoa”	Letras	Crítica	A imagem da capa do livro analisado e a fotografia do autor não fazem referência a Fernando Pessoa.

<b>Peça 19 (março 2014)</b> “Milhares de pessoas para celebrar a Poesia”	Destaque	Artigo	Este artigo tem uma fotografia de Pessoa, em Lisboa.
<b>Peça 20 (março 2014)</b> “Ricardo Pais: Fazer justiça a Almada”	Artes	Entrevista	A entrevista relaciona-se com a estreia de uma peça de teatro construída a partir de textos de Almada Negreiros e tem três fotografias: duas de espaços e uma de pessoas. Não há referência visual a Almada.
<b>Peça 21 (setembro 2014)</b> “X Semana do Cinema Português em Israel”	Camões	Artigo	Este artigo apresenta uma imagem do cartaz do documentário “What the tourist should see”. Na imagem Pessoa está representado através da mesma fotografia analisada em março de 2014 nesta publicação.
<b>Peça 22 (março 2015)</b> “Dia Mundial da Poesia: Sophia no Porto, Cesário em Lisboa”	Destaque	Artigo	A fotografia que acompanha este artigo não faz referência visual a Cesário Verde.
<b>Peça 23 (março 2015)</b> “Centenário do <i>Orpheu</i> : Congressos, exposições e homenagens”	Destaque	Artigo	Uma pintura de Pedro Proença ilustra a notícia sobre o centenário de <i>Orpheu</i> .
<b>Peça 24 (março 2015)</b> “ <i>Orpheu</i> e o seu tempo”	Letras	Entrevista	A entrevista tem duas fotografias: uma do autor e outra da capa do livro <i>1915 – O Ano do Orpheu</i> .
<b>Peça 25 (dezembro 2015)</b> “Ricardo Vasconcelos - A sublime desordem de	Letras	Entrevista	A entrevista tem três fotografias: uma do editor do livro em análise, outra da capa e uma de Sá-Carneiro.

Sá-Carneiro"			
<b>Peça 26 (dezembro 2015)</b> "Maria Gabriela Llansol"	Letras	Artigo	Artigo ilustrado pela capa de um livro.
<b>Peça 27 (dezembro 2015)</b> "Orpheu"	Letras	Artigo	A imagem de uma capa fictícia foi publicada junto ao artigo que apresentava materiais em formato digital, com o nome de "Nós, os de <i>Orpheu</i> ".

Fonte: Elaboração própria.

- ***Time Out Lisboa***

O grafismo da revista aposta na utilização de muitas imagens e no destaque dos títulos com cores vivas. As opções de grafismo mantiveram-se durante o período de análise deste trabalho, assim como o conceito e a organização das secções principais da *Time Out*.

Do *clipping* recolhido nos 24 números da *Time Out Lisboa*, as edições de junho e setembro de 2011 e de setembro de 2015 não faziam referência aos termos de análise no corpo das publicações. As análises preliminares, que tinham por objetivo identificar as peças com referência direta aos termos definidos (ver apêndice 12) permitiram-nos perceber que as edições de setembro e dezembro de 2010 e de setembro de 2012 apenas continham referências indiretas aos autores em estudo e à revista *Orpheu*.

A análise permitiu-nos verificar que a breve é o género jornalístico mais utilizado para a referência direta a *Orpheu* e aos autores em estudo. No caso da *Time Out Lisboa*, a secção *Na Cidade* é a que tem maior expressão nos resultados. Nos termos em análise, podemos concluir que os nomes de Pessoa e de Almada são os mais utilizados, com uma grande diferença face aos outros autores e à revista *Orpheu* (ver tabela 6). A utilização de imagens para acompanhar as notícias também se revelou pouco expressiva.



Tabela 6 - Análise de conteúdo às 24 edições da *Time Out Lisboa*

<b>Secção (frequência)</b>	Caixa de entrada (1)
	Grande Alface (0)
	Tema (2)
	Na Cidade (21)
	Arte (7)
	Livros (2)
	Filmes (0)
	Miúdos (6)
	Palco (8)
	Música (0)
	Consumo (1)
	Televisão (0)
	Zapping Perfeito (1)
<b>Géneros (frequência)</b>	Breve (43)
	Entrevista (0)
	Artigo (5)
	Crónica (0)
	Crítica (1)
	Editorial (0)
	Opinião (0)
	Reportagem (0)
<b>Termo em análise (frequência)</b>	<i>Orpheu</i> (2)
	Álvaro de Campos (2)
	Fernando Pessoa (30)
	Mário de Sá-Carneiro (3)
	Almada Negreiros (22)
	Raul Leal (0)
	Cesário Verde (2)
<b>Imagem</b>	Sim (10)
	Não (39)

Fonte: elaboração própria.

As dez notícias que são acompanhadas por imagens (ver tabela 7) dividem-se pelos seguintes géneros: uma crítica, quatro artigos e cinco breves. Na análise feita a estas

imagens, pudemos perceber que todas elas fazem referência a, pelo menos, um dos autores considerados para este estudo (ver anexo 3).

Tabela 7 - Descrição da representação visual presente nas imagens encontradas nas edições da *Time Out Lisboa*

Peça jornalística	Secção/Suplemento	Género	Representação visual
<b>Peça 1 (março 2011)</b> “O modernismo português em <i>remix</i> ”	Arte	Artigo	O artigo apresenta cinco fotografias: três têm pormenores de objetos alusivos à cidade de Lisboa com imagens de Pessoa, Almada Negreiros e Sá-Carneiro; a quarta e a quinta imagens apresentam a expressão “Pim!”, de Almada, na parede de um espaço comercial.
<b>Peça 2 (dezembro 2011)</b> “ <i>Lisbon Lovers</i> ”	Consumo	Artigo	Este artigo tem quatro fotografias de objetos e uma de espaço. Uma das fotografias de objetos faz referência a Fernando Pessoa.
<b>Peça 3 (março 2012)</b> “Retrato de Fernando Pessoa”	Tema	Breve	A breve é acompanhada de uma pintura: o retrato de Pessoa pintado por Almada, em 1964.
<b>Peça 4 (junho 2012)</b> “Descubra o que é isto”	Caixa de Entrada	Breve	Uma fotografia dos painéis da fachada da Reitoria da Universidade de Lisboa, pintados por Almada, acompanha esta breve.
<b>Peça 5 (dezembro 2012)</b> “Fernando Pessoa: Plural como o Universo”	Tema	Breve	A breve tem três fotografias do espaço da exposição à qual se refere. Nestas fotografias pode ver-se Pessoa, numa fotografia na baixa de Lisboa (informação

			retirada da fotobiografia do autor no <i>website</i> da Casa Fernando Pessoa).
<b>Peça 6 (março 2013)</b> “Lisboa com Fernando Pessoa”	Na Cidade	Artigo	Neste artigo vê-se uma fotografia da estátua de Pessoa, no Chiado. Considerou-se uma fotografia de espaço com representação do autor.
<b>Peça 7 (setembro 2013)</b> “Vá abrindo lugar na estante para estes autores”	Livros	Artigo	O artigo mostra quatro fotografias de autores com novos livros, onde aparece uma fotografia de Pessoa, em Lisboa.
<b>Peça 8 (março 2014)</b> “Poesia em Pessoa”	Na Cidade	Breve	A fotografia utilizada para ilustrar a Peça 7 é também utilizada nesta breve.
<b>Peça 9 (dezembro 2014)</b> “Almada, O que ninguém Soube que Houve”	Arte	Breve	Esta breve é acompanhada de uma ilustração da autoria de Almada que é a capa do seu livro <i>O Pierrot que Nunca Ninguém Soube que Houve</i> .
<b>Peça 10 (março 2015)</b> “As Flores do Mal de Fernando Pessoa – Absinto, Ópio, Tabaco e Outros Fumos”	Livros	Crítica	A crítica do livro referido é feita com recurso à sua imagem de capa. Considerámos que esta é uma imagem de um objeto com representação de Pessoa.

Fonte: Elaboração própria.

- **Público**

A capa do *Público* destaca uma imagem e um título principal, contando depois com outras imagens, de menor dimensão, com títulos e duas ou três linhas de informação que será desenvolvida no miolo do jornal. No interior, mais especificamente nas secções de *Destaque*, *Política*, *Sociedade*, *Local*, *Economia*, *Mundo*, *Cultura*, *Ciência* e *Deporto*, as notícias adotam são acompanhadas de imagens, a cores, de dimensões médias, relacionadas com os temas

em questão – à exceção das breves às quais nem sempre são associados esses registos visuais.

Os suplementos culturais *Ípsilon*, um misto de revista e jornal, e *P2* foram os suplementos analisados, quando coincidiam as datas de edição e os dias da semana. Os restantes suplementos não foram analisados. As capas do suplemento *Ípsilon* têm apenas uma imagem, do tema principal a desenvolver no interior do suplemento, destacando alguns dos temas em análise através de títulos e palavras-chave. Neste suplemento as imagens são maiores. A primeira parte do suplemento nem sempre tem secções atribuídas, sendo as últimas páginas reservadas às *Exposições*, aos *Livros* e aos *Discos*.

Na análise às 24 edições do jornal (ver tabela 8) foi identificada uma menção textual a *Orpheu* na capa da edição de março de 2015, com referência visual a Pessoa (ver anexo 6). Esta foi a única referência encontrada nas capas da publicação.

Os resultados da pesquisa foram nulos nas edições de dezembro de 2010; março, junho, setembro e dezembro de 2011; setembro e dezembro de 2012; março e dezembro de 2013, junho e setembro de 2014; e dezembro de 2015. As edições de junho e setembro de 2010 apenas continham referências textuais não diretas (ver apêndice 13).

Em termos de menções diretas, as edições analisadas no *Público* foram as de março de 2010; março e junho de 2012; junho e setembro de 2013; março e dezembro de 2014; e março, junho e setembro de 2015.

Tabela 8 - Análise de conteúdo às 24 edições do *Público*

Secção (frequência)	Destaque (0)
	Política (0)
	Sociedade (0)
	Local (0)
	Economia (0)
	Mundo (0)
	Cultura (1)
	Ciência (0)
	Desporto (0)

	Espaço Público (1)
	Iniciativas (1)
	Sair (9)
<b>Géneros (frequência)</b>	Breve (9)
	Entrevista (0)
	Artigo (0)
	Crónica (1)
	Crítica (1)
	Editorial (0)
	Opinião (1)
	Reportagem (1)
<b>Termo em análise (frequência)</b>	<i>Orpheu</i> (3)
	Álvaro de Campos (3)
	Fernando Pessoa (8)
	Mário de Sá-Carneiro (3)
	Almada Negreiros (8)
	Raul Leal (2)
	Cesário Verde (0)
<b>Imagem</b>	Sim (5)
	Não (8)

Fonte: elaboração própria.

A observação dos resultados denota que a secção *Sair* é aquela em que mais referências aos termos em análise. Esta secção é onde se apresentam os eventos culturais que vão realizar-se na cidade. A breve é o género jornalístico mais usual para transmitir essa informação. A maioria das peças jornalísticas não tinha imagem, mas nos cinco registos que recorreram à presença visual contam-se seis fotografias (ver anexo 4) com diferentes interpretações (ver tabela 9).

Tabela 9 - Descrição da representação visual presente nas imagens encontradas nas edições do *Público*

Peça jornalística	Secção/Suplemento	Género	Representação visual
<b>Peça 1 (junho 2012)</b> “Porquê demolir um edifício Arte Nova cuja	Local	Opinião	Esta notícia é acompanhada de uma fotografia de um dos prédios onde Pessoa viveu.

estrutura não estava em perigo?”			
<b>Peça 2 (março 2014)</b> “Borges e Pessoa aproximam-se em Lisboa”	Sair	Breve	Na breve foram colocadas duas fotografias, uma delas é de Pessoa.
<b>Peça 3 (março 2015)</b> “ <i>Orpheu</i> : O primeiro grito moderno em Portugal”	Cultura	Reportagem	Esta reportagem contém duas imagens: uma é o sumário do primeiro número de <i>Orpheu</i> e a outra o retrato de Pessoa pintado por Almada.
<b>Peça 4 (março 2015)</b> “O <i>Orpheu</i> e a sua circunstância”	Espaço Público	Crónica	Esta peça também está acompanhada de uma fotografia do retrato que Almada fez de Pessoa, mas de outra perspetiva.
<b>Peça 5 (junho 2015)</b> “ <i>Orpheu</i> 3, em estado de “quase” para sempre”	Iniciativas	Crítica	Há três imagens a acompanhar a crítica do livro: a capa e um documento de organização de <i>Orpheu</i> 3 e uma pintura de Amadeo de Souza Cardoso.

Fonte: Elaboração própria.

- **Expresso**

A capa *Expresso* destaca um título para a edição e uma imagem de grandes dimensões que chama a atenção para outro tema em destaque. Estas são acompanhadas de algumas breves, sem imagem. O formato do jornal, vertical e alongado, difere dos restantes jornais e revistas por formar grandes blocos de texto, também verticais, no seu interior. As imagens apresentadas são maioritariamente de dimensões médias/grandes e coloridas. Os títulos têm um grande destaque face ao texto. As principais secções deste caderno são: Política, Educação, Sociedade, Saúde, Ciência, Ambiente, Internacional e Desporto, sendo estas

secções intercaladas com os editoriais e os artigos de opinião. A *Revista E* destaca um tema de capa, apostando em imagens, cores e títulos apelativos, sobre variados temas. O suplemento *Actual* está ligado às Artes.

Da pesquisa de *clipping* realizada às 24 edições do *Expresso* – Primeiro Caderno, Economia, *Revista E* e *Actual* – identificámos uma menção na capa da publicação a um dos autores em estudo, Pessoa, embora esta menção não seja de carácter noticioso e sim de publicidade a uma coleção de livros que saiu com o *Expresso* em 2015 (ver anexo 6). Durante esta pesquisa não foram encontradas quaisquer menções aos termos de análise definidos nas edições de setembro e dezembro de 2010, março de 2011, junho e setembro de 2012, setembro de 2013, junho de 2014 e março e junho de 2015. Tal como nas outras publicações estudadas, também as análises iniciais ao *Expresso* (ver apêndice 14) permitiram-nos perceber que apenas algumas edições continham menções diretas aos termos que definimos para a análise. Assim, as edições consideradas para a análise foram as de março de 2013, março e dezembro de 2014 e setembro e dezembro de 2015. Os termos *Orpheu*, Mário de Sá-Carneiro e Raul Leal não registaram qualquer referência nas 24 edições em estudo (ver tabela 10).

Tabela 10 - Análise de conteúdo às 24 edições do *Expresso*

<b>Suplemento (frequência)</b>	Primeiro Caderno (0)
	Economia (1)
	Revista E (0)
	Actual (3)
<b>Géneros (frequência)</b>	Breve (1)
	Entrevista (1)
	Artigo (0)
	Crónica (0)
	Crítica (2)
	Editorial (0)
	Reportagem (0)
<b>Termo em análise (frequência)</b>	<i>Orpheu</i> (0)
	Álvaro de Campos (1)
	Fernando Pessoa (2)

	Mário de Sá-Carneiro (0)
	Almada Negreiros (2)
	Raul Leal (0)
	Cesário Verde (0)
<b>Imagem</b>	Sim (4)
	Não (0)

Fonte: elaboração própria.

Uma vez que as referências diretas aos autores em estudo e a *Orpheu* foram poucas, os resultados não nos permitem retirar conclusões significativas desta análise. Percebemos, no entanto, que o suplemento *Actual* é tido como preferencial para divulgar estas notícias e que é usual as mesmas surgirem acompanhadas de imagens (ver anexo 5). Das cinco peças com imagens, três contêm referência a Pessoa (ver tabela 11).

Tabela 11 - Descrição da representação visual presente nas imagens encontradas nas edições do *Expresso*

Peça jornalística	Secção/Suplemento	Género	Representação visual
<b>Peça 1 (março 2013)</b> “Sonhar senão a vida”	Suplemento: Actual; Secção: Teatro & Dança.	Crítica	A imagem representa um momento da peça de teatro à qual a crítica se refere, mas não identifica os autores da Geração de <i>Orpheu</i> .
<b>Peça 2 (março 2014)</b> “Ricardo Pais – O Resistente”	Suplemento: Actual; Secção: Teatro & Dança.	Entrevista	A entrevista sobre a peça <i>Almada Nada</i> , a partir de Almada Negreiros, apresenta duas imagens: uma do dramaturgo entrevistado e outra da peça de teatro referida.
<b>Peça 3 (dezembro 2014)</b> “Poema do Menino Jesus”	Suplemento Economia	Breve	A imagem que acompanha este poema é uma fotografia de Pessoa a descer o Chiado.
<b>Peça 4 (dezembro 2014)</b>	Suplemento: Actual;	Crítica	Esta crítica apresenta cinco



"Ode Marítima Reinventada"	Secção: Livros.		imagens: quatro são ilustrações e a quinta é a capa do livro que está a ser alvo de crítica. Quatro das imagens fazem referência a Pessoa.
<b>Peça 5 (dezembro 2015)</b> "As Aventuras de Fernando Pessoa"	Revista E	Crítica	A crítica apresenta uma imagem da capa do livro em análise. Pessoa é referenciado nessa ilustração.

Fonte: Elaboração própria.

### 4.3. Discussão dos resultados

Os resultados da análise aprofundada das entrevistas e da análise de conteúdo às peças jornalísticas com referência aos autores em estudo e a *Orpheu*, apresentados nos pontos anteriores, permitem-nos obter conclusões relativamente aos objetivos específicos definidos para a investigação. Podemos dividi-las por:

1. *Branding* literário em Portugal: as referências a *Orpheu* e aos futuristas desta geração nos *media*;
2. Diferenças entre informações veiculadas pela imprensa escrita generalista e especializada: os formatos jornalísticos utilizados na divulgação dos autores;
3. Apreciação do trabalho do jornalista: as efemérides como oportunidades de divulgação cultural.

Para avaliar a existência de *branding* literário, considerou-se *Orpheu* como uma marca consolidada na literatura portuguesa. Os elementos pertencentes à Geração de *Orpheu* foram também analisados desta perspetiva. O trabalho que é realizado pelas editoras, pelos livreiros ou pelos próprios autores no sentido de obter reconhecimento junto do público tem como uma das estratégias a menção nos meios de comunicação social. Numa breve análise aos dados recolhidos, pôde perceber-se que:

- a) Considerando todas as referências contabilizadas aos termos de análise definidos no ponto 4.2 (120 edições, relativas ao período de 2010-2015), Fernando Pessoa e

Álvaro de Campos foram os autores com mais menções no corpo de todas as publicações analisadas. As menções são exponencialmente mais elevadas quando comparadas com as dos restantes autores (Cesário, Almada e Sá-Carneiro obtêm número de referências muito semelhantes). Segundo Fernando Pinto do Amaral, “hoje em dia há imagens e marcas associadas a Fernando Pessoa, em Lisboa, que são muito claras” (apêndice 7, pergunta 11). Para Manuela Goucha Soares, “Pessoa hoje já não é apenas um nome maior da literatura portuguesa, é um ícone, um símbolo” (apêndice 8, pergunta 11) e José Carlos de Vasconcelos afirma que “no JL, ao longo do tempo, Pessoa deve ter sido aquele de que mais falámos” (apêndice 6, pergunta 12). Por outro lado, Raul Leal é o autor menos referenciado, obtendo mesmo resultados nulos na *Time Out Lisboa* e no *Expresso*. A sua forma de ser “transformou-o num símbolo de um artista que estava fora do sistema” (apêndice 7, pergunta 5) e, para Pinto do Amaral, seriam necessários “eventos, debates, congressos, lançamentos de livros, para se falar mais de Raul Leal” (apêndice 7, pergunta 8), sendo um autor que precisava de um trabalho específico para ser reconhecido. A sua obra “nunca teve a mesma divulgação” que a de outros futuristas, segundo Soares, e a sua homossexualidade “pode ter contribuído para haver um tipo de censura” (apêndice 8, pergunta 12). Estes resultados mostram que, embora a Geração de *Orpheu* tenha sido “muito mais reconhecida posteriormente do que na altura” (apêndice 8, pergunta 11), ainda existe uma discrepância face ao reconhecimento dos autores pelos leitores;

- b) Na generalidade, falar de *Orpheu* significa mencionar a revista e não a geração que herdou o seu nome. O ano do centenário (2015) foi bastante positivo com a imprensa escrita a aumentar exponencialmente as referências à revista, com a exceção da *LER* e do *Expresso* (não fizeram qualquer menção). As únicas referências a *Orpheu* pela *Time Out Lisboa* fizeram-se em 2015. Estes resultados reforçam a atualidade do tema para os *media*, como corrobora Manuela Goucha Soares que considera a revista um “movimento editorial e cultural muito importante que se ramificou por diversos sectores da sociedade portuguesa e teve impacto durante muitas décadas: cem anos depois estamos a falar dele porque continua atual” (apêndice 8, pergunta 7);

- c) As menções aos autores nas capas das publicações são exíguas. Contaram-se 12 menções em 120 capas, sendo Fernando Pessoa o autor mais referido. As capas da *Time Out Lisboa* não fizeram qualquer referência aos autores e a *Orpheu*;
- d) As imagens que ilustram as peças jornalísticas analisadas referenciam, na sua maioria, Fernando Pessoa. Embora possam resultar de obras de outros autores, como acontece com o retrato de Pessoa pintado por Almada Negreiros, o destaque visual é dado ao poeta. Há também muitas imagens que ilustram as peças que se referem aos autores, mas que não os identificam visualmente. No caso de Almada, os seus trabalhos artísticos ilustram a generalidade das peças que o referenciam e apenas os leitores que conhecem as suas obras identificam o artista. Para Manuela Goucha Soares, “a produção artística dele é muito mais multidisciplinar, abrangente” (apêndice 8, pergunta 11), quando comparado com os restantes elementos da Geração de *Orpheu*, o que pode justificar a opção feita pelos órgãos de comunicação.

Para os jornais torna-se mais simples falar de autores como Pessoa e Almada, que são conhecidos, “para criar um interface com os leitores que lhes permita interessarem-se pelo tema” porque com espaço e tempo limitados, os jornais “acabam por ser o reflexo do contexto em que estão inseridos” (apêndice 8, pergunta 13). Assim:

- e) *Orpheu* e os futuristas em estudo são mais vezes mencionados nos órgãos de comunicação especializados, particularmente nos literários. A diferença numérica tanto entre os meios especializados literários e a *Time Out Lisboa*, como entre estes e a imprensa generalista, é muito significativa. Como referido por Vasconcelos, o facto de os órgãos especializados poderem dedicar mais espaço aos bens culturais, com “as linguagens utilizadas, os ângulos de abordagem jornalística” a manifestarem-se de formas distintas (apêndice 6, pergunta 2), pode justificar esta discrepância.
- f) Os formatos jornalísticos mais recorrentes para fazer menção aos termos em análise são a breve e o artigo, o que também se verifica nas peças jornalísticas que contém imagens. As críticas literárias e as crónicas surgem de seguida, mas com menor influência. Isto verifica-se tanto na imprensa especializada como na generalista. A crítica literária “perdeu alguma importância” em detrimento de “tudo o que está à volta do livro e do autor e que tem a ver muito mais com promoção editorial”

(apêndice 7, pergunta 14). Francisco José Viegas afirma que “não há editor nenhum que não pense na reação dos jornais, da imprensa (...) que amplifica uma série de efeitos de primeira publicidade”, mas a crítica literária nos jornais generalistas “tem muita importância porque são aqueles que são lidos por toda a gente” mas nos órgãos especializados “há maneiras de o fazer muito mais apetecíveis” (apêndice 5, pergunta 1). Nos órgãos de comunicação generalistas a variação entre a utilização de géneros jornalísticos é maior. No caso do *Expresso*, por exemplo, as críticas surgem nos suplementos culturais do jornal, cadernos que dispõem de espaço próprio para analisar estas matérias.

As efemérides representam oportunidades de promoção por parte das editoras e de produção de informação relevante para os *media* pois permitem devolver ao presente temas do passado, com diferentes abordagens. Os resultados obtidos neste estudo permitem-nos comprová-lo:

- g) Na *Time Out Lisboa* encontraram-se referências ao Dia Mundial da Poesia, que motivou a publicação de breves em março de 2012, 2014 e 2015. Em março de 2015, fez-se referência ao centenário da revista *Orpheu* e nas edições de junho e dezembro de 2013 ao 120.º aniversário de Almada Negreiros.
- h) No *Jornal de Letras* foram também vários os momentos de efeméride aproveitados: no Dia Mundial do Teatro com referências a Pessoa (breve), em março de 2011, e a Almada e Sá-Carneiro (artigo), em março de 2013. O 120.º aniversário de Sá-Carneiro, na edição de junho de 2010, e os 125 anos do nascimento de Pessoa, em junho de 2013, foram também destacados. Em dezembro de 2015, o jornal antecipava as celebrações do centenário da morte de Sá-Carneiro. Na edição de março de 2015, o *Jornal de Letras* destacou as atividades do Dia Mundial do Teatro, do Dia Mundial da Poesia e o centenário de *Orpheu*.

## Conclusões

O presente trabalho de investigação teve início na pergunta de partida: como são comunicados os autores do Futurismo português pelos órgãos de comunicação social escritos na atualidade? Para concretizar o seu objetivo geral, evidenciar o papel dos *media* no processo de promoção dos autores futuristas portugueses, definiram-se como objetivos específicos: identificar os autores da Geração de *Orpheu* e entender a sua importância na história da literatura portuguesa; conhecer as editoras que detêm os direitos das obras destes autores ou que republicam os seus trabalhos; investigar a utilização do *branding* pelas editoras em apreço; identificar as técnicas de comunicação utilizadas pelos jornalistas para divulgação de informação e as características dos espaços de promoção de livros e autores nos *media*.

Os objetivos deste estudo consideram-se cumpridos, pois através do método misto e das respetivas técnicas de recolha e análise de informação utilizadas ao longo do trabalho foi-nos possível estabelecer uma relação entre os conceitos que nos determinámos a operacionalizar, embora tivesse sido benéfico existir um maior número de estudos nacionais focados no *branding* literário ou de bens culturais.

Os estudos sobre o sector livreiro português foram insuficientes para fazer-se uma análise de dados recentes sobre a conjuntura do mercado, particularmente no período de 2010 a 2015. Ainda assim, foi-nos possível compreender as transformações ocorridas no mercado editorial na última década e a realidade do sector livreiro em Portugal.

Compreendemos a importância dos *marketers* e da aplicação da estratégia acertada, com as ferramentas corretas e através dos canais adequados, de forma a gerir e valorizar as marcas e a fortalecer a sua relação com os consumidores. Verificamos que os *media* podem ajudar os editores e os autores na promoção das suas obras através da compra de espaço publicitário, mas também da realização de entrevistas, editoriais ou outros conteúdos que permitam alcançar um maior número de consumidores.

Com a investigação desenvolvida na fase inicial do trabalho foi também possível desenhar um enquadramento histórico do período literário que nos propusemos a estudar e da vida e

obra dos autores da Geração de *Orpheu*, a fim de comprovar a sua relevância na literatura portuguesa.

As entrevistas realizadas aos informadores qualificados permitiram-nos obter conhecimento sobre o processo de divulgação de livros desde a sua publicação e compreender o papel dos órgãos de comunicação social nesse processo e no reavivar de autores e obras através das efemérides. Pudemos concluir que a crítica literária tem vindo a perder importância ao longo das últimas décadas. Por sua vez, as novas abordagens aos temas, através da produção de peças jornalísticas para outras secções que não as literárias são agora mais usuais. Conclui-se também que existe *branding* em Portugal, particularmente praticado por editoras de maior dimensão. A análise à opinião dos entrevistados mostrou-nos que as efemérides são importantes para as editoras e os autores mas também para os jornalistas, uma vez que permitem a exploração de temas intemporais, com novas perspetivas.

## Bibliografia

Amante, M. d. (2011). *Identidade Nacional - Entre o discurso e a prática*. Porto: CEPESE e Fronteira do Caos Editores.

Baverstock, A. (2008). *How to Market Books: The Essential Guide to Maximizing Profit and Exploiting all Channels to Market*. London: Kogan Page Publishers.

Brown, S. (2015). Selling poetry by the Pound: T.S. Eliot and The Waste Land brand. *Consumption Markets & Culture*, pp. 411-426. doi:10.1080/10253866.2015.1020795.

Buescu, H. C. (2008). Cesário Verde. In F. C. Martins, *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português* (pp. 881-885). Lisboa: Caminho.

Cidade, H. (1973). *Portugal Histórico-Cultural*. Lisboa: Círculo de Leitores.

Costa, P. C. (2008b). Sensacionismo. In F. C. Martins, *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português* (pp. 786-791). Lisboa: Caminho.

Cunha, T. S. (2011). *Ofícios e Letras*. Obtido em 30 de setembro de 2016, de Cesário Verde - 1855-1886: Na Vida e na Obra: <http://purl.pt/22529/1/oficios-letras/pag2.html>.

Decreto-Lei n.º63/85, de 14 de março. (s.d.). *Diário da República n.º 61 - Série I*. Lisboa: Ministério da Cultura. Obtido em 23 de Outubro de 2015, de Página Principal do site do Parlamento: [http://viginti.datajuris.pt/pdfs/codigos/dirautconx\\_t.pdf](http://viginti.datajuris.pt/pdfs/codigos/dirautconx_t.pdf).

Dias, M. T. (2008). Mário de Sá-Carneiro. In F. C. Martins, *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo português* (pp. 748-752). Lisboa: Caminho.

Diogo, J. (2008). *Marcating: Gestão Estratégica da Marca*. Lisboa: PAULUS Editora.

Dix, S. (2015). *1915 - O Ano do Orpheu*. Lisboa: Tinta-da-china.

Encyclopedia Britannica. (1993). *The New Encyclopaedia Britannica* (Vol. V). Chicago: Encyclopedia Britannica, Inc.

Ferreira, S. A. (2008). Filippo Tommaso Marinetti. In F. C. Martins, *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português* (pp. 438-439). Lisboa: Caminho.

- Fokkema, D. W. (2008). *História Literária, Modernismo e Pós-Modernismo*. Lisboa: Vega.
- França, J.-A. (2003). *O essencial sobre Almada Negreiros*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- França, J.-A. (2004). *História da Arte em Portugal - O Modernismo*. Lisboa: Editorial Presença.
- Freitas, A. M. (2008). Olisipo. In F. C. Martins , *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português* (pp. 559-560). Lisboa: Caminho.
- Gaspar, L. M., & Ferreira, S. A. (2008). Almada Negreiros. In F. C. (Coordenação), *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português* (pp. 511-515). Lisboa: Caminho.
- Gomes, K. (30 de Novembro de 2005). *Fernando Pessoa é de todos, outra vez*. Obtido em 5 de Setembro de 2015, de Público: <http://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/fernando-pessoa-e-de-todos-outra-vez-1240558>.
- Gomes, P. (1970). *Fenomenologia da Cultura Portuguesa*. Lisboa: Agência-Geral do Ultramar.
- Gonçalves, R. M. (2008). Almada Negreiros - Obra. In F. C. Martins, *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português* (pp. 515-520). Lisboa: Caminho.
- Hanusch, F. (2013). *Lifestyle Journalism*. New York: Routledge.
- Jamnadas, R. (2013). Branding. In R. Ribeiro, *Marketing para estudantes de Comunicação. Pesquisa, Estratégia e Avaliação* (2.ª ed., pp. 168-169). Lisboa: Causa das Regras.
- Júdice, N. (1997). *Viagem Por Um Século de Literatura Portuguesa*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.
- Kotler, P. (2013). *Marketing para o Século XXI* (7.ª ed.). Lisboa: Editorial Presença.
- Leal, R. (2010). *Sodoma Divinizada (organização, introdução e cronologia de Aníbal Fernandes)*. Lisboa: Babel.
- Lei n.º 16/2008, de 1 de abril. (s.d.). *Diário da República - I Série*. Lisboa: Assembleia da República.



Lopes, G. V. (2007). Aquilino e os Modernistas - Retratos cruzados da Primeira República. *Letras Aquilianas*.

Lopes, T. R. (2008). Álvaro de Campos. In F. C. Martins, *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português* (pp. 123-131). Lisboa: Caminho.

López, P. (2015). As Tentativas de Propaganda Órfica em Espanha. In S. Dix, *1915 - O Ano do Orpheu* (pp. 185-198). Lisboa: Tinta-da-china.

Martin-Lagardette, J.-L. (1998). *Manual da Escrita Jornalística*. Lisboa: Pergaminho.

Martins, F. (2008b). Raul Leal. In F. Martins, *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português* (pp. 395-397). Lisboa: Caminho.

Martins, F. C. (2008a). Futurismo. In F. C. Martins, *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português* (pp. 301-302). Lisboa: Caminho.

MediaMonitor. (s.d.). *Clipping: Cobertura, Metodologia e Serviço*. (Departamento de Clipping) Obtido em Abril de 2014, de <http://www.marktest.com/wap/private/images/logos/Clipping.pdf>.

Morão, P. (2008a). Imagem de Poeta. In F. C. Martins, *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português* (pp. 347-348). Lisboa: Caminho.

Morão, P. (2008b). Mário de Sá-Carneiro. In F. C. Martins, *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português* (pp. 748-752). Lisboa: Caminho.

Moura, V. G. (2013). *A Identidade Cultural Europeia*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Negreiros, J. d. (novembro de 1935). *Sudoeste: cadernos de Almada Negreiros*. Obtido em 8 de maio de 2015, de Hemeroteca Digital: [http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Sudoeste/N3/N3\\_master/SudoesteN3.pdf](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Sudoeste/N3/N3_master/SudoesteN3.pdf).

Negreiros, J. d. (2015). *Orpheu 1915-1965*. Lisboa: Babel.

Neves, J. S., Beja, R., Santos, J. A., & Santos, J. A. (2014). *Comércio livreiro em Portugal: Estado da arte na segunda década do século XXI*. Lisboa: Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do Instituto Universitário de Lisboa.

Neves, J. S., Santos, J. A., Lima, M. J., Vaz, A., & Cameira, E. (2012). *Inquérito ao Sector do Livro - Parte I*. Lisboa: Observatório das Actividades Culturais.

Neves, M. (2015). Raul Leal (Henoch) - O mais louco dos loucos do Orpheu e profeta maldito. In S. Dix, *1915 - O Ano do Orpheu* (pp. 369-387). Lisboa: Tinta-da-china.

O'Reilly, D. (2005). Cultural Brands/Branding Cultures. *Journal of Marketing Management*, pp. 573-588.

Orpheu 1915-1965, edição fac-similada. (8 de junho de 2015). Obtido de Modernismo - Arquivo Virtual da Geração de Orpheu: <http://modernismo.pt/index.php/noticias-3/283-edicao-fac-similada-orpheu-1915-1965>.

Panofsky, E. (1976). *Iconografia e iconologia uma introdução ao estudo da arte da renascença*. São Paulo: Perspectiva.

Pascoaes, T. (1993). *A Arte de Ser Português* (2 ed.). Lisboa: Assírio & Alvim.

Pessoa, F. (1986). *Escritos Íntimos, Cartas e Páginas Autobiográficas*. Lisboa: Publicações Europa-América.

Pessoa, F. (1986). *Textos de Intervenção Social e Cultural - A ficção dos Heterónimos (Introdução, organização e notas de António Quadros)*. Lisboa: Publicações Europa-América.

Pessoa, F. (2012). *Teoria da Heteronímia*. (F. C. Martins, & R. Zenith, Edits.) Lisboa: Assírio & Alvim.

Pessoa, F. (2015). *Sobre Orpheu e o Sensacionismo*. Lisboa: Assírio & Alvim.

Quental, A. d. (2010). *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares nos Últimos Três Séculos*. Lisboa: Padrões Culturais.

Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (2013). *Manual de Investigação em Ciências Sociais* (6.ª ed.). Lisboa: Gradiva.

- Ribeiro, R. (2010). *Sociologia do Consumo*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- Ribeiro, R. B. (2013). *Marketing para Estudantes de Comunicação: Pesquisa, Estratégia e Avaliação*. Lisboa: Causa das Regras.
- Sá-Carneiro, M. d. (2000). *Mário de Sá-Carneiro - Poesias (introdução por Maria Ema Tarracha Ferreira)*. Lisboa: Editora Ulisseia.
- Sá-Carneiro, M. d. (2010). *Antologia Poética de Mário de Sá-Carneiro (organização, prefácio e cronologia biográfica de Fernando Pinto do Amaral)*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Santo, P. E. (2010). *Introdução à Metodologia das Ciências Sociais*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Saraiva, A. J., & Lopes, Ó. (1953). *História da Literatura Portuguesa*. Lisboa: Porto Editora.
- Schiffrin, A. (2013). *O Negócio dos Livros: Como os grandes grupos económicos decidem o que lemos*. Lisboa : Letra Livre.
- Sebastião, S. (2009). *Comunicação Estratégica: as Relações Públicas*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- Sebastião, S. (2012). *O Destino Manifesto - História, Mitologia e Espiritualidade*. Lisboa: MGI.
- Silva, D. (2009). Tendências do Jornalismo Cultural em Portugal. *Actas do 6.º SOPCOM/8.º SOPCOM*.
- Silva, L. M. (26 de setembro de 2005). Manifestações da Consciência, em "O Sentimento de um Ocidental", de Cesário Verde - Uma perspectiva didática. *I Encontro Leituras em Português* (pp. 102-121). Braga: Universidade do Minho.
- Silva, M. P. (2008). Orpheu. In F. C. Martins, *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português* (pp. 564-568). Lisboa: Caminho.
- Smith, A. D. (1997). *A Identidade Nacional*. Lisboa: Gradiva.

Sousa, J. P. (2001). *Elementos de Jornalismo Impresso*. Porto: Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação. Obtido de <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-de-jornalismo-impresso.pdf>.

Sousa, J. P. (2006). Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media. *Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação*. Obtido em março de 2017, de [www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-teoria-pequisa-comunicacao-media.pdf](http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-teoria-pequisa-comunicacao-media.pdf).

Trindade, A. (2006). *News That Last: Quatro Momentos de Jornalismo Literário Americano no Sécul XX*. Lisboa: Universidade Aberta.

Verde, C. (1887). *O Livro de Cesário Verde*. Lisboa: Typographia Elzeveriana.

Zenith, R. (2008). Fernando Pessoa. In F. C. Martins, *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português* (pp. 618-624). Lisboa: Caminho.

## ii. Fontes Eletrónicas:

Associação Portuguesa para o Controlo de Tiragem e Circulação (APCT) - [http://www.apct.pt/Analise\\_simples.php](http://www.apct.pt/Analise_simples.php) -, última consulta a 29 de julho de 2016.

*Tinta-da-china*: [www.tintadachina.pt](http://www.tintadachina.pt).

*Assírio e Alvim*: [www.assirio.pt](http://www.assirio.pt).

*Publicações Dom Quixote*: [www.domquixote.pt](http://www.domquixote.pt).

*Time Out* (Portugal): [www.timeout.pt](http://www.timeout.pt).

Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas: [www.dglb.pt](http://www.dglb.pt).

*Expresso*: [www.expresso.sapo.pt](http://www.expresso.sapo.pt).

*Jornal de Letras*: [www.visao.sapo.pt/jornaldeletras](http://www.visao.sapo.pt/jornaldeletras).

*Público*: [www.publico.pt](http://www.publico.pt).

*Impresa*: [www.impresa.pt](http://www.impresa.pt).

Casa Fernando Pessoa: [www.casafernandopessoa.cm-lisboa.pt](http://www.casafernandopessoa.cm-lisboa.pt).

Arquivo Pessoa: [www.arquivopessoa.net](http://www.arquivopessoa.net).

# APÊNDICES E ANEXOS

## Índice de Apêndices e Anexos

Apêndice n.º 1: Lista de entrevistas realizadas a profissionais do sector do livro e jornalistas

Apêndice n.º 2: Lista de pedidos de entrevistas a profissionais do sector do livro e jornalistas

Apêndice n.º 3: Guião de entrevista semiestruturada aos jornalistas e diretores de publicações

Apêndice n.º 4: Guião de entrevista semiestruturada aos profissionais do sector do livro

Apêndice n.º 5: Entrevista a Francisco José Viegas

Apêndice n.º 6: Entrevista a José Carlos de Vasconcelos

Apêndice n.º 7: Entrevista a Fernando Pinto do Amaral

Apêndice n.º 8: Entrevista a Manuela Goucha Soares

Apêndice n.º 9: Entrevista a Maria João Machado

Apêndice n.º 10: Análise dos resultados obtidos na análise às 24 edições da *Revista LER*

Anexo n.º 1: Representação visual nas peças jornalísticas da *Revista LER*

Apêndice n.º 11: Análise dos resultados obtidos na análise às 24 edições do *Jornal de Letras*

Anexo n.º 2: Representação visual nas peças jornalísticas do *Jornal de Letras*

Apêndice n.º 12: Análise dos resultados obtidos na análise às 24 edições da *Time Out Lisboa*

Anexo n.º 3: Representação visual nas peças jornalísticas da *Time Out Lisboa*

Apêndice n.º 13: Análise dos resultados obtidos na análise às 24 edições do jornal *Público*

Anexo n.º 4: Representação visual nas peças jornalísticas do *Público*

Apêndice n.º 14: Análise dos resultados obtidos na análise às 24 edições do semanário *Expresso*

Anexo n.º 5: Representação visual nas peças jornalísticas do *Expresso*

Anexo n.º 6 - Referências aos autores em estudo na capa das edições dos órgãos de comunicação social analisados

**Apêndice n.º 1 - Lista entrevistas realizadas a profissionais do sector do livro e jornalistas**

<b>Nome do entrevistado</b>	<b>Entidade/Meio</b>	<b>Função</b>
<b>Francisco José Viegas</b> 3 de dezembro de 2014   12 horas   Sede Círculo de Leitores	<i>Revista LER</i>	Diretor
<b>José Carlos Vasconcelos</b> 17 de abril 2015   11 horas Fundação Calouste Gulbenkian	<i>Jornal de Letras, Artes e Ideias</i>	Diretor
<b>Fernando Pinto do Amaral</b> 12 de setembro de 2015   12h30 Centro Cultural de Belém	Plano Nacional de Leitura	Comissário (2009-2017)
<b>Manuela Goucha Soares</b> 8 de agosto de 2016   15h30 Sede da <i>Impresa</i>	<i>Expresso</i>	Jornalista
<b>Maria João Machado</b> 21 de setembro de 2016   9h30 Sede <i>Porto Editora</i>	<i>Assírio &amp; Alvim</i>	Assessora de Comunicação da <i>Porto Editora</i>

Fonte: elaboração própria.



**Apêndice n.º 2 - Lista de pedidos de entrevistas a profissionais do sector do livro e jornalistas (recusados ou não respondidos)**

<b>Nome</b>	<b>Entidade/Meio</b>	<b>Função atual</b>
<b>Henrique Mota</b> Recusou responder	Federação Europeia dos Editores	Vice-Presidente
<b>Vasco David</b> Recusou responder	<i>Assírio &amp; Alvim</i>	Coordenador Editorial
<b>Luís Miguel Andrade</b> Não respondeu	<i>Público</i>	Jornalista
<b>Cecília Andrade</b> Não respondeu	Publicações Dom Quixote	Editora (responsável pela obra de Mário de Sá-Carneiro)
<b>Ana Dias Ferreira</b> Não respondeu	<i>Time Out Lisboa</i>	Jornalista; Editora da secção "Livros" (até 2015)
<b>Madalena Alfaia</b> Não respondeu	<i>Tinta-da-china</i>	Diretora de Comunicação e <i>Foreign Rights</i>
<b>João Alvim</b> Não respondeu	Associação Portuguesa de Editores e Livreiros (APEL)	Presidente

Fonte: elaboração própria.

### **Apêndice n.º 3: Guião de entrevista semiestruturada aos jornalistas e diretores de publicações**

1) Os meios de comunicação social escritos são benéficos à promoção das obras literárias?

Em caso de resposta afirmativa:

1.1) Meios de comunicação generalistas?

1.2) Meios de comunicação especializados?

2) De que forma esses meios podem incentivar a aquisição de obras literárias?

3) Qual é o papel dos poetas nos nossos dias?

4) Na sua opinião, a crítica literária pode contribuir para a venda de livros em Portugal?

5) Considera que os críticos literários podem ser considerados pela sociedade como líderes de opinião?

6) O *Jornal de Letras/Expresso/Revista LER* tem conhecimento da repercussão de campanhas promocionais e/ou recensões críticas sobre vendas de obras em particular?

7) As efemérides relacionadas com os autores são motivo de edições especiais por parte do *Jornal de Letras/Expresso/Revista LER*? Em caso de resposta afirmativa, porquê?

8) Existe *branding* literário em Portugal? Onde reside a construção do *branding*?

#### **Apêndice n.º 4: Guião de entrevista semiestruturada aos profissionais do sector do livro**

- 1) A literatura portuguesa é entendida pelos consumidores estrangeiros como um produto capaz de transmitir a história e a identidade portuguesas?
- 2) A poesia enquanto género literário é reconhecida como património histórico e cultural na sociedade portuguesa? Em caso de resposta afirmativa, por que razão?
- 3) Existe *branding* literário em Portugal? Onde reside a construção do *branding*?
- 4) Na sua visão, o consumidor atribui mais importância ao autor ou à obra no momento da compra?
- 5) Como descreve o mercado editorial português? Quais as principais tendências do setor?
- 6) De acordo com a sua experiência, este setor passou por transformações que alteraram o processo de promoção de livros nos últimos anos? Em caso de resposta afirmativa, por que razão?
- 7) Quais as ações das editoras que podem beneficiar o reconhecimento de um autor e da sua obra? Essas ações podem ser aplicadas junto de que públicos?
- 8) Como são identificados os canais e as ferramentas eficientes na promoção de obras literárias?
- 9) Os meios de comunicação social são importantes fontes de divulgação de autores e obras? Em caso de resposta afirmativa, em que sentido?
- 10) A sua organização dispõe de dados que permitam estabelecer alguma ligação entre as campanhas promocionais, a presença em feiras de livros ou a divulgação através de crítica ou peça jornalística em meios de comunicação nacionais e internacionais e o aumento da procura de obras literárias?

## **Apêndice n.º 5: Entrevista a Francisco José Viegas**

A entrevista ao Diretor da *Revista LER*, Francisco José Viegas, realizou-se no dia 3 de dezembro de 2014, na sede do Círculo de Leitores, em Lisboa.

### **1) Os meios de comunicação social escritos são benéficos à promoção de obras literárias? Em caso de resposta afirmativa: Meios de comunicação generalistas?**

No caso dos meios de comunicação generalistas ou especializados, a *Revista LER* não é um exemplo para ninguém porque é uma revista que já tem estes anos todos mas tem uma vida diferente e não trata da promoção de livros. Nesta fase, agora trimestral a que regressou, não tem muito a ver com promoção.

Agora, a pergunta exata, se os meios de comunicação escritos são benéficos: são. Não há editor nenhum - eu também sou editor da Quetzal - que não pense na reação dos jornais, na reação da imprensa que, de alguma maneira, amplifica uma série de efeitos de primeira publicidade e que não têm a ver propriamente com o domínio da crítica literária. Muitas vezes aquilo que um editor busca no trabalho dos meios de comunicação não tem nada a ver com crítica literária, tem muito mais a ver com a promoção do livro. E há maneiras de o fazer muito mais apetecíveis. E volto a repetir: não tem nada a ver com crítica literária. A crítica literária nesta matéria tem muito pouca importância para os editores. Nos meios de comunicação generalistas claro que isso tem muita importância porque são aqueles que são lidos por toda a gente.

Nos anos 80 havia alguma importância dos chamados meios especializados, inclusive da *Revista LER*, dos suplementos do Expresso, do Público, etc.. Eu penso que a certa altura os editores começaram a perceber que esse meio era muito restrito, correspondia a 3/4 mil pessoas que se dedicavam a ler o suplemento de leituras - o Mil Folhas [suplemento do Jornal Público, que existiu entre 2000 e 2007], o Actual [suplemento do jornal Expresso entre 2003 e 2015, hoje transformado na Revista E]. Era muito limitado. E, portanto, tratava-se de abrir para mais pessoas, para mais público. Por isso é que se recorria muito à televisão. Por exemplo: vale mais um comentário de 30 segundos do Professor Marcelo ao domingo do que um artigo de 3mil/4mil caracteres no Expresso ao sábado. Hoje há maneiras de medir esse impacto e de ver em que medida é que um livro tem mais promoção se fugir da secção

de livros. Se eu quiser promover Jimi Hendrix não o ponho na secção de livros. Prefiro que seja um jornalista de música a falar de Jimi Hendrix ou um jornalista de sociedade que fala da relação de Jimi Hendrix com as drogas, etc. Portanto, quanto menos especializada for a referência na imprensa, melhor.

Aliás, veja, um livro do Dr. [Mário] Soares que saiu agora, foi publicado aqui por uma editora da casa, se fosse a olhar pelo tema que é da correspondência durante o regime fascista e durante a prisão, não tinha impacto nenhum. Mas como apareceu o António Costa, como havia a questão Sócrates, etc., a promoção na televisão foi muito maior.

## **2) Depois também há essas questões que se cruzam...**

A oportunidade, a atualidade de um livro, o impacto que ele pode ter, etc. Eu já publiquei livros que o meu interesse nele não era propriamente o livro, era aquilo que se podia fazer com ele. Todos os editores fazem isso.

## **3) De que forma esses meios podem incentivar a aquisição de obras literárias?**

Chamando a atenção, despertando a curiosidade pela figura do autor. Muitas vezes as pessoas já estão identificadas com aquele autor que pode não ser um autor literário, mas pode ser, por exemplo, um apresentador de televisão. Isso acontece muito em Portugal. Acontece muito em todo o lado. Eu acho que relacionando o livro com a vida das pessoas, por exemplo, voltamos a pegar [no livro] do Jimi Hendrix que é um livro que nós não publicámos, vamos publicar mais tarde. De que forma é que isso se pode fazer? Se o texto sobre o livro tocar muito naquilo que são as referências dos eventuais leitores. São as memórias dele mas imaginemos que começamos por dizer: “lembra-se em 1969, o que é que fazia na discoteca tal, em Cascais?”. As pessoas despertam.

Os processos não são mecânicos, não são científicos, porque a escolha de um livro também nunca é científica e mecânica. Nós conhecemos todas aquelas técnicas de marketing neuronal, que é possível induzir a compra através de cor, de perfume, de uma sugestão de uma palavra, etc. No livro isso também conta, mas há outra dimensão que é o apelo que o livro faz à nossa memória, à nossa sensibilidade e a coisas que nós não podemos dizer porque, de todas as formas de comunicação artística, o livro é a mais íntima de todas - aquilo que nós podemos ouvir em silêncio, que podemos ouvir longe, que podemos ler

longe, que ninguém tem nada a ver com o que estamos a ler porque só somos nós. As nossas referências são muito diferentes.

#### **4) Qual é o papel dos poetas nos nossos dias?**

Quer a resposta sincera? Não é nenhum. Acho que a poesia não tem nada a ver com a nossa sociedade. Acho que [os poetas] não devem ter papel nenhum.

A poesia, tal como a literatura a sério, a grande literatura, não tem nada a ver com virtudes cívicas. Não tem nada a ver com o cartão de cidadão, com o estatuto de cidadania. É uma coisa completamente diferente. A poesia é uma espécie de assentamento no deserto. A poesia é para quem vive no deserto. Foi sempre. E democratizá-la pode ser engraçado mas, quer dizer, não é a grande poesia. Acho que o papel dos poetas não é nenhum, é escreverem poesia. E o nosso é de ir à procura dela. Não vejo grandes virtudes cívicas na poesia. Acho, pelo contrário, que a poesia é anticívica na medida em que apela à nossa individualidade, ao nosso isolamento. Por outro lado, a poesia também não faz bem às pessoas, não as transforma em melhores cidadãos, pelo contrário, ou nos angustia, ou nos alegra nos momentos em que não devíamos, ou nos torna mais melancólicos, ou nos torna mais rebeldes ou qualquer coisa. Não acho que tenha alguma coisa a ver com a sociedade.

#### **5) Se os poetas hoje em dia não têm esse impacto na sociedade, porque é que se continua a editar livros e a falar, por exemplo, em Fernando Pessoa?**

Não, uma coisa é dizer-me que impacto é que tem Fernando Pessoa. Fernando Pessoa ultrapassa largamente a sua obra. Fernando Pessoa é um ícone de Lisboa, por exemplo. Eu fui diretor da Casa Fernando Pessoa e achei sempre absurdo não conseguir levar a Câmara a adotar um lema que era “Lisboa, Cidade Pessoa”, criar essa empatia entre Fernando Pessoa e Lisboa, que agora está a ser mais feito. Mas Pessoa é uma coisa completamente diferente. Nós podemos gostar de Pessoa independentemente da sua poesia. Imagine que o Fernando Pessoa faz o apelo ao suicídio... Nós podemos levar a sério quando Álvaro de Campos diz “porque é que não te queres matar?” [do poema *Se te queres matar, porque não te queres matar?*, de Álvaro de Campos], apela ao suicídio... Isso, do ponto de vista das virtudes cívicas e do ponto de vista do papel na sociedade, parece-me negativo. Agora, Fernando Pessoa é um ícone. Ou Cesário, por exemplo. Cesário é um dos grandes poetas de Lisboa, é um génio.

Para mim é um dos grandes génios da poesia portuguesa. Não há como ele. Pessoa ultrapassa largamente tudo. Tem a ver com a sua popularidade, como o Camões que também é um ícone de Portugal. Mas quantos é que leram Camões, quem é que está a ler *Os Lusíadas*? Há tantas guerras à volta d'*Os Lusíadas*: como é que se deve ler; é um livro patriótico ou não é; é um poema épico ou não é.

#### **6) Então, é a popularidade da figura e não da sua obra?**

Sim, é muito isso. Quando há bocadinho estava a falar do *branding*... Nós criamos na Quetzal um *branding*, uma imagem, chamada Roberto Bolaño. O Roberto Bolaño morreu e nós começámos a publicar a obra dele e fizemo-lo porque queríamos reconstruir a figura, ainda por cima com um livro de 1400 páginas que foi um sucesso extraordinário - foi um dos maiores sucessos da história da Quetzal. Às vezes o facto de ele não dar entrevistas, pode ser usado a nosso favor. Nós fizemos uma *dance party* no lançamento do Roberto que ocupou meia página do *Times* de Londres porque eles nunca tinham visto fazer uma *dance party*, uma festa no Cais do Sodré, para o lançamento do livro de um autor morto. Fizemos duas, aliás. Uma cá em Lisboa e outra depois no Norte para outro livro, completamente diferente. Pusemos as pessoas a dançar, da meia-noite às cinco da manhã, num bar de praia da Póvoa de Varzim, em pleno mês de fevereiro, com chuva e vento, para festejar o lançamento. O que é que nós conseguimos? Conseguimos criar essa mitologia à volta do Roberto Bolaño que, tirando ser um autor absolutamente magnífico, estava morto, não dava entrevistas, não aparecia na televisão. Mas precisamente a literatura não tem a ver com essa realidade quando nós queremos promover um autor. Nós podemos fazê-lo para lá dessa realidade dos *media*. Criámos pins do Bolaño, grafitis, fizemos vídeos... Transformámos o autor num autor vivo. E isso é que é trabalhar. Assim é que os editores deviam trabalhar com todos os livros. Infelizmente não posso fazê-lo com todos.

#### **7) Na sua opinião, a crítica literária pode contribuir para a venda de livros em Portugal?**

A crítica literária não. Poderá contribuir para 1 ou 2 %. Os fatores que levam hoje as pessoas a comprar livros têm a ver com outras coisas para além da crítica literária. A literatura propriamente dita é uma coisa que pode fascinar 3-5% dos compradores habituais de livros. Não considero que seja crítica literária um artigo publicado no *Diário de Notícias*, é uma

coisa publicada na *Colóquio de Letras*. Isso é crítica literária. Hoje o que temos é um jornalismo cultural com incidências literárias, na área dos livros, que pode ajudar, aí sim, a vender livros. Mas imagine são duas páginas por semana na imprensa generalista, mais uma página de livros no Sol, mais três ou quatro páginas de livros no Expresso. É isso?

Se eu tenho um livro sobre Vladimir Putin [o entrevistado refere-se ao livro *A Mística de Putin*, de Anna Arutunyan, lançado em outubro de 2014] prefiro que o livro seja falado num espaço sobre política internacional ou se tenho, por exemplo, este livro da Simone de Beauvoir que vai sair agora a nova edição, *O Segundo Sexo*, que é o livro fundador do feminismo, prefiro que isto seja tratado não como uma novidade literária, mas pelo seu papel na história do feminismo. Portanto, há muitas maneiras de abordar o impacto daquilo que é publicado na imprensa sobre os livros. Havia um grande editor, o Figueiredo Magalhães, criador da Editora Ulisseia, que dizia “o que é preciso é que falem de nós, ainda que seja bem”, que é a perversidade levada ao seu máximo.

#### **8) Considera que os críticos literários podem ser considerados pela sociedade como líderes de opinião?**

Não, há pessoas que escrevem que são líderes de opinião. Temos aqui um problema e esse problema é a definição de crítica literária. Crítica literária é fazer uma recensão de um livro? É escrever sobre um livro? Ou é fazer uma crítica literária? Acho que fazer recensões de livros, falar e escrever sobre livros, pode não ser exatamente crítica literária. Crítica literária hoje, na imprensa, provavelmente é o que faz o António Guerreiro, em Portugal; ou o que faz o James Wood na Inglaterra ou nos EUA. São coisas muito especializadas. Claro que eles têm opinião, claro que a sua opinião pode contar, mas é como a dos críticos de cinema. Lembro-me de nos anos 80 ou 90 dizermos quantas estrelas deu [determinado crítico] a um livro ou a este filme? Deu 4, então não vou ver. Portanto, têm opinião não sei é se lideram a opinião. Ainda hoje isso se passa. Acho abominável as estrelas dadas a um livro. No outro dia aconteceu uma coisa extraordinária no *Público*: um livro de uma autora contemporânea tinha 5 estrelas, o livro da Jane Austen tinha 5 estrelas, quer dizer, mas são iguais? Então o Tolstói tem 5 estrelas e o livro de uma senhora que acabou de publicar o seu segundo livro já tem 5 estrelas? O Tolstói demorou 20 anos para chegar a esta versão da “Guerra e Paz”. Esse mundo das estrelinhas acho completamente abjeto e não me interessa nada.



### 9) A Revista *LER* não tem campanhas promocionais com editoras?

Não. A nós, no caso da *LER*, interessa-nos aquilo que são artigos bem feitos seja sobre o que for, bem escritos. Temos uma pessoa a escrever, não para este número que vai sair agora em dezembro mas para o número de março, sobre golfe, outra sobre boxe. São escritores. A *LER* mudou muito. Tem a ver com as suas duas fases: há uma fase em que a *LER* é uma revista mensal e, portanto, tem que ir para as bancas, que é esta fase em que o seu papel é muito mais jornalístico, tem entrevistas, tem coisas sobre autores. Agora é completamente diferente: tem textos de escritores seja do que for, é muito mais literário, é muito mais texto do que era antes. Agora sim é uma revista muito mais literária.

O conceito é esse: uma revista literária é uma revista onde se escreve bem. Nós temos hoje, cada vez mais, a necessidade de encontrar uma revista onde se escreve bem, onde os textos são bem escritos independentemente dos temas, porquê? Antigamente pensava-se que as pessoas que gostavam de livros, gostavam de literatura. Não é verdade. As pessoas que gostam de livros, gostam de cinema, de roupa, de passear, de viagens, de carros, de comida, de vinhos, de música. E a história mais engraçada que há sobre isto é a história da *Amazon*. Em 2008, os livros não entraram no relatório de contas da *Amazon* porque já não eram negócio. O que o Jeff Bezos conseguiu com os livros foi criar uma *mailing list*, foi criar um mercado. Criou um mercado e então percebe que as pessoas que compram livros são um mercado absolutamente notável, são aqueles que depois vão comprar *gadgets*, produtos tecnológicos, comida, roupa, tudo aquilo que ele vende. No cômputo da empresa os livros já não dão grande lucro. No outro dia vinha um artigo na *New Yorker* sobre isso, em que eles vão entrevistar um acionista do Arkanssas e perguntam-lhe “esta questão dos livros na *Amazon*” e ele respondeu “Livros, mas a *Amazon* vende livros?”. Nós é que estamos muito vidrados. Muitas vezes, as pessoas dos livros estão muito vidradas nas coisas dos livros, são muito sitiadas pelas coisas dos livros, nem sequer imaginam que há mais coisas além disso. Ficam muito chatas essas pessoas.

### 10) No caso da revista *LER*, têm conhecimento de que se falam dos livros e os expõem literariamente, se essas campanhas têm algum efeito?

No nosso caso, claro que temos os editores, que estão interessados em que falemos dos livros deles, como é evidente. Mas isso é o normal.

**11) Conseguem perceber se os editores [e as editoras] venderam mais, ou menos?**

O mercado português é uma coisa mínima. Eu costumo dizer que os leitores, os *heavyreaders* portugueses, são 3 mil. E vão sendo 3 mil aqueles que compram quase tudo. O impacto sobre o mercado é muito reduzido. Temos uns 6/7 autores que vendem mais do que 10 mil exemplares em Portugal: José Rodrigues dos Santos, Eduardo Agualusa, José Luís Peixoto. São os que vendem assim... O resto é muito difícil.

Nem nós somos capazes de avaliar o impacto porque, por exemplo, o José Rodrigues dos Santos... Ele não foi entrevistado por nenhum crítico literário, não houve críticas ao livro e ele já vendeu 20 mil [exemplares] deste último e vai vender para aí 40 mil. E porquê? Porque há outras formas de promoção. São pessoas que chegam ao livro não através da literatura, mas através da televisão, do impacto da projeção que ele tem. É muito difícil avaliar isso.

**12) As efemérides relacionadas com os autores são motivo de edições especiais por parte da *Revista LER*? Em caso de resposta afirmativa, porquê?**

Porque as pessoas devem ter memória. Se faz 100 ou 200 anos do nascimento de um autor, se faz 100 anos a publicação de “A Origem das Espécies”, se faz 100 anos o nascimento do Hemingway, obviamente que nós devemos tratar do assunto. Portanto, as efemérides têm a ver com a nossa memória, têm a ver com a história, com o nosso respeito pela história e com o nosso respeito pelos autores. Geralmente não se enquadra em nenhuma campanha comercial ou promocional. Agora os editores... Imagine que faz 150 anos do nascimento de Machado de Assis. Se eu for editor de Machado de Assis, e toda a gente hoje é editor de Machado de Assis porque já não há direitos, posso publicar um livro dizendo “para assinalar os 150 anos de Machado de Assis”. Isso é vulgar. A *LER* pode fazer isto num caso ou outro. Imagine o centenário do nascimento do Julio Cortázar, foi este ano. Fizemos um artigo? Sim, fizemos, como fizemos de outros autores. Porquê? Isto tem alguma coisa a ver com uma campanha, com uma promoção? Não, tem a ver com a história, com a nossa memória.

**13) Existe *branding* literário em Portugal? Onde reside a construção do *branding*?**

Existe, como existe *branding* de tudo, desde que haja uma entidade comercial tem que haver. Tem que haver uma designação, um nome, uma marca. Há pessoas que o procuram

mais, que o têm mais do que outras. Se nós pensarmos em algumas marcas como Margarida Rebelo Pinto ou José Luís Peixoto, são coisas completamente diferentes, mas cada um tem a sua. Como tinha Saramago, como tinha Lobo Antunes. Só que a dimensão do mercado é muito limitadora. Não é limitadora, mas exige que tenhamos muito mais cautela quando falamos de *branding* porque é um mercado muito diminuto. Um *bestseller* hoje, em Portugal, é um livro que vende acima de 5 mil [exemplares]. Já é um *bestseller* e isso é meio estranho.

Acho que os autores hoje procuram conhecer muito bem o seu mercado. Tenho exemplos com autores, alguns meus outros de outros editores, eles conhecem muito bem o mercado, sabem exatamente a quem é que se dirigem, conhecem os leitores porque contactam com eles nas feiras e através do Facebook, etc., e, portanto, eles também já manejam esse universo. Este lado das chamadas redes sociais ligado à literatura e aos autores... Há autores que mantêm o contacto permanente e diário com os seus leitores através do Facebook. Sai um livro deles e aparecem todos no lançamento vindos do Facebook. Esse já é um fenómeno.

Nós tivemos esse caso de que lhe falei, só para não falar em autores vivos e falar em autores mortos como Bolaño, que criámos de facto e ficámos muito contentes por criar esta designação, esta coisa “Bolaño”. Na altura falava-se da Quetzal e dizíamos, “mas que editora é?”, porque na altura era uma editora pouco falada. “Mas o que é que vocês publicaram?” e nós “Bolaño” e [as pessoas] “pronto, já sei, foram vocês”. De modo que isso foi importante.

## **Apêndice n.º 6: Entrevista a José Carlos de Vasconcelos**

A entrevista ao Diretor do *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, José Carlos de Vasconcelos, realizou-se no dia 17 de abril de 2015, na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa.

### **1) Os meios de comunicação social escritos são benéficos à promoção das obras literárias?**

**Em caso de resposta afirmativa: Meios de comunicação generalistas?**

Claro, se souberem promover. Eu não gosto muito da palavra promover. Promoção tem assim um ar um bocado de publicidade, um misto de publicidade e de saldo, o “estar em promoção”. Agora, obviamente que [os *media*] são mesmo indispensáveis para o conhecimento dos escritores e dos artistas, para o conhecimento da sua existência e da existência das suas obras e para levar as pessoas a lê-las. Mas é claro que, falando de órgãos de comunicação, abrange coisas muito diferentes, nomeadamente a questão da televisão que teoricamente é a que pode contribuir mais para esse conhecimento alargado mas que, além de entre nós infelizmente não o fazer, até já fez mais. Eu fiz o primeiro programa dito literário, mas era muito especial na televisão, pós 25 de Abril, logo em 74, chamado *Escrever é Lutar*. Pode ser positivo ou pode não ser. E às vezes criticando o facto de a RTP, designadamente porque é o serviço público, não ter programas culturais e literários ou quando tem é às tantas da madrugada e não ligam nada, ao contrário do que já aconteceu com o *Acontece*, de Carlos Pinto Coelho, que era diário/semanal, era um noticiário na Antena 2, depois das notícias, no chamado horário nobre. Na Antena 2 era uma coisa muito positiva porque era muito de divulgação. Atualmente isso não existe, o que é muito mau. Mas focando-me porque só isso dá para tanta conversa, é bastante bom se souberem fazer as coisas, em relação à televisão e aos jornais em parte também. Portanto, a parte noticiosa é fundamental. As pessoas têm que saber que as coisas existem, que os livros aparecem, que os escritores trabalham, que andam aí. E o que acontece é que, em geral e voltando-me a focar na televisão, nos noticiários, designadamente generalistas, a cultura nunca aparece. Só quando morre alguém, já é um bocado tarde. Enquanto, por exemplo, o futebol que tendo horas e horas do próprio futebol - eu até acho muito bem porque é das raras coisas que vejo quando são jogos que acho bons -, depois tem horas e horas de paleios absolutamente insuportáveis, em programas próprios e além disso aparece nos noticiários generalistas quando é caso disso.

Em relação aos programas mais especializados, eles podem ser muito positivos ou bons quando são feitos em termos de ajudar as pessoas a gostar e isso pode ser feito, nomeadamente em matéria de poesia que é o que eu tenho mais experiência porque andei muitos anos a dizer poemas pela pátria, a partir das próprias obras. Se são grandes análises e coisas muito universitárias, no bom e no mau sentido porque às vezes são uma espécie de autópsias das obras ou são feitas em linguagem que faz crer que a literatura, a criação, é só para pessoas muito inteligentes e isso acaba por ser negativo. Resumindo, isso tem muitos ângulos, mas é evidente que a comunicação social é fundamental para a divulgação, para a promoção no bom sentido, se for bem feita. Se for, antes de mais, noticiosa e se ajudar as pessoas a gostar como, na minha opinião, até a análise e a crítica não especializada deve ter uma dessas funções ou a função principal é essa: é iluminar as coisas e é ajudar as pessoas a, não quero dizer compreender porque há coisas não têm que compreender no sentido de explicar, mas de ajudar a gostar, a saber gostar.

**2) O *Jornal de Letras*, por causa do centenário de *Orpheu*, teve a entrevista com o Professor Eduardo Lourenço... A questão de voltar atrás, voltar a estes autores nos meios de comunicação mais específicos, até que ponto é mais ou menos benéfica do que nos generalistas?**

É diferente... O *Jornal de Letras* pressupõe que as pessoas que o lêem, que o comprem, que o assinam, são pessoas que têm um especial gosto por estas matérias, são pessoas dedicadas a matérias. Nos generalistas não é assim. Isso, inclusive, justifica ou obriga a que, em princípio, as linguagens utilizadas, os ângulos de abordagem jornalística, etc., sejam diferentes ou possam ser. Embora quando havia suplementos literários - e agora de certa forma voltou a haver, não literários mas de cultura em geral, como o *Ípsilon*, do *Público* - é diferente porque é um suplemento dentro de um jornal generalista. O que acontece é que, muitas vezes, as pessoas que escrevem aí não têm em conta o meio, às vezes são até, eu quase diria, um pouco mais elitistas no mau sentido porque os grandes universitários sabem muito. As grandes figuras, e há exemplos não só aqui como há várias no estrangeiro, muitas vezes têm a capacidade de saber falar para o público a que se estão a dirigir de uma forma simples ou mais simplificada. Enquanto às vezes outros não têm essa qualidade, essa capacidade e gostam de demonstrar conhecimentos. Portanto, quer na linguagem utilizada,

quer na abundância ou superabundância de citações, na estrutura das peças, acabam por não contribuir, por não ter essa ação positiva que poderiam ter.

Seja como for, em relação aos generalistas ou a um jornal que é especializado, eu nunca chamei ao JL um jornal especializado, sempre disse que o Jornal de Letras é jornalismo como outro qualquer. Fui diretor desde o Diário de Notícias à televisão, etc., e no jornalismo o ângulo é sempre o mesmo. Os temas é que mudam e a forma de abordagem há-de mudar consoante o tipo de jornal e o público a que, em princípio, se dirige e quer atingir, embora a tendência tem que ser para chegar a mais gente. Quando trato destas coisas como jornalista - e não como jornalista, como cidadão, como homem ligado à cultura e à poesia sobretudo - o meu princípio é sempre o mesmo. O Pablo Neruda dizia: “a poesia é como o pão, deve ser para toda a gente”. A aspiração é essa e a forma como se tratam as coisas é essa.

Na minha longa experiência tenho tido alguns casos com que fico muito contente em relação a isso da linguagem, de pessoas que são das que mais sabem em Portugal e que tinham uma linguagem muito fechada, muito hermética, muito técnica e que com o tempo conseguiram mudar isso e quando escrevem para o JL, como quando escrevem para um jornal ou para a Visão, têm hoje uma linguagem, uma forma de escrita com muito maior legibilidade e que, portanto, alcança esses objetivos. Um exemplo absolutamente nítido é o da Maria Alzira Seixo, uma das pessoas que mais sabe de literatura em Portugal e que tinha uma escrita nos trabalhos científicos que era muito fechada e que hoje escreve de uma forma totalmente diferente para o jornal. Chegou a fazer, até para a Visão, coisas de 3 mil caracteres perfeitamente claras, legíveis e dentro dessas características.

### **3) De que forma é que esses meios podem incentivar a aquisição de obras literárias?**

Nada disso se faz, quer dizer, agora vamos incentivar à criação de obras literárias, a não ser, obviamente, se for um incentivo para os mais novos, aquelas secções de início. A mais famosa desde que estou no jornalismo, há mais de 50 anos, foi o Diário de Lisboa Juvenil do Mário Castrim, onde começou muita gente, alguma das quais ainda está em atividade e ótima como a Nélia Correia, a Alice Vieira que depois até casaria com o Mário Castrim e o ajudou a coordenar, o Eduardo Prado Coelho... Muita gente. Depois também houve em outros jornais, mais recentemente no DN que numa certa altura teve o DN Jovem. Mesmo o JL, teve uma coisa que se chamava a Prova dos Novos. Portanto, isso pode ser, e muitas

vezes é, um bom incentivo para as pessoas começarem. Dá muito trabalho para ser bem feito, para ter essa eficácia uma pessoa tem de ter uma grande dedicação a isso. Era o caso do Mário Castrim que respondia a toda a gente, ao mesmo tempo era muito compreensivo, obviamente tem de se atender às possibilidades, mas também não era de uma transigência que dizia “tudo muito bem”, “ótimo”, nesse sentido. No resto, pode haver um incentivo à criação na medida em que contribui para haver mais público, para haver uma maior consciência e um maior gosto por estas coisas. Mas acho que isso acontece sobretudo se valorizar a criação dos próprios criadores e foi o que eu sempre quis no JL. Isto é, valorizar a obra e não a análise, o que sobre ela se diz, porque nada substitui a própria obra. Obviamente não estou a tirar interesse a muitas coisas que se fazem sobre isso senão não fazia jornais, só tentava publicar livros.

#### **4) E quanto à compra de obras literárias. Pode ajudar?**

Sim, claro, pode ajudar muitíssimo. E é uma das razões pela qual faz falta programas na televisão, sobretudo nessa área. Em França, por exemplo, o programa do [Bernard] Pivot fazia vender dezenas e dezenas de milhares de livros. Em Portugal não há isso, mas posso dizer que o JL, mesmo sendo uma coisa mais restrita, ajuda muito a vender livros e houve uma fase em que isso ainda aconteceria mais.

Lembro-me que quando saiu a primeira edição da tradução portuguesa do *Ulisses*, de James Joyce, que era um grande risco porque é uma obra difícilima, ela vendeu-se bastante bem. Acho que a 1.ª edição esgotou rapidamente e graças ao JL que deu destaque. Tínhamos uma coisa na 1.ª página sobre ela feita pelo Miguel Esteves Cardoso que nessa altura era nosso colaborador. Depois até houve uma pequena polémica entre ele e o António Houaiss, especialista brasileiro e autor do célebre *Dicionário Houaiss*. Esse foi um exemplo que quase posso considerar de escola de vender um livro. É óbvio que faz vender e nós hoje, infelizmente não se sabe, nem sequer publicidade temos. A concentração das empresas fez com que até editoras que faziam publicidade normalmente no JL deixaram de fazer, por exemplo a D. Quixote e a Caminho são do Grupo Leya que não faz nada, mas a D. Quixote tinha um anúncio de página inteira no JL, numa altura em todos os números e noutra número sim, número não, em que tinha uns cupões para as pessoas encomendarem livros,

já não me lembro se tinham um desconto de 10% ou isso, e [as editoras] recebiam um número significativo de coisas dessas.

**5) O JL tem conhecimento da repercussão dessas campanhas promocionais e de recensões críticas?**

O jornal não faz campanhas, muito menos promocionais, só as campanhas humanitárias mesmo. Mas é óbvio que tenho a certeza absoluta, dado muitos índices e dados, que falar das coisas ajuda a vender. Se for falar em sentido positivo e algumas das pessoas que escrevem são mais conhecidas ou respeitadas as suas opiniões por isto ou por aquilo, obviamente que tem uma grande influência nas vendas. Mas, como digo, no *Jornal de Letras* isto é sempre relativo. Se fosse um programa de televisão muito visto em que isso se desse, então... O exemplo do Pivot era grande e o *Acontece* também se sabia que contribuía. Eu não sei porquê - é um bocado ridículo - mas o único sítio e horário em que se fala ou não fala de livros é alguém que diz os que vão saindo, é o Marcelo. Não sei se há dados, mas admito que se o Marcelo disser "este livro é muito bom" e dissesse alguma coisa sobre ele que, em geral, não diz - não tem tempo, é evidente que não os lê - que faria vender um número bom de exemplares.

**6) Na sua opinião, a crítica literária pode contribuir para a venda de livros em Portugal?**

Sim, pelas razões que acabei de dizer.

**7) Considera que os críticos literários podem ser considerados pela sociedade como líderes de opinião?**

Dentro desse pequeno estrato um ou outro pode. O problema é: o que é que são hoje críticos literários? Há muita gente a escrever sobre livros que não se pode considerar que seja crítico literário e que não tem um magistério - entre aspas e com todas as reservas - como em certas alturas houve. Há em todo o Mundo, onde há dinheiro e em que estas coisas não são muito amadoras como cá, essa possibilidade dado o número de leitores, o dinheiro, etc., que são críticos literários profissionais. Essa é a sua profissão, têm uma coluna fixa, veem todo o tipo de livros.



Em Portugal, houve uma fase em que havia isso. O mais famoso, para o bem ou para o mal, foi o João Gaspar Simões, na *Presença*, por exemplo - que foi exatamente quem fez a primeira biografia do Pessoa. Gaspar Simões tinha uma coluna no Diário de Notícias e é evidente que numa fase tinha uma influência dentro deste nosso pequeno mercado sobre a venda de livros - uns consideram que era muito bom, outros que era muito mau a partir de certa altura, agora para o caso não interessa. E depois o Diário de Lisboa que era o jornal de mais prestígio, mais literário, teve uma fase que tinha um crítico todas as semanas que escrevia sobre vários tipos de livros, desde o Mário de Sacramento, o Alexandre Pinheiro Torres, mesmo o Eduardo Prado Coelho, etc. Isso pode ter influência nas vendas. Também eram poucos a escrever sobre livros de forma regular, hoje há muito mais, mas não há quase ninguém que tenha esse prestígio e essa marca, designadamente o Eduardo Prado Coelho que tinha uma espécie de tribuna crítica. Hoje isso verifica-se pouco, mesmo até nos mais novos e que aparecem mais, como o Pedro Mexia que escreve sobre várias coisas e não é propriamente uma tribuna crítica. Depois, como há muitos, nomeadamente nesses jornais que têm mais dinheiro como o Expresso Livros e o Ípsilon, do Público, há uma grande dispersão além de, por outro lado e cada vez mais, falarem muito de escritores estrangeiros que as revistas estrangeiras já falaram e que dá uma grande dispersão. No JL - e é uma opção porque o JL foi criado para defender a criação, a cultura, a língua, mas valorizando os criadores e na base da língua portuguesa - não podemos falar de todos. Não temos meios humanos, nem económicos, nem de espaço para isso e há uma clara preferência: são os autores de língua portuguesa e, naturalmente, mais os portugueses, por meios e porque no Brasil, a que aliás estou ligadíssimo porque o JL tem uma grande presença lá, não é possível. É claro que era ótimo, se tivéssemos meios, ter um crítico especializado na [literatura] do Brasil que escolhia e falava só do que recomendava.

Uma das críticas que fazem ao JL é que no JL praticamente se diz bem de tudo. Ora, o que acontece é que é preciso fazer opções e mesmo em relação às pessoas e nós hoje temos no JL, nessa matéria de crítico, um que tem uma tribuna crítica e que será dos mais senão o mais respeitado porque ao mesmo tempo é criador e abrange várias áreas - é ensaísta e pensador - que é o Miguel Real e tem que se escolher. Há dezenas de coisas e escolhe-se o que vale a pena falar. Não se vai escolher uma coisa que é uma porcaria. É óbvio que tem interesse falar de alguém até que há uma grande expectativa e depois aquilo não presta

para nada, mas o que me parece natural e aconselhável é que se fale daquilo que vale a pena. E eu sei muito bem que é mais fácil ter êxito e ser falada uma crítica que destrói. Há vários exemplos de pessoas hoje conhecidas, como o Torga que dizia "quase que devia era reprovar na 4.ª classe" e fazia coisas aliás de uma grande falta de respeito pelo trabalho de alguns autores porque isto também é trabalho. Isso dá uma fama passageira [ao crítico] mas do ponto de vista da eficácia, e às vezes até da decência e do que importa, acho que devemos falar fundamentalmente do que vale a pena.

**8) Considera que as críticas que saíram nos jornais sobre *Orpheu* tiveram impacto nos números publicados?**

Por outro lado, pode dizer-se que a forma como falaram delas porque se falassem apenas do ponto de vista literário não teria quase nenhum impacto, [*Orpheu*] teve um grande impacto exatamente pelo tipo de crítica que lhe fizeram. Acabou por ser uma grande publicidade.

**9) A imagem dos autores ficou...**

Claro, ficou para a generalidade das pessoas como os maluquinhos ou os doidos e é óbvio que da parte de *Orpheu*, julgo eu, numa parte isso seria desejado. Havia uma atitude, uma certa provocação, é óbvio. Hoje essa expressão já não se usa, mas antigamente usava-se muito em relação aos artistas do surrealismo e depois na altura em que o francês é que dominava, era o *épater le bourgeois* [impressionar os burgueses]. E isso obviamente também teve esse aspeto. Portanto, esse tipo de reação, de ataque e de crítica, do ponto de vista da visibilidade e da fama, até terá sido positivo. Do ponto de vista do que isso causou nos próprios autores e se isso contribuiu para que a revista não prosseguisse, não sei. Mas cheira-me que não deve ter tido grande impacto porque o que se diz é que aquilo deixou de sair porque quem dava o dinheiro era o pai do Sá-Carneiro e deixou de ter dinheiro para isso senão continuaria a sair.

Aliás, há outra coisa: isso que está a referir em geral não foi crítica nenhuma, era uma reação de carácter não crítico e não eram nomes assim com grande prestígio literário, artístico, cultural. Eram jornalistas, políticos ou outro tipo de gente.

**10) As efemérides relacionadas com os autores são motivos de edições especiais por parte do *Jornal de Letras*? Em caso de resposta afirmativa, porquê?**

Edições especiais não temos feito porque não temos meios. Ainda agora morreu o Manuel de Oliveira que conhecia desde os 15 anos, das pessoas com quem fiz mais entrevistas e reportagens e a que o JL deu longa atenção. Não fizemos um número especial. Não temos hipótese nenhuma. Por acaso fizemos na Visão para a qual, aliás, foi uma grande entrevista que lhe fiz nos 100 anos e também uma reportagem, a última coisa que fiz com ele, acompanhando-o a filmar, tinha ele 98. Mas dedicámos-lhe o tema, a capa e muitas páginas - são sempre menos do que eu queria. Só com o material que temos ao longo do tempo fazia um número só sobre o Manuel. Um número muito bom - não tenho dúvida - porque ao longo do tempo publicámos coisas ótimas sobre ele, desde a primeira entrevista. Ele foi a nossa primeira capa de um cineasta, o número 10 do JL, e temos uma entrevista com ele feita pelo Henrique Alves Costa que foi o fundador do cineclubismo em Portugal, Presidente do Cineclube do Porto e que foi um homem que tinha uma grande ligação com ele, que o apoiou sempre e que era uma pessoa fantástica; do Eduardo Prado Coelho, era um dos meus três colaboradores que fazia editorial e que é um homem muito dado ao cinema e, aliás, escrevia muito bem sobre cinema e de forma muito clara - às vezes na literatura metia-se muito nas citações; pelo Fernando Assis Pacheco, meu camarada desde Coimbra, grande poeta, era o chefe de redação; até textos do próprio Manuel de Oliveira, análises da Agustina, etc.. Mas não temos espaço e fizemos 10 ou 11 páginas. Agora mesmo assim com textos que, lá está, não há hipótese, um homem como o Manuel de Oliveira com a extensão da obra fazer uma análise filme a filme, muito aprofundada, portanto optei por ter um texto geral de uma pessoa que teve uma tese de doutoramento sobre ele e depois, e felizmente alguns escreveram, um texto grande de Luís Miguel Cintra que conta essa ligação com ele; da filha da Agustina, a Mónica Baldaque, sobre a relação entre a mãe e ele que era muito interessante porque o Manuel de Oliveira tinha uma grande admiração pela Agustina e pegava muito nos livros dela para os filmes mas depois dava-lhe a volta e mudava aquilo tudo e a Agustina ficava muito zangada - a relação entre eles era de mútua admiração mas de uma constante dialética; do produtor dele agora que sabia dos projetos que ele iria ter, o Luís Urbano. Tinha um texto muito maior do Eduardo Lourenço que tinha saído numa revista há muitos anos e era quase inédito. mas que não coube e páginas de uma autobiografia inédita que eu tenho porque sempre gostei muito de pôr os autores a falar deles e fiz uma coleção de autobiografias para o jornal e convenci-o a escrevê-la em 80 e tal. Só que depois

não acabou e pediu-me para só publicar quando acabasse e ia sempre dizendo "quando não tiver mais nenhum filme". E claro: morreu aos 106 anos com vários filmes por fazer e a autobiografia ficou ali. Publico algumas páginas dela, inédita.

Portanto, as efemérides são ótimas porque, de facto, uma coisa de jornalismo obviamente é a partir da atualidade mas, em matéria de cultura, de criação artística e literária, acontece que muitas vezes fala, tem que falar e deve falar do atual dando-lhe grande relevo, embora há uma coisa que digo sempre que é: eu detesto a moda. Andar atrás das modas e, sobretudo, as modas literárias que há aí uns tipos que têm muito êxito e depois há os *lobbys* e resistir aos *lobbys* é sempre uma das minhas preocupações ou nem é preocupação, para mim natural é reagir contra isso. É uma moda, elogiam-se todos uns aos outros, têm grande eco... Coisas que não prestam para nada. Aliás, há uns 30 anos [existiam alguns] e desapareceram completamente, não existem. Enquanto grandes escritores deixa-se de se falar e, às vezes, ao fim de pouco tempo. Há um exemplo na poesia portuguesa, o José Gomes Ferreira, que é um grande poeta mas não se fala, não se tem falado. Está a publicar um diário de anos em anos que ainda vai em 1960 e tal. Outro ainda mais recente é o José Cardoso Pires, com um estilo de criação de língua que é coisa ao nível de Saramago. São muito diferentes entre si e uma coisa de primeiríssima qualidade em todos os aspetos.

Agora até fiz uma secção, infelizmente pela tal falta de espaço acaba por ficar para trás, chama-se *Revisitações*. No outro dia saiu uma coisa sobre Fernando Namora que foi o escritor português mais traduzido durante os anos depois de Ferreira de Castro. Admito que poderia ser demasiado valorizado em certa altura exatamente porque era o Namora, mas hoje é ao contrário, ninguém fala e acham que é um escritor que nem existe, moderno, desses rapazinhos. É um bom escritor, é humanamente fantástico e ninguém fala. Portanto, é preciso voltar a falar. As efemérides têm isso: permitem-nos falar de autores que se deixou de falar havendo essa âncora, esse ângulo de abordagem de atualidade. É a atualidade projetada. No caso de *Orpheu*, 100 anos depois *Orpheu* voltou a ser atual porquê? Porque é o centenário. Portanto, as efemérides no jornalismo são muito importantes nesse sentido é que permitem-nos falar a partir de uma base de atualidade de coisas que muitas vezes estão injustamente esquecidas. Não é o caso de *Orpheu*, nesse aspeto nunca esteve esquecido.

Mas são alturas para fazer reavaliações críticas, exatamente até para publicar coisas que não estavam publicadas e investigar, etc.

#### 11) Existe *branding* literário em Portugal?

Sobre o *branding*, cá o que existe são as editoras de alguma dimensão têm os seus *attachés de presse* [assessores de imprensa] que tentam fazer a sua publicidade, vender junto dos jornais os seus produtos, mas é uma coisa normal. Cá essas coisas estão muito pouco desenvolvidas e os autores que vendem mais é por fazer um tipo de literatura que chega a um maior número de pessoas e que está na moda, no sentido de um gosto dominante. Não quer dizer que não tenham qualidade. Como sabe quem vende mais cá é o José Rodrigues dos Santos. Cá e mesmo lá fora, ele está a vender muito. A própria notoriedade dos autores leva a isso e são os outros que lhe fazem a promoção. Mesmo o José Rodrigues dos Santos, que é editado pela Gradiva, não tem nenhuma máquina especial de promoção. É óbvio que sabe pôr o livro dele à venda, como autor é um autor amparadíssimo, tem um tratamento especial que se percebe, mas não tem nenhuma máquina assim... E lá para fora que eu saiba também não. Cá não há esses grandes fenómenos e essas grandes organizações de base para projetar um autor. Em relação ao estrangeiro têm os seus agentes, uns tratam melhor outros pior.

#### 12) É a notoriedade que faz com que as editoras continuem a apostar nos autores? Neste caso, relacionado com o *Orpheu*, continuam a apostar no Fernando Pessoa, por exemplo...

Sim, mas o Fernando Pessoa nem é a notoriedade, é a qualidade da obra e é vender-se. Vende-se nem precisa de... Quando falei em notoriedade é com autores como José Rodrigues dos Santos ou Miguel Sousa Tavares porque é o costume: fundamentalmente a televisão. Fernando Pessoa não tem televisão. Depois, como todas as coisas, o Vasco Graça Moura a certa altura é que usou, quando foi o centenário de Pessoa, o "tanto Pessoa já enjoa". Há muita repetição que é um mal do jornalismo, mesmo no jornalismo que se quer sério que hoje acontece muito que é falar sempre do mesmo, mas o caso do Pessoa percebe-se perfeitamente. No JL ao longo do tempo, o Pessoa deve ter sido aquele de que mais falámos e falámos constantemente. Ainda no último número, a abrir as letras, é uma autora que publicou os contos inéditos dele. E depois tem isso é que estão sempre a aparecer coisas. A maioria não acrescenta nada à sua forma, o fundamental estava

publicado, mas é óbvio que é notícia, tem interesse. O Pessoa também tem isso... O Pessoa depois da morte é um autor com uma obra vastíssima, diversíssima, que ficou em 95% inédita, que vai sendo descoberta já não se sabe como, tem estudiosos em todo o mundo e tudo isso faz com que se tenha de falar e deva falar.

**13) A diferença que existe entre ele e Mário de Sá-Carneiro, tanto em termos das obras como em termos de serem publicados, é a qualidade da obra?**

Não, o Mário de Sá-Carneiro é um poeta estimável só que tem uma obra muito pequenina.

**14) E morreu muito cedo...**

Claro. Ele é um poeta importante, morreu cedo. Agora, por exemplo, o que é para mim um grande nome da cultura, não só como poeta e romancista mas até como ensaísta e como figura, tive a sorte de o conhecer, que foi o José Régio. O José Régio valoriza mais o Sá-Carneiro que o Pessoa. Percebo que se goste, agora não se pode comparar porque o Pessoa é um fenómeno de facto quase único universalmente porque não é um, são muitos. Podia comparar o Sá-Carneiro com o Fernando Pessoa ortónimo que, aliás, é muito bom, tem belos poemas e tem uma obra maior do que a do Sá-Carneiro, está bem que viveu mais tempo... Pessoa é uma coisa que está assim quase noutro plano.

**15) Qual é o papel dos poetas nos nossos dias?**

É o de sempre: é cantar, é escrever - antigamente dir-se-ia - o que a musa lhes impuser e o que eles próprios depois forem capazes de fazer trabalhado. A poesia na minha ótica é uma coisa que nasce de uma necessidade, pelo menos no meu caso como poeta é, mas depois exige muito trabalho, outras vezes o poema pode nascer feito, completo. Isso depende muito de poeta para poeta. O Vasco Graça Moura, por exemplo, que tem na minha opinião talvez a melhor oficina poética da literatura portuguesa contemporânea, como oficina, capacidade de construção, de domínio da técnica que é extraordinário, só se compara com ele talvez o Sena falando a partir de meados do século XX, pelo menos. Dizia que não havia inspiração e que aquilo era trabalho só e tal e aliás, há quem tenha essa teoria como o João Cabral de Melo Neto. Eu não acho isso. E mesmo em relação ao Vasco e ao João Cabral, com quem eu também fiz uma grande entrevista e ficámos amigos. Foi a primeira grande entrevista que fiz para um jornal diário depois de vir para Lisboa foi com o João Cabral e é

engraçado exatamente ele usou uma imagem nessa conversa que serviu de epígrafa ao livro que reúne fragmentos de entrevistas dele e eu por acaso estava no Brasil e fui ao lançamento de um outro livro com o então Embaixador do Brasil em Portugal, o meu grande amigo e criador da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, José Aparecido de Oliveira, e estava a ser lançado um livro sobre o João Cabral que é um jornalista que depois vim a conhecer e eu vi epígrafa e ele disse-me a mim e dizia-me sempre que foi a primeira vez que usou aquela imagem e depois lá vinha de facto o crédito o que dizia o João Cabral era "Eu se fosse botar um símbolo para a poesia não punha o Pégaso porque voa, punha a galinha porque anda". Mas depois na prática isso não é bem assim.

O papel dos poetas é cantar e serem eles próprios. No meu caso, por exemplo, não ligo nada só trato dos outros, mas publiquei uns poemas, publiquei vários livros e o primeiro tinha eu 19 anos e foi dos mais elogiados, ainda não era um terrível neorrealista. Depois começaram a chamar neorrealista, numa coleção em que o primeiro foi de Fernando Assis Pacheco, o meu *Cor de Esperança*, foi o segundo - o meu segundo livro - e o terceiro foi *A Praça da Canção* do Manuel Alegre que agora faz os 50 anos e que é um exemplo de como, ao contrário do que se diz, a poesia pode ao mesmo tempo ser uma poesia que se chama de intervenção e de grande qualidade estética. Mais: a poesia só pode ser boa poesia de intervenção e ser verdadeiramente eficaz se tiver essa qualidade estética. E o caso do Manuel Alegre é paradigmático. Agora, há quem tenha um conceito de poesia só como uma coisa mais ou menos um exercício e que não tem qualidade estética nenhuma, até há poetas que a grande qualidade é não terem qualidade nenhuma. Mas eu costumo dizer, para mim ser simples, ser direto, dá muito trabalho. Eu estive 20 anos sem publicar poesia e só publiquei porque um editor que é o grande editor de poesia em Portugal, José da Cruz Santos, o homem que fez as belas edições de Eugénio de Andrade, de Sena e muitos outros. E estava para publicar um livro, depois desse que publiquei aos 19 anos e como teve críticas muito boas do Ramos Rosa convidaram-me para escrever um livro para a *Portugália Editora*, para uma coleção chamada *Novos* - onde saiu *O Espaço em Volta* e eu mandei para lá um livrinho que se chamava *O Amor entre Muralhas* só que aquilo demorou a sair e quando vi as provas já quis mudar tanto... Isto para dizer que já nessa altura esse editor, ao longo dos anos, foi sempre insistindo. A certa altura disse-lhe que tinha lá uns poemas da Póvoa [do Varzim] e da infância. Esse livro, o poema mais antigo que lá está é de 1960.

## **Apêndice n.º 7: Entrevista a Fernando Pinto do Amaral**

A entrevista ao Comissário-geral do Plano Nacional de Leitura realizou-se no dia 12 de setembro de 2015, no Centro Cultural de Belém, em Lisboa.

### **1) A literatura portuguesa é entendida pelos consumidores estrangeiros como um produto capaz de transmitir a história e a identidade portuguesas?**

Em geral, penso que sim. Nem sempre isso terá acontecido, mas penso que, sobretudo nos últimos 20 anos, os consumidores/leitores estrangeiros apercebem-se da literatura portuguesa de outra maneira, depois de dois fatores muito importantes: a repercussão muito grande de Fernando Pessoa por toda a Europa e o Nobel de Saramago. Foram dois fatores mais ou menos da mesma altura, no final do século XX - o Nobel é de 98 e a grande explosão de Pessoa é dos anos 90. Neste momento, em 2015, a resposta a essa pergunta, mesmo ainda com algumas reservas, é positiva. Eu acho que se apercebem disso.

### **2) A poesia enquanto género literário é reconhecida como património histórico e cultural na sociedade portuguesa? Em caso de resposta afirmativa, por que razão?**

Como património é claramente reconhecida, não há dúvida nenhuma, até tem um prestígio que ainda está associado à poesia. O problema é que, tal como acontece em alguns aspetos do próprio património, pode estar conotada com alguma coisa do passado, com uma herança, e, por vezes, corre o risco de não ser sentida como ainda muito viva, digamos, e esse é que é o grande desafio da poesia hoje, julgo eu. Como património histórico e cultural penso que sim. As pessoas falam do Camões, do Garrett, enfim dos poetas do passado, com essa noção de património. O problema - do próprio Fernando Pessoa que há pouco citei e de muitos mais, mesmo até do século XX, da Sophia de Mello Breyner, do Jorge de Sena, uma série deles que as pessoas sentem como património - quanto ao presente e ao futuro, à vitalidade da própria poesia, quanto a isso, quero acreditar que sim, mas tenho mais algumas dúvidas.

### **3) Qual é o papel dos poetas nos nossos dias?**

Os poetas podem ter muitos papéis nos nossos dias. O poeta de certa maneira, perante a sociedade, é um intérprete de alguma coisa que faz parte do ar do seu tempo, da atmosfera



do seu tempo. Ele tem de captar um pouco dessa atmosfera, mas também tem que dar testemunho pessoal daquilo que são as suas emoções, do que é a sua passagem por este mundo. Depois, como estava a dizer há pouco, também ligado a esse testemunho, uma afirmação de qualquer coisa diferente, vital, que faz parte do poeta e da sociedade em que ele se insere e não propriamente apenas o transmitir um testemunho do passado. O perigo maior hoje é olharmos para o poeta muito ligado apenas à transmissão de herança, de património, e não tanto olhar para a poesia como uma realidade viva dos nossos dias, que pode estar a acontecer ao nosso lado - numa esplanada, numa mesa de um café, num restaurante ou num local de trabalho, num escritório, nas nossas casas ou na rua. A poesia pode acontecer em todo o lado, como a arte, mas a poesia em particular porque é uma forma de arte, de expressão, de certo modo muito simples, muito rápida. Isto é, pode haver leituras de poemas até em voz alta ou escrita de poemas até num telemóvel ou numa folha de papel. Não é preciso uma equipa artística, uma montagem, uma despesa. É uma arte simples, barata neste sentido. Não é como fazer um filme, apesar de tudo é preciso uma câmara. Há um lado na poesia que pode ocorrer até quase instantaneamente. Estou a falar da poesia mais erudita, digamos, porque referindo-me à poesia popular, a poesia de pessoas até analfabetas mas do campo que tinham realmente inspiração poética e que eram espontâneas, improvisavam. Há poetas desses em todas as partes do país e essa poesia muitas vezes era improvisada ao desafio e as pessoas cantavam normalmente acompanhadas pela música. Esse papel também é muito importante porque o poeta aí exprimia, às vezes, sentimentos da população da sua aldeia que acabavam por vir ao de cima até numa dimensão de escárnio, satírica, sobre certas figuras da terra. Tantos papéis que a poesia pode ter.

- 4) Li uma entrevista sua de junho de 2014, na qual disse que “a morte do autor nunca vai acontecer”. Estive no Congresso *100Orpheu*, onde também falou numa das conferências, e na altura falou-se na questão de Almada Negreiros ter sido o poeta e artista da Geração de *Orpheu* que viveu mais tempo e, tendo em conta os anos que ele viveu e o reconhecimento do seu trabalho...**

O Almada, desse grupo todo, foi aquele que se assumiu mais como artista completo porque ele era, além de escritor, um grande artista plástico mas, na sua juventude e depois mais

tarde, ainda fez trabalhos de coreografia, dança, teatro. Ele era um artista multifacetado e completo nesse aspeto. Agora, o facto de ele ter vivido mais anos e o próprio temperamento dele, na realidade é o único que podemos considerar um escritor e um artista de vanguarda, um homem modernista que até passou pelo futurismo. Enfim, ele reúne em si mesmo todos esses ingredientes de um artista das vanguardas do século XX que é um aspeto que os outros companheiros de *Orpheu* como Fernando Pessoa ou Mário de Sá-Carneiro não reúnem. Isto é: são grandes poetas, obviamente, mas... O Mário de Sá-Carneiro pela própria vida curtíssima que teve, tem uma obra muito interessante, uma obra que hoje continuo a ler imenso e é uma grande obra mas, de facto, não se pode comparar do ponto de vista da intervenção pública ao Almada. Não estou a falar do mérito da obra. Há poemas do Mário de Sá-Carneiro que gosto muito mais até do que alguns do Almada, isso não tem nada a ver. Estou a falar é da intervenção pública. Mesmo o Fernando Pessoa, cuja obra literária é superior à dos outros dois, é uma obra literária com uma dimensão europeia e universal - nem tenho palavras para falar da obra do Fernando Pessoa, nem se compara nesse aspeto - mas [a obra] é uma coisa, outra coisa é a sua intervenção pública.

O Almada era um homem que gostava de intervir, que chegava a qualquer lado e as pessoas olhavam. Ele gostava que olhassem, gostava de ser o centro das atenções, de estar na berra, de que as pessoas falassem dele e de concentrar nele os olhares alheios. O Fernando Pessoa não era assim. O Fernando Pessoa escrevia a sua obra, claro que também gostava de ser reconhecido, mas gostava de estar no seu canto no café, a conversar com os amigos. Depois fazia a sua intervenção, publicava também. Aquele mito que diz que o Fernando Pessoa não queria publicar nada em vida... Ele publicou sempre em revistas, mas publicava discretamente. Havia um círculo de leitores em Lisboa, no Porto, em Coimbra, nos sectores mais cultivados, que sabia perfeitamente quem era Fernando Pessoa, mas era uma camada estreita. Agora, uma intervenção pública, aquela coisa de ser o centro das atenções, nesse aspeto o Fernando Pessoa era um homem mais discreto por natureza, por temperamento, portanto, a sua intervenção e aquilo que é o seu perfil artístico e literário é muito diferente do Almada. O Almada era um homem muito histriónico mesmo, inclusivamente tinha uma dimensão teatral muito importante. Há uma capacidade no Almada de atrair as atenções, como figura, a maneira como ele estava, a pose, que Pessoa não tinha. O Fernando Pessoa vestia-se de maneira completamente discreta, passava despercebido, era aquele género de

figura que nós imaginamos a passar despercebido na rua com o fato escuro, a gabardine e o chapéu, como havia milhares de homens naquela altura. Esse lado que o Fernando Pessoa tem que eu só compararia ao Kafka, por exemplo. O Kafka, em Praga, é um pouco isso também, com aquele fato escuro, chapéu... São figuras que literariamente são aquilo que nós sabemos, maravilhosos e com uma obra fantástica, mas que pessoalmente passam despercebidos e há outros autores que não, que dão logo nas vistas, como é o caso do Almada.

### **5) O caso de passar despercebido foi o caso de Raul Leal?**

Raul Leal é diferente, não passava despercebido. O Raul Leal tem muitos seguidores e foi sempre muito defendido pelo Pessoa. Nós sabemos a história do Raul Leal: há o aspeto da homossexualidade que é muito importante, mas também há a questão mental porque ele tinha perturbações mentais e tudo isso transformou-o num símbolo de um artista que estava fora do sistema. Isso hoje é mais aceite embora uma figura como o Raul Leal ainda hoje fosse difícil de aceitar por certos sectores porque não era só a questão da homossexualidade. Hoje em dia a homossexualidade é aceite mas é se as pessoas se portarem com aquelas regras. Raul Leal não era assim, tinha algumas perturbações de comportamento. Fernando Pessoa vem defendê-lo, faz textos que são conhecidos sobre isso, aliás, essa é uma boa questão porque o Fernando Pessoa acaba por utilizar o Raúl Leal - com António Botto também se passou um caso parecido - para vir ao espaço público defender o direito à diferença, o direito à homossexualidade e a uma série de aspetos que ele talvez não tivesse coragem de lidar pessoalmente. Portanto, através dos outros, de figuras como o Raul Leal ou o António Botto, ele acaba por abordar isso.

Ainda hoje a sexualidade de Fernando Pessoa é muito debatida. Sabemos que no Álvaro de Campos há uma dimensão homossexual clara e mesmo no Fernando Pessoa, como um todo, essa questão pode ser muitíssimo debatida. Não vou entrar agora por aí e também não existem muitos dados que nos possam encaminhar num sentido. Provavelmente teria essa dimensão, mas as pessoas muitas vezes não são uniformes, quando são personalidades muito ricas podem ter várias dimensões. O facto é que ele usa o António Botto e o Raúl Leal para isso. Esse aspeto dá-nos a perspetiva de uma grandeza mental e de uma amplitude de horizontes que Fernando Pessoa tinha no Portugal dessa época e não era muito frequente.

Portugal, com exceções como Fernando Pessoa e outros, era, em geral, um país muito conservador, com uma mentalidade muito fechada mesmo.

**6) Considera que a obra de Raul Leal é reconhecida pela sociedade portuguesa?**

Pela sociedade não. É reconhecida pelas pessoas que gostam de poesia, do modernismo e que se interessam por estas coisas. São algumas centenas de pessoas, vamos dizer assim, talvez umas mil pessoas no máximo, mas pela sociedade certamente que não. A sociedade portuguesa conhece nomes como Almada Negreiros, Fernando Pessoa e mesmo como Mário de Sá-Carneiro. Às vezes nem é através das suas melhores coisas, mas uma imagem ou outra, a própria vida que é bastante trágica, o suicídio em Paris. O Raul Leal não é uma figura. Se for interrogar em Belém “sabe quem foi Raul Leal?”, as pessoas não têm essa noção.

**7) O que é que justificaria que, por exemplo, Fernando Pessoa possa ser considerado um símbolo de Lisboa...**

Sim, claramente.

**8) Almada Negreiros também pode ter algumas ligações à cidade e mesmo Mário de Sá-Carneiro pela sua vida...**

Imenso. Almada Negreiros está marcado até como artista plástico. Nós vamos pela cidade e encontrámos painéis, há uma igreja muito interessante dos anos 40/50 - Igreja de Nossa Senhora de Fátima, que fica em frente à Universidade Nova - com vitrais que são do Almada, dessa época em que ele estava a produzir, a meio do século XX. Era um homem de meia-idade nessa altura. O Almada tem esse aspeto: está presente em Lisboa. E mesmo os outros autores.

Agora entrando na parte social, hoje em dia os mecanismos de divulgação literária - eu trabalho muito com editoras e nós todos lemos jornais, blogues e a internet -, o que é que acontece? O que é que era preciso fazer para que o Raul Leal, de repente, vir a ser assunto? Era alguém, um investigador ou uma investigadora, da parte literária ou sociológica, interessar-se pelo Raul Leal - como o João Pedro George que fez uns trabalhos até bastante interessantes sobre os escritores malditos [refere-se ao livro *O que é Um Escritor Maldito* do

autor]. Mas, no século XXI, isto tem de ser uma coisa muito organizada: um investigador, um fã, um obcecado pelo Raul Leal de repente ir ter com uma editora - tem que ser também uma editora com algum peso - e dizer: “vamos fazer um grande livro com fotografias, com documentos inéditos, uma coisa assim bem chocante e bem forte sobre o Raul Leal”. Uma biografia, por exemplo: as perturbações que ele teve, todas as polémicas em que se meteu. Depois, uma editora - pode não ser dos grandes grupos, até pode ser uma editora mais pequena - lançar o livro com um certo impacto, um livro sobre uma figura que hoje em dia não está na primeira linha mas com entrevistas ao autor, aquela coisa do *Henoch* e os poemas dele. De repente, num mês ou dois, com entrevistas, com o lançamento, com a presença nos jornais e na internet, etc., começava-se a falar do Raul Leal. Isso poderia chamar a atenção. Agora, o Raul Leal é uma figura que, em si mesma, precisa de algum trabalho de investigação porque certamente haverá pormenores da vida dele que muita gente desconhece e que teriam que ser investigados. Até é capaz de haver algum inédito, não faço ideia. É diferente.

Vou dar-lhe um exemplo: estamos em setembro de 2015 e está-se a comemorar os 250 anos do nascimento de Bocage que foi em 1765. Aqui em Lisboa, ali nas Juntas de Freguesia da Baixa, como o Bocage ainda esteve muito tempo em Lisboa - ele é de Setúbal mas passou muito tempo da juventude e da vida adulta aqui em Lisboa – estão a comemorá-lo. Fizeram um programa de comemorações esta semana com debates, lançaram uma antologia. Enfim, está-se a falar mais dele e o Bocage é um poeta que é conhecido das pessoas. Repare: já é um poeta conhecido e, mesmo assim, fala-se um pouco mais porque há estes eventos à volta dele, ou seja, teria de haver uma série de eventos, debates, congressos, lançamentos de livros, para se falar mais de Raul Leal porque [o autor] precisa de um trabalho muito diferente do que uma figura como o Bocage que, apesar de tudo, é muito conhecida.

**9) Considera que os autores e responsáveis de marketing das editoras portuguesas têm contribuído para a divulgação e promoção das obras e dos autores da Geração de *Orpheu*?**

Em geral, sim, até porque estas coisas são processos autorregeneradores, como se costuma dizer às vezes nas ciências da vida - na economia também se fala muito nisso - isto é, são processos em que o próprio resultado vai desencadear mais resultados a seguir. Neste tipo de processos autorregeneradores quanto mais se fala dos autores da Geração de *Orpheu*,

por exemplo Fernando Pessoa, etc., mais as editoras se interessam porque percebem que pode ser um motivo de captar a atenção dos leitores e ao captarem a atenção eles vão interessar-se e depois se calhar outra editora vai pegar nisso e assim sucessivamente. Isto é um processo, é uma bola de neve, digamos. O problema é sempre começar e captar a atenção do leitor. Hoje os leitores estão dispersos por muita coisa, têm muitos focos de interesse, portanto, não é nada fácil captar a sua atenção. É mesmo muito difícil. Mas quando eles se interessam, pouco a pouco, umas coisas vêm atrás das outras. O Fernando Pessoa aí foi o grande farol, se quiser, mas atrás do Fernando Pessoa vêm outros. Vem o Mário de Sá-Carneiro, o Almada, outros autores modernistas, inclusivamente autores que não tendo participado são autores da mesma geração como este autor que há pouco falei, o António Botto, que não sendo propriamente um modernista porque escrevia uma poesia muito tradicional, mas do ponto de vista temático e do ponto de vista das afinidades com alguns autores - os do *Orpheu*, em particular Fernando Pessoa, acabam por defendê-lo e assim sucessivamente. Uma autora também um bocadinho marginal para a época que se falou nesse congresso, a Judith Teixeira, foi das primeiras a falar da homossexualidade feminina. Tudo isso são motivos que podem captar o interesse dos editores porque são o espelho do que pode ser a sociedade e eles querem publicar porque sentem que aquilo pode interessar aos leitores. Nenhum editor vai publicar se perceber que aquilo não vai interessar a ninguém ou que vai interessar a 10/20 pessoas. Então não publica. Ele tenta captar a atenção de quinhentas ou de mil pessoas para que o livro possa vender-se. Isto é um ciclo. Quando eu falava de processos autorregeneradores, tem a ver com os processos que se alimentam a si próprios. Vou dar-lhe um exemplo muito claro: na bolsa, ao dizer “estas ações vão subir” as pessoas compram e ao comprarem elas sobem mais porque o preço sobe por causa da compra. É um processo que às vezes não tem nenhuma razão especial, é pelo interesse. O interesse que as pessoas manifestam leva a que outras mais tenham interesse e assim sucessivamente. Isto cresce, enfim, quase até ao infinito. E vice-versa: quando há um desinteresse também leva a um desinteresse das outras pessoas porque é um bocadinho como o boca-a-boca. Estes processos são assim. O problema é desencadear aqueles movimentos. Por vezes começa com meia dúzia de leitores e se cada um desses seis falar com outros seis são 36 e a partir daí... Mas demora tempo. Estas coisas demoram tempo a formar um público, mesmo que seja um público literário exigente que

nunca vai além de umas centenas ou alguns milhares de pessoas, mesmo isso demora algum tempo a formar-se. Não é fácil formar leitores. Isto tem a ver até com o próprio Plano Nacional de Leitura.

Um leitor é um ser humano que começa a formar-se na infância. Começa-se muito cedo, depois na adolescência, ao longo da idade adulta. Não se faz um leitor facilmente. Um bom leitor, um leitor realmente sólido que depois ao longo da vida não perca esses hábitos de leitura, é qualquer coisa que demora algum tempo.

#### **10) E o leitor de obras poéticas ainda é mais exigente?**

Um leitor de obras poéticas é um determinado tipo de leitor, sim, que saboreia as palavras de outra maneira, que tem uma atitude diferente daquele leitor que devora um romance só porque está interessado na história, nas peripécias ou que lê um policial porque quer saber quem é o culpado. É diferente. Não quer dizer que seja só de poesia. No fundo, isto que eu estou a referir são características de um bom leitor. Este bom leitor de poesia será sempre também um bom leitor de prosa, de teatro, de ensaio, porque acaba por saborear e por absorver as coisas de outra maneira. Só consigo encontrar o paralelo, a metáfora, da sintonia: a chamada sintonia grosseira e a sintonia fina. O bom leitor é mais subtil, sabe distinguir melhor as coisas, toma o peso às coisas e avalia de outra maneira. Isto é algo válido para a poesia mas também para os outros géneros. Só que realmente, neste caso, é um leitor que pode ler mais facilmente poesia, enquanto que o leitor que não tem esta subtilidade, um leitor mais genérico que lê os *best-sellers* e que vai à livraria e vê histórias com aventuras e cavaleiros ou que lê o que vê nos filmes como o *Hunger Games* e a Gerra dos Tronos - que é muito interessante e até são coisas muito bem feitas do ponto de vista narrativo, não estou a criticar, acho que tudo tem o seu lugar -, se calhar não é um leitor que depois vá estar a ler um poema e a saborear dessa maneira. Ele gosta é das peripécias da história, empolga-se com as personagens. Tem uma outra atitude perante a leitura. E todas fazem falta e todas têm cabimento. Isto não é nenhuma posição elitista nem snobe da minha parte. Agora, são leitores diferentes.

#### **11) Considera que existe *branding* literário em Portugal? Onde reside a construção do *branding*?**

Existem alguns aspetos ainda não muito estruturados. Não é muito fácil dizer que existe, mas penso que sim. Há uma série de marcas que já se impuseram nesse sentido e, de facto, hoje em dia há imagens e marcas associadas ao Fernando Pessoa, por exemplo, em Lisboa, que são muito claras. Vemos isso muito a nível turístico [através] dos percursos e da Casa Fernando Pessoa e toda a iconografia e mesmo simbólica e imagética que está ligada ao Fernando Pessoa, os milhares de pessoas que vão ao Chiado para se sentar junto da estátua, etc.. Com o Fernando Pessoa isso existe, com o Camões alguma coisa, mas o Camões não é muito conhecido para o público estrangeiro, é diferente, e depois com o Saramago. Com alguns autores isso pode existir. Com editoras propriamente, há editoras que têm uma marca muito forte e que fizeram valer essa marca, inclusivamente agora nos rearranjos editoriais que houve a nível de grupos económicos. Estou a lembrar-me da *Assírio & Alvim* que é uma editora de poesia - poesia e prosa, mas muito ligada à poesia – e teve um editor muito ativo e criativo à sua frente que foi o Manuel Hermínio Monteiro, de quem eu fui amigo e que morreu há vários anos com cancro. O Hermínio Monteiro, nos anos 80 e 90, soube tornar a *Assírio & Alvim* numa editora com uma marca muito própria. Isto aconteceu com outras editoras: com a *Dom Quixote*, a *Relógio d'Água*... Há muitas editoras quer na poesia, quer na prosa e editoras marginais, como era o caso da *&Etc*, em que existe uma imagem. Do ponto de vista editorial associo isso ao leitor que chega à editora e diz: “nesta editora eu tenho confiança, há aqui uma marca que me garante qualidade”. Isto, para mim, do ponto de vista literário e editorial é que eu chamaria *branding* e não é fácil.

Os grandes grupos económicos editoriais, como agora existem a *Porto Editora*, a *LeYa*, a *Babel*, quiseram manter nos seus grupos as respetivas chancelas dos pequenos editores. Não as eliminaram porquê? Porque sabem que há um público também para esse género de *branding*. Um grupo como a *LeYa* que é enorme, poderia ter eliminado e lá dentro os livros chamarem-se todos *LeYa*. E não são. Tem os livros da *Dom Quixote*, da *Caminho*, da *ASA*, da *Teorema*... Tudo isso faz parte da *LeYa*. Isto significa alguma coisa. A *Porto Editora* também tem lá a *Assírio & Alvim*, a *Sextante*... O que é que isto significa? Eles sentem que os leitores se mantêm fiéis à sua marca, à editora que lhes garante um determinado nível. Pela mesma razão que uma marca de automóveis como, suponhamos, a *Ferrari* pertence ao grupo *Fiat*. A *Ferrari* hoje em dia não tem qualquer autonomia. Economicamente está dependente da *Fiat*, no entanto quando a *Fiat* comprou a *Ferrari* não foi eliminar a marca do “cavalinho” porque



seria um erro chamar aqueles carros tudo *Fiat*. Não, tem lá a *Ferrari* porque a marca é que vale, a marca tem um peso. Isto para mim é *branding*.

A nível económico é diferente, muitas vezes eles já estão integrados em grupos, mas a chancela do ponto de vista editorial tem muita importância porque, tal como no caso do leitor, demora anos a construir. Uma boa marca, de referência, de confiança, em que esse consumo esteja associado a um nível de exigência de qualidade demora anos. Também não se faz rapidamente. Vou dar um exemplo de uma editora atual que, do meu ponto de vista, deve ser das editoras que soube construir rapidamente uma marca que me parece de qualidade – mas também já lá vão talvez uns dez anos – que é a *Tinta-da-china*. Para mim é uma editora que tem essa marca. Lançou agora há uns anos esta nova revista, a *Granta*, que é uma revista literária. Mas toda a qualidade que tem a nível da prosa e da poesia a *Tinta-da-china* é um excelente exemplo. Tem uma excelente editora por trás que é a Bárbara Bulhosa. Mas não há muitos exemplos, não é muito fácil construir de raiz uma editora. Não é nada fácil.

**12) Na sua visão, o consumidor atribui mais importância ao autor ou à obra no momento da compra?**

Acho que a tendência, como há uma certa mediatização dos autores hoje em dia, é atribuir muita importância ao autor, [os leitores] querem saber quem é o autor, quem escreveu. Há muito esse espírito de querer saber mais sobre a vida das pessoas, de personalizar isso, portanto, eu diria que o autor até acaba por chamar mais a atenção, o que penso que não está correto. A obra acaba por triunfar, ou não, mas aquilo que vai sempre de uma maneira ou de outra prevalecer sobre o autor acaba por ser a obra. Embora aparentemente possa captar menos a atenção, a obra existe, sobrevive, de outra maneira que o autor não pode sobreviver. O autor fisicamente não sobrevive, dura x anos e acabou. O autor tem um prazo de validade, chega ali àquele tempo e acaba. Dura 40, 30 ou 26 anos como Mário de Sá-Carneiro e pode durar 80 como Almada ou pode durar 100 anos, mas depois desaparece e a obra é o que ele deixa. A obra acaba por ser sempre mais importante, a médio e a longo prazo. Mas se me pergunta diretamente o que é que capta mais a atenção, eu acho que é o autor, embora alguns autores se revoltam contra isso. O Herberto Helder, por exemplo, evitava ser fotografado. Depois, para o final, também já estive um bocado nas tintas para

isso, mas não havia fotografias do Herberto, era raríssimo, não queria dar entrevistas. Porquê? Porque ele tinha ainda essa ideia. Queria que as pessoas lessem a obra, que gostassem ou não, mas que se interessassem pela obra e não tanto por aqueles pormenores do autor, de saber se ele era alto ou baixo, gordo ou magro, se tinha barba se não tinha, se era feio ou bonito. Ele não queria que as pessoas se interessassem por isso, queria que lessem realmente os livros e a maneira que tinha de fazer isso era tentar ao máximo fugir a essa exposição, mas hoje em dia é muito difícil. As pessoas gostam de saber quem é a autora ou o autor, é quase impossível fugir a isso sendo que, como digo, depois mais tarde ou mais cedo o que vem a prevalecer é a obra.

**13) A aceitação de obras literárias pelos consumidores internacionais é diferente se falarmos de versões traduzidas por comparação com as versões originais?**

Sim, penso que as versões traduzidas acabam por ganhar uma identidade própria. Quando são bons tradutores depois têm uma vida própria, mas são diferentes. O texto original, cá para mim, é sempre outra coisa. Eu traduzi Baudelaire, Borges [referia-se a Jorge Luís Borges]. Gosto de traduzir. Acho que a tradução faz falta, é uma grande ponte entre culturas. Sem a tradução nós estávamos infinitamente empobrecidos. Vou dar um exemplo daqueles imediatos que toda a gente percebe: aquela grande literatura russa, como o Dostoiévski, o Tolstói, o grande teatro russo de Tchekhov, são obras-primas da Humanidade que todos nós ocidentais, sobretudo deste cantinho da Europa Latina - Portugal, Espanha, França, Itália e mesmo Inglaterra - raramente sabemos russo. Depois na Europa de Leste, os alemães e tal, alguns já sabiam russo. À medida que nos aproximamos da língua russa, há muita gente que conhece. Mas o russo não é uma língua universal, é uma língua que é preciso aprender, saber. Não é uma língua fácil. Se não fosse o papel maravilhoso que os tradutores têm, nós – falo enquanto cidadão português - estávamos cortados desta maravilha que é a literatura russa. Tenho imensa admiração pela Rússia em muitos aspetos, mas, em particular, pela literatura. A literatura, o teatro, quer os autores de teatro propriamente ditos quer a pesquisa e estudos sobre teatro, tudo isto é em russo e se não houver traduções e se não soubermos passar para outra língua não podíamos conhecer isso.

**14) Quais as ações das editoras que podem beneficiar o reconhecimento de um autor e da sua obra? Essas ações podem ser aplicadas junto de que públicos?**

Há muitas, mas eu acho que as editoras têm noção disso. Normalmente fazem lançamentos de livros, o que costumámos chamar a promoção dos autores, sendo que isso também nos últimos 20/30 anos teve uma evolução muito grande. Lembro-me que quando lancei o meu primeiro livro, há 20 e tal anos, não havia propriamente lançamentos de livros. Era uma coisa rara. Os livros saíam e pronto. Depois saía a notícia, às vezes uma crítica. A crítica literária tinha uma importância maior do que tem hoje, até podemos lamentar isso, mas é um facto. Eu lamento porque acho que a crítica literária tem um papel importante e perdeu alguma importância a favor disso que está a referir que é precisamente a promoção, as ações editoriais, os lançamentos, os eventos à volta do livro, tudo isso que está à volta do livro e do autor e que tem a ver muito mais com promoção editorial, sim.

**15) Um dos objetivos do Plano Nacional de Leitura é incentivar o consumo de jornais e de revistas e a leitura.**

Sim. Nós tentamos incentivar a leitura em geral. Penso que a leitura de obras literárias, em livro, no *ebook* ou no *kindle*, não interessa, não tem que ser livro em papel pode ser livro virtual/digital.

**16) Que é também uma das apostas do PNL...**

Sim, o livro digital, claro. Mas a leitura de obras consideradas literárias para nós continua a ser prioritária. De qualquer modo, também está na nossa missão tentar contribuir para o consumo de leitura de, por exemplo, órgãos de comunicação social, como referiu. Jornais, revistas e etc.. Embora saibamos que aí o virtual, pouco a pouco, tem tendência a substituir o papel. Provavelmente, no futuro o consumo de jornais e revistas em papel será progressivamente menor em relação ao consumo de jornais e de revistas no virtual através do *iPad*, dos tablets, dos computadores e até do telemóvel, dos aparelhos em ecrã.

**17) Relativamente à crítica literária ou à peça jornalística, esta medida do PNL pode contribuir para o consumo de obras literárias aconselhando a leitura de jornais e revistas, sendo que os jornais e revistas podem conter essas críticas?**

Sim, acho que os jornais e revistas têm um papel importante. As pessoas podem consumi-los mas também vou ser muito sincero: julgo que, hoje em dia, as pessoas não consomem jornais e revistas porque estão à espera de ir ler a crítica literária a este ou àquele livro. Isso

é uma minoria muito restrita de pessoas. Acho que as pessoas consomem jornais e revistas porque gostam de ler jornais e revistas no seu conjunto. Às vezes até por uma reportagem mais interessante que lhes chama à atenção, pela capa ou por outra coisa qualquer, mas não é especificamente pela questão da crítica literária. Esse aspeto é uma realidade que está em declínio e até lamento. Agora, há muitos espaços novos que há vinte anos não existiam, há imensos blogues, espaços virtuais onde se fala de livros, de poesia, de muita coisa literária, destes temas que estivemos aqui a falar e que há 20 anos não existiam sequer, havia muito mais filtragem das coisas. Para o bem e para o mal. Essa filtragem permitia também uma certa seletividade e hoje em dia a internet tem realmente coisas muito boas e coisas muito malfeitas porque não tem filtragem. A internet é tal e qual o que as pessoas põem lá. O papel das editoras, mesmo dos jornais tradicionais e das revistas, é existir a filtragem. Há uma coisa chamada *editor* não é no sentido do *publisher* mas daquela pessoa que faz a montagem, como o editor de cinema que está ali a ver. Um editor de uma editora tradicional ou mesmo dos chefes de redação do jornal olharia e diria: “não vais publicar isso assim”. Há ali um filtro, enquanto que a internet não tem isso, qualquer pessoa põe lá as coisas que quiser, podem ser coisas sem sentido nenhum. Põe uma página, dá o título “Fernando Pessoa” à página e depois se for muito consultada no Google acaba por aparecer com muita frequência. As pessoas vão ver aquilo e é uma desgraça. A internet tem esse perigo, mas é um perigo inerente à própria democracia. A internet é muito democrática, é um espelho daquilo que nós somos. Estão na internet as grandes obras-primas da Biblioteca Nacional de França, da *Library of The Congress*, se quiser ler os grandes autores estão em domínio público no espaço virtual. Ninguém se pode queixar de não ler porque é caro. Os grandes clássicos, todas as grandes obras estão na internet hoje em dia, normalmente com acesso gratuito até. É preciso saber pesquisar, mas estão lá. Agora, também está tudo o que é o lixo, a vileza... O pior que nós temos.

**18) Numa entrevista ao *Jornal de Letras*, em outubro de 2012, tinha falado da existência de dois tipos de leitura: a leitura fragmentada...**

Isso são mesmo as pessoas que estudam a leitura que distinguem esses tipos de leitura e hoje em dia é muito claro isso. A leitura fragmentada é aquela que fazemos todos os dias, centenas de vezes, nem nos apercebemos, mas que não exige uma concentração especial.

Estamos a fazê-la ao mesmo tempo que fazemos outras coisas. Estamos permanentemente a tê-la como veículo de informação. É uma leitura que se faz em qualquer momento e em qualquer lugar, que está sempre em ação e sem a qual não saberíamos viver. Isso é distinguido em relação à leitura extensiva.

A leitura extensiva é uma leitura que obriga a um determinado grau de concentração. Pode ser exercida em relação a uma obra literária ou não, mas o que exige é tempo e alguma concentração. Fala-se em leitura extensiva quando se tem 15/20 minutos por dia em que estamos a ler e que nos absorvemos na leitura e não damos atenção a mais nada. Isso hoje não é fácil, muita gente não tem esse tempo de concentração para a leitura extensiva. É o tempo da leitura, por exemplo, de um romance que alguém está em casa, que se senta no sofá e diz: “agora durante meia hora estou aqui a ler e não quero ser interrompido”. Mas é muito difícil porque a pessoa está ali e se tem o seu telemóvel ao lado, entretanto vem uma mensagem ou qualquer coisa do Facebook. Há muitos leitores que não têm a coragem de resistir a isso e vão logo ver. Ora, se estão sempre a fazer isso não têm concentração para a leitura extensiva. O livro em papel ajuda a isso porque não tem acesso a outras coisas, a pessoa tem que estar mesmo ali, mas também pode ser feita num ecrã. É uma leitura concentrada na própria leitura, no texto. A atenção hoje em dia é muito dispersa. A leitura extensiva é uma leitura que evita dispersar a atenção. Vou dar um exemplo entre televisão e cinema: as pessoas quando vão ver um filme ao cinema não estão a responder a mensagens nem a falar no telefone, durante aquela hora e meia estão concentradas no filme, não podem dar atenção a mais nada. O resto da vida pára. Depois de duas horas voltam à vida real, mas agora estão ali a ver o filme. O livro é a mesma coisa. Uma leitura extensiva nem precisa de ser duas horas, pode ser meia hora, mas se estão a ler aquele livro, estão a ler. É isto que define esta leitura mais extensiva. E, como digo, não é muito fácil porque as pessoas estão muito fragmentadas.

#### **19) E a leitura de poesia pode ser influenciada por essa tendência?**

Curiosamente, acho que a poesia até resiste a isso pela sua própria natureza. Há poemas muito longos mas como muitas vezes os poemas são mais breves precisam de uma concentração mais pura. Portanto, talvez não exija tanto tempo. Acho que a poesia resiste

bem a isso. A poesia quando é boa resiste a tudo. Pode-se ler poesia e ter um bom *insight* mesmo num contexto muito adverso. A poesia pode conseguir os seus efeitos.

**20) Existe cooperação concertada entre atores portugueses do mercado livreiro e os seus congéneres europeus no sentido de divulgar os bens de ordem cultural portugueses?**

Em geral, existe. Para a promoção de autores de outros países aqui em Portugal, certamente que existe. Mas já começa a existir no sentido contrário, que não existia antes e, volto a dizer, o Fernando Pessoa e o Saramago foram importantes para isso. Normalmente nós só absorvíamos do estrangeiro. Havia os tais atores, no fundo eram editores e autores estrangeiros, que eram cá promovidos, mas agora já começam a existir autores portugueses que vão lá fora e editores e agentes literários estrangeiros que também se interessam pelos nossos autores e querem promovê-los. Portanto, hoje em dia isso já estará mais equilibrado.

**21) As editoras portuguesas programam campanhas promocionais em meios de comunicação social e em feiras de livros na Europa? Em caso de resposta afirmativa, consegue referir alguma análise existente quanto à eficácia destas campanhas?**

A resposta é parecida: já começam a fazer isso mas também ainda é muito raro. Fazem-no sobretudo no início de outubro, na Feira do Livro Internacional de Frankfurt, na Alemanha, que realmente é uma montra da edição internacional - da edição europeia, americana, oriental, latino-americana, asiática, africana... Mas os grandes mercados editoriais são o Europeu e o Americano, são sobretudo de línguas que nós conhecemos bem. Isto começou em 1997, Portugal foi “país tema”, um país estudado na Feira de Frankfurt, havia um pavilhão enorme. Aí realmente Portugal investiu muito culturalmente. O comissário-geral dessa participação foi o António Mega Ferreira. Orgulho-me de ter feito parte da delegação de escritores portugueses que foi à Feira, eu e mais 20/30 pessoas. Depois, logo a seguir, em 1998, foi atribuído o Prémio Nobel a Saramago - calhou bem ou se calhar também foi porque estas coisas têm a sua dinâmica própria. Ainda estivemos em Frankfurt com delegações de escritores em 1998 e 1999. A partir daí, com altos e baixos, nuns casos mais noutros casos menos, conforme os orçamentos e as crises, mas acho que Portugal tem feito isso quer do ponto de vista do Estado e da cultura, quer do ponto de vista das editoras. Há também a Feira de Bolonha que é mais ligada ao livro infantil e há outras em que nós apostamos. Pessoalmente, estive ligado a delegações portuguesas à Liber, em Barcelona, que é a maior

feira do livro profissional em Espanha e é no outono; ao Salão do Livro de Genebra, na Suíça, em que fui o comissário da delegação no ano 2001; e ao Salão do Livro de Paris, em 2000.

## **22) As parcerias internacionais do Plano Nacional de Leitura podem ajudar?**

Nós temos uma parceria com um grupo europeu, o EU Read [*European task force for the promotion of reading*], que é constituído por organismos congéneres nossos, muitas vezes são público-privados, fundações para a leitura, porque este modelo do Estado ligado ao Ministério da Educação existe num ou noutro país, mas muitas vezes as instituições de promoção da leitura são público-privadas. Isto é, seria uma estrutura como o PNL, não exclusivamente do Ministério da Educação ou do Estado, mas sob a forma de uma fundação em que o Estado entraria com metade e a outra metade seriam grandes empresas, editoras, bancos, etc., que também contribuiriam, a chamada sociedade civil. Mas na maior parte dos países europeus, e nos Estados Unidos ainda mais, a sociedade civil é muito mais ativa do que aqui. Em Portugal temos este problema: em geral há uma cultura de que é sempre o Estado que se encarrega de tudo, o Estado é que faz, nós não temos que fazer. O PNL está vinculado ao Ministério da Educação, o que também tem vantagens do ponto de vista do contacto com as escolas, mas está sempre conotado com aquela ideia de que é o Estado e são estruturas do Estado. Essa cultura está muito arraigada em nós, é qualquer coisa que tem uma tradição de muitos anos.

## **23) A sua organização dispõe de dados que permitam estabelecer alguma ligação entre as campanhas promocionais, a presença em feiras de livros ou a divulgação através de crítica ou peça jornalística em meios de comunicação internacionais e o aumento da procura de obras literárias?**

Nós temos tido uma grande presença sobretudo com os jovens. A nossa presença é nas escolas, nós estamos muito diretamente porque temos os *mailings* diretos, falamos com eles através do *online* e eles consultam as nossas coisas, através de muitos professores e de professores das bibliotecas escolares. Temos mais de 800 agrupamentos de escolas em Portugal, por todo o país, desde o Minho ao Algarve, incluindo regiões autónomas, mas aí há uma autonomia regional - existem planos regionais de leitura nos Açores e na Madeira. O nosso Plano Nacional de Leitura, a nossa seiva, o nosso sangue, aquilo que é fecundador mesmo, que é realmente vivo, é atuar junto dos professores, das bibliotecas escolares e

daqueles que estão próximos dos alunos de todas as idades. Começa no pré-escolar e vai até ao 12.º ano e isso é muito importante porque eles realmente canalizam muito esta questão da leitura.

Depois, ao nível da divulgação da leitura em geral, o nosso trabalho também tem muito a ver com as autarquias. Nós temos uma coisa muito boa em Portugal, o Programa das Bibliotecas Públicas, que atravessou os governos todos, quer de direita quer de esquerda, foi lançado há quase 30 anos, pouco depois da adesão à Europa, pela Secretária de Estado da Cultura na altura e que agora está na Gulbenkian que é a Teresa Gouveia. Hoje em dia, as bibliotecas municipais, a chamada rede de leitura pública, abrange o território nacional por inteiro. São mais de 200 concelhos. Existem ainda alguns conselhos que não têm biblioteca pública mas, em geral, Portugal está coberto por uma rede de leitura pública de bibliotecas concelhias fantásticas em que demos um salto extraordinário em 30 anos. Esses são os nossos grandes parceiros porque a biblioteca - não estou a falar agora de Lisboa, Porto, Coimbra, mas falo do interior, do Alentejo, das Beiras, de Trás-os-Montes, Alto Minho, por exemplo - acaba por funcionar como centro cultural, acaba por ser o lugar, sobretudo durante o inverno, em que a vida cultural é mais pacata. No Verão às vezes ainda há outros eventos, mas no Inverno em que Portugal está muito desertificado e está muito abandonado, muitas vezes a biblioteca ainda é o polo onde estão ali alunos, professores e também os reformados vão para a biblioteca para estar em contacto com os mais novos, para ler jornais, revistas, outras coisas que não têm em casa e vão à biblioteca. É intergeracional. A biblioteca acaba por ser um lugar de convívio e tudo isso promove a leitura.

**24) Os atores relevantes do mercado cultural nacional, como a organização que dirige, conjecturam uma margem de evolução para as obras literárias portuguesas?**

Acho que qualquer autor quando publica gostaria de ser traduzido e publicado noutro país. Não há nenhum autor que conheço que diga: “quero ser publicado em Portugal e não quero ter uma difusão internacional”. Existem autores que fazem alguma coisa por isso, vão ter com o editor e dizem “como é que eu posso fazer para ser traduzido em francês, em espanhol?” e mexem-se, digamos. Há outros autores que não estão para se mexer muito para isso e também estão no seu direito, repare eu até tenho muita simpatia por essa atitude. Se acontecer, acontece, se não acontecer... É o meu caso. Tenho livros traduzidos



em espanhol e poemas traduzidos em antologias em não sei quantas línguas. Mas livros inteiros tenho vários em espanhol porque calhou, as pessoas é que vieram ter comigo para publicar. Não ando atrás das pessoas, não estou para isso, se calhar é meramente uma questão de preguiça. Mas há autores que se mexem imenso, sim, que vão para todo o lado e acho que fazem muito bem pela vida deles.

**25) O Plano Nacional de Leitura tem protocolo com o Gabinete para os Meios de Comunicação Social (GMCS), com a RTP...**

Funciona muito bem com a RTP. Temos uma coisa que é o concurso nacional de leitura que todos os anos é transmitido com apresentação do José Carlos Malato.

**26) É que depois também listam protocolos com seis jornais e revistas...**

A Visão Júnior hoje em dia é dos mais importantes. Também temos com a Pais & Filhos, voltou a ser reativado. Hoje as mais importantes são com [essas publicações] porque estão viradas para questões das crianças e dos jovens que também é importante.

**27) Existe algum projeto do PNL que incida exclusivamente sobre poesia?**

Existe, claro que sim. Há um concurso que nós temos desde há muitos anos que se chama “Faça lá um Poema”, todos os anos, entre fevereiro e março. Depois, no Dia Mundial da Poesia, celebrado a 21 de março, costumamos fazer no CCB uma jornada dedicada a crianças, jovens e a públicos adultos com exposições, com leitura, recitais, maratonas de leitura, desde a hora do almoço até ao fim da tarde, às vezes até tem oficinas de manhã. Temos muitos eventos ligados à poesia. Nessas celebrações um dos elementos é a entrega de prémios e a leitura, muitas vezes até de poemas musicados por pessoas que são convidadas para tocar e cantar à volta de poemas escritos pelos jovens. O mecanismo do concurso é muito simples: jovens de todas as idades - começa no 1.º ciclo e acaba no 12.º do secundário - são selecionados os poemas a nível de escola/agrupamento, os professores estabelecem um júri interno, no caso de existirem 15 ou 18 poemas daquele agrupamento, por exemplo, são selecionados os melhores três que são mandados para um júri nacional e assim sucessivamente. Os agrupamentos fazem uma filtragem e a partir daí há um júri nacional que decide. Esse concurso é exclusivamente de poesia.

Depois, a nível das escolas, há milhares de atividades relacionadas com a poesia que nós acabamos por orientar à distância, mas não estamos presentes fisicamente porque o PNL tem uma equipa muito pequena. Somos 5 ou 6 pessoas aqui em Lisboa e viajamos bastante pelo país, vamos às escolas, às bibliotecas. Grande parte da nossa ação é através de uma influência à distância, mas que hoje em dia é muito fácil de fazer através da internet. A internet tem essa vantagem enorme porque os materiais podem ser fornecidos *online* e não há qualquer problema.

Mas esta celebração do Dia Mundial da Poesia, embora os textos possam ser entregues à distância através da internet, exige a presença dos premiados. Há mesmo uma cerimónia de entrega e isso é muito engraçado porque, muitas vezes, os premiados são de outras partes do país. Acaba por ser um dia de festa para os jovens e para os professores.

## **Apêndice n.º 8: Entrevista a Manuela Goucha Soares**

A entrevista com a jornalista do semanário Expresso realizou-se no dia 8 de agosto de 2016, na sede da Impresa, em Oeiras.

### **1) Os meios de comunicação social escritos são benéficos à promoção das obras literárias?**

Neste momento, no caso dos jornais generalistas - como é o caso do Expresso onde eu trabalho há 26 anos - já não podemos falar só de meios de comunicação escritos; nos últimos anos estes meios têm evoluído, todos eles têm *site*, e os sites podem ser apenas com texto, ou com suporte multimédia como acontece com a maioria. Já o Jornal de Letras continua a ser um meio de comunicação escrito no sentido tradicional do termo.

A Joana perguntou também se são benéficos para a promoção das obras literárias. A função da comunicação social não é promover, é informar e divulgar. Não é promover porque senão acabaria por estar conotada com uma vertente mais comercial, que não é função nem competência da comunicação social, seja em que tipo de meio for. Aliás, as editoras podem fazer anúncios, e os anúncios são comerciais, não são matéria editorial.

Se me perguntar se a imprensa ou os meios de comunicação podem ser um bom canal de divulgação, de promoção do debate, quer pela realização de resenhas críticas dos livros que vão saindo, quer escrevendo sobre determinadas áreas ou sobre determinados autores, a minha resposta é que é óbvio que podem ser um bom canal.

### **2) De que forma esses meios podem incentivar a aquisição de obras literárias?**

Não é à imprensa que compete incentivar seja lá o que for. A questão que se pode colocar é se quando se fala de um determinado autor isso desperta curiosidade junto do público que lê estes órgãos de comunicação - ou se for noutro suporte, por exemplo, na rádio, que ouve determinadas rubricas - e se falar de um autor ou de uma obra representa um despertar da apetência pela aquisição.

Eu tenderia a responder empiricamente que há uns anos havia uma relação causa-efeito que seria maior do que hoje, porque atualmente há uma maior dispersão dos canais de divulgação. A imprensa escrita terá hoje menos impacto do que tinha há uns anos, mesmo em determinados nichos de jornalismo. Hoje há muita coisa, muitos meios não tradicionais,

como os blogues, redes sociais, que ocupam espaço na divulgação. A prova disso é que quer as vendas quer o número de leitores da imprensa escrita tem estado a diminuir nos últimos anos. Estamos numa fase de grandes mudanças de hábitos de consumo de informação, e andamos todos a dar o nosso melhor para nos adaptar sem abdicarmos da identidade dos órgãos em que trabalhamos.

Já ouvi vários comentários em conversas informais sobre a importância de quando é publicado um determinado livro, falar dele etc.; é óbvio que é importante porque as pessoas ficam a saber que saiu o dito livro, e isso é uma forma de levar as pessoas a ter curiosidade de ler, ou de não ler, consoante o que for escrito.

Agora, para mim, à divulgação de uma obra e de um autor coloca-se uma outra questão que é uma questão de comercialização e de mercado. E digo-lhe isto não como jornalista, mas como consumidora de livros, como uma pessoa que gosta de ir a livrarias. Hoje coloca-se um problema muito complicado quando vamos comprar livros, vasculhar uma livraria. E esse problema é que se publica muito. O mercado é mensalmente inundado de novos títulos das coisas mais variadas e, por isso, o tempo de exposição em livraria é muito curto. Uma coisa é os livros estarem nos escaparates que estão mais ou menos visíveis para quem entra numa livraria, outra coisa é estarem numa prateleira que é preciso andar a procurar para ver o que é que lá está. É às editoras que compete explicar como funciona a conquista e a negociação desse tempo de exposição, mas toda a gente sabe que muitas vezes os escaparates são pagos pelas editoras. E a não exposição dos livros, a não permanência à vista por um tempo substancial nas livrarias - em parte tem a ver com o imenso número de títulos que é publicado porque é preciso fazer uma rotação muito maior - é talvez um dos maiores inimigos da divulgação dos livros, da divulgação com vista a serem adquiridos pelo público. Por outro, as próprias formas de adquirir livros mudaram. As pessoas passaram a comprar livros pela internet e passaram a comprar livros nos supermercados e é preciso ver como é que isto tudo se articula.

### **3) Na sua opinião, a crítica literária pode contribuir para a venda de livros em Portugal?**

A crítica e outros artigos de divulgação que não têm que encaixar naquilo que tradicionalmente se chama crítica - pode haver artigos sobre determinado autor ou livro... Esse tipo de trabalhos, em teoria, cumpre todos os requisitos para divulgar determinada

obra ou determinado autor e, nesse caso, contribui para despertar o interesse junto do público e dos leitores. Mas não chega. Se um determinado órgão de comunicação fala de um livro, deixa o leitor curioso, com vontade de ir a uma livraria procurar o livro, se chega lá e não o vê, não adiantou quase nada ter lido algo sobre o dito livro. Hoje passa-se tudo num ciclo de consumo muito rápido. E depois, logo a seguir, há-de aparecer outro. Se eu for recuar aquilo que seria a vida do meu Pai quando ele tinha a minha idade, ele lia e comprava muito mais livros do que eu compro hoje, por uma razão muito simples: tinha menos solicitações de outro tipo. Nós hoje temos muitas solicitações e os livros passaram a competir com outras coisas.

**4) Considera que os críticos literários podem ser considerados pela sociedade como líderes de opinião?**

Não creio que isso aconteça neste momento. São pessoas que podem e têm uma opinião com peso e assertiva em determinados nichos, mas hoje em dia 'fabricam-se' líderes de opinião por coisas muito menos substantivas do que a crítica literária. Digamos que são pessoas com uma opinião credível na sua área, mas não lideram opinião - pelo menos em Portugal.

**5) O Expresso tem conhecimento da repercussão de campanhas promocionais e/ou resenhas críticas sobre vendas de obras em particular?**

Nós não temos conhecimento direto do que vende um livro sobre o Expresso fez uma resenha ou um artigo no site, nem é coisa que nos interesse. Falamos do livro mas não falamos para saber se aquilo vai vender ou não. Não faz parte das nossas competências, nem dos nossos objetivos saber essa relação. O que nos interessa é dar a conhecer, informar. O jornal publica um top, mas essa informação é fornecida pelas livrarias e é uma informação que veiculamos para o leitor.

**6) A resenha crítica continua a ter importância?**

Continua-se a fazer resenha crítica. O problema é que hoje em dia o número de títulos que é publicado é muito maior e se calhar proporcionalmente em relação aquilo que se publica saem menos textos. Repare uma coisa: no caso concreto do Expresso as páginas de cultura não aumentaram... Continuamos a fazer quatro ou cinco resenhas curtas e mais uma ou

duas mais longas por semana. Provavelmente era mais ou menos isto que se fazia há 20 anos, só que hoje publicam-se muito mais títulos.

**7) As efemérides relacionadas com os autores são motivo de edições especiais por parte do Expresso? Em caso de resposta afirmativa, porquê?**

Normalmente não são, o que não significa que nalguns casos não sejam. Concretamente, no centenário da revista *Orpheu*, deu-se um grande destaque. Fizemos alguns trabalhos grandes no *site*, a revista também fez, creio que até o primeiro caderno terá feito. Mas o *Orpheu* foi um movimento editorial e cultural muito importante que se ramificou por diversos sectores da sociedade portuguesa, e teve impacto durante muitas décadas: cem anos depois estamos a falar dele porque continua atual. Por isso, quando há fenómenos com este impacto na sociedade portuguesa – europeia, mundial... - é natural que se aproveitem as efemérides para fazer determinado tipo de trabalhos. No caso do centenário do *Orpheu*, houve vários colóquios, exposições, reedições, muitos acontecimentos, e obviamente fizemos trabalhos especiais. Isto também pode acontecer com um daqueles nomes que são considerados nomes maiores da literatura portuguesa e que foram consagrados como tal; diga-se que há muitos nomes maiores da literatura portuguesa e do pensamento português que estão completamente esquecidos, e também há nomes que estão na moda porque esta área, como tudo, tem modas.

**8) Qual é o papel dos poetas nos nossos dias?**

Eu acho que o papel dos poetas é exatamente aquele que sempre foi, ou seja, são vozes que aliam a crítica à beleza e ao sentido do efémero. Talvez nos nossos dias sejam menos considerados do que foram noutras épocas da história, mas o papel deles não mudou por terem mudado as tecnologias nem por terem mudado as formas da poesia chegar às pessoas.

**9) Continuam a ser importantes para a literatura portuguesa?**

Quando lhe dei a resposta anterior não estava só a falar da literatura portuguesa. Acho que os poetas têm um papel naquilo que é a história da cultura a nível mundial. Olhe para outros tempos, outras épocas e outras civilizações, e veja qual é o papel dos poetas. Eles são normalmente as pessoas que nos mostram aquilo que não é imediatamente visível aos

nossos olhos, porque nós às vezes estamos tão ocupados com as minudências do quotidiano que não vemos aquilo que está ali. Acho que o papel dos poetas, de alguma forma, é um pouco o papel dos filósofos só que usam linguagens diferentes para transmitir aquilo que é importante em termos de reflexão, de pensamento, de sentido crítico, de apelo à beleza e de uma outra forma de falar do mundo. Mas é óbvio que a poesia tem um lugar importante na literatura portuguesa e não só.

#### **10) A poesia continua viva?**

A pergunta pode ser respondida de muitas maneiras. Se me está a perguntar, no seguimento da conversa, se as pessoas lêem poesia, aquilo que toda a gente sabe é que as edições de livros de poesia são sempre edições muito limitadas. Há poucas editoras a publicarem poesia, pelo menos nova poesia e novas apostas, e normalmente são edições muito limitadas o que significa que não se venderão muito. Se me está a perguntar se eles de alguma forma continuam presentes no imaginário de largos sectores da sociedade, eu acho que continuam. Agora, fez-me uma pergunta que tudo depende daquilo que queira mesmo saber.

#### **11) Na sua opinião, os autores da Geração de *Orpheu* continuam a ser valores da cultura portuguesa?**

No caso da Geração de *Orpheu*, acho que esses autores têm uma particularidade: não os pode pôr a todos no mesmo plano porque são casos diferentes. Mas há um ponto em que se tocam em matéria de exposição pública: a Geração de *Orpheu* foi muito mais reconhecida posteriormente do que na altura, como acontece muitas vezes - aconteceu com Camões, por exemplo. Naquela altura, a revista deu nas vistas, mexeu com a sociedade portuguesa, sobretudo a lisboeta. O grupo fundador era constituído por jovens irreverentes e que queriam inovar e deixar a sua marca. O país estava a viver um período de grande instabilidade política, de grandes mudanças na sociedade, cinco anos depois da Implantação da República. Portugal ainda não tinha entrado na Primeira Guerra mas estava prestes a fazê-lo, é uma altura de muita instabilidade, com muitas coisas a acontecer em simultâneo. Os fundadores da revista acabariam por seguir trajetos muito diferentes.

Fernando Pessoa hoje já não é apenas um nome maior da literatura portuguesa, é um ícone, um símbolo da literatura de língua portuguesa. Isto vale para o Fernando Pessoa [ortónimo] como para toda a obra dele, a que está atribuída aos heterónimos. De alguma forma os brasileiros têm um papel decisivo neste movimento de divulgação em escala da obra de Pessoa. O Brasil tem um papel muito importante nesta dimensão e divulgação, sobretudo da divulgação maior que é feita da obra dele.

O Almada Negreiros é um homem que, para além da obra escrita e da obra poética, tem uma obra plástica, é dramaturgo; a produção artística dele é muito mais multidisciplinar, abrangente.

Acho que vale a pena deixar este apontamento: Pessoa tem uns textos políticos muito interessantes do final da década de 1920 onde demonstra um certo fascínio pela obra de Salazar, mas, poucos anos depois escreve um poema em que o apelida de “tiraninho”. Como morreu em 1935 nunca saberemos, eu pelo menos não sei, se a sua produção poderia ter sido abafada pelo regime se tivesse vivido mais tempo; sei apenas que alguns dos seus poemas foram utilizados como símbolos do Estado Novo.

Almada vive muito mais tempo e foi alguém a quem o Estado Novo deu a oportunidade de produzir, de se exprimir em termos artísticos e plásticos. E ainda bem que assim foi, não sendo pertinente a discussão de saber se ele era uma pessoa com proximidade ao regime ou não. Mas não foi posto à margem, como foram muitos outros escritores, pintores, escultores, poetas. No caso do Almada, mesmo que o trabalho dele tenha sido condicionado, há muitos momentos em que felizmente lhe são dadas condições para criar.

Voltando ao *Orpheu*, eles surgem em 1915, numa época em que o país vivia momentos muito conturbados e, na década seguinte, inicia-se um período de ditadura que viria a ser a mais longa ditadura da Europa Ocidental. Isso condicionou muito todo o pensamento português, toda a expressão literária, poética, plástica. Mas o legado do grupo *Orpheu* ficou.

Mário de Sá-Carneiro suicida-se muito novo, tem uma obra curta, que é uma referência, limitada pelo tempo, mas que é a expressão de uma imensa intensidade. Aliás, ele é o grande incentivador da criação da revista *Orpheu*. Sem Mário de Sá-Carneiro a revista não teria acontecido. É ele quem vem de fora, quem trouxe grande parte daquelas ideias, quem



teve o primeiro grande contacto com o Futurismo em Paris, já tinha lá vivido. Não foi o único a viver em Paris mas dos que lá tinham vivido foi o maior incentivador, e o pai dele financiou a revista.

Quanto ao Raul Leal, vou contar isto: eu fiz metade do liceu ainda antes da Revolução de Abril de 1974 e enquanto o Fernando Pessoa, o Almada Negreiros e o Mário de Sá-Carneiro eram autores que, de uma forma ou outra, eram do nosso conhecimento enquanto alunos, do Raul Leal nunca se ouviu falar naquela época. Nem imediatamente a seguir. Só quando comecei a ler mais algumas coisas sobre o *Orpheu* é que descobri Raul Leal, e já era adulta. Por isso estava longe naquela época de muitos portugueses, e creio que ainda hoje estará longe de ser um autor conhecido do público português em geral.

## **12) Porque é que há essa diferença?**

Porque a obra de Raul Leal nunca teve a mesma divulgação. Penso que durante o Estado Novo - mas isso é uma interpretação minha - a questão da homossexualidade que ele abordava de uma forma mais explícita, pode ter contribuído para haver ali um tipo de censura que gerou um afastamento do nome dele, nomeadamente dos programas escolares. Mas há mais nomes do grupo, como o Alfredo Guisado que também não é falado.

## **13) Do ponto de vista jornalístico, porque é que se fala de Pessoa, Almada Negreiros e Mário de Sá-Carneiro e refere-se menos autores como Alfredo Guisado e Raul Leal?**

Porque muitas vezes os jornais refletem aquilo que é o mundo à volta deles. Quando um jornal faz um artigo sobre um determinado tema, um dos objetivos que tem é ser lido; para ser lido tem de criar um interface com os leitores que lhes permita interessarem-se pelo tema. E é muito mais fácil, ou pelo menos é considerado mais fácil, fazer essa ponte falando de um autor como Fernando Pessoa ou Almada Negreiros, cujos nomes são conhecidos, do que ir para autores como o Guisado ou o Leal que poucos conhecem. É pena, mas tem a ver muitas vezes com a urgência do tempo de produção jornalística, onde o tempo é limitado, o espaço é limitado. O que acontece é que os jornais são entidades que acabam por ser o reflexo do contexto em que estão inseridos. Apesar disso, a verdade é que nomes como o

Guisado, Leal, ou o Coelho Pacheco acabaram por ser falados no centenário. Mesmo que pouco, mas como acredito que muitas pessoas têm vontade de saber mais, ficou a menção.

## **Apêndice n.º 9: Entrevista a Maria João Machado**

A entrevista com a Assessora de Comunicação do grupo Porto Editora realizou-se no dia 21 de setembro de 2016, na sede da Porto Editora em Lisboa.

### **1) A literatura portuguesa é entendida pelos consumidores estrangeiros como um produto capaz de transmitir a história e a identidade portuguesas?**

Acho que isso acontece. No caso da literatura é um bocadinho abrangente, ou seja, não é só o caso da literatura portuguesa que demonstra o que é que é a nossa cultura, o que é que é a nossa identidade. Nós próprios enquanto consumidores quando consumimos literatura estrangeira também procuramos isso. Acho que nesse sentido sim, nós também mostramos muito da nossa identidade. Não acho que seja uma coisa específica da literatura portuguesa.

### **2) A poesia enquanto género literário é reconhecida como património histórico e cultural na sociedade portuguesa? Em caso de resposta afirmativa, por que razão?**

A poesia tem um peso na nossa cultura. Dizemos que somos um país de poetas e os da geração que refere de facto tiveram reconhecimento lá fora (mas também cá dentro) eventualmente maior do que noutras épocas. Temos o caso de Fernando Pessoa que é conhecido no mundo inteiro e reconhecido por isso, outros não. Mas, no seguimento da pergunta anterior, diria que sim e nós damos muito valor a isso. Fazemos questão, principalmente no caso do Fernando Pessoa mais uma vez, de mostrar esse pilar, de mostrar esse lado da nossa cultura e da nossa identidade. Começou com Camões e até Pessoa, acho que é sem dúvida um pilar.

### **3) Existe *branding* literário em Portugal? Onde reside a construção do *branding*?**

De certa forma a poesia é um género de nicho. Portanto, não pode ser entendido da mesma forma que uma ficção mais *mass market*, digamos assim. Julgo que existe *branding*, que pode ser focado num autor, numa geração e pode ser focado de uma forma geral em termos de poesia, num todo. Acho que há uma forma de comunicar e, nesse sentido, sim, mas não sei até que ponto é que está totalmente estruturada e definida.

#### **4) Como referiu podemos focar a questão em autores ou nas obras, mas atualmente para que aspetos se direciona mais essa construção?**

Varia muito. Numa altura em que há imensos livros a sair todos os dias, muito diversificados e de muitos autores novos as pessoas têm muita dificuldade em escolher e grande parte da nossa função é tentar que dentro deste grupo escolham aquele livro que queremos promover. No caso do Fernando Pessoa, por exemplo, é relativamente fácil no sentido em que é uma figura que indiscutivelmente toda a gente conhece, quanto mais não seja porque estudou na escola e estudou muito tempo, se calhar aí até ganha uma vantagem relativamente a Mário de Sá-Carneiro que é menos estudado, por exemplo. Quando sai um livro de Fernando Pessoa, as pessoas estão curiosas porque podem não conhecer aquele livro em concreto, como há muitas vezes inéditos a aparecer. Isso também cativa e podem ir por aí. No caso de autores/poetas mais recentes que são menos conhecidos, trabalha-se de uma forma diferente. E nesse caso voltamos a esse nicho que suscita a vontade de descoberta dos leitores de poesia, parece-me a mim, porque um público que não leia habitualmente poesia vai mais para nomes que de alguma forma já conhece. Portanto, há essa variação porque se calhar um *branding* relativo ao Fernando Pessoa e à Geração de *Orpheu* pode ser mais forte nesse sentido, pode chegar a mais pessoas porque mais pessoas reconhecerão aqueles nomes.

#### **5) Como vê a evolução do mercado do livro nos últimos anos?**

Existem muitas editoras, muitas delas as pessoas não conhecem até porque também não são específicas de ficção. Mas também há publicações de autor. E há editoras independentes que se dedicam quase exclusivamente à poesia e fazem-no muito bem, por exemplo a *&Etc* fazia muito bem embora tenha encerrado. Em termos de evolução de mercado acho que acontece também o que acontece noutros géneros: há mais edições de autor, há mais procura, também há mais leitores - não sei se há mais leitores de poesia, eu diria que sim, mas não quero entrar por aí. Mas parece-me que tem havido uma evolução na mesma forma que tem havido nas outras áreas. No nosso caso apostamos tanto em autores consagrados, como em autores contemporâneos. Gostamos de o fazer e temos muito orgulho nisso. Mas isso somos nós enquanto editora que procuramos oferecer isso aos leitores.

## 6) Quais são as principais tendências do sector livreiro?

Acho que isso está muito conotado com a situação que nós vivemos. Há muitas livrarias com dificuldades, sejam ou não independentes, e algumas acabam por fechar. Espero que isso mude. Depois há os hipermercados que também vendem livros, mas a poesia entra pouco aí, eventualmente o Fernando Pessoa entrará. Espero que a situação melhore mas, neste momento, não consigo fazer nenhum tipo de previsões nesse sentido. Há livrarias muito corajosas que vão aparecendo e que vão criando uma identidade, por exemplo livrarias exclusivamente focadas em poesia, que são conhecidas e, muitas vezes, servem a elas próprias de meios de comunicação porque as pessoas quando vão à procura de poesia ficam a saber o que é que acabou de sair. Essas são boas notícias que vão acontecendo, mas o mercado livreiro está com muitas dificuldades.

## 7) A *Assírio & Alvim* é um desses casos?

Sim, eu gosto de acreditar que as pessoas quando vêem que é um livro da *Assírio & Alvim* reconhecem ali alguma qualidade e, portanto, quando sai um livro de poesia mesmo que seja de um poeta menos conhecido da *Assírio & Alvim* pensam: "isto deve ser bom, vamos experimentar".

## 8) O processo de comunicação dos livros mudou na última década?

Acho que mudou também porque o sector da publicidade, o sector da comunicação também ele mudou muito. Há uns 20 anos podiam existir assessores de comunicação [os *attachés de presse*] mas agora há mais departamentos (como os de marketing) focados na promoção de um livro. Mas também há outros fatores como as redes sociais que apareceram e foram muito importantes principalmente porque permitem chegar aos leitores de outra forma que a publicidade paga não - apesar de nas redes sociais também se poder pagar -, mas são muito mais versáteis. Podemos fazer uma série de coisas para chegar ao nosso público-alvo que é muito importante. Não podemos fazer publicidade paga de todos os livros porque envolve um custo e nalguns casos uma forte comunicação numa rede social pode funcionar muito bem - acho que na *Assírio & Alvim* há muito *engagement* nesse sentido e há muitas pessoas que ficam a saber das novidades por aí.

Depois, há os jornais mas julgo que agora o espaço (ou a influência) é mais pequeno. A televisão tem alturas com mais programas focados na cultura, focados nos livros, mas a maioria não dura muito tempo e acabam por desaparecer. Portanto também estamos um bocadinho dependentes disso. Felizmente muitos dos jornais que publicam habitualmente críticas interessam-se pela poesia. No caso de Fernando Pessoa ou Almada Negreiros, até se consegue sair um bocadinho desse meio e chegar a outro tipo de divulgação na comunicação social.

**9) Como define a linha editorial da *Assírio & Alvim*? Como é constituído o catálogo da editora?**

É essencialmente ficção - já há alguns anos que a *Assírio & Alvim* não publica não ficção, como muitos álbuns, livros mais técnicos -, poesia portuguesa, poesia estrangeira e depois ficção estrangeira também. Há pouco tempo voltámos a publicar uma coleção de literatura espanhola contemporânea que já existia mas que estava de certa forma estagnada. Livros sempre dentro daquilo que se considera a linha editorial da *Assírio*, ou seja, bons livros, livros importantes que sejam ou não de autores mais consagrados ou que sejam ainda novidades, de alguma forma. Estou a lembrar-me do Rafael Chirbes, de quem agora estamos a lançar um livro póstumo, tinha poucas coisas publicadas cá e quando lançámos o primeiro livro dele, no ano passado, o autor veio cá e teve alguma repercussão em termos mediáticos. Isso terá feito com que mais leitores portugueses o ficassem a conhecer. Acho que disse tudo: poesia e ficção, estrangeira e nacional.

**10) Quais as ações das editoras que podem beneficiar o reconhecimento de um autor e da sua obra? Essas ações podem ser aplicadas junto de que públicos?**

São três: comunicação social, como é que nós conseguimos divulgar os nossos lançamentos por essa área; redes sociais; e no contacto direto com os leitores, participando em sessões de apresentação (ou semelhante). Ou seja, de alguma forma promover eventos, vamos chamar-lhe assim, dedicados a determinada obra. E às vezes até podem não ser organizados por nós como festivais literários, eventos de leitura de poesia, debates... Há muitos meios desse género de contacto com o público que estão acessíveis e que têm alguma influência na criação desse público e de leitores. Também temos intenção de chegar aos leitores de

poesia. Não se consegue chegar a toda a gente, mas isso seria o ideal. Eu acredito que quem lê críticas literárias é quem se interessa por isso, portanto é a essas pessoas que queremos chegar, a quem de facto está predisposto a querer saber mais e a querer conhecer novos livros.

**11) Como são identificados os canais e as ferramentas eficientes na promoção de obras literárias?**

Estes três que falei são os principais. Nós podemos ir a outros para além destes, por exemplo para a publicidade, enviar livros a pessoas que nós sabemos que vão falar sobre eles, mesmo que seja no boca-a-boca que ainda não tínhamos falado mas que também é uma ferramenta preciosa, também no caso da poesia porque não consegue entrar tanto nos meios de comunicação social como outros livros conseguiriam.

**12) A aceitação das obras pode funcionar melhor por outros canais?**

Sim, sem dúvida.

**13) Os meios de comunicação social são importantes fontes de divulgação de autores e obras?**

**Em caso de resposta afirmativa, em que sentido?**

Sim, claro que são, porque ajudam as pessoas a escolher aquele livro em detrimento de outro, a ficar a conhecer melhor aquele autor, tentar captar o leitor. Embora já tenham sido mais porque antes se dava mais atenção às críticas, às resenhas que aparecem nos jornais. Havia, penso eu, uma circulação maior.

**14) A sua organização dispõe de dados que permitam estabelecer alguma ligação entre as campanhas promocionais, a presença em feiras de livros ou a divulgação através de crítica ou peça jornalística em meios de comunicação nacionais e internacionais e o aumento da procura de obras literárias?**

É difícil porque nós podemos saber que em determinada semana aquele livro vendeu mais, sabemos que por acaso saíram duas críticas nessa semana. Pode estar relacionado, e provavelmente estará, mas é muito subjetivo não me parece que seja absolutamente certo.

## Apêndice n.º 10: Análise dos resultados obtidos na análise às 24 edições da *Revista LER*

Os resultados da análise às edições da *Revista LER* no período de 2010-2015 são apresentados em tabelas, divididas por ano e mês. A tabela final apresenta os resultados da análise aos 24 números da revista previstos por este estudo.

**Tabela 12 - Resultados obtidos pela análise de 4 edições da Revista LER de 2010.**

Ano	2010				
1. Edições publicadas - Data em estudo	Março	Junho	Setembro	Dezembro	
1.1. Número da publicação	89	92	94	97	
1.2. Tiragem (média do mês anterior)	12000	12000	12000	12000	
1.3. Direção	Francisco J. Viegas	Francisco J. Viegas	Francisco J. Viegas	Francisco J. Viegas	
2. Número de menções aos autores na capa da publicação					Totais:
2.1. Cesário Verde	1	0	0	0	1
2.2. Fernando Pessoa	0	1	0	0	1
2.1.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
2.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
2.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
2.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
3. Número de menções aos autores no corpo da publicação					
3.1. Cesário Verde	5	0	0	2	7
3.2. Fernando Pessoa	20	32	9	10	71
3.2.1. Álvaro de Campos	1	2	0	0	3
3.3. José de Almada Negreiros	1	0	0	0	1
3.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	1	1
3.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
4. Produções jornalísticas sobre os autores em apreço					
4. 1. Número de notícias sobre os autores em apreço (acontecimentos, artigos, breves)					
4.1.1. Cesário Verde	1	0	0	0	1
4.2.1. Fernando Pessoa	1	1	0	2	4
4.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
4.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
4.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
4.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
5. Número de críticas literárias a obras dos autores em estudo					
5.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
5.2. Fernando Pessoa	1	0	0	0	1
5.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
5.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0



5.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
5.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>6. Número de críticas literárias a obras relacionadas com os autores em apreço</b>					
6.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
6.2. Fernando Pessoa	1	0	0	0	1
6.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
6.3. José de Almada Negreiros	1	0	0	0	1
6.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
6.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>7. Número de outras menções (crónicas, citações, entrevistas e outras) dos autores em estudo</b>					
7.1. Cesário Verde	0	0	0	2	2
7.2. Fernando Pessoa	2	3	3	5	13
7.2.1. Álvaro de Campos	1	1	0	0	2
7.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
7.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	1	1
7.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>8. Número de menções a <i>Orpheu</i></b>					
8.1. Revista <i>Orpheu</i>	0	0	0	0	0
8.2. Geração de <i>Orpheu</i>	0	0	0	0	0

Fonte: elaboração própria.

**Tabela 13 - Resultados obtidos pela análise de 4 edições da Revista LER de 2011.**

Ano	2011				
1. Edições publicadas - Data em estudo	Março	Junho	Setembro	Dezembro	
1.1. Número da publicação	100	103	105	108	
1.2. Tiragem (média do mês anterior)	12000	12000	12000	12000	
1.3. Direção	Francisco J. Viegas	Francisco J. Viegas	João Pombeiro	João Pombeiro	
<b>2. Número de menções aos autores na capa da publicação</b>					<b>Totais:</b>
2.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
2.2. Fernando Pessoa	0	0	1	0	1
2.1.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
2.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
2.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
2.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>3. Número de menções aos autores no corpo da publicação</b>					
3.1. Cesário Verde	0	0	3	0	3
3.2. Fernando Pessoa	13	10	11	0	34
3.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
3.3. José de Almada Negreiros	1	0	0	0	1
3.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0

3.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>4. Produções jornalísticas sobre os autores em apreço</b>					
<b>4. 1. Número de notícias sobre os autores em apreço (acontecimentos, artigos, breves)</b>					
4.1.1. Cesário Verde	0	0	1	0	1
4.2.1. Fernando Pessoa	0	4	2	0	6
4.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
4.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
4.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
4.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>5. Número de críticas literárias a obras dos autores em estudo</b>					
5.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
5.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
5.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
5.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
5.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
5.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>6. Número de críticas literárias a obras relacionadas com os autores em apreço</b>					
6.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
6.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
6.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
6.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
6.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
6.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>7. Número de outras menções (crónicas, citações, entrevistas e outras) dos autores em estudo</b>					
7.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
7.2. Fernando Pessoa	7	4	2	0	13
7.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
7.3. José de Almada Negreiros	1	0	0	0	1
7.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
7.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>8. Número de menções a <i>Orpheu</i></b>					
8.1. Revista <i>Orpheu</i>	2	0	0	0	2
8.2. Geração de <i>Orpheu</i>	0	0	0	1	1

Fonte: elaboração própria.

**Tabela 14 - Resultados obtidos pela análise de 4 edições da Revista LER de 2012.**

Ano	2012			
1. Edições publicadas - Data em estudo	Março	Junho	Setembro	Dezembro
1.1. Número da publicação	111	114	116	119

1.2. Tiragem (média do mês anterior)	12000	10000	10000	10000	
1.3. Direção	João Pombeiro	João Pombeiro	João Pombeiro	João Pombeiro	
2. Número de menções aos autores na capa da publicação					Totais:
2.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
2.2. Fernando Pessoa	0	0	1	0	1
2.1.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
2.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
2.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
2.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
3. Número de menções aos autores no corpo da publicação					
3.1. Cesário Verde	0	1	0	1	2
3.2. Fernando Pessoa	1	29	162	6	198
3.2.1. Álvaro de Campos	1	1	21	0	23
3.3. José de Almada Negreiros	1	0	0	5	6
3.4. Mário de Sá-Carneiro	1	0	1	0	2
3.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
4. Produções jornalísticas sobre os autores em apreço					
4. 1. Número de notícias sobre os autores em apreço (acontecimentos, artigos, breves)					
4.1.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
4.2.1. Fernando Pessoa	0	0	4	0	4
4.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
4.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
4.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
4.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
5. Número de críticas literárias a obras dos autores em estudo					
5.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
5.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
5.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
5.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
5.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
5.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
6. Número de críticas literárias a obras relacionadas com os autores em apreço					
6.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
6.2. Fernando Pessoa	0	1	0	0	1
6.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
6.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
6.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
6.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
7. Número de outras menções (crónicas, citações, entrevistas e outras) dos autores em estudo					
7.1. Cesário Verde	0	1	0	1	2
7.2. Fernando Pessoa	1	8	2	4	15
7.2.1. Álvaro de Campos	1	1	5	0	7

7.3. José de Almada Negreiros	1	0	0	2	3
7.4. Mário de Sá-Carneiro	1	0	1	0	2
7.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>8. Número de menções a <i>Orpheu</i></b>					
8.1. Revista <i>Orpheu</i>	0	0	0	0	0
8.2. Geração de <i>Orpheu</i>	0	0	0	0	0

Fonte: elaboração própria.

**Tabela 15 - Resultados obtidos pela análise de 4 edições da Revista LER de 2013.**

Ano	2013				
1. Edições publicadas - Data em estudo	Março	Junho	Setembro	Dezembro	
1.1. Número da publicação	122	125	127	130	
1.2. Tiragem (média do mês anterior)	10000	10000	10000	10000	
1.3. Direção	Francisco J. Viegas	Francisco J. Viegas	Francisco J. Viegas	Francisco J. Viegas	
<b>2. Número de menções aos autores na capa da publicação</b>					<b>Totais:</b>
2.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
2.2. Fernando Pessoa	1	0	0	0	1
2.1.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
2.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
2.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
2.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>3. Número de menções aos autores no corpo da publicação</b>					
3.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
3.2. Fernando Pessoa	89	3	5	12	109
3.2.1. Álvaro de Campos	4	2	0	1	7
3.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
3.4. Mário de Sá-Carneiro	3	0	0	1	4
3.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>4. Produções jornalísticas sobre os autores em apreço</b>					
<b>4. 1. Número de notícias sobre os autores em apreço (acontecimentos, artigos, breves)</b>					
4.1.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
4.2.1. Fernando Pessoa	6	1	1	3	11
4.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
4.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
4.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
4.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>5. Número de críticas literárias a obras dos autores em estudo</b>					
5.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
5.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
5.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0

5.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
5.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
5.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>6. Número de críticas literárias a obras relacionadas com os autores em apreço</b>					
6.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
6.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
6.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
6.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
6.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
6.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>7. Número de outras menções (crónicas, citações, entrevistas e outras) dos autores em estudo</b>					
7.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
7.2. Fernando Pessoa	3	1	2	3	9
7.2.1. Álvaro de Campos	4	2	0	1	7
7.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
7.4. Mário de Sá-Carneiro	2	0	0	1	3
7.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>8. Número de menções a <i>Orpheu</i></b>					
8.1. Revista <i>Orpheu</i>	1	0	1	0	2
8.2. Geração de <i>Orpheu</i>	0	0	0	0	0

Fonte: elaboração própria.

**Tabela 16 - Resultados obtidos pela análise de 4 edições da Revista LER de 2014.**

Ano	2014				
1. Edições publicadas - Data em estudo	Março	Junho	Setembro	Dezembro	
1.1. Número da publicação	133	134	135	136	
1.2. Tiragem (média do mês anterior)	10000	8000	7000	7000	
1.3. Direção	Francisco J. Viegas	Francisco J. Viegas	Francisco J. Viegas	Francisco J. Viegas	
<b>2. Número de menções aos autores na capa da publicação</b>					<b>Totais</b>
					<b>:</b>
2.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
2.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
2.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
2.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
2.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
2.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>3. Número de menções aos autores no corpo da publicação</b>					
3.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
3.2. Fernando Pessoa	6	5	4	1	16
3.2.1. Álvaro de Campos	1	0	0	0	1
3.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0

3.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
3.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>4. Produções jornalísticas sobre os autores em apreço</b>					
<b>4. 1. Número de notícias sobre os autores em apreço (acontecimentos, artigos, breves)</b>					
4.1.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
4.2.1. Fernando Pessoa	0	1	0	0	1
4.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
4.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
4.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
4.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>5. Número de críticas literárias a obras dos autores em estudo</b>					
5.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
5.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
5.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
5.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
5.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
5.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>6. Número de críticas literárias a obras relacionadas com os autores em apreço</b>					
6.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
6.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
6.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
6.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
6.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
6.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>7. Número de outras menções (crónicas, citações, entrevistas e outras) dos autores em estudo</b>					
7.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
7.2. Fernando Pessoa	3	1	4	1	9
7.2.1. Álvaro de Campos	1	0	0	0	1
7.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
7.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
7.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>8. Número de menções a <i>Orpheu</i></b>					
8.1. Revista <i>Orpheu</i>	0	0	0	0	0
8.2. Geração de <i>Orpheu</i>	0	0	0	0	0

Fonte: elaboração própria.

**Tabela 17 - Resultados obtidos pela análise de 4 edições da revista LER de 2015.**

Ano	2015			
1. Edições publicadas - Data em estudo	Março	Junho	Setembro	Dezembro

1.1. Número da publicação	137	138	139	140	
1.2. Tiragem (média do mês anterior)	7000	7000	7000	7000	
1.3. Direção	Francisco J. Viegas	Francisco J. Viegas	Francisco J. Viegas	Francisco J. Viegas	
2. Número de menções aos autores na capa da publicação					Totais:
2.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
2.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
2.1.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
2.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
2.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
2.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
3. Número de menções aos autores no corpo da publicação					
3.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
3.2. Fernando Pessoa	3	6	5	3	17
3.2.1. Álvaro de Campos	0	0	1	1	2
3.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
3.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	1	0	1
3.5. Raul Leal	0	1	0	0	1
4. Produções jornalísticas sobre os autores em apreço					
4. 1. Número de notícias sobre os autores em apreço (acontecimentos, artigos, breves)					
4.1.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
4.2.1. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
4.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
4.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
4.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
4.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
5. Número de críticas literárias a obras dos autores em estudo					
5.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
5.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
5.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
5.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
5.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
5.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
6. Número de críticas literárias a obras relacionadas com os autores em apreço					
6.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
6.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
6.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
6.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
6.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
6.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
7. Número de outras menções (crónicas, citações, entrevistas e outras) dos autores em estudo					
7.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
7.2. Fernando Pessoa	1	2	3	3	9

7.2.1. Álvaro de Campos	0	0	1	1	2
7.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
7.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	1	0	1
7.5. Raul Leal	0	1	0	0	1
<b>8. Número de menções a <i>Orpheu</i></b>					
8.1. Revista <i>Orpheu</i>	0	0	0	0	0
8.2. Geração de <i>Orpheu</i>	0	0	0	0	0

Fonte: elaboração própria.

**Tabela 18 - Resultados obtidos pela análise de 24 edições da revista LER (2010-2015).**

Ano	2010	2011	2012	2013	2014	2015	Total final
<b>1. Número de edições analisadas (data em estudo)</b>	<b>4</b>	<b>4</b>	<b>4</b>	<b>4</b>	<b>4</b>	<b>4</b>	<b>24</b>
<b>2. Número de menções aos autores na capa da publicação</b>							
2.1. Cesário Verde	1	0	0	0	0	0	1
2.2. Fernando Pessoa	1	1	1	1	0	0	4
2.1.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0	0	0
2.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0	0	0
2.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0	0	0
2.5. Raul Leal	0	0	0	0	0	0	0
<b>3. Número de menções aos autores no corpo da publicação</b>							
3.1. Cesário Verde	7	3	2	0	0	0	12
3.2. Fernando Pessoa	71	34	198	109	16	17	445
3.2.1. Álvaro de Campos	3	0	23	7	1	2	36
3.3. José de Almada Negreiros	1	1	6	0	0	0	8
3.4. Mário de Sá-Carneiro	1	0	2	4	0	1	8
3.5. Raul Leal	0	0	0	0	0	1	1
<b>4. Produções jornalísticas sobre os autores em apreço</b>							
<b>4. 1. Número de notícias sobre os autores em apreço (acontecimentos, artigos, breves)</b>							
4.1.1. Cesário Verde	1	1	0	0	0	0	2
4.2.1. Fernando Pessoa	4	6	4	11	1	0	26
4.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0	0	0
4.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0	0	0
4.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0	0	0
4.5. Raul Leal	0	0	0	0	0	0	0
<b>5. Número de críticas literárias a obras dos autores em estudo</b>							
5.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0	0	0
5.2. Fernando Pessoa	1	0	0	0	0	0	1
5.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0	0	0
5.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0	0	0
5.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0	0	0
5.5. Raul Leal	0	0	0	0	0	0	0



6. Número de críticas literárias a obras relacionadas com os autores em apreço							
6.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0	0	0
6.2. Fernando Pessoa	1	0	1	0	0	0	2
6.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0	0	0
6.3. José de Almada Negreiros	1	0	0	0	0	0	1
6.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0	0	0
6.5. Raul Leal	0	0	0	0	0	0	0
7. Número de outras menções (crónicas, citações, entrevistas e outras) dos autores em estudo							
7.1. Cesário Verde	2	0	2	0	0	0	4
7.2. Fernando Pessoa	13	13	15	9	9	9	68
7.2.1. Álvaro de Campos	2	0	7	7	1	2	19
7.3. José de Almada Negreiros	0	1	3	0	0	0	4
7.4. Mário de Sá-Carneiro	1	0	2	3	0	1	7
7.5. Raul Leal	0	0	0	0	0	1	1
8. Número de menções a <i>Orpheu</i>							
8.1. Revista <i>Orpheu</i>	0	2	0	2	0	0	4
8.2. Geração de <i>Orpheu</i>	0	1	0	0	0	0	1

Fonte: elaboração própria.

## Anexo n.º 1: Representação visual nas peças jornalísticas da revista LER

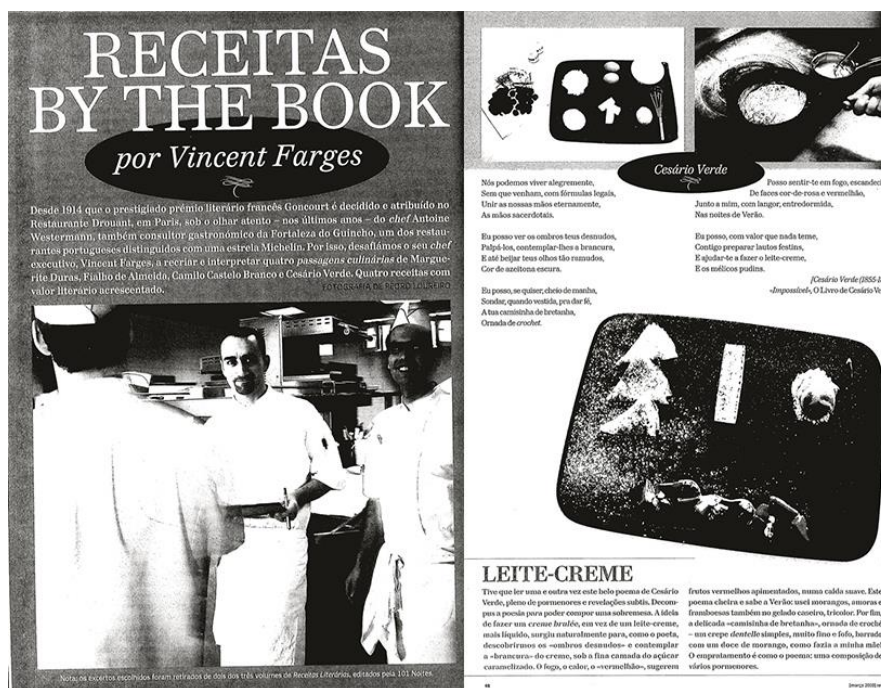


Figura 2 - Peça jornalística 1: “Receitas by the Book”, edição de março de 2010.

só o coração pode traduzir e reter sem nunca esquecer. [Tradução de Fernanda Oliveira. Bertrand, 320 págs.] JGM

## Ilustração em Portugal – I 1910 a 1940

Theresa Lobo

As queixas sobre a inexistência de um trabalho estruturado e panorâmico sobre a ilustração em Portugal começam, finalmente, a perder razão, pelo menos no que diz respeito ao século XX. Depois de alguns trabalhos sobre cartazes publicitários, Theresa Lobo avança agora para um projecto que terá, espera-se, vários volumes editados. Neste primeiro volume, abrangendo o período entre a implantação da República e o início da década de 40, a análise contextual e a referência individual aos vários artistas

no activo estrutura-se a partir das revistas e magazines que marcaram o intervalo estudado. Dos periódicos de carácter satírico que agregaram os trabalhos humorísticos da primeira década da República até à revista *Panorama*, passando pela *Ilustração Portuguesa*,



*Civilização*, *ABC* ou *Presença*, o foco na imprensa justifica-se plenamente: foi nesses espaços que o trabalho de artistas como Stuart Carvalhais, Leal da Câmara, Bernardo Marques, Almada Negreiros, Jorge Barradas, Maria Adelaide Lima Cruz ou Tom se desenvolveu e tornou conhecido do público, mesmo que espaços paralelos (como livros, cartazes e obras mais vocacionadas para a exposição em

galerias do que para a efemeridade dos periódicos) tenham igualmente acolhido trabalhos de muitos dos autores aqui referidos, dependendo dos seus percursos e dedicações.

Para além da referência aos autores e da análise do contexto histórico e de produção artística, o que se comprova neste primeiro volume é a imbricada relação entre a obra dos vários artistas e o crescimento das próprias revistas, que proporcionaram um espaço fundamental para experiências gráficas, novas técnicas e influências de muitas latitudes. Sem esse crescimento e sem a multiplicação de títulos, dificilmente se percebe a evolução da ilustração portuguesa, as suas características e a recepção de que foi objecto. [IADE Edições, 194 págs.] SFC

revista *IB* [março 2010]

Figura 3 – Peça jornalística 2: “Ilustração em Portugal – I (1910 a 1940)”, edição de março de 2010.

## Maníacos de Qualidade

Joana Amaral Dias

Fundamentando-se numa investigação histórica cuidada, baseada em vários tipos de documentação, que incluem registos autobiográficos (cartas, diários, produção artística, etc.), Joana Amaral Dias (n. 1975), psicóloga clínica, procurou estabelecer uma avaliação psicológica de uma dezena de portugueses que ficaram célebres em diferentes épocas, desde o rei Afonso VI



até ao cineasta João César Monteiro, falecido há poucos anos. Mas talvez mais interessante do que os diagnósticos clínicos esboçados, é a constante abordagem da forma como ao longo dos tempos

a doença mental (ou os desvios comportamentais) foram sendo tratados, desde a aplicação de sangüessugas, de fogo nas costas, aos choques eléctricos e banhos em água gelada. Estas psicobiografias têm também a virtude de trazer aos leitores dezenas de deliciosas histórias resgatadas do esquecimento. De entre todas, talvez as mais inesperadas (para quem desconhece a biografia) sejam as relacionadas com o rei Afonso VI, «homem absolutamente incapaz de controlar os piores impulsos», cuja vida sexual e órgãos sexuais acabaram escrutinados em tribunal, isto no meio das declarações pouco abonatórias para a sua virilidade feitas por um rol de meretrizes e cortesãs. Ou a da rainha D. Maria I, que sofria do «delírio de Cotard» (hoje tratável) e que se convenceu de que estava morta

e que o seu corpo tinha sido eviscerado. Ou então, já no século XX, os poetas Ângelo de Lima e António Gancho, que viveram em hospitais psiquiátricos, e cujos escritos exprimem as patologias de que padeciam de tal maneira «que poderiam servir de exemplo em qualquer compêndio de psicopatologia». Os outros personagens que foram à consulta são o padre Malagrida e o marquês de Pombal, Antero de Quental, Fernando Pessoa e Margarida Vitória (marquesa de Jácome Correia). Interessantíssimo. [A Esfera dos Livros, 392 págs.] JRD

## Os Objectos Chamam-nos Juan José Millás

O conjunto de pequenas histórias contidas neste livro remetem para o quotidiano nos seus aspectos aparentemente mais banais. Con-

Figura 4 – Peça jornalística 3: “Maníacos de Qualidade”, edição de março de 2010.



## PESSOA MAGICK

**P**rimero editado pela Hugin em 2001, *Encontro Magick seguido de A Boca do Inferno* é republicado pela Assírio & Alvim. São 570 páginas, compiladas por Miguel Roza, sobrinho do modernista português, com leitura e fixação do texto por Richard Zenith. Da primeira parte, consta a organização cronológica de toda a correspondência, notícias da época e notas conhecidos sobre o encontro, que durou dois anos (1929-1931), entre Fernando Pessoa e Alesteir Crowley, acompanhados por fac-símiles e informadas e esclarecedoras contextualizações e considerações de Miguel Roza. De *A Boca do Inferno*, «romance policial», à *la Freeman Wills Crofts*, escrito por Pessoa a partir do caso do suicídio forjado do mago satânico inglês, opta-se por uma entre as várias versões dactilografadas por Pessoa, ainda assim todas incluídas nesta edição. O volume, o mais completo sobre a inusitada associação Pessoa-Crowley/mago branco-mago negro, permite-nos igualmente descobrir aquilo a que Yvette K. Centeno chama «o humor quase pantagruélico (que também existia...) da época; e a curiosi-

dade insaciável de formas de saber que de tão heterodoxas poderiam levar a exageros condenáveis».

Faça-se a distinção importante entre Pessoa o estudioso «esoterólogo» e Pessoa eventual praticante, ou seguidor, «esoterista». Pessoa esotérico, ocultista, neopagão, médium, permanece um enigma, mas é inquestionável a abrangência de 20 anos de pesquisa ensaística espiritual,

a sua Procura da Verdade Oculta (António Quadros). Nela, o encontro com Crowley pode não passar de um *fait divers* importante para os biógrafos; o momento de arranque para a grande fase dos textos iniciáticos, 1932-1933. Pessoa procura Crowley através da Mandrake Press, mas é esquivo desde os primeiros contactos com Mestre Therion («a Besta» ou «666»). É Crowley, arruinado e desacreditado, quem tem mais interesse no encontro em Lisboa em Agosto de 1930, depois em forjar o pseudo-suicídio, que visava a obtenção de algum lucro. O resultado, para Pessoa, é sobretudo um poema excepcional («O Último Sortilégio»), um episódio de maquinação e humor raros e uma novela incompleta e pouco mais do que interessante. Pela Assírio & Alvim, sai também agora a segunda edição, revista e aumentada, de *Fernando Pessoa Empregado de Escritório*, de João Rui de Sousa. **Il Filipa Melo**



Figura 5 – Peça jornalística 4: “Pessoa Magick”, edição de março de 2010.



ocorrido no Palácio de São Bento. O Nobel fez uma pergunta ao primeiro-ministro e Sócrates perguntou-lhe se ele se chamava «Armando». Armando, perdão, José não gostou e, no fim, disse que o facto de Sócrates não o ter reconhecido era sinal de que não dava valor aos assuntos religiosos.

## E estátua de Fernando Pessoa não reconheceu Sócrates

Sentou-se, preparou o sorriso para a fotografia tirada por Silva Pereira e a estátua nem bom-dia nem boa-tarde. O primeiro-ministro ficou, naturalmente, deprimido, tendo tentado depois, a todo o custo, ser reconhecido um pouco mais abaixo pela estátua de Eça de Queirós. Não sabemos se conseguiu.

Figura 6 - Peça jornalística 5: “E a estátua de Fernando Pessoa não reconheceu Sócrates”, edição de março de 2010.

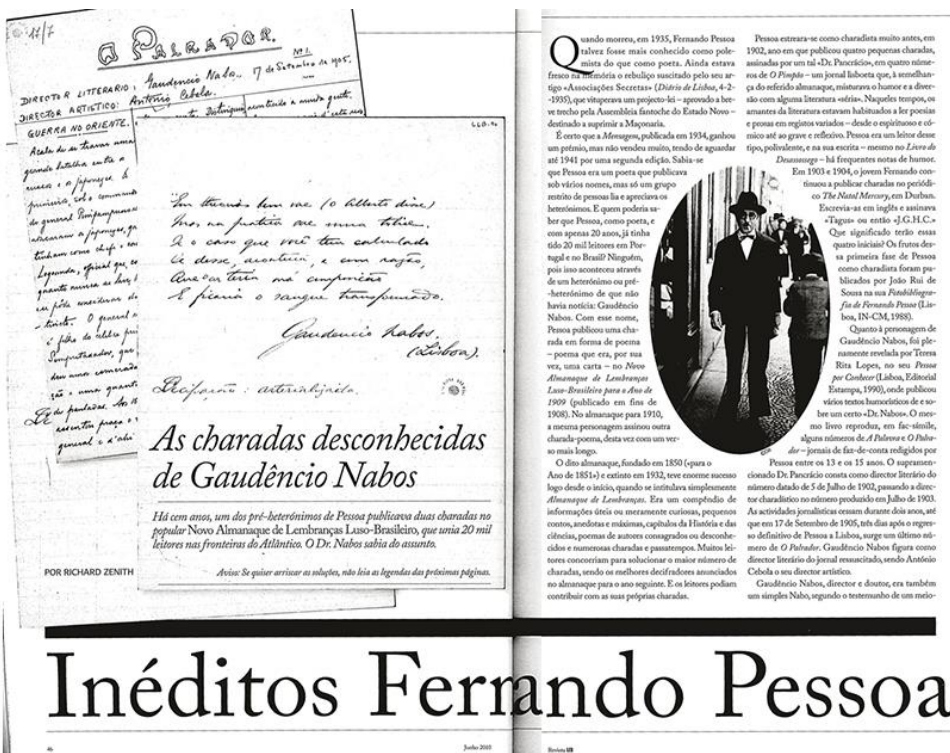


Figura 7 - Peça jornalística 6: “As charadas de Gaudência Nabos - Inéditos Fernando Pessoa”, edição de junho de 2010.

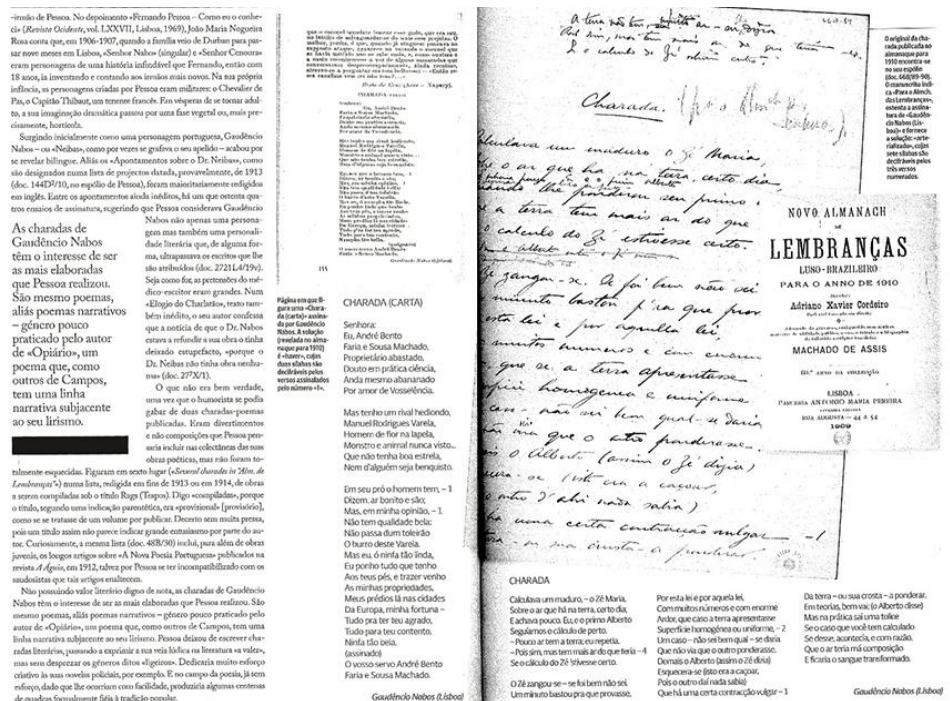


Figura 8 - Peça jornalística 6: “As charadas de Gaudência Nabos - Inéditos Fernando Pessoa”, edição de junho de 2010.



## BREVES

### BIBLIOTECA DIGITAL DE PESSOA

Mais de mil volumes do espólio e da biblioteca particular de Fernando Pessoa (livros, selos, dedicatórias, correspondência, estudos) estão finalmente disponíveis *online*. Vai directo para os «favoritos»: <http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt/bdigital>.



Figura 9 - Peça jornalística 7: “Biblioteca Digital de Pessoa”, edição de dezembro de 2010.

### FOLHETOS PARA A CRISE



Também da Ática, acabam de sair dois folhetos de 16 e 22 páginas, respectivamente: *Os Portugueses, Um Povo Suicida* (1908), de Miguel de Unamuno, com tradução de Miguel Freitas da Costa, e *Como Organizar Portugal*, texto publicado por Pessoa em Maio de 1919 no primeiro número da revista *Ação*.

Figura 10 - Peça jornalística 8: “Folhetos para a crise”, edição de junho de 2011.

## BREVES

### NOITES COM PESSOA

Não tente. As reservas estão completas para os próximos meses na Rua Coelho da Rocha, nº 16, em Campo de Ourique (Lisboa). Depois do brasileiro João Gilberto Noll, que inaugurou este ciclo literário, há novos hóspedes para dormir uma noite no quarto onde Pessoa viveu os últimos 15 anos: Valter Hugo Mãe (8 de Junho), Luísa Costa Gomes (13 de Junho), Jaime Rocha (16 de Junho), José Tolentino Mendonça (6 de Julho) – e ainda Eduardo Pitta, Jacinto Lucas Pires, Lídia Jorge, Nuno Júdice e Rui Zink. O convite da Casa Fernando Pessoa tem um custo: todos devem escrever sobre a experiência num livro a publicar em 2012.



Figura 11 - Peça jornalística 9: “Noites com Pessoa”, edição de junho de 2011.

## LISBOA

### EM PESSOA

É o título deste «guia turístico e literário» (Livros d'Hoje) que não se fica só pelo itinerário pessoano. O jornalista João Correia Filho acrescenta-lhe outras coordenadas literárias, e segue ainda à procura do rasto de Eça e das livrarias e cafés «mais charmosos». Por fim, há um guia de sobrevivência para iniciados na visita à capital.



Figura 12 - Peça jornalística 10: “Lisboa em Pessoa”, edição de junho de 2011.

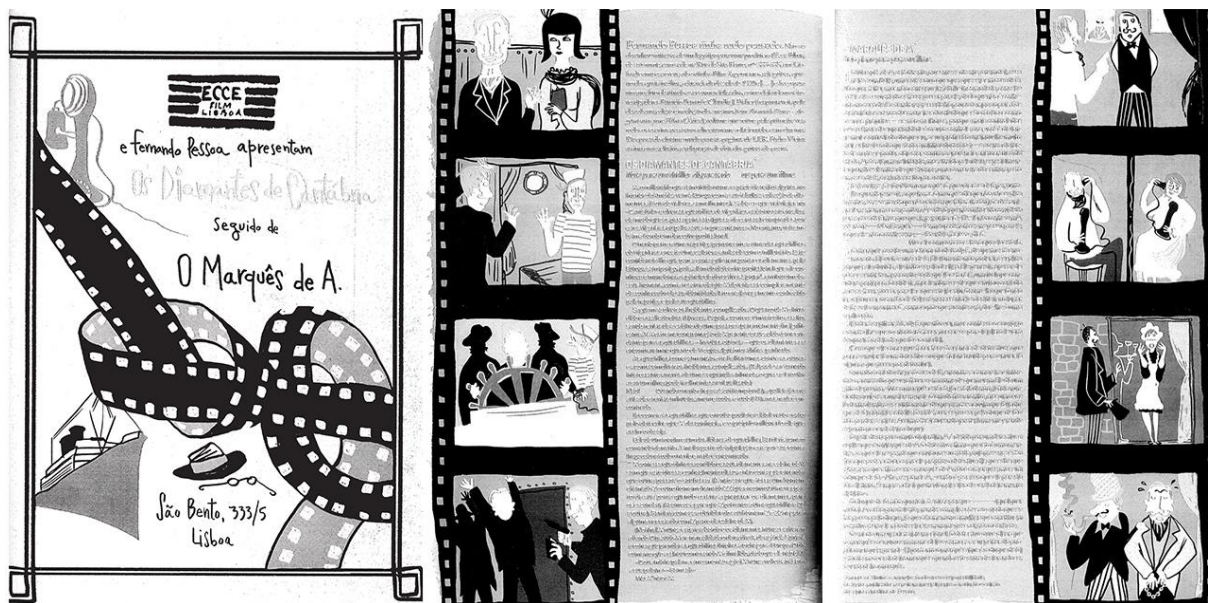


Figura 13 - Peça jornalística 11: “Os Diamantes de Cantábria”, edição de setembro de 2011.

# LER

Livros & Leitores



**NUNO COSTA SANTOS**




**PAULO BRANCO JOGOU À ROLETA COM HETERÓNIMOS**

Depois de *Fernando Pessoa – Argumentos para Filmes* ser lançado, nas livrarias *Fernando Pessoa – Os Filmes da Minha Vida*, onde se ficará a saber que o escritor afinal não era pessoa de gosto cinematográfico refinado, revelando preferência por filmes como *Sozinho em Casa*, *Top Gun* e *Breakdance 2* (versões mudas, a preto e branco, de 1917, 1919 e 1921, respetivamente). Digamos que sairá uma nova versão do primeiro livro com uma adenda em que se explica que a produtora que Pessoa pensou fundar, *Ecce Film*, estava à espera de um OK da ICA durante 30 anos, sendo sempre chumbada, por não apresentar qualquer currículo. Paulo Branco chegou a interessar-se pelo projeto e ainda jogou à roleta com os heterónimos para tentar arranjar financiamento.

**VERM AÍ UM LIVRO QUE REVELA AS PREFERÊNCIAS CINEMATOGRAFICAS DE PESSOA**

**«SOZINHO EM CASA» ERA O SEU FILME FAVORITO**

Figura 14 - Peça jornalística 12: “Paulo Branco jogou à roleta com heterónimos”, edição de setembro de 2011.



JOSÉ CAVALCANTI FILHO

UM QUIZ DE PESSOA

SARA FIGUEIREDO COSTA

Oito anos a recriar o quotidiano de Fernando Pessoa resultam em Uma Quase-Autobiografia repleta de curiosidades inéditas. Alguns reparos.

Curiosidade metódica que as revistas do social devotam a certas figuras não costuma atingir escritores, sobretudo se estes não pertencem à categoria dos famosos-que-escrevem, ou se estiverem mortos. José Paulo Cavalcanti Filho (n. 1948), advogado, ex-ministro da Justiça do Brasil e conselheiro, ignorou esse preceito e dedicou oito anos a dissecar o quotidiano de Fernando Pessoa até onde a documentação remanescente e os porteiros de edifícios, outrora casas pessoais e hoje empresas ou escritórios, o permitiram. O resultado é um volume de 700 páginas que tanto ilumina a genealogia do poeta como revela pormenores mais anedóticos – o local onde

compraria os sapatos – ou mesmo escabrosos, caso do tannino do seu pénis, informação deduzida a partir de elementos tão fáceis como um comentário invejoso de António Botto e o registo de uma conversa meditânica tida por Pessoa. Num compromisso entre a informação biográfica tradicional e uma certa especulação, Cavalcanti Filho revela dados como as receitas gastronómicas preferidas do poeta, os pormenores dos anos passados na África do Sul ou a suposta identidade do Esteves da Tabacaria.

A fúria reveladora não contradiz os propósitos do livro. Logo na abertura, o autor explica ao que vem, afastando com veemência o estudo académico ou a análise

«Conheci Fernando Pessoa em 1966, pela via de João Villaret. Foi o começo de uma paixão que até hoje me encanta e inspira», escreve o autor na introdução desta quase-autobiografia lançada pela Porto Editora.

literária. Na mesma introdução deslumbra-se uma outra característica de *Uma Quase-Autobiografia*, confirmando que o texto não será apenas abordagem pouco comum à biografia pessoal, e que rapidamente se transfigurará em estranheza plena e a espaços, desconfortável. Se logo no título há a confusão entre o que é de Cavalcanti Filho e o que é de Pessoa, o autor explica que escreveu «sempre que possível, tentando aproximar-me do seu [de Pessoa] jeito de escrever», justificando essa afirmação com o número de vírgulas utilizadas em cada frase e espalhando que talvez não baste calcular a percentagem de pontuação para alcançar semelhante patamar. Se por escrever, mesmo que só aproximadamente, do jeito de Pessoa entendemos a sobreposição das páginas com citações do autor de *Mensagem*, apresentadas com aspas mas inseridas no discurso de Cavalcanti como se dele fizessem parte (e a ideia é essa: «Este livro, pois, não é o que Pessoa disse, ao tempo em que o disse; é o que quero dizer, por palavras dele. Com aspas é ele, sem aspas sou eu»), então *Uma Quase-Autobiografia* terá cumprido o objetivo. O resultado é que não é exatamente igual ao de um texto escrito por Pessoa, nem mesmo por quase-Pessoa, mas antes uma alucinação discursiva, como se o biógrafo se assumisse em uníssono com o biografado, o que deixa por terra um certo distanciamento que costuma recomendar-se nestas coisas de registar a vida alheia.

Se a introdução é eficaz no modo de se proteger de críticas vindas da academia e dos especialistas pessoanos, não deixa de pôr a descoberto, nessa proteção, as complicações de que padece. Assumindo-se como um livro para não-iniciados, pesquisa sobre as vertentes menos conhecidas da vida de Pessoa, esperando-se uma biografia pensada para o grande público que vive à margem de discussões filológicas sobre a fixação dos textos pessoanos, mas que nem por isso deve ser impedido de ler livros sobre

Figura 15 - Peça jornalística 13: “Um Quiz de Pessoa”, edição de junho de 2012.



Os cálculos indicam que 70 por cento da poesia inglesa ainda estará inédita. Em português falta toda a poesia não datada. Podemos estar a falar de 500 poemas ou mais. Pessoa morreu em 1935, nós estamos em 2012; não há qualquer coisa de incompreensível nisso?

Essa é a perplexidade que já tive quando vivi a minha epifania. A minha relação com Pessoa começou em 2003 quando encontro um espólio trilingue amplamente inédito. Para mim, há quase uma década que é praticamente incompreensível termos tanto material por tratar e termos a consciência, mesmo que seja uma consciência de poucas pessoas, de ainda termos trabalho para 40 ou 50 anos, ou muito mais.

*Jerónimo Pizarro, entrevistado por Carla Vaz Marques*

P. 26: JERÓNIMO PIZARRO PESSOA ATÉ PARECE QUE BRINCOU COM A POSTERIDADE O modo tranquilo de falar esconde a hiperatividade, revelada pela extraordinária lista de publicações que acumula em menos de uma década. Há três meses lançou *Prasa de Alvaro de Campos* (um acontecimento editorial, para ele, tão relevante quanto *O Livro do Desassossego*, há 30 anos), e este mês sai para as livrarias *Ibéria – Introdução a Um Imperador Futuro* e o conjunto de ensaios *Pessoa Existe*. A quem pensa que o essencial de Pessoa é do domínio público, Pizarro recorda um facto simples: metade dos papéis do escritor continua por decodificar.

Figura 16 - Peça jornalística 14: “Destaque no índice”, edição de setembro de 2012.



# JERÓNIMO PIZARRO

**Para mim, há uma década que é incompreensível termos tanto material de Pessoa por tratar.**

A pronúncia, adotada pelo castelhano da América Latina, denuncia-lhe a origem. O modo tranquilo de falar esconde a hiperatividade, revelada pela extraordinária lista de publicações que acumulou em menos de uma década. Jerónimo Pizarro tem vindo a notabilizar-se entre os investigadores pessoanos, num trabalho em que assume uma marca autoral própria. A quem pensa que o essencial de Fernando Pessoa já é do domínio público recorda um facto simples: metade dos papéis do escritor ficou por muito mais do que apenas poeta e que escreveu, aliás, mais prosa do que poesia) continua por descodificar. Há material na arca pessoana – na verdade, na secção de reservados da Biblioteca Nacional – para décadas de trabalho. Só os poemas não datados são mais de quinhentos. Agora, o investigador que veio da Colômbia por amor, como se lerá mais adiante, acaba de publicar, de uma assentada, *Prosa de Álvaro de Campos* (um acontecimento editorial tão relevante quanto a primeira publicação de *O Livro do Desassosgo*, há exatadamente 30 anos), *Íberia – Introdução a Um Imperalismo Futuro*, volume que revela o surpreendente e heterodoxo iberismo de Pessoa, e um conjunto de reflexões sobre as questões que se prendem com a coexistência da arca. A conversa começa justamente com uma pergunta do próprio Pizarro, título desse seu livro de ensaios.

Entrevista de CARLOS VAZ MARQUES

Fotografia de PEDRO LOUREIRO

Pessoa existe?

Acho que não sabemos. E vamos continuar a não saber durante muito tempo. É uma pergunta que não é apenas uma literária. Não é só uma pergunta retórica? Há uma condição retórica mínima. Processada. Mas a verdade é que o próprio Pessoa tinha feito a pergunta e é justo que nós que tentamos a construir Pessoa a façamos. Não temo para discutir em termos biográficos se Pessoa existe, existiu, existirá mas para percebermos em termos da construção das suas obras até que ponto é justo afirmar que existe uma figura que está a ser construída por nós. A pergunta é também uma espécie de auto-crítica. Quando eu pergunto se Pessoa existe estou a criticar-me, em certo sentido,

e a perguntar se o Pessoa que é feito por mim e por muitos outros existe realmente, como existe e quais as condições de existência do que está a ser produzido por nós a partir de um trabalho de arquivo. Sente-se de alguma forma autor naquilo que está a fazer? Com certeza. O meu primeiro trabalho académico sobre Pessoa foi uma reflexão sobre a questão do autor. Defendi que Pessoa teve uma filosofia do que é ser um autor, muito antes de Baudrillard. Se lermos Pessoa e o que ele escreveu sobre as figuras de outros que criou, encontramos muito do que Foucault escreve nos anos 60. Qual é a sua equação de autoria? É muito dialética. Para começar, tenho de transcrever e escrever aquilo que Pessoa escreveu. Transcrever é tratar ter a certeza

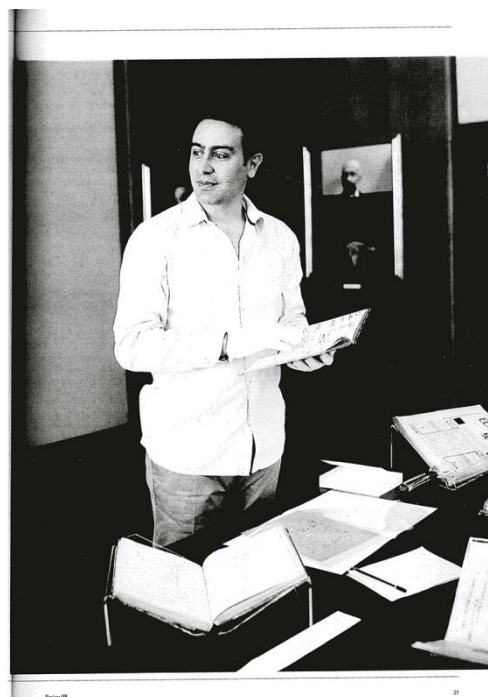


Figura 17 - Peça Jornalística 15: “Para mim, há uma década que é incompreensível termos tanto material de Pessoa por tratar”, edição de setembro de 2012.



**ESSA É UMA DÚVIDA QUE JÁ NÃO TENHO: PESSOA DEIXOU TODOS OS INDÍCIOS MATERIAIS, NAS SUAS ARCAS; DE NÃO TER EXISTIDO UM DIA TRIUNFAL MAS UM MÊS TRIUNFAL [MARÇO DE 1914]. PARA MIM, A ETAPA DE 1920 A 1928 É AINDA DE ANOS MUITO OBSCUROS, QUE TERÃO DE SER MUITO MAIS ILUMINADOS.**

A ideia de *Íberia* não era apenas ir ao espólio à procura de todas as referências a Espanha, à Península Ibérica ou às figuras espalhadas mais importantes. O mais importante era percebermos porque é que Pessoa se tinha interessado pela questão ibérica, qual a história dessa questão, em que momento é que essa questão aparece no seu empenhamento em vida de Pessoa. Era importante perceber que o Pessoa – que fizemos muita coisa – tentou entrar numa polémica e participar nela na segunda metade da década de 1910. Tentou ser um dos intelectuais europeus com alguma coisa a dizer sobre a união ibérica. O que ele escreveu a esse respeito foi escrito fundamentalmente entre 1917 e 1919. Depois, tinhamos tantos mais textos que é interessante ler em paralelo. Mas tínhamos um núcleo que não era apenas material e textual, era histórico.

Foi desse núcleo que partiu? Partimos desta preocupação. Quando o conseguimos ao nível textual, histórico e material temos a certeza de estar a criar um objeto sólido.

Foi também assim que procedeu para o volume de escritos sobre o génio e a loucura?

Esse foi o primeiro exercício. Foi a primeira tentativa de propor uma organização. Para mim, esses escritos são uma espécie de grande arca, de obra enciclopédica. É quase um tratado. Como se Pessoa tivesse deixado um tratado sobre esse tema. Organizar um tratado, organizar uma grande obra é diferente de organizar pequenos conjuntos. *Íberia* é um capítulo. Os escritos sobre o génio e loucura poderiam ter-se dividido em muitos livros.

Há muitos núcleos desses nos 30 mil papéis de Pessoa?

Muitíssimos. Até porque Pessoa – como Walter Besjamin, para mim o caso paradigmático – estava sempre a escrever. Tinha projetos, projetos, projetos. E para de não era importante apenas estar sempre a escrever e a guardar papéis, era também estar de fora, enquanto editor, enquanto leitor, a imaginar, a partir do que já tinha feito, como é que aquilo podia ser organizado. Foi dar coisas a vida toda: inúmeras listas de projetos, para só para não esquecer alguns que estavam em andamento, e inúmeras esquemas diferentes de como organizar o que já tinha feito. Para mim, Pessoa é esse tipo de figura que na sua mesa de cabeceira pôde ter 15 ou 20 livros e está a ler os 15 ou 20 livros em simultâneo, e o calor não terminando nenhum. Mas precisa de ter sempre muitos acumulados. Temos provavelmente mais de mil e quinhentos projetos ao todo, dos quais pelo menos quinhentos com um núcleo textual mínimo. Estamos já muito longe da ideia de sermos consumidores do Pessoa exclusivamente poeta.

Cada vez mais longe. Eu até tento corrigir uma coisa que é muito frequente: escrever «Pessoa» e, duas linhas depois, «o poeta». Escrevo cada vez mais os escritos. A maior parte dos 30 mil papéis é prosa ou poesia?

A maior parte é prosa. Embora haja muitíssima poesia e muita continue por publicar.

Quase toda a poesia inglesa, por exemplo.

Pois. Os catálogos indicam que 70 por cento da poesia inglesa ainda está inédita. Em português temos a poesia não datada. Podemos estar a falar de 500 poemas ou mais, não datados. Pessoa morreu em 1935, nós estamos em 2012; não há qualquer coisa de incompreensível nisso?

Pois. Essa é a complexidade que tive quando vivi a minha epifania. A minha relação com Pessoa começou em 2003 quando encontro

um espólio trilingue amplamente inédito. Para mim, há quase uma década que é praticamente incompreensível termos tanto material por tratar e termos a consciência, mesmo que seja uma consciência de poucas pessoas, de ainda termos trabalho para 40 ou 50 anos, ou muito mais. Como é que se deu essa sua epifania? Foi quase uma necessidade de humildade. «Epifania» é uma expressão do universo religioso. É verdade.

Há qualquer coisa de religioso na sua relação com Pessoa?

Não há, mas se eu tivesse um santo na minha paróquia, seria S. Jerónimo e a sua relação com a tradução e com os origens da crítica textual. Não conheço a história de S. Jerónimo.

É um dos santos mais ligados ao que possa ser uma espécie de história dos arquivos e da recuperação de textos canónicos da tradição literária e religiosa. Mas não consigo imaginar uma relação religiosa com Pessoa. Até costumo dizer aos meus amigos: em minha casa não pode entrar nada de Pessoa. Não quero *Íberia*, não quero objetos de nenhum tipo. A minha casa tem de estar limpa de Pessoa. Só os livros e mais nada. Não quero estatuetas, não tenho *unearthling*, não frequento leitões. Depois das oito da noite não falo mais de Pessoa. Se esta entrevista tivesse sido marcada para depois das oito da noite era muito mais complicada.

Ainda não me conteu, em concreto, como é que lhe aconteceu a tal epifania. Já tinha feito muitas leituras em 2003 e até tinha escrito uma dissertação de mestrado sobre Pessoa. Mas nenhum dos professores me tinha sugerido que passasse pelo espólio. Foi isso que marcou a diferença ter a oportunidade de de tocar nos papéis, de sentir, de ver, de imaginar fisicamente a partir daqueles papéis.

Que significado atribui ao facto de os professores não incentivarem os alunos a procurar pelo espólio?

Essa é uma crítica cultural que faço há muito tempo. Existe o termo «pessoanismo», existe a ideia de que há especialistas na obra de Pessoa mas não tem a consciência da necessidade de passar pelo espólio, no qual temos a possibilidade de regressar às fontes, de corrigir muitas leituras e não apenas isso: acrescentamos material a este universo em expansão, porque a maior parte dos papéis continua inédita. Se Fernando Cabral Martins no *Diário de Fernando Pessoa e do Modernismo* tivesse incluído o espólio – o que não aconteceu por completo – não teria feito um livro, teria feito cinco, seis ou mais. Temos de aceitar que há muito mais para além daquilo que já trabalhamos e conhecemos no espólio, que merece ser publicado. Material que ainda vai dar luz a muitas publicações. O que alguém poderá dizer é que, embora estejam por editar todos aqueles papéis, o essencial é o que é verdadeiramente importante já terá sido publicado. É verdadeira esta afirmação?

Figura 18 - Peça Jornalística 15: “Para mim, há uma década que é incompreensível termos tanto material de Pessoa por tratar”, edição de setembro de 2012.

A ideia de que o essencial já é conhecido é uma ideia antiga. Foi algo que já Georges Simenon disse nos anos 60 contra o Georg Rudolf Lind para que ele não fosse pelo caminho da poesia e se ficasse pela prosa.

Antes da publicação do *Livro do Desassossego*.

Sim. Portanto, se nós aceitarmos a ideia essencialista, de já conhecermos o Pessoa fundamental, há 40 ou 50 anos que teríamos interpretado o abelha da casa. Eu acho que temos de manter a casa aberta por muito mais tempo e admitir que o que já sabemos está em mudança. Se há alguma coisa de especialmente estranha no Pessoa é não ser uma entidade fixa. Os muitos livros de Pessoa só há dois ou três entes: a Mensagem, Ricardo Reis e pouco mais.

A busca de uma unidade na obra de Pessoa, que vem de figuras como Jacinto do Prado Coelho, perdendo sentido? Para nós situações de época em que estamos tentos de pensar num conjunto de unidades parciais. Ainda não posso imaginar essa grande unidade, quase uma metanarrativa. Prefiro pensar em pequenas unidades que não sejam apenas unidades de sentido porque estamos a tentar a interpretação com a edição, a crítica textual com a crítica literária. Essa unidade não pode, portanto, ser uma unidade construída por um crítico literário. Tem de ser um trabalho que junte uma unidade material a uma unidade interpretativa. Sempre a partir do espólio?

Sempre a partir do espólio para que o próprio espólio force a unidade que possa vir dele. É muito mais difícil - se não pensarmos nos papéis, nas marcas-águas, nas características físicas - construir um livro que possa perdurar.

Foi a filologia que o levou a Fernando Pessoa ou foi Pessoa que o conduziu à filologia?

Foi muito mais o Pessoa que me levou à filologia. Encontrei no Pessoa praticamente todo o universo da filologia. Nomeadamente, da filologia moderna. E daí só não encontrar em Pessoa qualquer uma das questões que hoje são discutidas numa congresso de crítica textual.

Pessoa contém em si todos os problemas possíveis?

Praticamente. Até em termos de tradução e de autotradução. Já está no limite da filologia. Todos os aspectos do que é propriamente uma edição crítica estão lá. Se na Irlanda há Joyce para pensarmos a crítica textual moderna, em Portugal temos Pessoa.

Pessoa até parece que estava a lutar com a possibilidade. Parece estar já a imaginar que ia criar esse desassossego todo em que estamos e vamos continuar a estar por muito tempo.

É uma ideia muito pessoana, essa.

Sim. Mas é um desassossego alheio. É um desassossego que passa por estarmos a criar as obras imaginárias destas figuras imaginárias. Nós precisamos entrar no jogo e agora estamos dentro dele. Imagino que a pergunta que lhe faziam mais vezes será como é que um colunista vem alterar em Lisboa, na Biblioteca Nacional, para enfilar a cabeça na arca de Pessoa durante anos e anos? Bom, a resposta mais humana é que foi a mania que eu encontrei de poder reger-me muitas vezes a Portugal. Na altura estava nos Estados Unidos e tinha que passar sempre o verão em Portugal. Tinha?

Por motivo de amor.

Está explicado, não vamos entrar no capítulo das incoerências. Tenho que admitir que foi a sinistra de uma grande paixão acadêmica com uma relação muito forte com o país e com uma por-



**A MINHA RELAÇÃO COM PESSOA COMEÇOU EM 2003 QUANDO ENCONTREI UM ESPÓLIO TRILÍNGUE AMPLAMENTE INÉDITO. PARA MIM, HÁ QUASE UMA DÉCADA QUE É INCOMPREENSÍVEL HAVER**

inglês. As coisas seguiram o seu caminho e eu não quis perder a ligação a Portugal e acho que nunca mais a perdi. Até já tem dupla nacionalidade, tanto quanto sei.

Tenho. Foi a naturalização. E estou como titular da cátedra do Instituto Camões da Universidade com o qual o meu projeto de vida é a divulgação da literatura portuguesa e da cultura em geral nos próximos 30 anos.

O facto de ser estrangeiro quando começou a trabalhar no espólio de Pessoa alguma vez se revelou uma vantagem ou uma desvantagem?



**TANTO MATERIAL POR TRATAR, TEMOS A CONSCIÊNCIA PESSOAS, DE AINDA TERMOS TRABALHO PARA 40 OU 50 ANOS, OU MUITO MAIS.**

Podia ter sido um impedimento mas não chegou a ser. Acho que acabou por ser uma vantagem. Não pelo motivo que muitas pessoas podem imaginar: que nós, os portugueses, somos sempre mais abertos para com os estrangeiros. Não foi isso. Foi mais porque sendo estrangeiro conseguia ter aquilo com mais facilidade. Costumo dizer que podia ter sido as mesmas ideias, os mesmos projetos mas que teria sido tudo mais difícil se não tivesse tido certos apoios. Para quem quer fazer um catálogo ou uma investigação curta em Portugal é tudo muito fácil visto de fora. É mais difícil, muitas vezes, encontrar os apoios para projetos dentro de Por-

gal. O que me facilitou muito a vida foi estar dividido entre duas nacionalidades, a de Lisboa e de Harvard, com o apoio de amigos, tendo podido pedir o apoio, como aluno não-português, do serviço internacional da Gulbenkian e da Fundação Luso-Americana. Também foi importante não ter encontrado preconceitos ideológicos que me tivessem tornado o trabalho muito difícil. Refletiu o facto de ter encontrado uma obra trilingue, na arca de Pessoa. Qual será a parte mais desconhecida?

Não tenho cálculos sobre mas imagino que o Pessoa mais inédito, neste momento, seja o Pessoa em inglês. Tradicionalmente, as pessoas que estudaram e editaram Pessoa tinham uma formação francesa. O inglês foi sempre uma grande limitação. A verdade também é que Pessoa deixa de escrever em inglês com a mesma assiduidade depois de 1914 e praticamente nenhuma das figuras que inventou depois de 1914 - ou mesmo nenhuma - escreve em inglês. *Harvard* [e a *Biblioteca de Harvard*], a prosa mais importante posterior a 1914, não está em inglês mas sim em inglês. Portanto, Pessoa abandona o inglês mas deixa muitas vezes a pé em inglês. Ainda há um continente de textos inéditos em língua inglesa. Temos um espólio trilingue é uma situação rara e muito mais exigente para o investigador que terá de preparar obras em diferentes línguas.

Normalmente parte dos textos transcritos para a construção de um livro ou parte da ideia de um livro para ir à procura no espólio de peças que se encaixam nesse puzzle?

Até certo ponto as duas coisas. Imaginemos o *Livro do Desassossego* [assuma a partir daqui a grafia que Fernando Pessoa adota para a edição crítica da obra publicada na DNP]. Não é que eu não tivesse a ideia de Pessoa ter um livro em mente mas a investigação deu-me a entender que ainda era um livro e não o livro, aquele de que temos mais versões. Portanto, não há livro de Pessoa que esteja fechado. Mesmo tendo ideia do projeto do *Desassossego*, temos de ser nós a construir *Livro do Desassossego*. Cada editor está a construir o seu *Desassossego*. Mesmo que eu tenha uma ideia à partida, a verdade é que não sei qual vai ser o resultado final. Uma das coisas mais importantes - pelo menos para mim, a título pessoal - é saber que estou sempre a partir para uma descoberta. Mesmo que Pessoa tenha deixado um esquema, eu não tenho o livro à partida.

Um dos aspectos muito claros nas suas edições é a decisão de não se apagar do texto final, deixando as escolhas claramente assinaladas no texto. Decidiu que seria assim desde o início?

Isso foi quase uma reação, quando comecei a trabalhar no espólio, em 2003, ao perceber que estava a encontrar coisas nos papéis que não estavam nos livros. Não podendo culpar Pessoa tinha de responsabilizar os editores. Nunca quis estar na posição de fazer uma pessoa, posteriormente, a perguntar-se em relação ao meu trabalho «Porque aconteceu isto?» ou «Porque aconteceu aquilo?».

Fará questão de que tudo fique aberto ao texto?

É um princípio de transparência que se tem de manter. No fundo, não estamos a receber um texto pronto para publicação, pensado para a tipografia. Estamos a encontrar manuscritos, ideias soltas, coisas que estavam por trabalhar. Estamos a tomar decisões que Pessoa não tomou, encontrando incoerências, falta de coerência, coisas incompletas. Temos de confessar que estamos a terminar o trabalho ou a tentar apresentar o que ficou inacabado, indicando que ficou inacabado.

Recusa a rasura daquilo que à partida parecem defeitos.

Figura 19 - Peça Jornalística 15: “Para mim, há uma década que é incompreensível termos tanto material de Pessoa por tratar”, edição de setembro de 2012.



## O GUARDA-LIVROS QUE PESSOA NÃO TEVE



**DEFENDO ESTA AFIRMAÇÃO E ACREDITO NELA: NOS ÚLTIMOS 30 ANOS NÃO HÁ NADA DE TÃO IMPORTANTE, EM TERMOS DE UMA OBRA ÚNICA, QUANTO A PUBLICAÇÃO DA PROSA DE ÁLVARO DE CAMPOS. NÃO APENAS PELO QUE AQUELA PROSA É, MAS TAMBÉM POR SER CONTEMPORÂNEA DO LIVRO DO DESASSOCEGO.**



**É CASO PARA CRERMOS QUE, QUANDO ÁLVARO DE CAMPOS ESCRIVIA ALGUMAS TIRADAS SOBRE RICARDO REIS, ESTAVA FINAL A PENSAR NO FUTURO INCANSÁVEL ESGARAVATADOR DA SUA ARCA CAPAZ DE A ARRUMAR DEVIDA E METODICAMENTE, COISA QUE NEM ELE NEM PESSOA, NEM MAIS TODA A SUA CORTE, CONSEGUIRAM FAZER.**

Figura 20 - Peça jornalística 16: “O guarda-livros que Pessoa não teve”, edição de setembro de 2012.



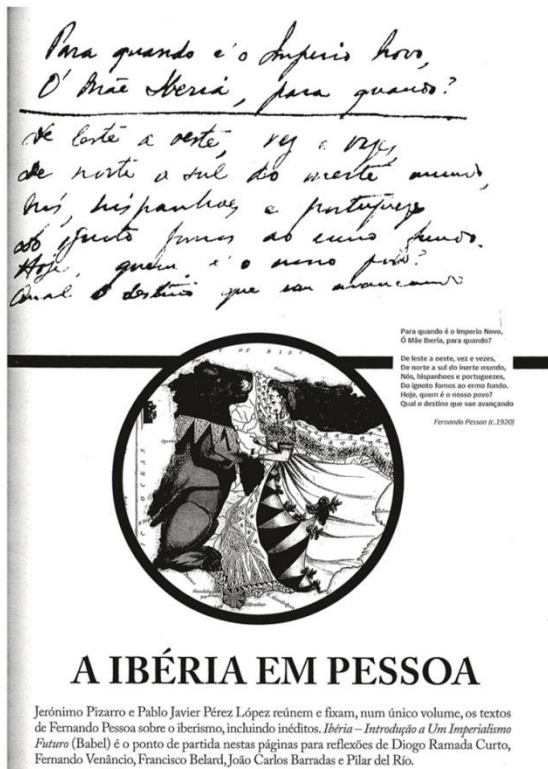


Figura 21 - Peça jornalística 17: "A Ibéria em Pessoa", edição de março de 2013.



Figura 22 - Peça jornalística 18: "Pessoa, o Iberismo e o Pensamento Imperial", edição de março de 2013.



Figura 23 - Peça jornalística 19: "Pessoa e a Galiza: anexar o vazio", edição de março de 2013.



Figura 24 - Peça jornalística 20: "Navegar num mesmo rumo", edição de março de 2013.

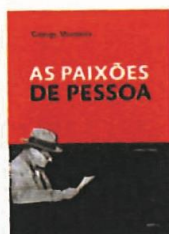
## PESSOA BREVE

Título da nova colecção coordenada por Richard Zenith (Prémio Pessoa 2012) e Fernando Cabral Martins, mais de duas



dezenas de pequenos volumes com os «textos mais representativos de cada heterónimo ou de cada livro ou tema». Os quatro primeiros (*Cancioneiro: Uma Antologia*, *Poemas Escolhidos de Alberto Caeiro*, *Odes Escolhidas de Ricardo Reis* e *Poemas Escolhidos de Álvaro de Campos*) estarão disponíveis em livraria a partir a 3 de junho por 9,90 euros.

Figura 25 - Peça jornalística 21: “Pessoa Breve”, edição de junho de 2013.



### As Paixões de Pessoa George Monteiro Ática

George Monteiro, professor na Brown, Providence, merecia ser mais conhecido do público não-universitário. Nesta recolha de ensaios sobre Pessoa (traduzidos por Margarida Vale de Gato), há surpresas a reter.

Figura 26 - Peça jornalística 22: “As Paixões de Pessoa”, edição de setembro de 2013.



[illegible]

**VALORIZAMOS PESSOAS | WWW.ISCSP.ULISBOA.PT**

## Apêndice n.º 11: Análise dos resultados obtidos na análise às 24 edições do *Jornal de Letras*

Os resultados da análise às edições do *Jornal de Letras* no período de 2010-2015 são apresentados em tabelas, divididas por ano e mês. A tabela final apresenta os resultados da análise aos 24 números do jornal previstos por este estudo.

**Tabela 19 - Resultados obtidos pela análise de 4 edições do *Jornal de Letras, Artes e Ideias* de 2010.**

Ano	2010				
1. Edições publicadas - Data em estudo	24 de março a 6 de abril	16 a 29 de junho	22 de setembro a 5 de outubro	15 a 28 de dezembro	
1.1. Número da publicação	1030	1036	1043	1049	
1.2. Tiragem (média do mês anterior)	10500	10500	10900	10500	
1.3. Direção	J. C. Vasconcelos	J. C. Vasconcelos	J. C. Vasconcelos	J. C. Vasconcelos	
2. Número de menções aos autores na capa da publicação					Totais:
2.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
2.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
2.1.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
2.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
2.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
2.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
3. Número de menções aos autores no corpo da publicação					
3.1. Cesário Verde	0	2	1	1	4
3.2. Fernando Pessoa	20	5	16	1	42
3.2.1. Álvaro de Campos	2	1	1	1	5
3.3. José de Almada Negreiros	1	0	0	0	1
3.4. Mário de Sá-Carneiro	1	2	3	0	6
3.5. Raul Leal	0	0	0	2	2
4. Produções jornalísticas sobre os autores em apreço					
4. 1. Número de notícias sobre os autores em apreço (acontecimentos, artigos, breves)					
4.1.1. Cesário Verde	0	1	0	0	1
4.2.1. Fernando Pessoa	3	2	1	0	6
4.2.1. Álvaro de Campos	1	0	0	0	1
4.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
4.4. Mário de Sá-Carneiro	0	1	0	0	1
4.5. Raul Leal	0	0	0	1	1
5. Número de críticas literárias a obras dos autores em estudo					
5.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
5.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0

5.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
5.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
5.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
5.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>6. Número de críticas literárias a obras relacionadas com os autores em apreço</b>					
6.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
6.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
6.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
6.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
6.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
6.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>7. Número de outras menções (crónicas, citações, entrevistas e outras) dos autores em estudo</b>					
7.1. Cesário Verde	0	1	1	1	3
7.2. Fernando Pessoa	5	2	5	1	13
7.2.1. Álvaro de Campos	0	1	1	1	3
7.3. José de Almada Negreiros	1	0	0	0	1
7.4. Mário de Sá-Carneiro	1	1	2	0	4
7.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>8. Número de menções a <i>Orpheu</i></b>					
8.1. Revista <i>Orpheu</i>	0	0	0	0	0
8.2. Geração de <i>Orpheu</i>	0	0	0	1	1

Fonte: elaboração própria.

**Tabela 20 - Resultados obtidos pela análise de 4 edições do Jornal de Letras, Artes e Ideias de 2011.**

Ano	2011				
1. Edições publicadas - Data em estudo	23 de março a 5 de abril	15 a 28 de junho	21 de setembro a 4 de outubro	14 a 27 de dezembro	
1.1. Número da publicação	1056	1062	1069	1075	
1.2. Tiragem (média do mês anterior)	10500	10500	10500	10500	
1.3. Direção	J. C. Vasconcelos	J. C. Vasconcelos	J. C. Vasconcelos	J. C. Vasconcelos	
<b>2. Número de menções aos autores na capa da publicação</b>					<b>Totais:</b>
2.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
2.2. Fernando Pessoa	1	0	0	0	1
2.1.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
2.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
2.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
2.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>3. Número de menções aos autores no corpo da publicação</b>					
3.1. Cesário Verde	2	3	1	1	7
3.2. Fernando Pessoa	40	24	3	7	74
3.2.1. Álvaro de Campos	5	5	0	0	10



3.3. José de Almada Negreiros	1	4	0	0	5
3.4. Mário de Sá-Carneiro	7	1	1	3	12
3.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>4. Produções jornalísticas sobre os autores em apreço</b>					
<b>4. 1. Número de notícias sobre os autores em apreço (acontecimentos, artigos, breves)</b>					
4.1.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
4.2.1. Fernando Pessoa	2	2	0	1	5
4.2.1. Álvaro de Campos	1	0	0	0	1
4.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
4.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
4.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>5. Número de críticas literárias a obras dos autores em estudo</b>					
5.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
5.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
5.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
5.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
5.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
5.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>6. Número de críticas literárias a obras relacionadas com os autores em apreço</b>					
6.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
6.2. Fernando Pessoa	0	1	0	0	1
6.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
6.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
6.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
6.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>7. Número de outras menções (crónicas, citações, entrevistas e outras) dos autores em estudo</b>					
7.1. Cesário Verde	2	1	1	1	5
7.2. Fernando Pessoa	7	3	3	2	15
7.2.1. Álvaro de Campos	0	2	0	0	2
7.3. José de Almada Negreiros	1	3	0	0	4
7.4. Mário de Sá-Carneiro	3	1	1	3	8
7.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>8. Número de menções a <i>Orpheu</i></b>					
8.1. Revista <i>Orpheu</i>	0	2	0	0	2
8.2. Geração de <i>Orpheu</i>	1	2	0	0	3

Fonte: elaboração própria.

**Tabela 21 - Resultados obtidos pela análise de 4 edições do Jornal de Letras, Artes e Ideias de 2012.**

Ano	2012
-----	------

1. Edições publicadas - Data em estudo	21 de março a 3 de abril	13 a 26 de junho	19 de setembro a 2 de outubro	12 a 25 de dezembro	
1.1. Número da publicação	1082	1088	1095	1101	
1.2. Tiragem (média do mês anterior)	10500	10500	10500	10500	
1.3. Direção	J. C. Vasconcelos	J. C. Vasconcelos	J. C. Vasconcelos	J. C. Vasconcelos	
2. Número de menções aos autores na capa da publicação					Totais:
2.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
2.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
2.1.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
2.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
2.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
2.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
3. Número de menções aos autores no corpo da publicação					
3.1. Cesário Verde	1	0	0	0	1
3.2. Fernando Pessoa	9	14	14	6	43
3.2.1. Álvaro de Campos	0	1	12	0	13
3.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
3.4. Mário de Sá-Carneiro	1	0	0	1	2
3.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
4. Produções jornalísticas sobre os autores em apreço					
4. 1. Número de notícias sobre os autores em apreço (acontecimentos, artigos, breves)					
4.1.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
4.2.1. Fernando Pessoa	0	2	1	2	5
4.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
4.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
4.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	1	1
4.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
5. Número de críticas literárias a obras dos autores em estudo					
5.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
5.2. Fernando Pessoa	0	0	1	0	1
5.2.1. Álvaro de Campos	0	0	1	0	1
5.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
5.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
5.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
6. Número de críticas literárias a obras relacionadas com os autores em apreço					
6.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
6.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
6.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
6.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
6.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
6.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
7. Número de outras menções (crónicas, citações, entrevistas e outras) dos autores em estudo					

7.1. Cesário Verde	1	0	0	0	1
7.2. Fernando Pessoa	7	6	2	3	18
7.2.1. Álvaro de Campos	0	1	0	0	1
7.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
7.4. Mário de Sá-Carneiro	1	0	0	0	1
7.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>8. Número de menções a <i>Orpheu</i></b>					
8.1. Revista <i>Orpheu</i>	0	0	0	0	0
8.2. Geração de <i>Orpheu</i>	0	0	0	0	0

Fonte: elaboração própria.

**Tabela 22 - Resultados obtidos pela análise de 4 edições do Jornal de Letras, Artes e Ideias de 2013.**

Ano	2013				
1. Edições publicadas - Data em estudo	20 de março a 2 de abril	12 a 25 de junho	18 de setembro a 1 de outubro	11 a 24 de dezembro	
1.1. Número da publicação	1108	1114	1121	1127	
1.2. Tiragem (média do mês anterior)	10500	10500	10500	10500	
1.3. Direção	J. C. Vasconcelos	J. C. Vasconcelos	J. C. Vasconcelos	J. C. Vasconcelos	
<b>2. Número de menções aos autores na capa da publicação</b>					<b>Totais:</b>
2.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
2.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
2.1.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
2.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
2.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
2.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>3. Número de menções aos autores no corpo da publicação</b>					
3.1. Cesário Verde	7	0	1	0	8
3.2. Fernando Pessoa	10	40	11	38	99
3.2.1. Álvaro de Campos	0	6	2	1	9
3.3. José de Almada Negreiros	1	0	0	1	2
3.4. Mário de Sá-Carneiro	1	0	0	0	1
3.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>4. Produções jornalísticas sobre os autores em apreço</b>					
<b>4. 1. Número de notícias sobre os autores em apreço (acontecimentos, artigos, breves)</b>					
4.1.1. Cesário Verde	1	0	0	0	1
4.2.1. Fernando Pessoa	1	4	1	2	8
4.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
4.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
4.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
4.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>5. Número de críticas literárias a obras dos autores em estudo</b>					

5.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
5.2. Fernando Pessoa	0	1	0	0	1
5.2.1. Álvaro de Campos	0	1	0	0	1
5.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
5.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
5.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>6. Número de críticas literárias a obras relacionadas com os autores em apreço</b>					
6.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
6.2. Fernando Pessoa	0	0	0	1	1
6.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
6.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
6.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
6.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>7. Número de outras menções (crónicas, citações, entrevistas e outras) dos autores em estudo</b>					
7.1. Cesário Verde	0	0	1	0	1
7.2. Fernando Pessoa	5	2	5	8	20
7.2.1. Álvaro de Campos	0	0	2	1	3
7.3. José de Almada Negreiros	1	0	0	1	2
7.4. Mário de Sá-Carneiro	1	0	0	0	1
7.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>8. Número de menções a <i>Orpheu</i></b>					
8.1. Revista <i>Orpheu</i>	0	0	0	0	0
8.2. Geração de <i>Orpheu</i>	0	0	1	0	1

Fonte: elaboração própria.

**Tabela 23 - Resultados obtidos pela análise de 4 edições do Jornal de Letras, Artes e Ideias de 2014.**

Ano	2014				
1. Edições publicadas - Data em estudo	19 de março a 1 de abril	11 a 24 de junho	17 a 30 de setembro	24 de dezembro a 6 de janeiro	
1.1. Número da publicação	1134	1140	1147	1154	
1.2. Tiragem (média do mês anterior)	10500	10500	10500	10500	
1.3. Direção	J. C. Vasconcelos	J. C. Vasconcelos	J. C. Vasconcelos	J. C. Vasconcelos	
<b>2. Número de menções aos autores na capa da publicação</b>					<b>Totais:</b>
2.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
2.2. Fernando Pessoa	1	0	0	0	1
2.1.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
2.3. José de Almada Negreiros	1	0	0	0	1
2.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
2.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>3. Número de menções aos autores no corpo da publicação</b>					
3.1. Cesário Verde	3	1	0	0	4

3.2. Fernando Pessoa	24	5	5	10	44
3.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
3.3. José de Almada Negreiros	22	0	0	1	23
3.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
3.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>4. Produções jornalísticas sobre os autores em apreço</b>					
<b>4. 1. Número de notícias sobre os autores em apreço (acontecimentos, artigos, breves)</b>					
4.1.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
4.2.1. Fernando Pessoa	2	1	1	0	4
4.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
4.3. José de Almada Negreiros	1	0	0	0	1
4.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
4.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>5. Número de críticas literárias a obras dos autores em estudo</b>					
5.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
5.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
5.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
5.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
5.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
5.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>6. Número de críticas literárias a obras relacionadas com os autores em apreço</b>					
6.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
6.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
6.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
6.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
6.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
6.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>7. Número de outras menções (crónicas, citações, entrevistas e outras) dos autores em estudo</b>					
7.1. Cesário Verde	2	1	0	0	3
7.2. Fernando Pessoa	5	4	4	4	17
7.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
7.3. José de Almada Negreiros	1	0	0	1	2
7.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
7.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>8. Número de menções a <i>Orpheu</i></b>					
8.1. Revista <i>Orpheu</i>	1	0	0	1	2
8.2. Geração de <i>Orpheu</i>	1	0	0	1	2

Fonte: elaboração própria.

**Tabela 24 - Resultados obtidos pela análise de 4 edições do Jornal de Letras, Artes e Ideias de 2015.**

Ano	2015				
1. Edições publicadas - Data em estudo	18 a 31 de março	24 de junho a 7 de julho	16 a 29 de setembro	23 de dezembro a 5 de janeiro	
1.1. Número da publicação	1160	1167	1173	1180	
1.2. Tiragem (média do mês anterior)	10500	10500	10500	10500	
1.3. Direção	J. C. Vasconcelos	J. C. Vasconcelos	J. C. Vasconcelos	J. C. Vasconcelos	
2. Número de menções aos autores na capa da publicação					Totais:
2.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
2.2. Fernando Pessoa	0	0	0	1	1
2.1.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
2.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
2.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	1	1
2.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
3. Número de menções aos autores no corpo da publicação					
3.1. Cesário Verde	2	2	0	1	5
3.2. Fernando Pessoa	17	10	10	31	68
3.2.1. Álvaro de Campos	2	3	1	1	7
3.3. José de Almada Negreiros	12	0	1	0	13
3.4. Mário de Sá-Carneiro	5	0	0	32	37
3.5. Raul Leal	2	0	0	0	2
4. Produções jornalísticas sobre os autores em apreço					
4. 1. Número de notícias sobre os autores em apreço (acontecimentos, artigos, breves)					
4.1.1. Cesário Verde	1	0	0	0	1
4.2.1. Fernando Pessoa	0	0	1	0	1
4.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
4.3. José de Almada Negreiros	1	0	0	0	1
4.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	1	1
4.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
5. Número de críticas literárias a obras dos autores em estudo					
5.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
5.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
5.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
5.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
5.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
5.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
6. Número de críticas literárias a obras relacionadas com os autores em apreço					
6.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
6.2. Fernando Pessoa	0	0	0	1	1
6.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
6.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0

6.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
6.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>7. Número de outras menções (crónicas, citações, entrevistas e outras) dos autores em estudo</b>					
7.1. Cesário Verde	0	2	0	1	3
7.2. Fernando Pessoa	7	7	3	9	26
7.2.1. Álvaro de Campos	2	2	1	1	6
7.3. José de Almada Negreiros	6	0	1	0	7
7.4. Mário de Sá-Carneiro	4	0	0	2	6
7.5. Raul Leal	1	0	0	0	1
<b>8. Número de menções a <i>Orpheu</i></b>					
8.1. Revista <i>Orpheu</i>	48	2	0	9	59
8.2. Geração de <i>Orpheu</i>	0	0	0	2	2

Fonte: elaboração própria.

**Tabela 25 - Resultados obtidos pela análise de 24 edições do Jornal de Letras, Artes e Ideias (2010-2015).**

Ano	2010	2011	2012	2013	2014	2015	Total final
<b>1. Número de edições analisadas (data em estudo)</b>	<b>4</b>	<b>4</b>	<b>4</b>	<b>4</b>	<b>4</b>	<b>4</b>	<b>24</b>
<b>2. Número de menções aos autores na capa da publicação</b>							
2.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0	0	0
2.2. Fernando Pessoa	0	1	0	0	1	1	3
2.1.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0	0	0
2.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	1	0	1
2.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0	1	1
2.5. Raul Leal	0	0	0	0	0	0	0
<b>3. Número de menções aos autores no corpo da publicação</b>							
3.1. Cesário Verde	4	7	1	8	4	5	29
3.2. Fernando Pessoa	42	74	43	99	44	68	370
3.2.1. Álvaro de Campos	5	10	13	9	0	7	44
3.3. José de Almada Negreiros	1	5	0	2	23	13	44
3.4. Mário de Sá-Carneiro	6	12	2	1	0	37	58
3.5. Raul Leal	2	0	0	0	0	2	4
<b>4. Produções jornalísticas sobre os autores em apreço</b>							
<b>4.1. Número de notícias sobre os autores em apreço (acontecimentos, artigos, breves)</b>							
4.1.1. Cesário Verde	1	0	0	1	0	1	3
4.2.1. Fernando Pessoa	6	5	5	8	4	1	29
4.2.1. Álvaro de Campos	1	1	0	0	0	0	2
4.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	1	1	2
4.4. Mário de Sá-Carneiro	1	0	1	0	0	1	3
4.5. Raul Leal	1	0	0	0	0	0	1
<b>5. Número de críticas literárias a obras dos autores</b>							

em estudo							
5.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0	0	0
5.2. Fernando Pessoa	0	0	1	1	0	0	2
5.2.1. Álvaro de Campos	0	0	1	1	0	0	2
5.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0	0	0
5.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0	0	0
5.5. Raul Leal	0	0	0	0	0	0	0
6. Número de críticas literárias a obras relacionadas com os autores em apreço							
6.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0	0	0
6.2. Fernando Pessoa	0	1	0	1	0	1	3
6.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0	0	0
6.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0	0	0
6.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0	0	0
6.5. Raul Leal	0	0	0	0	0	0	0
7. Número de outras menções (crónicas, citações, entrevistas e outras) dos autores em estudo							
7.1. Cesário Verde	3	5	1	1	3	3	16
7.2. Fernando Pessoa	13	15	18	20	17	26	109
7.2.1. Álvaro de Campos	3	2	1	3	0	6	15
7.3. José de Almada Negreiros	1	4	0	2	2	7	16
7.4. Mário de Sá-Carneiro	4	8	1	1	0	6	20
7.5. Raul Leal	0	0	0	0	0	1	1
8. Número de menções a <i>Orpheu</i>							
8.1. Revista <i>Orpheu</i>	0	2	0	0	2	59	63
8.2. Geração de <i>Orpheu</i>	1	3	0	1	2	2	9

Fonte: elaboração própria.



## Anexo n.º 2: Representação visual nas peças jornalísticas do *Jornal de Letras*

52 • DEBATE - PAPO



Figura 29 - Peça jornalística 1: “Diário do Desassossego”, edição de março de 2010.



### A ‘ementa’ de Quitério

«Ele, José Quitério, é o mais concludente e apreciado «crítico gastronômico» português, e a sua coluna sobre restaurantes no *Expresso*, que mantém há duas ou três décadas, foi pioneira e continua a ser uma referência. Também porque Quitério, além de saber especificamente do «tema», tem humor, escreve bem e é culto. Vê-se que não só gosta de comer bem, como tantos artistas e escritores, como sabe, e gosta, também de artistas e escritores.

Como tem mostrado, em alguns livros, e demonstra bem neste *Escritores à mesa (e outros artistas)*, publicado na coleção «Conção, cabeça e estômago» que ele próprio dirige, na editora de Manuel Rosa. A obra, que reúne 31 textos, 20 saídos antes em dois outros livros seus, mas revisados e acrescentados, e 11 inéditos: «...pretende ser uma homenagem sobretudo aos escritores que nem por serem dos maiores deixaram de tratar dum tema que muitos letrados enfastados (e enfadados) consideram matérria menor ou mesmo abominável.

Que possa servir também de antepasto para uma há muito promediada Antologia da gastronomia na Literatura Portuguesa (século XIII-XX), a vir ao mundo, se o permitem o tempo e as potestades, em 2011». Os escritores são 26, cinco os artistas, vêm de Camões a Eça, Camilo, Flávio, Cesário, Teófilo Gomes, Aguiar, no ou José Gomes Ferreira: uma magnífica «ementa»...

de José Quitério  
ESCRITORES À MESA  
(E OUTROS ARTISTAS)  
Ed. Assírio & Alvim, 218 pp., 17 euros

Figura 30 - Peça jornalística 2: “A ‘ementa’ de Quitério”, edição de junho de 2010.



T

**Jornal de Letras: Hine do Danos-  
seguro é uma ideia com algum  
tempo. Como é que surgiu este  
conceito?**

O argumento é bom. Como foi essa «construção» a partir de uma prova tão fragmentária? Deixar-se levar, muito trabalho, ocupar-me seis meses a partir do momento em que terminei A Corte

Estava avisado de que alimentava um projeto impossível, mas não se convenceu. Trinta anos depois de *Conversa Acabada* (em que tratava a relação de Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro), João Botelho apresenta *Filme do Desassossego*, a partir de *O Livro do Desassossego*, de Bernardo Soares. Estará em exibição no Centro Cultural de Belém, a 29 de setembro, 1, 2 e 3 de outubro, e de 7 a 9 do mesmo mês no Teatro São João, no Porto, a que se seguirão várias cineatecas por todo o país. Neste dossier, publicamos uma entrevista com o realizador, a crítica ao filme e o comentário de Richard Zenith, organizador de uma edição de *O Livro do Desassossego*, publicada em 1998 pela Assírio & Alvim, utilizada por João Botelho no filme

JL / 23 de Setembro a 3 de Outubro de 2010 • jornal@brasil.org.br

FILME DO DESASSOSSEGO

ARTES • 23

do que os músicos que já lá estão. Não foi uma leitura brava, mas procurei apresentar uma leitura tão 'democrática' quanto possível: peguei em vários autores que já conhecia (a Alexandra Lencastre, a Rita Blanco, o Miguel Guilherme) e outros que dirigi pela primeira vez o del-les a oportunidade de serem portadores do texto de BS.

A segunda premissa era a criação uma geografia de Lisboa, mas que não fosse exatamente a Lisboa que conhecemos. Recreá-la, a partir de uma ideia de abstração. Ou seja, não quis fazer um filme de época, mas sim fazer um filme sem tempo. E tive o maior respeito por aquele texto maravilhoso o Pessoa esteve para a língua portuguesa do século XX como o Padre António Vieira para o Barroco. E faz as mais espantosas provocações: como aquela frase, que cito no filme, em que BS conclui: "Deusa sua eu".

Tão completo era o universo que...

Ele escolheu mesmo: "Os meus sonhos autênticos bem o universo e as suas estrelas." Noventa por cento do que ali está pertence ao Bernardo Soares o resto foi eu que criei como elemento de ligação entre os textos dele. Fit o cinema com a Aguilera, na *A Geração do Norte*.

Pôe o Bernardo Soares e o Fernando Pessoa em relação.

A geografia libanesa de Pessoa/Bernardo Soares

Foca relação existe no filme do Desassossego. Para mim, o HS não é um heterônimo, mas um anagrama. Enquanto os outros têm data de nascimento e morte, este não. Com Pessoa, tem em comum a profissão (empregado de escritório), a solidão (na verdade, ele criou aquele "bincadeira" dos heterônimos para não estar sozinho no mundo), a maneira de beber e fumar.

O filme «conceito» logo dessa primeira leitura do livro? Tinha logo escrito aqueles bilâmbos nunca revista quando fiz a Conversa Acabada. Nessa altura não fazia ideia de que eram parte de um livro.

O sonho do musical Como lhe surgiu a ideia de introduzir momentos musicais no filme? Já tinha essa ideia à partida?

Não tinha essa ideia, mas, sim, o sonho de fazer um musical (como tenho o sonho de fazer um western). E foi de fazer um sobre fado. Sem textos ditas, apenas câmpões.

À Jacques Dany? Completamente. E não gostei de Fados, o filme do Carlos Saura pareceu-me muito trágico. Baté fado que se canta hoje já não é la murmurio (não é e decide que o Ca-

“

**Pessoa esteve para a língua portuguesa do século XX como o Padre António Vieira para o Barroco**

maré o revolucionário). Carminho, Ricardo Ribeiro, Ana Sofia Varela e vários outros intérpretes são forças da natureza e merecem muito um filme que lhes faça essa justiça.

Como é que aparece a ópera (numa sequência de mais de dez minutos) neste filme?

O Carrapatos fez uma ópera magnífica: muito romântica e muito desespera. O bilheteiro é meu, a partir de «Marcha Fúnebre para Luis II de Baviera», que está no Livro.

**PENSAR O CINEMA**

Como foi voltar ao universo de Pessoa, 30 anos depois de ter realizado a Conversa Acabada? Em 1980 e Fernando Pessoa era conhecido em Portugal, mas, ainda assim, pouco. Alís, O Livro do Desassossego só aparece, enquanto tal, dois anos depois do meu filme. Eu tive a cara do Pessoa em minha casa porque a sobrinha-

166

saída com brilho de lâmina  
leves o cinema ao qual, muito  
provavelmente, o filme mais  
radicais e o uso de uma car-  
reta marcada pela exploração de  
uma arte total, capaz de integrar  
teatro, ópera, pintura, fotografia,  
escultura, música e até um grau  
cafe ver machos e mulheres. Um  
arte despojado das suas chamas  
ou perigosas do fazer tradi-  
cional e da sua ligação de entretém.

Em filme de Deaconsoop  
concentramos tudo isso, como se  
A Carie do Maré encontrassem  
Caravaggio (Julie decauphous  
Halefarsen). Verdi e a muska-  
lidade das palavras dadas de  
Agostina Bress. Lado ditas por  
Marla João Cruz. Com Bernardo  
Soares, Botelho não optou pela  
solução eventualmente mais tátil

22 de Setembro a 5 de Outubro de 2020 • jornaleletraz.pt

VALORIZAMOS PESSOAS | [WWW.ISCSP.ULISBOA.PT](http://WWW.ISCSP.ULISBOA.PT)



## Jorge de Sena Quatro livros

«A notável qualidade, diversidade e 'vastidão' da obra de Jorge de Sena (1919-1978), mais do que justifica a sua permanência e os livros que continuam a sair, de sua autoria ou sobre si. Para isso também contribuiu, e se calhar não pouco, o extraordinário e devotado trabalho desenvolvido pela viúva, Mécia de Sena, na preservação e difusão daquela obra, e na publicação do que em vida do escritor não o tinha sido, incluindo a vasta correspondência. Só de Mécia? Não, também de alguns seniores, entre os quais ocupa lugar de grande destaque Jorge Fazenda Lourenço (JFL), que com ele trabalhou na Universidade de Santa Bárbara (Califórnia) e aí se doutorou com a excelente tese *Jorge de Sena - Testemunho, Metamorfose, Peregrinação*, um estudo que Vasco Graça Moura considerou de "impecável scholarship", apresentada em 1993, com uma 1ª edição em 98, esgotada há meia dúzia de anos e agora re-editada pela Guerra e Paz (592 pp, 21 euros).

Ao mesmo tempo, e nas *Obras Completas* de Sena, que em boa hora a Guimarães está a lançar, aparece uma sua *Antologia Poética*, com edição -- isto é da responsabilidade -- também de JFL (330 pp, 22 euros). Antologia, como sublinha em nota prévia, com um pouco mais de um décimo da produção poética (cerca

de 1600 poemas) do autor de *Vinho Perpétuo*, e que representa "um ponto de vista", organizada por ordem cronológica e precedida de "alguns excertos de prefácios, posfácios ou de outros textos em que o poeta se nos oferece de maneira mais direta". Mas ainda de Sena, e nas ditas *Obras Completas*, sai um dos "frutos" de uma sua outra vertente, a de tradutor, no caso 80 poemas de Emily Dickinson (130 pp, 18 euros), a grande poeta norte-americana (1830-1884). Enquanto com a mesma disciplina daquele ensaio vem a *luz* nova *Correspondência (1957-1960)* inédita do autor de *Sinais de Fogo*, agora com Raul Leal (1886-1964), dos mais singulares e desconhecidos colaboradores do *Orpheu*, que Sena muito admirava, como se vê das suas peças captas aqui publicadas e que têm pouco a ver com aquelas, longas e às vezes truculentas, que conhecemos de outros volumes epistolográficos. O volume, que reúne 19 cartas de Raul Leal, sendo sobretudo importante para o seu conhecimento, tem uma introdução de Mécia de Sena e prefácio de José Augusto Seixas -- de 2001, o que poderá indicar que há anos este livro aguardava editor (Guerra e Paz, 136 pp, 12 euros). »



Figura 35 - Peça jornalística 4: "Jorge de Sena – Quatro livros", edição de dezembro de 2010.

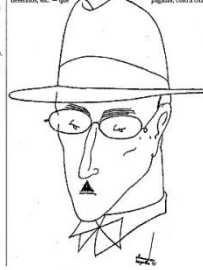
## 10 • LETRAS / EXCLUSIVO

### Fernando Pessoa Uma monumental Quase Autobiografia

A tese é que o poeta não tinha imaginação e em cada página que escreveu está a sua vida e o que lhe era próximo. Assim, José Paulo Cavalcanti, 62 anos, destacado advogado do Recife e ex-ministro da Justiça de Brasil, num livro em que trabalhou sete anos e só a Lisboa o trouxe 35 vezes, dá-nos Pessoa e os seus heterónimos, a "obra que é o homem". São 736 páginas de um livro absolutamente surpreendente e que vai dar muito que falar, a ser lançado amanhã, 24, no Rio de Janeiro, pela Record. O JL reza, antecipando também parte substancial do prefácio do autor

Quatro heterónimos: um livro biográfico. Pessoa ao longo dos seus quase 42 anos de vida, na que talvez do seu período mais fértil, escreveu mais de 30 mil poemas e 12 mil cartas, e deixou uma obra que, apesar de ser conhecida, é pouco conhecida. É um livro que, apesar de ser conhecido, é pouco conhecido. É um livro que, apesar de ser conhecido, é pouco conhecido.

Antes de mais, é um livro que, apesar de ser conhecido, é pouco conhecido. É um livro que, apesar de ser conhecido, é pouco conhecido. É um livro que, apesar de ser conhecido, é pouco conhecido.



de uma das maiores colunas literárias do Brasil, a Record. O livro, com apresentação de outro grande escritor, o poeta português, José Luís de Sousa, e prefácio de José Luís de Sousa, é um livro que, apesar de ser conhecido, é pouco conhecido.

O livro, com apresentação de outro grande escritor, o poeta português, José Luís de Sousa, e prefácio de José Luís de Sousa, é um livro que, apesar de ser conhecido, é pouco conhecido.

O livro, com apresentação de outro grande escritor, o poeta português, José Luís de Sousa, e prefácio de José Luís de Sousa, é um livro que, apesar de ser conhecido, é pouco conhecido.

de uma das maiores colunas literárias do Brasil, a Record. O livro, com apresentação de outro grande escritor, o poeta português, José Luís de Sousa, e prefácio de José Luís de Sousa, é um livro que, apesar de ser conhecido, é pouco conhecido.

O autor revela que Fernando Pessoa usou 202 nomes e teve 127 heterónimos

O livro, com apresentação de outro grande escritor, o poeta português, José Luís de Sousa, e prefácio de José Luís de Sousa, é um livro que, apesar de ser conhecido, é pouco conhecido.

Figura 36 - Peça jornalística 5: "Fernando Pessoa – Uma monumental Quase Autobiografia", edição de março de 2011.

## José Paulo Cavalcanti A biografia de quem nunca teve vida

Este livro é "a biografia de alguém que nunca teve vida". Apenas "uma espécie de apresentação" do homem e da obra. Da obra que é o homem. Tentativa de compreender os mistérios por trás dessa "figura de romance por escrever", que "pode ser apenas uma noite ou pode ser uma aurora". Como diz o heterônimo Vicente Guedes: "Este livro não é dele: é ele." Em carta àquele que seria seu primeiro biógrafo, João Gaspar Simões (17/10/1929), "refletindo sobre a questão dos prefácios", Fernando Pessoa sugere: "Acho preferível não pôr prefácio nenhum." Apesar disso, aqui está. Mesmo sabendo tratar-se de tarefa "onerosa" deveras para a consciência que tenho dos limites da minha competência". Mas fiquem sobretudo registrados, na viagem agora iniciada, que "procurei a verdade ardentemente".

Em outra carta, agora ao poeta

acorianio Armando César Cortes-Rodrigues (19/1/1915), Pessoa confessa invejar "aqueles de quem se pode escrever uma biografia ou que podem escrever a própria". É que os poetas não têm biografia. A sua obra é a sua biografia – proclama Octavio Paz, na abertura de um livro sobre ele. Nada na sua vida é surpreendente, nada, exceto os seus poemas. "Tornel-me uma vida lida." E custa-me imaginar que alguém possa um dia falar melhor de Fernando Pessoa do que ele mesmo, segundo Eduardo Lourenço. Pela simples razão de que foi Pessoa quem descobriu o modelo de falar de si tomando-se sempre por um outro. Assim será, neste livro, em que o biografado se converte em "historiador futuro de suas próprias sensações". O próprio Pessoa nos legando essa "autobiografia sem fatos, a minha história sem vida", "Fragmentos de uma autobiografia", como está no Livro do desassossego.

"Autobiografia de quem nunca existiu", em apresentação de Vicente Guedes. Autobiografia escrita por dois, poderia ser. Ou, talvez melhor, uma quase autobiografia.

É que Pessoa escreveu, pela vida, perto de 30 mil papéis, tendo quase sempre, como tema, ele mesmo ou o que lhe era próximo – a família, os amigos, admirações literárias, mitologia, ritos iniciáticos. Algo equivalente a quase 60 livros de 500 páginas. Tantas que, em um momento mágico, percebi poder contar sua vida com essas palavras. Usando não as que escreveu em sequência cronológica, como um diário, próximo das autobiografias convencionais, mas dizendo o que eu queria dizer, como se fosse ele escrevendo – posto serem mesmo dele, ditas palavras. Tome-se, como exemplo, seus últimos meses. Sabia que o fim estava próximo e começou, freneticamente, a organizar papéis e escrever. Sem uma linha, sequer, em que expressasse aquele desalento que é companheiro inseparável das mortes anunciadas. Assim, para falar dessa época, usei sobretudo textos dos anos 1916-1917, quando teve uma sucessão do que chamava "crises psicológicas". Repetindo-se a prática em todas as passagens de sua trajetória. Este livro, pois, não é o que Pessoa



Fernando Pessoa "Não é um livro para especialistas"

disse, ao tempo em que o disse; é o que quero dizer, por palavras dele. Com aspas é ele, sem aspas sou eu. Sem indicação das fontes, por serem numerosíssimas – salvo em poemas, por títulos (ou datas) e heterônimos que os assinam. Como imagina em "Passos da cruz" (XI), "Não sou eu quem descrevo. Eu sou a tela/ E oculta mão colora alguém em mim". Aqui, essa mão é minha. Não é um livro para especialistas, por já terem, à disposição, páginas demais. Que contam seus poemas octossilábicos, ano a ano – três em 1919, seis em 1920, e por aí vai; ou os adverbios de modo usados, equivalentes a 2,94% das frases de sua obra; ou

estudam o uso do vocativo nos seus versos; ou examinam cada palavra de Mensagem – após o que se sabe haver, no livro, dez com 13 sílabas; ou sustentam que castelos, espadas, gládios e padrões, expressões nele tão frequentes, seriam símbolos fálicos; ou relacionam o horizonte paradigmático que modifica o buraco negro da luz ofuscante da melancolia de Bernardo Soares com as teorias de um filósofo alemão da Escola de Frankfurt ou com a liturgia da psicanálise; ou discutem o número de vezes, 125, em que neles aparece a palavra coração.

(...) Procurei seus rastros por muitos anos, muitos; e ao menos uma vez, em Paris, pensei ter descoberto um pedaço ainda ignoto de seu passado. Lá morou seu maior amigo, Mário de Sá-Carneiro, com quem trocou extensa correspondência. De Sá-Carneiro, todas guardadas por Pessoa, ficaram 216 cartas. Ignora-se o destino de quase todas as que Pessoa escreveu. Ao monsieur le Cérant do Hotel de Nice, em que estava Sá-Carneiro quando se suicidou, o próprio Pessoa escreveu (em 16/9/1918) pedindo-as de volta. Sem resposta. Carlos Alberto Ferreira (amigo de Sá-Carneiro e depois cónsul de Portugal em Nice) confirma ter, no dia seguinte ao do

Figura 37 - Peça jornalística 6: "A biografia de quem nunca teve vida", edição de março de 2011.

## 12 • LETRAS / EXCLUSIVO

ferenciado, guardado em mala o que herdava suas gavetas do quarto – entre essas gavetas, grande número de cartas. Muito tarde, voltou ao hotel e já não teve acesso a elas. Talvez tivessem ficado, então, pessoa, com quem providenciou o contrato, o comerciante José de Araújo. Mas, nesse caso já se teria sabido delas. Para Manuel Jorge Marcondes, algumas foram parar em mãos do autógrafo inglês, Alister Crowley – que se teria confundido alargando os lábios, num sorriso que podia ser de satisfação, de triunfo, de traça ou de outra coisa qualquer. Intratável, claro. Mas, provavelmente, se ter dado que ficaram mesmo na mala em que guardava lá: "Carinho das porcelanas, estufa no hotel como penhor da dívida. E nada mais havia nela quando chegou lá: milhas do pai, anos depois, além do pedregulho da roupa velha e papéis roídos por traças, tristes restos do filho perdido. Tentei relatar os poemas de Sá-Carneiro, e, de pergunta em pergunta, cheguei à elegância memorável de Manoelina Henriques, proprietária desse hotel – atual das Artes. Confesso ter guardado várias cartas que escrevi, escritas em outros idiomas e não preocupadas por ninguém nas docenas de anos em que ali estava. Quem sabe não a correspondência de Pessoa (ou parte dela). Pul consultar os papéis, temendo, com cópias de cartas que escrevi nesse período (para comprar os livros). Não eram suas. Mas vale a pena tentar. "Tudo vale a pena."

(...) O livro começou quando pretendi saber quanto ficava seus heterônimos. Por isso, em datas, segui o diário de todos. Para Pessoa, era sua natureza. "Depois a malícia e o torvel na a p. 16. Assim é melhor. Assim são a malícia." A imagem é dele: "meu nome é muito mais wear ve, and underneath?" Quantas miríadas e admissíveis de maximo? Ele no olho de seus 25. Simples. Mas malícia é intrínseco de Álvaro Egito, os olhos dos ferros eram heróis como preparação para o futuro de sempre que lhe fora prometido. No teatro grego, ao contrário, os atores (homens, todos) eram convertidos em personagens representados por músicos – na Grécia, portanto, em música, pessoas, poesia. O crítico Renald de Carvalho não por acaso dedicou livro a Fernando Pessoa, esgotando o assunto de miríadas, seus heterônimos. Aos poucos, criado e a literatura se confundiu. "Quando que tirar a máscara, estava pegado à cara." Ou de seu biógrafo, Robert Hutchins, diz dele que não se pode arrancar do rosto inco qualquer de suas máscaras: sem que a carne venha agarrada. Porém pelo menos 127, considerando o delirante momento de seu verdadeiro rosto – se é que tinha um, apenas. H. 196.

## Mia Couto Tradutor d

6 Versos que "conturram" o passado e que recriam um tempo clássico. É desta malícia que se ergue o novo volume de poemas de Mia Couto, Tradutor de uma edição da Caminho que esta semana chega ao mercado e da qual antecedem três poemas. Formando um fio narrativo, este livro estabelece um diálogo com o romance que o autor do O Último Voto de Fernando e Sordidez, entre muitas outras, começou a escrever há ano e meio. É que sempre que o escritor moçambicano se lança na prosa, a primeira linha se escreve em liberdade. Como se, para construir uma frase, tivesse primeiro de moldar o verso.

Jornal de Letras: Éste livro marca o seu regresso à poesia? Mia Couto: Na verdade, nunca sai da poesia. Mesmo quando cato a escrever prosa, é mais um trabalho poético do que um exercício narrativo. Além disso, sempre que inicio um romance começo a poesia.

Biografia ou poesia? Quando começo a escrever a prosa surge-me como um desafio. Percebo, então, que tenho de passar ao primeiro para escrever e depois a ideia poética em forma de verso que vou tendo. Como se essa inspeção tivesse a minha caligrafia e me ajudasse a perceber melhor o que quero dizer na prosa. E qualquer coisa que precede, em espaço de prosa um pouco de licença, um hale poético da palavra poética para o verso e a prosa.

De que trata o romance que está a escrever? É inspirado num acontecimento real, muito forte, o que por si só me atraiu, porque normalmente os meus pontos de partida são ficcionais. No Norte de Moçambique, um gr de lódes mais 25 milímetro e um homem. Eu vivi esse período muito humanamente, porque estava a realizar trabalho de campo na zona como biólogo. Assim, aos capangas obrigaram para matar os lobes ao confronto das pessoas com a realidade e com o que está para além dela (as contradições míticas). Mas quero fugir de realidade muito específica, que é ficcional. Não quero contar uma história convencional, mas manter uma aproximação misteriosa, pelas vias da interioridade.

Figura 38 - Peça jornalística 6: "A biografia de quem nunca teve vida", edição de março de 2011.



OS DIAS DA PROSA  
Miguel Real

## Nova teoria da heteronímia

**O QUANTO HETERÓNIMO** Após 1942, ano em que Adolfo Casais Monteiro deu a conhecer a carta de Fernando Pessoa sobre a gênese dos seus três heterónimos, 2011 ficará na História da Literatura Portuguesa como o ano de criação de uma quarta heteronímia: "Tiago Veiga", por Mário Cláudio, anunciado publicamente pela primeira vez em 1989, num artigo do mesmo nome, e cuja obra tem vindo a ser revista da pelo seu criador (2003). Os Sonetos Irlandeses de Tiago Veiga, Azeite, 2010, comemorada com algum pendor por José Carlos Sena Pereira e debruçada por João Ribeiro e Albuquerque Mendes. Se parte da obra de Tiago Veiga foi dada a conhecer ao longo destes últimos 23 anos, muito pouco se sabia da vida do autor. Mário Cláudio, cuja vida literária se entrelaçou com a de Tiago Veiga desde meados da década de 60, num jogo de atuação pela obra e repulsa por algumas das atitudes públicas da "pessoa", sempre este mês de junho um momento histórico nas letras portuguesas: fôrmo publicar a primeira "biografia autorizada" (p. 11) desta já tão referencial quanto novel poeta: Tiago Veiga. Uma Biografia, com uma bibliografia cuja composição a partir do quadro "Os Cavalos de Dinnane", da segunda de estudos de Tiago, a irlandesa Ellen Rasmussen.

**O PASSADO DA HETERONÍMIA** Com Pessoa, a heteronímia ganha o significado de criação de uma alteridade literária assumida como real. Neste sentido, como Carlos Reis defende, o primeiro "Rosaire Mendes", criação de Augusto, Batalha Reis e Fica de Quilós, pode ser considerado um "proto-heterónimo", concebido pelo espírito "F. Menezes", exímio do Rio.

No primeiro terço do século XX, a novidade estética da criação do heterónimo por Pessoa surgiu como uma "revelação", algo de absoluto e radicalmente novo no campo literário, entendido pelo mundo como Pessoa descreveu: "o 'acostumado' das letras heteronímicas, pecavam de (1) a existência de 'autor' sem verdadeiro ou real autor e (2) a multiplicação da consciência autoral como modo de criação estética. Foi, portanto, a hoje, uma profundíssima revolução no campo da literatura. Hoje, século XXI, a repetição do processo pessoal e estatístico de invenção do novo 'heterónimo' no campo do epigrama, sugere-lhe qualquer valor estético e moralizante - o de valor histórico para a literatura.

**A CRIAÇÃO DE TIAGO VEIGA** Deste modo, a criação do heterónimo "Tiago Veiga" por Mário Cláudio teria (forçadamente) de obedecer a uma gênese diferente da pessoa. Ele assim o entendeu de um modo elaborado ao longo (já) uma página e emular disto de investimento e morte, letra de naturalidade, perfilho, vocação literária, etc., como fez Pessoa. É hoje necessário - no tempo do império da imagem - prestar consistência ao heterónimo através de um álbum de fotografias (o Tiago Veiga já tem o seu conjunto de fotografias a "Casa dos Anjos", o pai alterado e a mãe irlandesa, as sazonas das sucessoras Genevieve e Olga, Tiago aos 11 anos, Tiago aos 21 anos, Tiago com Mário Cláudio, Tiago aos 60 anos, a esposa francesa Jeanne, a filha Ingrid, após crer-se que se torna freira, a esposa irlandesa Ellen, o filho Thomas, Tiago visto parafetivamente por João Porto em 1930, reprodução de pinturas de Tiago Veiga...).


R, no tempo do império das relações sociais, é forçoso prever o

heterónimo a uma rede de conexões de nome público que, o primeiro, parece consistir à sua criação: - Já então notados, visto, o editor José Cruz dos Santos, Vasco Graça Moura através da sua filha Hermenegilda de Azeite Lemos, Aguilera, acolhedora de uma notável: testemunha da vida de Tiago, oferecida por Cláudio, lá está - como sacralização académica - os nomes dos professores e críticos literários Scaeva Pereira (Cândida) e Ernesto Rodrigues (Lisboa), mas também Trigueiro Velho de Menezes e Melo, que caracteriza Tiago Veiga de um modo admirável: chamado "mãezinho", "estrangela do" e "cacético" (p. 603). E assim referiu Mário Cláudio o "mãezinho" Tiago Veiga, recordando uma nova teoria da heteronímia, que deverá ser definitivamente lida em conta na história da literatura portuguesa do século XXI.

**TRÊS IDEIAS** Lidas as 727 pp. da biografia de Tiago Veiga, podemos - em dois ideais - 1º) o percurso literário de Tiago Veiga parecer ter sido o vanguardismo o coração negro da poesia portuguesa ao longo do século passado - entre as vanguardas, mais delas para a eternidade o que se conforma com o lirismo (mesmo satírico) presente no todo da história da poesia portuguesa; 2º) da permanente atualização da poesia portuguesa segundo modos prevalecentes no estrangeiro, fica apenas o que o que se conforma com a atualidade política lírica portuguesa. Neste sentido, como política por vivência e crítica de uma poesia de atmosfera literária por vocação, Tiago Veiga, cultor do claudismo, simbolismo e intelectualismo, acerta numa dos mais genuínos poetas portugueses do passado século.

Pessoa lida, talvez a vertente mais perturbadora da biografia, que infelizmente não podemos aqui desenvolver: Tiago Veiga. Uma Biografia perla, de certo modo, a história literária de Portugal ao longo do século XX, não se limitou ao "espírito" do biografado sobre os seus literários: na sua obra, algumas delas contrariando ostensivamente a mitologia literária portuguesa. Com efeito, algum neoclássismo de Tiago Veiga do período entre Cúrcia e Pessoa, meados da obra - em um clássico crítico - em 1989, que o 21 de Abril evidenciado como um autêntico cidadão da língua e alguma nova poesia portuguesa (o "auto-heterónimo", a criação de 61, as portas tardias do neoclássismo...), e justamente este marcado cinema foca a nova situação política e cultural pós-25 de Abril que enfrenta Mário Cláudio. É, porém, absolutamente necessário que se proceda ao levantamento historiográfico das diversas opiniões críticas de Tiago Veiga relativas à poesia portuguesa contemporânea - daria uma belíssima tese de mestrado, antes de mais a sua preferência do heterónimo por João Dantas face a Almada Negreiros.

Finalmente, a parte mais agradável da biografia. Como todo viveiros no nosso país, assim Tiago Veiga - perfilho cosmopolita português - viveu em Itália, Paris, Londres, Gales, Paris, Lisboa, Marracos, Guiné-Bissau, mais tarde Nova Iorque, tornando-se secretário pessoal de Bernardino Machado, amigo de Teixeira Gomes, companheiro de Pessoa, Amália, Pedro, Mário Pinheiro, José Régio, António Salgado Júnior, que se encontra com o nome de "Caillier de Cuiç", conhecido de Aquilino e embebece parafetando e artigos europeus (muito tempo para para referir todos).

Concluamos, de um modo profundamente original, brilhante e laborioso final, Tiago Veiga, heterónimo, cria, ele próprio, um pseudónimo - "Rodrigo de Mene" (p. 620), pseudónimo grande, despojado de realização, já que não pública. 

Mário Cláudio  
TIAGO VEIGA  
UMA BIOGRAFIA  
O. Cuiç, 200 pp., 14,95 euros

Figura 39 - Peça jornalística 7: "Nova Teoria da Heteronímia", edição de junho de 2011.

## A Lisboa de Marina e de Pessoa

Os livros/álbums de Marina Tavares Dias (MTD) sobre Lisboa, em particular a Lisboa Desaparecida, são já uma espécie de ícones da bibliografia natalícia portuguesa. Desde 1987, ano em que saiu o 1º dos nove ou dez volumes com aquele título, logo distinguindo com o Prémio Júlio Castilho, que a jornalista e estudiosa, muito sabedora e respeitada olisipógrafa, dá a lume, por esta época, livros que têm Lisboa como tema - alguns deles também sobre a presença na cidade, e a relação com ela, de grandes escritores: Eça de Queirós, Fernando Pessoa e Mário de Sá Carneiro, de que é especialista. Aliás, exatamente, o seu magnífico livro Lisboa nos Passos de Fernando Pessoa (publicado em 1999, no âmbito do Festival dos Oceanos) tem agora uma nova edição, bilingue (português e inglês). Af o leitor encontra, profusamente documentada com imagens,

umas delas inéditas, toda a geografia pessoal lisboeta, com um esclarecedor texto. Mais, a autora sugere-lhe (e acompanha-o em) alicantes percursos relacionados com a obra e a vida do poeta, os muitos lugares em que morou e trabalhou. Ou seja, "um passeio memorável e uma vivência ímpar de cenários que Pessoa conheceu, tal como os conheceu". O álbum novo de Marina deste ano é, porém, Lisboa Misteriosa. Na linha das suas outras obras, com grande soma ou predominância das imagens - fotos, quase todas antigas, velhos postais, reproduções de obras de arte, documentos, etc., - e apta a satisfazer completamente os seus leitores fiéis, tem, contudo, para lá da sua assumida intenção divulgadora, um caráter ainda mais inesperado de estudo ou ensaio. Ou seja, ao falar dos "mistérios" de Lisboa a autora "inclui deliberadamente

investigações mais definidas e tangíveis, como é o caso dos letreiros das lojas ou da invenção de certas frases lisboetas muitas vezes utilizadas sem conhecimento de origem". Por exemplo: porque dizemos que cai o Carmo e a Trindade ou que qualquer coisa é resvês campo de Ourique? Desde "Ulisses que nunca fundou Lisboa" a "O mistério das palavras", uma viagem diferente pela cidade das sete colinas... 11.

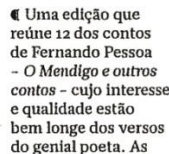


Marina Tavares Dias  
LISBOA MISTERIOSA  
Objectiva, 184 pp, 39,90 euros

LISBOA NOS PASSOS DE FERNANDO PESSOA  
Objectiva, 122 pp, 22 euros

Figura 40 - Peça jornalística 8: "A Lisboa de Marina e de Pessoa", edição de dezembro de 2011.





escolhas e a nota introdutória são de Ana Maria Freitas, que sublinha estarmos perante "pequenas narrativas centradas numa ideia ou conceito: questões filosóficas, hipóteses metafísicas, observações sobre a sociedade do seu tempo, temas da tradição estórica. A prosa ficcional do autor é variada e abarca muitos subgéneros narrativos: contos intelectuais, antíteses, contos de raciocínio, crónicas anormais, contos de um doido, contos líbicos, contos fantásticos, novelas policíacas, contos das experiências amorais, contos filosóficos, fábulas para adultos, fábulas para nações jovens, fábulas políticas, histórias fantásticas e de aventuras."

Ed. Assírio & Alvim, pp 144, 13 euros

## Álvaro de Campos Prosador e pensador

« Condenei tre adolescentes especificamente culpados e embalsamei — no laboratório de volatéis — os corpos de pessoas de Achaia de Corinto a ser enviadas aos governos, ao longo das pedregosas e pedregosas pontas aguçadas de galileus. Não do que tenho: provecho. Foi a letra e a desproporção da quantia de eu te trair, e a falta de publicidade. Choro que há impensores não reconhecerem claramente como os "gentilismos" para mim são os "gentilismos" para os outros. E, por certo, porque o volume colige ao latrões, caso de gozo, do total, sendo os restantes apenas a parte que eu trair, e a falta de publicidade de obter não hánt mais latentes imagens de alguns de quem produziram pouco interesse. A longo prazo, a falta de publicidade melhor pela autoria de grandes pessoas clássicas como a "Orde Mac-Intyre" e "Albino", do que

[illegible][illegible]

É deveras espantosa a escrita inéflita que continua a ser tornada pública, particularmente agora por um notável grupo de jovens investigadores

alido escrito ortigularense. E o exemplo. Contas-me, em Barcelona português, o seu projeto de tese de doutoramento sobre a poesia, que pretende realizar na Universidade de Colômbia, onde alís terroristas já um metracho.

São vitais as vantagens de  
 poderem dispor de toda esta pro-  
 priedade, bem organizada, pronta  
 para qualquer empreitada, seja qual  
 for o período que tiverem vontade  
 de viver com tal. Mereço os textos já  
 publicados sobre coisas boas, re-  
 lacionadas com Indústrias, Sítio, Indústrias,  
 Indústrias, mas no contrário: Indústrias  
 de volume e no processo de transfor-  
 mação da Paróquia de Congonhas a  
 ser do facilitado de vantagens  
 que encorpam os melhores apor-  
 tamentos familiares e de  
 o Sítio de Paróquia. Para as especu-  
 lações em geral no processo de transfor-  
 mação, o volume traz a  
 marca a que Indústrias e Paróquia  
 não buscam os melhores que publicam  
 os melhores, sobre o que  
 Antônio Cardillo e o Sítio com a  
 colônias de Jorge Ucho.

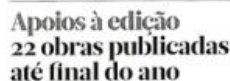
[illegible]

Entre as novidades, há parábolas que remetem a temas de definição de se julga epigramático emblemas sobre as grandes figuras como Shakespeare (versos Shakespeare), Boncompagni, Goethe, Milton, Herasmo, Corneille, Molière, há também insinuações sobre o futuro de Campos: "Uma arca com a honra de um tirano?" [p. 4-5]. Ou ainda esta sobre as "Cidades" (p. 10-11) de 1933:

"O que é a cidade é um lugar que tem a opinião dos outros, enquanto sobre nós um assunto. O que é a cidade é o lugar de indivíduos. Por isso o que é a cidade é um lugar de indivíduos." [p. 4-5] A verdade, porém, é que os Aires de Campos tiveram visto este volume não sem observar que a África era uma terra onde se podia ter, talvez, mais liberdade do que se não generalizações sobre indivíduos.

• **Fernanda Parent**  
**PROSA DE ÁLVARO**  
**DE CAMPOS**  
*Relatório de Investigação Literária e de História Cultural,  
com a colaboração de Jorge Galvão, Alvaro, 400  
pág., 16,50 euros.*

171



Entre os autores já publicados, destaca-se a *Antologia de Poemas*, que reúne textos de Ana Lúcia Amaral, Werni Nollan e Vania Graça Moraes, assinados todos Almedon.

[illegible]



## &gt; BREVES &lt;

■ **ATÉ VERA LUZ**, a primeira longa-metragem da Balcão da Cunha, que integrou a Quinze das Realizações do Glinho Festival de Cannes, estreia nas salas portuguesas a 22 de agosto.

■ **PRÉMIOS SOPHIA** da Academia Portuguesa de Ciências, na Categoria Carreira, já conhecidos: Laura Soveral, Âncora de Almeida e José Manuel Castilho Lopes.

■ **ANDRÉ SOUSA** na Galeria Quadrado Azul, em Lisboa, até 27 de julho, com a mostra de pintura *A canção de fôrça*, sempre o padeiro, estúdio-se no refúgio.

■ **TIME FOR T** e Max Oum viciaram Live Act, concurso de Optimus Alice (dias 12, 13 e 14, em Alentejo) e vão atuar no palco Chelting.

■ **ENSAIO OU CAJÊ DOS ARTISTAS**, peça de Nuno Borges, com a encenação da Armadora, a partir de 19, com encenação de José Ribeiro e interpretação de Jorge Silva, Rui Ribeiro e Victor Santos.

■ **TARA PERDIDA** apresentam o novo álbum *Dono da música*, a 29 de junho, às 21.

## Parabéns, Pessoa

■ Conto e vinte cinco velas para cantar os parabéns a Fernando Pessoa, amanhã, quinta-feira, 23, data do aniversário do poeta nascido em Lisboa, em 1888. Há 100 anos. E a Balcão nunca o faltou. O bolo vai ser repartido no Cinearte, no intervalo do espetáculo em cena, *Além de sua voz*, encenado e interpretado por Maria do Céu Guerra. Justamente, uma peça sobre Pessoa num diálogo com a sua avó Dionísia, louca, escrita por Armando Nascimento Rosa para a atriz e encenadora. Daí a festa. É o caso que o espetáculo tem sido, "uma criação feliz", como garante: "Não trabalhamos apenas o universo de Pessoa, mas também o nosso. Fernando Pessoa é a nossa pátria". E todas as noites há razões para festejar o poeta e o teatro. "A peça é deliciosa, diver-



Minho de sua avó interpretação da Maria do Céu Guerra e Adolfo Lopes

tida e tensa foi muito amada".

Não é a primeira vez que a encenadora trabalha o universo pessoano, tendo feito nomeadamente *Minho de sua mãe*. Armando Nascimento Rosa não ignorou esse espetáculo, sobre o qual fez a sua primeira crítica, e faz-lhe mesmo

uma certa alusão na sua peça que insinua uma relação entre Pessoa e a avó. "Ele partilha com ela o seu medo da loucura. E também o universo da sua heteronormia", adianta Céu Guerra. "E a avó diz-lhe curiosamente que ele consegue ver em poesia as vozes interiores, mas ela não. E enquanto ele se transforma em mistério da criação, para ela são apenas perturbações".

São sete os encontros, começam com Pessoa ainda jovem e acabam depois dos dois mortos, uma situação que implica um sublinhado lúcido na encenação. "Foi um grande desafio trabalhar o imaterial, como materializar a morte. Mas diverti-me muito a encenar", sublinha. "Foi aliás uma encenação coletiva, em que participaram todos os criadores". Maria do Céu Guerra contracenou com o ator Adolfo Lopes, que interpreta Fernando Pessoa. António Vitorino de Almeida fez a música original, Costa Reis os cenários e figurinos.

Minho de sua avó vai estar em cena até ao fim de julho, no Cinearte, em Lisboa. Recentemente

foi representado no Rio de Janeiro e há a hipótese de ser apresentado noutras cidades do Brasil. Também em Paris e, a partir de outubro, está pensada uma digressão pelo país. Mas com todos os atrasos dos apelos oficiais, de resto aloda por resolver, dado que os resultados do concurso foram objeto de recurso, segundo a encenadora, não há "estabilidade" para pensar em projetos. "Estamos a sentir os efeitos da crise. Temos tido menos público e menos convites para digressões, talvez porque as autarquias também estão a cortar". Céu Guerra foi nomear que a secretaria de Estado da Cultura está a "falhar" e que a "razão na vida teatral é tão grande" que será muito difícil "recuperar dos danos sofridos". "No caso de A Balcão da Cunha foram de 60 por cento. É demolir", afirma. "Nem sabemos o que vamos fazer. E tudo é um grande erro, porque além de se estar a preparar um país inculto, esquece-se que a cultura faz viver a economia. Como já vimos passar 17 governos, só esperamos que este passe depressa. Porque com esta gente, não temos futuro".

Figura 45 - Peça jornalística 13: "Parabéns Pessoa", edição de junho de 2013.

Fernando Pessoa  
Amor e literatura

Parabéns Pessoa, a primeira longa-metragem da Balcão da Cunha, que integrou a Quinze das Realizações do Glinho Festival de Cannes, estreia nas salas portuguesas a 22 de agosto.

Maria Leonor Nunes

■ Três centenas de cartas e bilhetes, 150 inéditos, numa nova edição da correspondência amorosa entre Fernando Pessoa e Ofélia Queiroz, causadora e prefaciada por Richard Zenith, o conselheiro do editor e colecionador brasileiro Pedro Correia do Lago, que comprou as famosas cartas num leilão da Sotheby's. Fernando Pessoa é *revelado*. *Correspondência amorosa* completa 1999-1935 com prefácio de Eduardo Lourenço e um texto de Maria da Graça Queiroz, sobrinha-neta de Ofélia, de quem se publica também o depoimento que constava da primeira edição das cartas. É uma edição da editora brasileira Capivara e será apresentada em Lisboa amanhã, quinta-feira, 24, estando depois disponível nas livrarias portuguesas. Uma obra que permite compreender melhor o "monstro" que tem o nome de "antídoto amoroso", com a constante intimidade no caso de Álvaro de Campos, num jogo que também era literário, como adianta, no II, o investigador e escritor, que succeentemente recorre a Prémio Pessoa.

Richard Zenith, por outro lado, dirige em Fernando Pessoa *Murros* a coleção Pessoa *Amor*, uma edição de Álvaro de Campos, cujo texto precede volumes, das duas décadas seguintes, acabam de sair. São antologias dos três heterónimos, Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis, e do centésimo Fernando Pessoa. Integrado este em poemas, *Amor*, *Amor*, *Amor*, publicado pela primeira vez na íntegra (ver carta), apesar de inéditos não constitui mais uma "vacuação" do projeto. "O nosso objetivo é fazer edições antológicas acessíveis, reunindo poemas e

prosa de vários aspectos da obra de Fernando Pessoa", adianta. "São edições sempre a partir de originais, com a maioria das variantes, mas sem apuro. Queremos que sejam acessíveis mas legíveis". Que é quanto quem diz, "publicar o melhor de Fernando Pessoa em edições bem editadas".

Pessoa Breve vai incluir mais volumes de poesia (também a inglesa), ficção, teatro, textos sobre arte, literatura, heteronormia, filosofia, sociedade e política, esoterismo e iniciação ou Quilombo Império.

A maior parte das cartas agora reveladas em *Correspondência amorosa* completa (e de que tanto devemos conhecer) diz respeito a Ofélia Queiroz. De Pessoa, revela-se um bilhete inédito. Esta publicação permite desde logo perceber a "conexão" dos textos, com bastante permissão, segundo o investigador. "Durante muito tempo, porque não que Pessoa e Ofélia se tinham conhecido em 1910, mas na verdade nessa altura já trocavam bilhetes. E pelas cartas que agora publicamos, sabe-se exatamente que foi a 8 de Outubro de 1910 que se conheceram no escritório da firma Volantes, onde Pessoa já trabalhava. Passaram cinco meses antes da primeira carta", adianta Zenith. "Nesta edição, foi possível detetar com bastante segurança a origem e cronologia das cartas que não estavam dadas e dos bilhetes".

Amanhã como o bebedor Álvaro de Campos se expressa "sempre a meter" na relação entre Pessoa e Ofélia já em *Amor*. Mas com a *Correspondência amorosa* completa podemos ver como a "heteronormia". Alguns das cartas inéditas, da segunda fase do movimento, nove anos depois, a partir de 1919, Ofélia quebra-se mesmo de

## Duas cartas inéditas

8-10-1920  
Querido Minho

■ É bem aporreada que te venha escrever, pela que facilmente não sou vez. Vejo-te o quanto é certo a significação dos sonhos que tenho tido. Mas, não o ouro, ligar-me, talvez não seja mais nada. Talvez tenha a sonhar com mar e paisagem, não te disse nada para não me tornar mais nada. Amém! Minho é que foi.

Por hoje um ano querido amor, que nos falamos pela primeira vez, e bem longe estava de te chegar a desaja para men marido como de hoje! O maior desejo que eu atualmente tenho! Far hoje um ano e um dia que quando lere te a já sejas totalmente um outro.

Além que o meu amorzinho diz que casando não sei se te amo, Minho, tu enganas-te, tenho a certeza, verás como seria feliz, eu não sei fazer-te feliz.

Sabes que o meu coração tenta amentar? — Vou deixar-me não so e tal mas não tenho disposição de estar levantada. Gostava de te falar agora, talvez, muitos bilhetes da minha tua.

Ofélia

Carta postal inédita, pelo qual se percebe que Ofélia e Fernando se conheceram a 8 de outubro de 1910, mês em que se pensou.

19-2-1931  
Minho meu

■ Descobri-te para eu dizer que te telefonar hoje um cavalheiro amantando-se Ricardo Reis, e que vinha da sua parte para me participar que o Minho estava preso e incomunicável e que só apareceria no princípio de março.

Com esse cavalheiro não passa de um intruso muito antiquado, como são todos os intrínsecos, a quem eu não tenho a honra de conhecer, mas que poderão entreter-se comigo. E como não posso ter confiança no que ele me disse, primeiro porque o não conheço, segundo porque o Minho não está preso e muito menos incomunicável como ele pretendia fazer-me acreditar, eu escrevi amanhã na paragem à hora do jantar.

Como podia, estando o

Minho incomunicável dirá-me que me telefonar? E não caberia também esse cavalheiro que bastava dizer-me que o Minho só apareceria no princípio de março, para eu ir a cortejar que ele não vinha da sua parte? Sim, porque o Minho não tem coragem de me fazer estar tanto tempo sem o ver, pelo não preciso?

Al, Minho, todos se comprazem em fazer-me sofrer! Tenho no meu o Minho penitente da minha

Pedi-lhe pela saúde da Minho que me telefonasse, e afinal não telefonou. Não tem coragem de telefonar? Só eu tenho tanta do meu amor! Não é por caridade, que não deves de aparecer amanhã, já não o vejo há 3 dias!

Um bicho do muito sua

Ofélia

Uma das últimas cartas escritas por Ofélia Queiroz a Fernando Pessoa, que se encontra no arquivo da casa de Fernando Pessoa.

## Um poema inteiro

Amor, amor, amor, o mar frougejo  
Em ondas brancas pela praia fura.  
Só que nem, algum a antiga, romagem  
No lábio silêncio desta hora.

O mar — quietude, e no horizonte não  
Um nevoeiro ou bruma ou fumo  
Que é como que um lábio intervalo  
No espaço azul que céu e águas são.

Sonoro em mim, de ver, de ver, de ver,  
Essa intrinsecidade, a antiga antiga  
Que vem de não saber viver,  
Que vem de não poder querer  
E de não ter uma alma amiga.

Ah, mas esta dor,  
Chama de consciência do malvado,  
De pebas da vida e do amor  
É tão antiga como o mar  
E tem morte,  
Cesta para reconhecer  
Mais uma vez.

Que te da vida?  
Que te da de mim?  
Quanta coisa feliz ignora ou pretende!  
Quanto princípio que não tem fim!

Que sinto ante estas águas e este céu?  
Al de senti! Só o coração que é meu...

De não saber amar em que repore  
Do mar, do antigo mar,  
Não desperdiço do sonho em que conto.  
Há uma coisa da vida, há um sorriso raro  
Que pouco falar  
De qualquer novo amor  
Que transcorre a verdade e a mentira.  
E, despois de tudo, eu que dormo  
O sono natural da criação,  
E que por isso não vejo,  
Olho o sono dos outros, claro, fresco; e uma  
língua me passa pelo coração,  
E estendo ao mar o meu  
E o mar me estende ao meu, a espuma.

9-4-1931

Poema inédito, de 1931, que nunca foi publicado na sua totalidade, pelo a segunda página do poema, que começa com "Que te da vida?", está dependente da primeira, dentro da edição de Fernando Pessoa a guarda do RNP.



Figura 46 - Peça jornalística 14: "Fernando Pessoa – Amor e Literatura", edição de junho de 2013.

Uma obra que cruza comentários literários e leituras pessoais do ensaísta e colaborador do JL e que foi pensada para o público escolar mas não só. “O tema da totalidade do livro reside em Portugal e na sua história”, sublinha Miguel Real na introdução. “Porém, não se trata de uma simples história de Portugal em verso. Diferentemente, trata-se de revelar o sentido providencial e messiânico de Portugal como país de um povo eleito por Deus para, após êxitos (os Descobrimentos e a criação do Império) e fracassos (decadência posterior à perda da independência em 1580), atingir o momento hierofântico, sagrado, de criação do Quinto Império, um império cultural e espiritual”.

**MENSAGEM (COMENTADA  
POR MIGUEL REAL)**

*Parsifal*, 144 pp, 12,50 euros

Figura 47 - Peça jornalística 16: "Mensagem", edição de setembro de 2013.

[illegible]

Figura 48 - Peça jornalística 17: "Mariano Deidda: Música e voz para Pessoa", edição de dezembro de 2013.



## Fernando Esteves Pinto

### O labirinto de Pessoa

**O** *Correio* de Fernando Pessoa, de Fernando Esteves Pinto, era publicado, construído numa profunda alteração ao estilo do autor. Com efeito, se os anteriores romances, *Cosmopolita* (2000), *Sem nome* (2001) e *Privado* (2002), se afirmavam como um cruzamento estilístico entre a exploração da sexualidade e da violência e a subversão

de traumas psicológicos infantis, atrelado a uma forma superior de última romance publicada, *Brasil* (2011), o Cordeiro de Fernando Pessoa, pelo contrário, abandona esse duplo horizonte ideológico e estilístico para se afirmar como dominado por um lirismo psicologista, que atenua e orienta a totalidade do romance.

Para os personagens (personagens), a história é o que eles vivem, a experiência cotidiana, a luta constante das páginas de O Circo de Fernando Pessoa estruturada labirinticamente às expectativas, no desleixo e no universo psicológico do cartimbo dos contos, poemas e romances de Fernando Pessoa. O livro, de uma linguagem literária e estilizada, da autoria (assim presente) no título) aligeira contudo a leitura e profunde a "imaginação literária" (Sérvio Caetano de Faria e Pessoa) (Pessoa, 1999, p. 10).

Assim, a história é o que os personagens vivem, a experiência cotidiana, a luta constante das páginas de O Circo de Fernando Pessoa estruturada labirinticamente às expectativas, no desleixo e no universo psicológico do cartimbo dos contos, poemas e romances de Fernando Pessoa. O livro, de uma linguagem literária e estilizada, da autoria (assim presente) no título) aligeira contudo a leitura e profunde a "imaginação literária" (Sérvio Caetano de Faria e Pessoa) (Pessoa, 1999, p. 10).

Filósofo de um culto, entretanto na primeira página de *Os personagens de minha vida*, O Cortesão de Fernando Franco é apresentado por uma poesia lírica mas não alusória, não argumental, apenas metáforicamente metafísica, exposta de algum modo da existência, própria da vida de Pessoa, construído por uma constatação explícita de existencialismo que, cruzada, se reconstrói numa espécie de permanente metafísica, resultado de uma consciência feita não em quatro personagens principais, um lanceiro-cavaleiro, mas em sua busca por unidade e existência de um outro mundo e de uma outra existência por cada um dos personagens, que se tornam os seus personagens, não ter sido falado a vida, embora talvez pouco faças para alcançar esta direção de expressão frágil.

Assim, a opção pela exploração psicológica das personagens constitui, como referência, a construção de um labirinto narrativo cuja

Intitulação e abertura recis de soluções (de adivinha) se torna cada vez mais estrita até desmentir com duas últimas soluções possíveis a totalidade (violação das cartas de Silvio Cante e resposta forçada pela senhora Océania) e a violação (sem assassinato). Com efeito, na página 136, o narrador revela a conclusão da construção da história: "Guilherme não saiu do banco da ferideira, sem no entanto expectar-mos por ele, sendo as questões que contemplamos [a totalidade da história] não determinam se os acontecimentos que imaginamos correspondem de facto à verdade". Isto é, a



*Downloaded At: 11:53 11 September 2009*

Retratando os três principais heterônimos de Pessoa por interpostas personagens do seu romance, o autor estaria verdadeiramente a descrever (a tentar descrever) a quase totalidade do universo psíquico fragmentário e alucinado de Pessoa



• *Fernando Esteves Photo*  
O CARTEIRO  
DE FERNANDO PESSOA  
Análise ao III Momento

[illegible]

Romance que respalda a definición de Pessoa dada por el propio: una novela labiríntica con a súa propia vida cara dentro. **A**

Figura 49 - Peça jornalística 18: “Fernando Esteves Pinto: O labirinto de Pessoa”, edição de dezembro de 2013.

## Milhares de pessoas para celebrar a Poesia

«Uma concentração de Pessoas para festejar na rua o Dia Mundial da Poesia, que se comemora a 21. O chapéu, os óculos, a gabardine, o bigode: o desafio é vestir a pele de Fernando Pessoa, usando elementos simbólicos, físicos e identificáveis e juntar-se à Iniciativa da Fundação Inatel *A Poesia em Pessoa*. A convocatória é para o dia 22, às 15, no Largo de S. Carlos, junto à casa onde nasceu o poeta e de cuja varanda a atriz Dália Carmo irá ler o inédito *Manifesto da Poesia*, de Gonçalo M. Tavares.

Partindo do local da concentração, o cortejo de Pessoas irá percorrer o Chão, com passagem pela estátua da Brasileira e pelo Largo de Camões, seguindo para o Teatro da Trindade, onde haverá um espetáculo dedicado à poesia, com a participação de Inês Pedrosa, Paulo Pires, Maria da Pê, José Carlos Pereira, Flórentina Cautela, João Didelet, Odete Santos, Maria do Céu Guerra, André Gago, Ângela Pinto, Diogo Dória, entre outros. A manifestação tem o apoio da Casa Fernando Pessoa, da Câmara Municipal de Lisboa, entre outras entidades.

**HOMENAGEM  
A VITORINO NEMÉSIO**  
No Centro Cultural de Belém,  
também a 22, como é já tradição, o  
Dia da Poesia assinala-se em festa.  
Este ano, o homenagem é a Vitorino  
Nemésio, com a exibição do do-  
cumentário *Vingem*, de Maria João  
Rocha. É dedicada ao poeta, escri-  
tor e ensaísta a Maratona de Leitura.



Dados: 1 el toros não vestic a sua pele

a partir das 15, na sala Fernando Pessoa, coordenada por Luís Lucas e com a participação de Almeida Faria, António Carlos Cortez, Elisabete Caramelo, Fernando Pinto do Amaral, Guilherme d'Oliveira Martins, Ivo Castro, José Jorge Letria, Maria Alzira Seixo, Vasco Graça Moura e Zeca Medeiros.

À mesma hora, na sala Luís de Freitas Branco, Em Diva voz, a leitura é de diferentes personalidades e de poetas como Eudíno de Jesus, Margarida Vale de Gato, Miguel Manso, Nuno Júdice, Pedro Mamede e Beatriz Batardo. Haverá uma feira de livros de poesia à entrada do CCB, e o espaço habitual, *Dign li um poema*, em que todas as pessoas são convidadas a participar. Ainda diversas atividades na Fábrica das Artes, em torno da exposição de Ilustração Como as Cerejas, inaugurada nesse dia. A Big Band Júnior do CCB irá animar a praça e como acontece há sete anos serão escolhidos e distinguidos os poemas do concurso realizado com as escolas.

A celebração do CCB, feita em colaboração com o Plano Nacional de Lektura, integra ainda uma sessão dedicada à poesia latino-americana, em parceria com a Casa da América Latina. Dos lançamentos, destaca-se a antologia *Os cinco entornos de Pessoa*, de Juan Manuel Roca, com a presença do autor, do tradutor Nuno Júdice e de Germán Santamaría Barragán, embaixador da Colômbia em Portugal.

Na Casa das Histórias Paula Rego, em Cascais, em *Primavera com poesia*, a 22 e 23, propõe-se uma série de ateliers para crianças, atividades para a família e visitas orientadas. Também em Cascais, na Biblioteca Municipal, em S. Domingos de Rana, no Dia da Poesia serão apresentados dois livros de Regina Cordeira, *Sou Mercúrio*, *Já Pô! Água e Noite Andarilha*, numa sessão conduzida por Jorge Castro, dinamizador do projeto *Notas com Binaute*.

Na Sociedade Portuguesa de Autores, em Lisboa, às 18 e 30, será por outro lado lançada a antologia *Chimlões da Sombra 2*, com apresentação do poeta e nosso crítico António Carlos Cortez e leitura da atriz Eugénia Bettencourt. **JA**

Figura 50 - Peça jornalística 19: “Milhares de pessoas para celebrar a Poesia”, edição de março de 2014.



Figura 51 - Peça jornalística 20: “Ricardo Pais: Fazer justiça a Almada”, edição de março de 2014.



Figura 52 - Peça jornalística 20: “Ricardo Pais: Fazer justiça a Almada”, edição de março de 2014.

se fora de portas, muito  
4. Argentina, Coreia do  
de o cinema português  
mais antigo.

## 12ª semana Malba

Cunha, A Mãe e o Amor (2013), de Gonçalo Toste, *É o Amor* (2013), de João Cunha, e *Tudo* (2011), de Miguel Gomes. Os produtores da semana esperam que esse eixo, em que se vão vistos filmes de alguns de realizadores jovens ou com filmes inéditos na Argentina, atraiam um público muito heterogêneo porque a animação geral é de arriar, "se não consegue, quem conhece".

Depois de mais de uma semana de filmes em Malba, a imagem do que tem no ano passado com o filme *No Change Film*, de Pedro Costa, a "Malba" vai estar comercialmente o filme *Enigma*? Lendo-me, de Joaquim Pinto. «Queremos contribuir para que o cinema português possa entrar numa sala de cinema, fora do contexto de uma mostra específica ou de um festival e estar num espaço dedicado à cinema-tegrada para não sair da sala de cinema de autor, não só na capital, Buenos Aires, mas também nas principais cidades do interior do país, Córdoba e Rosario», tal como em 2013.

Em 2013, além da 3ª semana em Buenos Aires, a produtora quer organizar a 1ª Semana de Cinema Argentino no Cinema S. Jorge.

## X Semana do Cinema Português em Israel



A versão narrada em língua inglesa pelo ator norte-americano Peter Coyote do documentário de José

Fonseca e Costa *Ou a Mãe ou a Mãe* de Lisboa ou *What the Tourist Should See* (Portugal, 2009), baseado no livro *A Lisboa Guia - What the Tourist Should See*, escrito em inglês por Fernando Pessoa em 1912. Foi o filme da abertura da 8.ª edição da Semana de Cinema Portuguesa PORTUGAL Film Week em Israel.

Rosénica e Costa teve presença na abertura das sessões de abertura do ciclo dedicado à cidade de Lisboa, de 7 a 9 de setembro, nas cinematecas de Tel-Aviv, Jerusalém e Haifa, novas iniciativas destas entidades com a Embaixada de Portugal, com o patrocínio, entre outros, do Consórcio, IP e do Turismo de Lisboa.

Desde 2004 que esta iniciativa tem construído para divulgar o cinema português junto das instituições, com a apresentação regular de filmes pelos seus mais conhecidos realizadores. Nestes dez anos, o número de filmes portugueses exibidos em Israel ronda os oito dezenas.

Os filmes escolhidos foram produzidos e realizados na capital portuguesa - recentemente palmarista com vários prêmios internacionais na área do turismo - e têm a ver com a cidade não apenas como pano de fundo, mas também como parte do guión.

Para além do filme de Fonseca e Costa, a próxima iniciativa poderá ver *Quilómetros na Alma* (2011), de Vicente Alves do O, *A Bala e o Fígado* (2011), de António-Pedro Vasconcelos, *O Mito do Estrado de Sines* (2007), de Jorge Patrão da Costa, *Além* (2002), de Marco Martin, e *Night Train to Lisbon* (2013), de Billie August, todos eles, à excepção do último, nas suas versões originais em português (com diálogos ocasionais noutros idiomas) e legendas em hebraico e em inglês.

## O Cômico da Rua no Festival de Cinema EUNIC da Namíbia



Arlindes Sousa Mendes foi o "herói" português celebrado na 3ª edição do Festival de Cinema Europeu (EUNIC) que hoje termina em Windhoek, na Namíbia. "O Cômico da Rua" foi o tema do programa do festival, que reuniu filmes de 14 países, e em que Portugal esteve representado, com o apoio do Consórcio, IP, pela co-produção da película *O Cômico da Rua* (2013), rodada por Francisco Muro e João Cereza e inspirada na vida e obra de Arlindes de Sousa Mendes.

Figura 53 - Peça jornalística 21: "X Semana do Cinema Português em Israel", edição de setembro de 2014.

## Dia mundial da Poesia Sophia no Porto, Cesário em Lisboa

«A poesia de Sophia vai 'invadir' a cidade do Porto no dia 21 de março, numa iniciativa da Inatel, que inclui música, teatro, dança, artes plásticas e, claro está, literatura. Uma forma de comemorar o dia Mundial da Poesia, mas acima de tudo de celebrar a escritora, como explica, ao JL, Jacinta Oliveira dos Santos, do Conselho de Administração do INATEL (área da cultura), "Vamos fazer um momento de concentração festiva, aberto à comunidade, criando uma ligação direta à obra de Sophia de Melo Breyner".

A concentração começa às 15h na Avenida das Tílias. Os Jardins do Palácio de Cristal vão ter uma programação, com atividades ao ar livre, para todos os públicos, desde contos infantis a manifestações de artes plásticas. Às 16h30 António Capelo lerá o Manifesto pela Poesia, escrito pela filha de Sophia, Maria Anderson, também poetisa. Seguir-se-á, às 17h, um espetáculo de poesia no Auditório da Biblioteca Municipal Almeida Garrett, com a presença de Anabela Baldioque, Paulo Cunha e Silva e o presidente da autarquia, Rui Moreira.

O programa tem ainda uma vertente de forte ligação à comunidade escolar do Porto. Sophia escrevia para as crianças e a elas dedicou grande parte da sua obra. Como salienta a organizadora: "Levar crianças



Sophia A sua poesia será celebrada no Palácio de Cristal

a dizer poemas é uma forma de envolver a comunidade escolar, e lembrar a importância deste património literário". No ano passado a iniciativa decorreu em Lisboa, homenageando Fernando Pessoa.

Em Lisboa, no Centro Cultural de Belém, o homenageado deste ano é Cesário Verde. Gonçalo M. Tavares, Fernando Pinto do Amaral, Tiago Rodrigues e Aldina Duarte são alguns dos participantes na festa do Dia da Poesia, das 14h às 19h, que integra a já tradicional Maratona de Leitura e uma conferência sobre o poeta, além

de encontros poéticos em vários espaços.

No Centro de reuniões, realiza-se uma festa do livro de poesia, durante toda a tarde, poetas e outras personalidades são convidadas a ler os seus versos e os de outros de viva voz, e todos são desafiados a intervir em "Diga lá um poema". Haverá ainda uma sessão dedicada à poesia latino-americana, com leituras de Octavio Paz, Vinícius de Moraes e outros, organizada pela Casa da América Latina. A Lisbon Poetry Orchestra dará um concerto, de Lisboa para o Mundo em que combina música e palavra. Para os mais pequenos, a proposta é do Museu dos poetas, com performances e oficinas a partir de poesia portuguesa.

É a 8ª edição desta festa, promovida pelo CCB, com o Plano Nacional de Leitura, o Ministério da Educação e Ciência e a secretária de Estado da cultura.

No Teatro Nacional D. Maria II, a celebração conjuga-se com as comemorações do centénário da revista *Orpheu*. Vão ser lidos, a partir das 16h, poemas dos mais destacados orfêos. A atriz Paula Mora interpretará o Manifesto Anti-Dantas, de Almada Negreiros, em um rádio por pessoa, José Neves dá voz aos seus heterónimos, e João Grosso encerra a sessão com *manicure*, de Mário de Sá-Carneiro. Entrada Livre.

Figura 54 - Peça jornalística 22: "Dia Mundial da Poesia: Sophia no Porto, Cesário em Lisboa", edição de março de 2015.



[illegible][illegible]

**VALORIZAMOS PESSOAS | WWW.ISCSP.ULISBOA.PT**

## Ricardo Vasconcelos A sublime desordem de Sá-Carneiro

É a primeira edição crítica da célebre correspondência enviada por Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa e também o volume inaugural de uma série que a Tinta-da-China dedica ao poeta de quem se celebrará, em 2016, o centenário da morte. O JI entrevista o responsável da coleção, Ricardo Vasconcelos, que com Jerónimo Pizarro fixou o texto destas cartas fundamentais para se compreender o modernismo português

Luís Ricardo Duarte

**A**bre-se a ligação de Skype e o

escritório de Ricardo Vasconcelos revela-se. Nas estantes, edições, muitas edições, de literatura portuguesa, sobretudo de poesia. É a essa área, de resto, que tem dedicado o seu trabalho académico, apesar de ter doutorado, há muito, na área de Portugal. Depois de um mestrado na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, sobre a obra de Luís Miguel Nunes, cruzou o Atlântico e o Estado Unidos de América. Foi o doutoramento na Universidade da Califórnia, em Santa Bárbara, com uma tese sobre o português de poesia portuguesa e brasileira. E depois de ter dado aulas em Milão, no Estado Unidos de América, em 2010, mudou-se para a Califórnia, onde foi convidado para ensinar a área de estudos portugueses na universidade local.

É também a partir daí que constrói a edição crítica de Mário de Sá-Carneiro, cujo primeiro volume acaba de ser editado pela Tinta-da-China. Em 2010, Ricardo Vasconcelos e Jerónimo Pizarro, então grande colaborador em literatura portuguesa, em particular Fernando Pessoa. Para isso, quando se encontra o conteúdo da obra de Sá-Carneiro, está prometida a edição crítica da sua poesia. Até porque ainda há muito trabalho para fazer na divulgação da obra do autor de *Mandacaré*, *Cris e Fogo* e *A Criação do Mundo*, assegura Ricardo Vasconcelos.



Foto de Ricardo Vasconcelos, o conteúdo era mais importante do que a forma

de texto e a partir daí que constrói a edição crítica de Mário de Sá-Carneiro, cujo primeiro volume acaba de ser editado pela Tinta-da-China. Em 2010, Ricardo Vasconcelos e Jerónimo Pizarro, então grande colaborador em literatura portuguesa, em particular Fernando Pessoa. Para isso, quando se encontra o conteúdo da obra de Sá-Carneiro, está prometida a edição crítica da sua poesia. Até porque ainda há muito trabalho para fazer na divulgação da obra do autor de *Mandacaré*, *Cris e Fogo* e *A Criação do Mundo*, assegura Ricardo Vasconcelos.

**Jornal de Letras:** Qual a principal novidade desta edição? Ricardo Vasconcelos: As edições anteriores tinham sido feitas para desconfiar e para fazer o leitor a organizar o corpus. Com este volume, damos um passo em frente, ao nível da linguagem, restauramos a ortografia original de Sá-Carneiro.

Havia muito trabalho por fazer? Sim. O trabalho típico das edições críticas apresenta-se em termos de como foram escritas. É ali muito certo pensar nesta questão. Apesar de que tanto se discute se as edições devem adotar ou não o novo acordo ortográfico. Com a ortografia de Sá-Carneiro parece-se que tudo pode ser resolvido.

**Porquê?** A ortografia original de Sá-Carneiro é reconhecivelmente ilegível (a propósito das dificuldades de uma edição crítica, Maria Helena Galvão Ribeiro a sugerir um fenómeno de dialeto). Chega a escrever palavras com uma grafia que podemos dizer que segue o novo acordo. A ambiguidade das convenções muitas vezes faz com que, ao nível da linguagem, se tenha de recorrer a uma ortografia, contudo, há um ponto de partida, não de chegada.

Esta edição permitirá novas leituras das cartas e dos poemas. João que a partir de agora não será possível reeditar a poesia de Sá-Carneiro sem ter em conta as versões autógrafas e os textos das cartas anexadas às cartas que aqui divulgamos, em alguns casos pela primeira vez.

**Há indícios?** Não podemos falar de textos desconhecidos, mas uma novidade é a transcrição de alguns autógrafos, em alguns casos, em versões de várias mãos. Nas várias edições da correspondência de Sá-Carneiro para Fernando Pessoa foram geralmente sendo integrados alguns poemas que acompanhavam as cartas, uma opção, curiosamente, que a primeira edição, de João, não seguiu na totalidade, quando todo o espólio estava reunido. Isto aconteceu porque qualquer leitor-escritor quer ter uma edição mais completa. Também a ideia de ter acesso a uma coleção particular e a um número muito superior de manuscritos. Também foram o que aliás não tinha sido feito: recorrer a cópias autógrafas reproduzidas em livros, fotografadas ou copiadas de livros, em muitos casos - e com muito pouco cuidado - foi possível associar às cartas poemas que se pensavam no mesmo.

**O que se ganhou com a reprodução dessas cartas junto das cartas?** Aproximar o leitor tanto quanto possível dos originais, das cartas tal como foram escritas. O que também explica outras opções que tomamos, como a reprodução, em fac-símil, das envelopes e o colarinho das cartas utilizadas. São características das cartas de certa forma autênticas como Sá-Carneiro vincula a sua vida e escrita, não local por onde passou (da Península de Paris), com a datação dos poemas e a revelação desses lugares. Com os muitos lugares e grilhões de que dispomos foi possível reproduzir uma parte significativa desses materiais - os corpos de João Ribeiro, que, de resto, revelou muita informação.

**Por exemplo?** Ver como a guerra influenciou esta troca de correspondência, atrasando a chegada das cartas ou fazendo-as passar pela inspeção militar.

Essa componente gráfica está entre as maiores dificuldades de uma edição crítica da correspondência de Sá-Carneiro? Não, porque gostamos de trabalhar muito mais fac-símil, sobretudo do poema cruzado com o poema de Fernando Pessoa. No entanto, há dificuldades maiores. Por um lado, é impossível escalar toda a correspondência de Sá-Carneiro, que era um escritor compulsivo de cartas. Ao que se refere para a família, com frequência - por isso, muitas vezes ou se perdiam ou estão muito dispersas. Tem-se o trabalho de não só pesquisar por ser o mais consistente e por ser muito importante para a compreensão do modernismo português. Por outro lado, há a tal questão da ortografia, que exige muita decisão. Também se quer por uma edição digitalizada, que tivesse uma interface com o leitor e o pesquisador, permitindo a localização das cartas.

**Qual foi a opção seguida?** Se foi ao nível mais técnico do leitor, favorecendo por isso a legibilidade. Reunimos as variações ortográficas quando havia um padrão. Ao contrário de Fernando Pessoa, que é de uma precisão manuscrita, Sá-Carneiro desenvolveu muito a ortografia. Trazemos as edições críticas de Pessoa têm mais ou menos a mesma ortografia para cada carta, aqui chega a haver 100.

**A ortografia original não complica a leitura?** Antes pelo contrário. Permite tirar muitas conclusões ou pelo menos alertar a porta a vários estudos. Se é interessante - e isso ainda não foi estudado - analisar o grau de rigor do ortógrafo de Sá-Carneiro quando ele está em Lisboa e em Paris.

**Há variações?** Pense-me que sim, embora seja só uma hipótese. Nessa correspondência, de resto, existe uma evolução do início para o fim. Então a pensar sobretudo as formas como escreve determinadas palavras, as acções e os nomes elementos que vão sendo presentes no texto e que surgem mais tarde. A grande conclusão que se tira desta desordem é

Figura 57 - Peça jornalística 25: "Ricardo Vasconcelos - A sublime desordem de Sá-Carneiro", edição de dezembro de 2015.

## Maria Gabriela Llansol

« Fernando Pessoa é o tema agregador do quinto volume do Livro de Horas, de Maria Gabriela Llansol, que a Assírio & Alvim tem vindo a publicar com uma assinalável regularidade a partir do espólio da escritora. Com textos retirados de diversos cadernos e manuscritos, escritos ao longo de três décadas, tem selecção, transcrição, introdução e notas de Maria Etelvina Santos, especialista na obra llansollana, à qual dedicou o seu doutoramento. "A escrita de Llansol não é selectiva nem estabelece hierarquias. Do mesmo modo, a decisão e escolha do corpus a integrar neste livro não tem a ver com a notoriedade de Pessoa enquanto poeta, nem mesmo com a quantidade de textos existentes no espólio que se cruzam com ele", explica a investigadora na introdução. "Prende-se, sim, com o facto de Llansol ter convivido com a escrita de Pessoa de um modo singular, humano, (não) demasiado humano, em relação ao que estamos

habituaados quando o encontramos em obras de ficção, ou mesmo em páginas de leitura crítica".

A escritora interessa-se sobretudo pelo Livro do Desassossego, como expressão máxima de um dos "heróis da impossibilidade de amar", segundo a expressão de Eduardo Lourenço. "Para Llansol, Pessoa pertence à linhagem dos



> Maria Gabriela Llansol  
**LIVRO DE HORAS V - O AZUL IMPERFEITO**  
Assírio & Alvim, 736 pp, 26,60 euros

poetas desconhecidos, póstumos, intempestivos, porque fora do seu tempo, dos poucos que possuem a capacidade de chegar sempre cada vez mais perto do ponto voraz, núcleo de energia transformadora, mas sem cair nele como aconteceu com Hölderlin", afirma Maria Etelvina Santos. Além de divulgar a forte ligação com Pessoa, este volume, pela sua abrangência cronológica, dá também pistas (e em alguns casos releituras) para a compreensão de outros livros e projectos literários da autora, nomeadamente o *Lisboa e Leipzig* e a associação de Aóssé ao criador do drama em gente. "O que prevaleceu foi a vontade de dar a conhecer um núcleo multistratificado e rizomático que, geneticamente, pode ser exemplificativo da oficina de escrita de Llansol, e de como o seu trabalho se desenvolvia muito para além do que a sendo publicado em livro", esclarece a organizadora. "Foi nesse sentido que Llansol expressou a sua vontade de dar a conhecer o espólio, sempre que os textos inéditos ajudassem ao estudo, ao esclarecimento e ao prolongamento da obra publicada". »

Figura 58 - Peça jornalística 26: "Maria Gabriela Llansol", edição de dezembro de 2015.



## Orpheu



«Entre as várias iniciativas comemorativas do centenário do *Orpheu*, destaca-se a organizada pela Casa Fernando Pessoa, que criou uma exposição itinerante,

com materiais em formato digital, que podem ser impressos e postos à disposição de leitores de todo o mundo. Foi essa dimensão global, aliás, que esteve na origem do projeto, organizado em parceria com o Instituto Camões e comissariado por António Cardilho, Jerónimo Pizarro e Sílvia Laureano Costa. Como complemento à mostra, um catálogo bilingue, editado pela boca, com coordenação editorial de Oriana Alves. Além dos materiais da exposição, identificadores do percurso e dos contributos dos vários membros da geração *Orpheu* (65 imagens e legendas informativas), inclui uma antologia de poemas retirados das duas edições e do prelo do terceiro número da revista. Em dois CD, os poemas são ditos em português e inglês por 20 atores, poetas e músicos. “Esta é a primeira vez que tantos destes textos são traduzidos e gravados em áudio”, afirma-se na apresentação. “Talvez, desse modo, se possa ajudar a cumprir um dos desígnios dos poetas de *Orpheu*: levar a sua arte além-fronteiras. E, claro, fazer jus à profecia de Fernando Pessoa: “*Orpheu* acabou. *Orpheu* continua”».

» Vários autores

**NÓS, OS DE ORPHEU**

Boca, 216 pp, 19 euros

Figura 59 - Peça jornalística 27: “*Orpheu*”, edição de dezembro de 2015.



## Apêndice n.º 12: Análise dos resultados obtidos na análise às 24 edições da *Time Out Lisboa*

Os resultados da análise às edições da revista Time Out Lisboa no período de 2010-2015 são apresentados em tabelas, divididas por ano e mês. A tabela final apresenta os resultados da análise aos 24 números da revista previstos por este estudo.

**Tabela 26 - Resultados obtidos pela análise de 4 edições da revista Time Out Lisboa de 2010.**

Ano	2010				
1. Edições publicadas - Data em estudo	24 a 30 de março	23 a 29 de junho	22 a 28 de setembro	22 a 28 de dezembro	
1.1. Número da publicação	130	143	156	169	
1.2. Tiragem (média do mês anterior)	12000	12850	13100	13100	
1.3. Direção	João Cepeda	João Cepeda	João Cepeda	João Cepeda	
2. Número de menções aos autores na capa da publicação					Totais:
2.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
2.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
2.1.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
2.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
2.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
2.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
3. Número de menções aos autores no corpo da publicação					
3.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
3.2. Fernando Pessoa	7	1	2	0	10
3.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	1	1
3.3. José de Almada Negreiros	1	2	1	0	4
3.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
3.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
4. Produções jornalísticas sobre os autores em apreço					
4. 1. Número de notícias sobre os autores em apreço (acontecimentos, artigos, breves)					
4.1.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
4.2.1. Fernando Pessoa	1	0	0	0	1
4.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
4.3. José de Almada Negreiros	1	2	0	0	3
4.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
4.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
5. Número de críticas literárias a obras dos autores em estudo					
5.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
5.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0

5.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
5.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
5.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
5.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>6. Número de críticas literárias a obras relacionadas com os autores em apreço</b>					
6.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
6.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
6.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
6.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
6.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
6.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>7. Número de outras menções (crónicas, citações, entrevistas e outras) dos autores em estudo</b>					
7.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
7.2. Fernando Pessoa	3	1	1	0	5
7.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	1	1
7.3. José de Almada Negreiros	0	0	1	0	1
7.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
7.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>8. Número de menções a <i>Orpheu</i></b>					
8.1. Revista <i>Orpheu</i>	0	0	0	0	0
8.2. Geração de <i>Orpheu</i>	0	0	0	0	0

Fonte: elaboração própria.

**Tabela 27 - Resultados obtidos pela análise de 4 edições da revista Time Out Lisboa de 2011.**

Ano	2011				
1. Edições publicadas - Data em estudo	23 a 29 de março	22 a 28 de junho	21 a 27 de setembro	21 a 27 de dezembro	
1.1. Número da publicação	182	195	208	221	
1.2. Tiragem (média do mês anterior)	13380	14100	14100	12750	
1.3. Direção	João Cepeda	João Cepeda	João Cepeda	João Cepeda	
<b>2. Número de menções aos autores na capa da publicação</b>					<b>Totais:</b>
2.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
2.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
2.1.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
2.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
2.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
2.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>3. Número de menções aos autores no corpo da publicação</b>					
3.1. Cesário Verde	1	0	0	0	1
3.2. Fernando Pessoa	10	0	0	2	12
3.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0

3.3. José de Almada Negreiros	3	0	0	1	4
3.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
3.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>4. Produções jornalísticas sobre os autores em apreço</b>					
<b>4. 1. Número de notícias sobre os autores em apreço (acontecimentos, artigos, breves)</b>					
4.1.1. Cesário Verde	1	0	0	0	1
4.2.1. Fernando Pessoa	2	0	0	1	3
4.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
4.3. José de Almada Negreiros	1	0	0	1	2
4.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
4.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>5. Número de críticas literárias a obras dos autores em estudo</b>					
5.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
5.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
5.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
5.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
5.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
5.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>6. Número de críticas literárias a obras relacionadas com os autores em apreço</b>					
6.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
6.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
6.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
6.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
6.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
6.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>7. Número de outras menções (crónicas, citações, entrevistas e outras) dos autores em estudo</b>					
7.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
7.2. Fernando Pessoa	3	0	0	1	4
7.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
7.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
7.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
7.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>8. Número de menções a <i>Orpheu</i></b>					
8.1. Revista <i>Orpheu</i>	0	0	0	0	0
8.2. Geração de <i>Orpheu</i>	0	0	0	0	0

Fonte: elaboração própria.

**Tabela 28 - Resultados obtidos pela análise de 4 edições da revista Time Out Lisboa de 2012.**

Ano	2012
-----	------

1. Edições publicadas - Data em estudo	21 a 27 de março	20 a 26 de junho	19 a 25 de setembro	19 a 25 de dezembro	
1.1. Número da publicação	234	247	260	273	
1.2. Tiragem (média do mês anterior)	12500	13000	13000	13100	
1.3. Direção	João Cepeda	João Cepeda	João Cepeda	João Cepeda	
2. Número de menções aos autores na capa da publicação					Totais:
2.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
2.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
2.1.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
2.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
2.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
2.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
3. Número de menções aos autores no corpo da publicação					
3.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
3.2. Fernando Pessoa	11	0	1	5	17
3.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
3.3. José de Almada Negreiros	2	1	0	0	3
3.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
3.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
4. Produções jornalísticas sobre os autores em apreço					
4. 1. Número de notícias sobre os autores em apreço (acontecimentos, artigos, breves)					
4.1.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
4.2.1. Fernando Pessoa	4	0	0	1	5
4.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
4.3. José de Almada Negreiros	1	1	0	0	2
4.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
4.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
5. Número de críticas literárias a obras dos autores em estudo					
5.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
5.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
5.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
5.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
5.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
5.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
6. Número de críticas literárias a obras relacionadas com os autores em apreço					
6.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
6.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
6.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
6.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
6.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
6.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
7. Número de outras menções (crónicas, citações, entrevistas e outras) dos autores em estudo					

7.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
7.2. Fernando Pessoa	2	0	1	1	4
7.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
7.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
7.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
7.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>8. Número de menções a <i>Orpheu</i></b>					
8.1. Revista <i>Orpheu</i>	0	0	0	0	0
8.2. Geração de <i>Orpheu</i>	0	0	0	0	0

Fonte: elaboração própria.

**Tabela 29 - Resultados obtidos pela análise de 4 edições da revista Time Out Lisboa de 2013.**

Ano	2013				
1. Edições publicadas - Data em estudo	20 a 26 de março	19 a 25 de junho	18 a 24 de setembro	18 a 24 de dezembro	
1.1. Número da publicação	286	299	312	325	
1.2. Tiragem (média do mês anterior)	11850	11850	11850	11850	
1.3. Direção	João Cepeda	João Cepeda	João Cepeda	João Cepeda	
<b>2. Número de menções aos autores na capa da publicação</b>					<b>Totais:</b>
2.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
2.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
2.1.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
2.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
2.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
2.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>3. Número de menções aos autores no corpo da publicação</b>					
3.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
3.2. Fernando Pessoa	8	7	4	2	21
3.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
3.3. José de Almada Negreiros	0	3	1	1	5
3.4. Mário de Sá-Carneiro	0	2	0	0	2
3.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>4. Produções jornalísticas sobre os autores em apreço</b>					
<b>4. 1. Número de notícias sobre os autores em apreço (acontecimentos, artigos, breves)</b>					
4.1.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
4.2.1. Fernando Pessoa	2	4	1	2	9
4.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
4.3. José de Almada Negreiros	0	3	0	1	4
4.4. Mário de Sá-Carneiro	0	2	0	0	2
4.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>5. Número de críticas literárias a obras dos autores em estudo</b>					

5.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
5.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
5.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
5.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
5.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
5.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>6. Número de críticas literárias a obras relacionadas com os autores em apreço</b>					
6.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
6.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
6.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
6.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
6.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
6.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>7. Número de outras menções (crónicas, citações, entrevistas e outras) dos autores em estudo</b>					
7.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
7.2. Fernando Pessoa	2	0	0	0	2
7.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
7.3. José de Almada Negreiros	0	0	1	0	1
7.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
7.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>8. Número de menções a <i>Orpheu</i></b>					
8.1. Revista <i>Orpheu</i>	0	0	0	0	0
8.2. Geração de <i>Orpheu</i>	0	0	0	0	0

Fonte: elaboração própria.

**Tabela 30 - Resultados obtidos pela análise de 4 edições da revista Time Out Lisboa de 2014.**

Ano	2014				
1. Edições publicadas - Data em estudo	19 a 25 de março	18 a 24 de junho	24 a 30 de setembro	24 a 30 de dezembro	
1.1. Número da publicação	338	351	365	378	
1.2. Tiragem (média do mês anterior)	11850	11350	11000	11000	
1.3. Direção	João Cepeda	João Cepeda	João Cepeda	João Cepeda	
<b>2. Número de menções aos autores na capa da publicação</b>					<b>Totais:</b>
2.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
2.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
2.1.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
2.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
2.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
2.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>3. Número de menções aos autores no corpo da publicação</b>					
3.1. Cesário Verde	2	0	0	0	2

3.2. Fernando Pessoa	12	0	1	1	14
3.2.1. Álvaro de Campos	0	0	2	0	2
3.3. José de Almada Negreiros	1	1	0	6	8
3.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
3.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>4. Produções jornalísticas sobre os autores em apreço</b>					
<b>4. 1. Número de notícias sobre os autores em apreço (acontecimentos, artigos, breves)</b>					
4.1.1. Cesário Verde	1	0	0	0	1
4.2.1. Fernando Pessoa	8	0	0	0	8
4.2.1. Álvaro de Campos	0	0	1	0	1
4.3. José de Almada Negreiros	1	1	0	4	6
4.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
4.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>5. Número de críticas literárias a obras dos autores em estudo</b>					
5.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
5.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
5.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
5.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
5.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
5.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>6. Número de críticas literárias a obras relacionadas com os autores em apreço</b>					
6.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
6.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
6.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
6.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
6.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
6.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>7. Número de outras menções (crónicas, citações, entrevistas e outras) dos autores em estudo</b>					
7.1. Cesário Verde	1	0	0	0	1
7.2. Fernando Pessoa	1	0	1	1	3
7.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
7.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
7.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
7.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>8. Número de menções a <i>Orpheu</i></b>					
8.1. Revista <i>Orpheu</i>	0	0	0	0	0
8.2. Geração de <i>Orpheu</i>	0	0	0	0	0

Fonte: elaboração própria.



**Tabela 31 - Resultados obtidos pela análise de 4 edições da revista Time Out Lisboa de 2015.**

Ano	2015				
1. Edições publicadas - Data em estudo	18 a 24 de março	24 a 30 de junho	23 a 29 de setembro	23 a 29 de dezembro	
1.1. Número da publicação	390	404	417	430	
1.2. Tiragem (média do mês anterior)	11000	11000	11000	11000	
1.3. Direção	João Cepeda	João Cepeda	João Cepeda	Ricardo Dias Felner	
2. Número de menções aos autores na capa da publicação					Totais:
2.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
2.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
2.1.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
2.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
2.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
2.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
3. Número de menções aos autores no corpo da publicação					
3.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
3.2. Fernando Pessoa	6	1	0	0	7
3.2.1. Álvaro de Campos	1	0	0	0	1
3.3. José de Almada Negreiros	5	0	0	1	6
3.4. Mário de Sá-Carneiro	1	0	0	0	1
3.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
4. Produções jornalísticas sobre os autores em apreço					
4. 1. Número de notícias sobre os autores em apreço (acontecimentos, artigos, breves)					
4.1.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
4.2.1. Fernando Pessoa	1	1	0	0	2
4.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
4.3. José de Almada Negreiros	4	0	0	1	5
4.4. Mário de Sá-Carneiro	1	0	0	0	1
4.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
5. Número de críticas literárias a obras dos autores em estudo					
5.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
5.2. Fernando Pessoa	1	0	0	0	1
5.2.1. Álvaro de Campos	1	0	0	0	1
5.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
5.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
5.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
6. Número de críticas literárias a obras relacionadas com os autores em apreço					
6.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
6.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
6.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
6.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
6.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0

6.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>7. Número de outras menções (crónicas, citações, entrevistas e outras) dos autores em estudo</b>					
7.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
7.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
7.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
7.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
7.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
7.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>8. Número de menções a <i>Orpheu</i></b>					
8.1. Revista <i>Orpheu</i>	3	1	0	0	4
8.2. Geração de <i>Orpheu</i>	0	0	0	0	0

Fonte: elaboração própria.

**Tabela 32 - Resultados obtidos pela análise de 24 edições da revista *Time Out Lisboa* (2010-2015).**

Ano	2010	2011	2012	2013	2014	2015	Total final
<b>1. Número de edições analisadas (data em estudo)</b>	<b>4</b>	<b>4</b>	<b>4</b>	<b>4</b>	<b>4</b>	<b>4</b>	<b>24</b>
<b>2. Número de menções aos autores na capa da publicação</b>							
2.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0	0	0
2.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0	0	0
2.1.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0	0	0
2.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0	0	0
2.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0	0	0
2.5. Raul Leal	0	0	0	0	0	0	0
<b>3. Número de menções aos autores no corpo da publicação</b>							
3.1. Cesário Verde	0	1	0	0	2	0	3
3.2. Fernando Pessoa	10	12	17	21	14	7	81
3.2.1. Álvaro de Campos	1	0	0	0	2	1	4
3.3. José de Almada Negreiros	4	4	3	5	8	6	30
3.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	2	0	1	3
3.5. Raul Leal	0	0	0	0	0	0	0
<b>4. Produções jornalísticas sobre os autores em apreço</b>							
<b>4. 1. Número de notícias sobre os autores em apreço (acontecimentos, artigos, breves)</b>							
4.1.1. Cesário Verde	0	1	0	0	1	0	2
4.2.1. Fernando Pessoa	1	3	5	9	8	2	28
4.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	1	0	1
4.3. José de Almada Negreiros	3	2	2	4	6	5	22
4.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	2	0	1	3
4.5. Raul Leal	0	0	0	0	0	0	0
<b>5. Número de críticas literárias a obras dos autores em estudo</b>							

5.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0	0	0
5.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0	1	1
5.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0	1	1
5.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0	0	0
5.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0	0	0
5.5. Raul Leal	0	0	0	0	0	0	0
<b>6. Número de críticas literárias a obras relacionadas com os autores em apreço</b>							
6.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0	0	0
6.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0	0	0
6.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0	0	0
6.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0	0	0
6.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0	0	0
6.5. Raul Leal	0	0	0	0	0	0	0
<b>7. Número de outras menções (crónicas, citações, entrevistas e outras) dos autores em estudo</b>							
7.1. Cesário Verde	0	0	0	0	1	0	1
7.2. Fernando Pessoa	5	4	4	2	3	0	18
7.2.1. Álvaro de Campos	1	0	0	0	0	0	1
7.3. José de Almada Negreiros	1	0	0	1	0	0	2
7.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0	0	0
7.5. Raul Leal	0	0	0	0	0	0	0
<b>8. Número de menções a <i>Orpheu</i></b>							
8.1. Revista <i>Orpheu</i>	0	0	0	0	0	4	4
8.2. Geração de <i>Orpheu</i>	0	0	0	0	0	0	0

Fonte: elaboração própria.

### Anexo n.º 3: Representação visual nas peças jornalísticas da revista *Time Out Lisboa*



Figura 60 – Peça jornalística 1: "O modernismo português em remix", edição de março de 2011.



Figura 61 - Peça jornalística 2: "Lisbon Lovers", edição de dezembro de 2011.

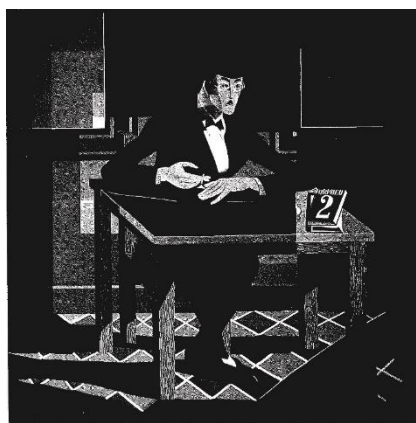


Figura 62 - Peça jornalística 3: "Retrato de Fernando Pessoa", edição de março de 2012.



Figura 63 - Peça jornalística 4: "Descubra o que é isto", edição de junho de 2012.



Figura 64 - Peça jornalística 5: "Fernando Pessoa, Plural como o Universo", edição de dezembro de 2012.



## Passeio Lisboa com Fernando Pessoa

Anos depois da morte de Fernando Pessoa, Ophélia Queiroz, a sua amada, confessou: "O Fernando, em geral, era muito alegre. Ria como uma criança e achava muita graça às coisas." É precisamente este lado pouco conhecido do poeta que o novo passeio da Lisboa Autêntica revela.

A viagem, planeada pelo investigador Fabrizio Boscaglia, começa, como não podia deixar de ser, num dos locais mais emblemáticos da cidade, A Brasileira. Sempre com os versos pessoanos a indicar o caminho, o percurso segue pelos locais que

faziam parte do quotidiano do escritor, mas também por lugares referidos na obra dos seus heterónimos, como por exemplo a Rua dos Douradores, no *Livro do Desassossego*.

O passeio serpenteia pela Baixa e Chiado e tem a duração prevista de duas horas e meia. A questão é que nunca se sabe se as palavras de Pessoa nos vão demorar mais do que o esperado. *Sara Picareta*

**Lisboa com Fernando Pessoa**  
Sábado (30 de Março) 15.00. A Brasileira, Chiado. Preço: 10€.  
Inscrições: 91 322 1790.



Figura 65 - Peça jornalística 6: "Lisboa com Fernando Pessoa", edição de março de 2013.

**Livros**

**Vá abrindo lugar na estante para estes autores**

Chegou a altura do ano em que as enchentes passam das praias para as prateleiras das livrarias. **Ana Dias Ferreira** espreitou todas as novidades e adianta-lhe algumas das apostas da *rentree* literária.

**ENVIESTE NÉS**  
Sempre que nos encontramos com o autor de *David Vane*, é certo que ele vai para casa e coloca o livro no estante. Depois da *Three Chinas* final de Dezembro, *David*, pelas razões que já lhe foram no tempo da *Three*, está pelo mesmo caminho.

Fernando Pessoa

Ana Dias Ferreira

Logo depois de perder o filho, meu resolvei marchar do ponto de vista de quem morreu. "Muito emotivo", mas também do outro lado de Sestelo, João Rodrigues. Pela mesma razão, ainda em Setembro, é editado *Amor*, a estreia de Ana Luísa Amaral na prosa ficcional, uma pequena história de amor e de guerra que atraiu o nome de um dos maiores poetas da nossa língua.

Já no sexto livro chega a primeira *O Livro do Desassossego*, a primeira tradução completa do

*O Livro do Desassossego*, mais uma vez traduzido de Jorge de Carvalho, do colosso de *James Joyce*. É porque as contradições e as suas viagens no tempo, esse *Outubro* *Richard Dawkins* das suas entre as Porto Editora com *A Sordidez*, por isso o nome de *admirável* que foi.

"Agora que estamos com os olhos surrados e o ouvido",

o mais importante é o facto de ser contado por um americano que se mudou para Portugal e está a fazer o seu trabalho de *admirável* e *admirável*.

Figura 66 - Peça jornalística 7: "Vá abrindo lugar na estante para estes autores", edição de setembro de 2013.

**A nossa escolha**

**1 Poesia em Pessoa**  
**Largo de São Carlos**

Vista a sua melhor gabardina, laço e chapéu para homenagear o poeta dos mil heterónimos. No Chiado, esperam-se dezenas de Pessoas a desfilar e qualquer um se pode juntar ao cortejo. **Sábado**



Figura 67 - Peça jornalística 8: "Poesia em Pessoa", edição de março de 2014.

**A nossa escolha**

**1 Almada, O que Ninguém Soube que Houve**  
**Museu da Electricidade**

Obras raras e inéditas de Almada Negreiros que aumentam o nosso conhecimento sobre este artista assim como sobre o modernismo em Portugal. **Até 29 de Março**



Figura 68 - Peça jornalística 9: "Almada, O que Ninguém Soube que Houve", edição de dezembro de 2014.

## As Flores do Mal de Fernando Pessoa – Absinto, Ópio, Tabaco e Outros Fumos

Organização e apresentação de  
Manuel S. Fonseca  
Guerra & Paz, 55 €

Este livro  
obedeceu ao  
desejo de  
"ter Fernando  
Pessoa no  
meio de nós".  
Quem o diz é o  
organizador e  
editor do  
volume,



Figura 69 - Peça jornalística 10: "AS flores do Mal de Fernando Pessoa", edição de março de 2015.



### Apêndice n.º 13: Análise dos resultados obtidos na análise às 24 edições do jornal Público

Os resultados da análise às edições do jornal Público no período de 2010-2015 são apresentados em tabelas, divididas por ano e mês. A tabela final apresenta os resultados da análise aos 24 números do jornal previstos por este estudo.

**Tabela 33 - Resultados obtidos pela análise de 4 edições do jornal Público de 2010.**

Ano	2010				
1. Edições publicadas - Data em estudo	24/03/2010	24/06/2010	24/09/2010	24/12/2010	
1.1. Número da publicação	7293	7385	7477	7568	
1.2. Tiragem (média do mês anterior)	47731	48058	55354	48328	
1.3. Direção	Bárbara Reis	Bárbara Reis	Bárbara Reis	Bárbara Reis	
2. Número de menções aos autores na capa da publicação					<b>Totais:</b>
2.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
2.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
2.1.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
2.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
2.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
2.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
3. Número de menções aos autores no corpo da publicação					
3.1. Cesário Verde	0	0	1	0	1
3.2. Fernando Pessoa	2	2	23	0	27
3.2.1. Álvaro de Campos	0	0	1	0	1
3.3. José de Almada Negreiros	1	0	0	0	1
3.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	2	0	2
3.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
4. Produções jornalísticas sobre os autores em apreço					
4. 1. Número de notícias sobre os autores em apreço (acontecimentos, artigos, breves)					
4.1.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
4.2.1. Fernando Pessoa	1	0	0	0	1
4.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
4.3. José de Almada Negreiros	1	0	0	0	1
4.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
4.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
5. Número de críticas literárias a obras dos autores em estudo					
5.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
5.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
5.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
5.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0

5.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
5.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>6. Número de críticas literárias a obras relacionadas com os autores em apreço</b>					
6.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
6.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
6.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
6.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
6.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
6.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>7. Número de outras menções (crónicas, citações, entrevistas e outras) dos autores em estudo</b>					
7.1. Cesário Verde	0	0	1	0	1
7.2. Fernando Pessoa	1	2	4	0	7
7.2.1. Álvaro de Campos	0	0	1	0	1
7.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
7.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	2	0	2
7.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>8. Número de menções a <i>Orpheu</i></b>					
8.1. Revista <i>Orpheu</i>	0	0	0	0	0
8.2. Geração de <i>Orpheu</i>	0	0	0	0	0

Fonte: elaboração própria.

**Tabela 34 - Resultados obtidos pela análise de 4 edições do jornal Público de 2011.**

Ano	2011				
1. Edições publicadas - Data em estudo	24/03/2011	24/06/2011	24/09/2011	24/12/2011	
1.1. Número da publicação	7656	7748	7840	7931	
1.2. Tiragem (média do mês anterior)	46948	47039	53469	44867	
1.3. Direção	Bárbara Reis	Bárbara Reis	Bárbara Reis	Bárbara Reis	
<b>2. Número de menções aos autores na capa da publicação</b>					<b>Totais:</b>
2.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
2.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
2.1.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
2.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
2.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
2.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>3. Número de menções aos autores no corpo da publicação</b>					
3.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
3.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
3.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
3.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
3.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0

3.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>4. Produções jornalísticas sobre os autores em apreço</b>					
<b>4. 1. Número de notícias sobre os autores em apreço (acontecimentos, artigos, breves)</b>					
4.1.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
4.2.1. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
4.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
4.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
4.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
4.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>5. Número de críticas literárias a obras dos autores em estudo</b>					
5.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
5.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
5.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
5.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
5.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
5.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>6. Número de críticas literárias a obras relacionadas com os autores em apreço</b>					
6.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
6.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
6.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
6.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
6.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
6.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>7. Número de outras menções (crónicas, citações, entrevistas e outras) dos autores em estudo</b>					
7.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
7.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
7.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
7.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
7.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
7.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>8. Número de menções a <i>Orpheu</i></b>					
8.1. Revista <i>Orpheu</i>	0	0	0	0	0
8.2. Geração de <i>Orpheu</i>	0	0	0	0	0

Fonte: elaboração própria.

**Tabela 35 - Resultados obtidos pela análise de 4 edições do jornal Público de 2012.**

Ano	2012			
1. Edições publicadas - Data em estudo	24/03/2012	24/06/2012	24/09/2012	24/12/2012
1.1. Número da publicação	8020	8112	8204	8295

1.2. Tiragem (média do mês anterior)	41288	48102	44837	42175	
1.3. Direção	Bárbara Reis	Bárbara Reis	Bárbara Reis	Bárbara Reis	
2. Número de menções aos autores na capa da publicação					Totais:
2.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
2.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
2.1.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
2.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
2.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
2.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
3. Número de menções aos autores no corpo da publicação					
3.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
3.2. Fernando Pessoa	1	2	0	0	3
3.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
3.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
3.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
3.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
4. Produções jornalísticas sobre os autores em apreço					
4. 1. Número de notícias sobre os autores em apreço (acontecimentos, artigos, breves)					
4.1.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
4.2.1. Fernando Pessoa	1	1	0	0	2
4.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
4.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
4.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
4.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
5. Número de críticas literárias a obras dos autores em estudo					
5.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
5.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
5.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
5.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
5.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
5.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
6. Número de críticas literárias a obras relacionadas com os autores em apreço					
6.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
6.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
6.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
6.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
6.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
6.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
7. Número de outras menções (crónicas, citações, entrevistas e outras) dos autores em estudo					
7.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
7.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0

7.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
7.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
7.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
7.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>8. Número de menções a <i>Orpheu</i></b>					
8.1. Revista <i>Orpheu</i>	0	0	0	0	0
8.2. Geração de <i>Orpheu</i>	0	0	0	0	0

Fonte: elaboração própria.

**Tabela 36 - Resultados obtidos pela análise de 4 edições do jornal Público de 2013.**

Ano	2013				
1. Edições publicadas - Data em estudo	24/03/2013	24/06/2013	24/06/2013	24/12/2013	
1.1. Número da publicação	8383	8475	8567	8658	
1.2. Tiragem (média do mês anterior)	40323	45684	45304	38013	
1.3. Direção	Bárbara Reis	Bárbara Reis	Bárbara Reis	Bárbara Reis	
<b>2. Número de menções aos autores na capa da publicação</b>					<b>Totais:</b>
2.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
2.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
2.1.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
2.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
2.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
2.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>3. Número de menções aos autores no corpo da publicação</b>					
3.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
3.2. Fernando Pessoa	0	0	1	0	1
3.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
3.3. José de Almada Negreiros	0	1	2	0	3
3.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
3.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>4. Produções jornalísticas sobre os autores em apreço</b>					
<b>4. 1. Número de notícias sobre os autores em apreço (acontecimentos, artigos, breves)</b>					
4.1.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
4.2.1. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
4.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
4.3. José de Almada Negreiros	0	1	1	0	2
4.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
4.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>5. Número de críticas literárias a obras dos autores em estudo</b>					
5.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
5.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0

5.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
5.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
5.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
5.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>6. Número de críticas literárias a obras relacionadas com os autores em apreço</b>					
6.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
6.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
6.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
6.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
6.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
6.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>7. Número de outras menções (crónicas, citações, entrevistas e outras) dos autores em estudo</b>					
7.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
7.2. Fernando Pessoa	0	0	1	0	1
7.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
7.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
7.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
7.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>8. Número de menções a <i>Orpheu</i></b>					
8.1. Revista <i>Orpheu</i>	0	0	0	0	0
8.2. Geração de <i>Orpheu</i>	0	0	0	0	0

Fonte: elaboração própria.

**Tabela 37 - Resultados obtidos pela análise de 4 edições do jornal Público de 2014.**

Ano	2014				
1. Edições publicadas - Data em estudo	24/03/2014	24/06/2014	24/09/2014	24/12/2014	
1.1. Número da publicação	8746	8838	8930	9021	
1.2. Tiragem (média do mês anterior)	34630	34107	37998	34940	
1.3. Direção	Bárbara Reis	Bárbara Reis	Bárbara Reis	Bárbara Reis	
<b>2. Número de menções aos autores na capa da publicação</b>					<b>Totais:</b>
2.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
2.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
2.1.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
2.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
2.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
2.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>3. Número de menções aos autores no corpo da publicação</b>					
3.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
3.2. Fernando Pessoa	2	0	0	0	2
3.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0

3.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	1	1
3.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
3.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>4. Produções jornalísticas sobre os autores em apreço</b>					
<b>4. 1. Número de notícias sobre os autores em apreço (acontecimentos, artigos, breves)</b>					
4.1.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
4.2.1. Fernando Pessoa	1	0	0	0	1
4.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
4.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	1	1
4.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
4.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>5. Número de críticas literárias a obras dos autores em estudo</b>					
5.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
5.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
5.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
5.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
5.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
5.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>6. Número de críticas literárias a obras relacionadas com os autores em apreço</b>					
6.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
6.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
6.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
6.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
6.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
6.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>7. Número de outras menções (crónicas, citações, entrevistas e outras) dos autores em estudo</b>					
7.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
7.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
7.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
7.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
7.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
7.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>8. Número de menções a <i>Orpheu</i></b>					
8.1. Revista <i>Orpheu</i>	0	0	0	0	0
8.2. Geração de <i>Orpheu</i>	0	0	0	0	0

Fonte: elaboração própria.

**Tabela 38 - Resultados obtidos pela análise de 4 edições do jornal Público de 2015.**

Ano	2015
-----	------



1. Edições publicadas - Data em estudo	24/03/2015	24/06/2015	24/09/2015	24/12/2015	
1.1. Número da publicação	9109	9201	9293	9384	
1.2. Tiragem (média do mês anterior)	34101	33425	35268	33074	
1.3. Direção	Bárbara Reis	Bárbara Reis	Bárbara Reis	Bárbara Reis	
2. Número de menções aos autores na capa da publicação					<b>Totais:</b>
2.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
2.2. Fernando Pessoa	1	0	0	0	1
2.1.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
2.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
2.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
2.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
3. Número de menções aos autores no corpo da publicação					
3.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
3.2. Fernando Pessoa	23	16	0	0	39
3.2.1. Álvaro de Campos	11	6	0	0	17
3.3. José de Almada Negreiros	10	4	1	0	15
3.4. Mário de Sá-Carneiro	20	8	0	0	28
3.5. Raul Leal	3	0	0	0	3
4. Produções jornalísticas sobre os autores em apreço					
4. 1. Número de notícias sobre os autores em apreço (acontecimentos, artigos, breves)					
4.1.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
4.2.1. Fernando Pessoa	2	1	0	0	3
4.2.1. Álvaro de Campos	2	0	0	0	2
4.3. José de Almada Negreiros	2	0	1	0	3
4.4. Mário de Sá-Carneiro	2	0	0	0	2
4.5. Raul Leal	2	0	0	0	2
5. Número de críticas literárias a obras dos autores em estudo					
5.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
5.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
5.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
5.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
5.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
5.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
6. Número de críticas literárias a obras relacionadas com os autores em apreço					
6.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
6.2. Fernando Pessoa	0	1	0	0	1
6.2.1. Álvaro de Campos	0	1	0	0	1
6.3. José de Almada Negreiros	0	1	0	0	1
6.4. Mário de Sá-Carneiro	0	1	0	0	1
6.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
7. Número de outras menções (crónicas, citações, entrevistas e outras) dos autores em estudo					

7.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
7.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
7.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
7.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
7.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
7.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>8. Número de menções a <i>Orpheu</i></b>					
8.1. Revista <i>Orpheu</i>	45	18	1	0	64
8.2. Geração de <i>Orpheu</i>	2	0	0	0	2

Fonte: elaboração própria.

**Tabela 39 - Resultados obtidos pela análise de 24 edições do jornal Público (2010-2015).**

Ano	2010	2011	2012	2013	2014	2015	Total final
<b>1. Número de edições analisadas (data em estudo)</b>	<b>4</b>	<b>4</b>	<b>4</b>	<b>4</b>	<b>4</b>	<b>4</b>	<b>24</b>
<b>2. Número de menções aos autores na capa da publicação</b>							
2.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0	0	0
2.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0	1	1
2.1.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0	0	0
2.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0	0	0
2.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0	0	0
2.5. Raul Leal	0	0	0	0	0	0	0
<b>3. Número de menções aos autores no corpo da publicação</b>							
3.1. Cesário Verde	1	0	0	0	0	0	1
3.2. Fernando Pessoa	27	0	3	1	2	39	72
3.2.1. Álvaro de Campos	1	0	0	0	0	17	18
3.3. José de Almada Negreiros	1	0	0	3	1	15	20
3.4. Mário de Sá-Carneiro	2	0	0	0	0	28	30
3.5. Raul Leal	0	0	0	0	0	3	3
<b>4. Produções jornalísticas sobre os autores em apreço</b>							
<b>4. 1. Número de notícias sobre os autores em apreço (acontecimentos, artigos, breves)</b>							
4.1.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0	0	0
4.2.1. Fernando Pessoa	1	0	2	0	1	3	7
4.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0	2	2
4.3. José de Almada Negreiros	1	0	0	2	1	3	7
4.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0	2	2
4.5. Raul Leal	0	0	0	0	0	2	2
<b>5. Número de críticas literárias a obras dos autores em estudo</b>							
5.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0	0	0
5.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0	0	0

5.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0	0	0
5.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0	0	0
5.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0	0	0
5.5. Raul Leal	0	0	0	0	0	0	0
6. Número de críticas literárias a obras relacionadas com os autores em apreço							
6.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0	0	0
6.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0	1	1
6.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0	1	1
6.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0	1	1
6.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0	1	1
6.5. Raul Leal	0	0	0	0	0	0	0
7. Número de outras menções (crónicas, citações, entrevistas e outras) dos autores em estudo							
7.1. Cesário Verde	1	0	0	0	0	0	1
7.2. Fernando Pessoa	7	0	0	1	0	0	8
7.2.1. Álvaro de Campos	1	0	0	0	0	0	1
7.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0	0	0
7.4. Mário de Sá-Carneiro	2	0	0	0	0	0	2
7.5. Raul Leal	0	0	0	0	0	0	0
8. Número de menções a <i>Orpheu</i>							
8.1. Revista <i>Orpheu</i>	0	0	0	0	0	64	64
8.2. Geração de <i>Orpheu</i>	0	0	0	0	0	2	2

Fonte: elaboração própria.

## Anexo n.º 4: Representação visual nas peças jornalísticas do Público

### Porquê demolir um edifício Arte Nova cuja estrutura não estava em perigo?

**Opinião**  
**Gastão Brito e Silva**

Por vezes a nobilíssima palavra "Cultura", que tanto carisma transporta, é utilizada com pompa e circunstância promovendo valores que todos defendemos. A nossa identidade dela necessita para se afirmar, e o nosso futuro dela depende. Em nome da Cultura executam-se projectos megalómanos, promovem-se carreiras, e atribuem-se prémios que visam distinguir com justiça quem mais e melhor contribui para toda uma sociedade pretensamente culta e evoluída, enquanto paradoxalmente desprezamos o que de melhor temos. A propósito de um dos prémios mais prestigiados recentemente atribuído em nome da cultura portuguesa, o Prémio Pessoa, lembrei-me de neste espaço referir a importância do nosso património cultural e como todos os dias é descuidado. É com a preservação do património que mantemos a nossa cultura, e não

com efémeras e espectaculares iniciativas politicamente correctas, que nos condenam a curto prazo. Há dois anos foi demolido em Lisboa um edifício Arte Nova. A sua estrutura não inspirava cuidados e a sua traça era bem característica desse estilo, a sua localização era lucrativa... Nesse prédio habitou Fernando Pessoa, o ilustre vulto que hoje empresta o seu nome a um dos mais altos galardões da Cultura portuguesa... coitado deve ter dado umas voltas no túmulo e reformulado o que um dia pensou... O património vandalizado / Quanto do teu mal são as eminências pardas de Portugal... / Por te descuidarmos quantos prédios derrocaram / Quantos tesouros não reabilitaram / E quantos mais estão para ruir / Para mais mametrachos construírem... / Será que vale a pena? / Nada vale a pena quando a alma se torna pequena / Quem quer ter alguma glória / Tem que preservar a sua história / Deus nos valham os perigos e abusos seus / Antes que nos tornemos todos ateus.



No lugar deste prédio onde viveu Pessoa já há uma construção nova

Figura 70 – Peça jornalística 1: “Porquê demolir um edifício Arte Nova cuja estrutura não estava em perigo?”, edição de junho de 2012.



### Borges e Pessoa aproximam-se em Lisboa

A Casa Fernando Pessoa é o espaço escolhido para um encontro com seis críticos literários, de várias nacionalidades, dedicado a dois grandes nomes da literatura: o português Fernando Pessoa e o argentino Jorge Luis Borges. Hoje, a partir das 18h, Patrício Ferrari, Diego Gilménez, Roberto Rolandone, Fabrizio Boscaglia, Sandra Bettencourt

e Pablo Javier Pérez López são convidados a estabelecer semelhanças e aproximações entre a obra dos dois autores, que partilharam paixões como o gosto pela poesia de Omar Khayyam e William Shakespeare ou a correspondência com o escritor espanhol Isaac del Vando Villar. A entrada é gratuita.

Figura 71 - Peça jornalística 2: “Borges e Pessoa aproximam-se em Lisboa”, edição de março de 2014.





O número 2 do Orpheu anunciava a sua terceira edição, no entanto a publicação da mesma nunca se chegou a concretizar por razões económicas. Vovidos 100 anos sobre o nascimento da revista literária portuguesa que marcou a cultura portuguesa, o PÚBLICO e a editora A Bela e o Monstro trazem a famosa e nunca antes publicada terceira edição deste marco literário. O material existente não contemplava uma capa, pelo que a capa desta edição foi gentilmente desenhada por João Louro, representante português na Bienal de Veneza

## Orpheu 3, em estado de “quase” para sempre



Opinião  
Richard Zenith

Nascido o projecto de Orpheu, em Fevereiro de 1915, os primeiros dois números saíram rapidamente, em Março e em Junho. Mas a publicação de Orpheu 3 arrastou-se, dando azo a vários rumores bastante diversificados, até que quase, quase conseguiu sair. E nesse estado de “quase” ficou para sempre: em provas tipográficas impressas em Julho de 1915, sem capa e sem a colaboração de Álvaro de Campos (II), que fazia intensa falta. É claro que a principal dificuldade foi financeira, uma vez que o pai de Sá-Carneiro – patrocinador de Orpheu 1 e 2 – fechara a torneira, mas havia outra: era difícil arranjar boas colaborações.

Em Julho ou Agosto de 1915, Pessoa escreveu para Macau, na esperança de poder dedicar cerca de dez páginas de Orpheu 3 a um dos maiores poetas portugueses, Camilo Pessanha, então praticamente inédito. Depois de o ser, porém, em Dezembro de 1916, quando Luís de Montalvor publicou, na revista *Graça*, os mesmos poemas de Pessanha que Pessoa queria divulgar em Orpheu.

Os bons poetas e prosadores portugueses não abundavam e nem todas as colaborações para Orpheu 3 – como bem sabemos Arnaldo Sariliva na edição do número que organizou para a Ática (1984) – são memoráveis. Analisando friamente os conteúdos dos três números da revista, temos, aliás, de concordar com Teresa Rita Lopes (PÚBLICO, 24.6.2015) quando afirma que a revista Orpheu não trouxe assim tanto de literatura realmente nova e modernista.

Fernando Cabral Martins, no seu também excelente artigo sobre Orpheu para o PÚBLICO (23.6.2015), refere a “paixão da Vanguarda” e a revista contra as convenções que ligaram os membros do grupo, mas esta paixão e esta revolta concentravam-se, sobretudo, em três figuras: Fernando Pessoa (acofitado pelo seu heterónimo Álvaro de

Campo), Mário de Sá-Carneiro e José de Almada Negreiros. Foram também eles que colaboraram com obras que podemos qualificar de “modernistas”.

O espírito revolucionário (literariamente falando) começou a manifestar-se em Pessoa e Sá-Carneiro e foi continuando os outros – até de modo clandestino. Ao reverem as provas do primeiro número, os dois amigos decidiram passar grãos existentes na introdução de Luís de Montalvor, porque “assim ainda se entende menos” (segundo Sá-Carneiro disse a Pessoa), e permitiram que um sobrinho de Ricardo de Carvalho saísse mal pontuado para criar um efeito malabarismo. Estas pequenas maldades foram altamente significativas, uma vez que Montalvor e Carvalho eram os co-directores oficiais do primeiro número e de revolucionário tinham pouco ou nada. Fernando e Mário deram um jeitinho para que a revista incorporasse as sensibilidades pacatas logo no seu arranque. E, de facto, incomodou.

Outros colaboradores absorveram espontaneamente as lições dos dois verdadeiros chefes. A poesia do aporiano Armando Cortes Rodrigues, publicada em seu próprio nome (1.º número) ou no de Violante de Cymreiros (2.º número), compartilhava temas e até uma certa habilidade fingidora patentes em Pessoa e Sá-Carneiro. Regressado aos Açores, este poeta voltaria a escrever versos detalhados de muito sentimento mas pouca originalidade.

O “aluno” mais curioso era C. Pacheco, autor de um poema de grande êxito, “Para Além do Oceano”, impresso nas provas tipográficas de Orpheu 3. Em virtude de algumas das suas estrofes recordarem ora Álvaro de Campos, ora Alberto Caeiro, era Fernando Pessoa ele mesmo, pensou-se durante muitas décadas que se tratava de mais um heterónimo. Embora fossem surgindo provas do contrário, a dúvida persistiu até 2011, quando Ana Rita Palmirim, neta de José Coelho Pacheco, revelou originais do poema na posse da família. Pacheco escreveu outras



coisas – em poesia e em prosa –, mas acabou por abandonar a literatura por outra paixão, os automóveis, tornando-se dono de um stand.

Realmente transformado por Orpheu foi Almada Negreiros. Os seus “Prison”, pequenos contos poéticos, foram quase a sua primeira publicação literária (em Orpheu 1) e

ele encarnou o espírito contestatário da revista como nenhum outro colaborador. A violência e a forma incisiva da sua “A Cesta do Odeiro”, que integra as provas do n.º 3, têm paralelo no Ultimatum de Álvaro de Campos, mas o texto de Almada é anterior (datando da revolução de Maio de 1915). Almada, mais ainda do que Pessoa, conservaria muito vivo a memória de Orpheu, pois correspondeu ao seu momento de afirmação enquanto artista.

Não se pode dizer que Orpheu teve a mesma importância para a formação de Fernando Pessoa (e ainda menos de Sá-Carneiro, morto em 1916), porém duas das obras maiores de Pessoa Campos devem a sua existência à revista. A “Ode Triunfal” fora composta em 1914 (embora não no “Dia Triunfal” nem “num jacto”, e a hipótese de escrever”, como contaria Pessoa em 1935), mas o “Opúsculo” foi especialmente escrito para Orpheu 1. Na sequência do *manuscrito de acumulado* detido por Campos no primeiro número, Pessoa resolveu ir mais longe, escrevendo a chocante e gloriosa “Ode Marítima”, o mais esplendoroso poema em língua portuguesa do século XX. Também não terá sido escrito num jacto, mas quase, pois devia ficar pronto para sair no segundo número, e Pessoa conseguiu esse milagre: mais de 900 versos, perfeitamente organizados e cadenciados.

Não repetiu a proeza no caso da “Saudação a Walt Whitman”, prevista para Orpheu 3 mas deixada incompleta, com mais de vinte trechos desconexos. Com a morte de Sá-Carneiro, Pessoa ficou abalado, alguma coisa se partiu, e o grande projecto dos dois amigos já não era o mesmo. Orpheu continuava, Orpheu tinha acabado.

Em comemoração, prevê-se a inclusão de A hum-tum do piano Arnaldo de Sousa Cardoso. Estes fazem parte da edição de Orpheu 3 agora lançada pelo PÚBLICO graças à investigação Maria Sousa, que identificou recentemente, no espólio do piano à guarda da Biblioteca de Arte (PCC), as fotografias destinadas a este efeito. A capa desta edição, evitando qualquer tentativa de reprodução o que a capa poderia ter sido, caso tivesse chegado a existir, foi desenhada por João Louro.

Escritor, tradutor, crítico literário e investigador pessoano, Prémio Pessoa 2012



Figura 74 - Peça jornalística 5 - “Orpheu 3, em estado de “quase” para sempre”, edição de junho de 2015.



## Apêndice n.º 14: Análise dos resultados obtidos na análise às 24 edições do semanário Expresso

Os resultados da análise às edições do semanário Expresso no período de 2010-2015 são apresentados em tabelas, divididas por ano e mês. A tabela final apresenta os resultados da análise aos 24 números do jornal previstos por este estudo.

**Tabela 40 - Resultados obtidos pela análise de 4 edições do Expresso de 2010.**

Ano	2010				
1. Edições publicadas - Data em estudo	20 a 26 de março	19 a 25 de junho	18 a 24 de setembro	23 a 29 de dezembro	
1.1. Número da publicação	1951	1964	1977	1991	
1.2. Tiragem (média do mês anterior)	136650	138460	132000	134475	
1.3. Direção	Henrique Monteiro	Henrique Monteiro	Henrique Monteiro	Henrique Monteiro	
2. Número de menções aos autores na capa da publicação					Totais:
2.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
2.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
2.1.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
2.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
2.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
2.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
3. Número de menções aos autores no corpo da publicação					
3.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
3.2. Fernando Pessoa	1	3	0	0	4
3.2.1. Álvaro de Campos	2	0	0	0	2
3.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
3.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
3.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
4. Produções jornalísticas sobre os autores em apreço					
4.1. Número de notícias sobre os autores em apreço (acontecimentos, artigos, breves)					
4.1.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
4.2.1. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
4.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
4.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
4.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
4.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
5. Número de críticas literárias a obras dos autores em estudo					
5.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
5.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0



5.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
5.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
5.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
5.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>6. Número de críticas literárias a obras relacionadas com os autores em apreço</b>					
6.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
6.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
6.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
6.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
6.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
6.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>7. Número de outras menções (crónicas, citações, entrevistas e outras) dos autores em estudo</b>					
7.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
7.2. Fernando Pessoa	1	2	0	0	3
7.2.1. Álvaro de Campos	2	0	0	0	2
7.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
7.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
7.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>8. Número de menções a <i>Orpheu</i></b>					
8.1. Revista <i>Orpheu</i>	0	0	0	0	0
8.2. Geração de <i>Orpheu</i>	0	0	0	0	0

Fonte: elaboração própria.

**Tabela 41 - Resultados obtidos pela análise de 4 edições do Expresso de 2011.**

Ano	2011				
1. Edições publicadas - Data em estudo	19 a 25 de março	18 a 24 de junho	24 a 30 de setembro	23 a 29 de dezembro	
1.1. Número da publicação	2003	2016	2030	2043	
1.2. Tiragem (média do mês anterior)	132350	132350	127500	120100	
1.3. Direção	Ricardo Costa	Ricardo Costa	Ricardo Costa	Ricardo Costa	
<b>2. Número de menções aos autores na capa da publicação</b>					<b>Totais:</b>
2.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
2.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
2.1.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
2.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
2.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
2.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>3. Número de menções aos autores no corpo da publicação</b>					
3.1. Cesário Verde	0	1	1	0	2
3.2. Fernando Pessoa	0	3	1	16	20
3.2.1. Álvaro de Campos	0	1	0	0	1

3.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	1	1
3.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
3.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>4. Produções jornalísticas sobre os autores em apreço</b>					
<b>4. 1. Número de notícias sobre os autores em apreço (acontecimentos, artigos, breves)</b>					
4.1.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
4.2.1. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
4.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
4.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
4.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
4.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>5. Número de críticas literárias a obras dos autores em estudo</b>					
5.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
5.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
5.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
5.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
5.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
5.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>6. Número de críticas literárias a obras relacionadas com os autores em apreço</b>					
6.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
6.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
6.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
6.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
6.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
6.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>7. Número de outras menções (crónicas, citações, entrevistas e outras) dos autores em estudo</b>					
7.1. Cesário Verde	0	1	1	0	2
7.2. Fernando Pessoa	0	2	1	2	5
7.2.1. Álvaro de Campos	0	1	0	0	1
7.3. José de Almada Negreiros	0	0	1	0	1
7.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
7.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>8. Número de menções a <i>Orpheu</i></b>					
8.1. Revista <i>Orpheu</i>	0	0	0	0	0
8.2. Geração de <i>Orpheu</i>	0	0	0	0	0

Fonte: elaboração própria.

**Tabela 42 - Resultados obtidos pela análise de 4 edições do Expresso de 2012.**

Ano	2012
-----	------

1. Edições publicadas - Data em estudo	24 a 30 de março	20 a 26 de junho	19 a 25 de setembro	19 a 25 de dezembro	
1.1. Número da publicação	2056	2069	2082	2095	
1.2. Tiragem (média do mês anterior)	120175	111900	120200	115150	
1.3. Direção	Ricardo Costa	Ricardo Costa	Ricardo Costa	Ricardo Costa	
2. Número de menções aos autores na capa da publicação					Totais:
2.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
2.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
2.1.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
2.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
2.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
2.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
3. Número de menções aos autores no corpo da publicação					
3.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
3.2. Fernando Pessoa	2	0	0	37	39
3.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
3.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
3.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
3.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
4. Produções jornalísticas sobre os autores em apreço					
4. 1. Número de notícias sobre os autores em apreço (acontecimentos, artigos, breves)					
4.1.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
4.2.1. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
4.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
4.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
4.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
4.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
5. Número de críticas literárias a obras dos autores em estudo					
5.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
5.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
5.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
5.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
5.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
5.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
6. Número de críticas literárias a obras relacionadas com os autores em apreço					
6.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
6.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
6.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
6.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
6.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
6.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
7. Número de outras menções (crónicas, citações, entrevistas e outras) dos autores em estudo					

7.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
7.2. Fernando Pessoa	2	0	0	1	3
7.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
7.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
7.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
7.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>8. Número de menções a <i>Orpheu</i></b>					
8.1. Revista <i>Orpheu</i>	0	0	0	0	0
8.2. Geração de <i>Orpheu</i>	0	0	0	0	0

Fonte: elaboração própria.

**Tabela 43- Resultados obtidos pela análise de 4 edições do Expresso de 2013.**

Ano	2013				
1. Edições publicadas - Data em estudo	23 a 29 de março	22 a 28 de junho	21 a 27 de setembro	18 a 24 de dezembro	
1.1. Número da publicação	2108	2121	2134	2147	
1.2. Tiragem (média do mês anterior)	111475	114000	113080	105460	
1.3. Direção	Ricardo Costa	Ricardo Costa	Ricardo Costa	Ricardo Costa	
<b>2. Número de menções aos autores na capa da publicação</b>					<b>Totais:</b>
2.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
2.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
2.1.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
2.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
2.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
2.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>3. Número de menções aos autores no corpo da publicação</b>					
3.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
3.2. Fernando Pessoa	0	2	0	3	5
3.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	1	1
3.3. José de Almada Negreiros	7	4	0	0	11
3.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
3.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>4. Produções jornalísticas sobre os autores em apreço</b>					
<b>4. 1. Número de notícias sobre os autores em apreço (acontecimentos, artigos, breves)</b>					
4.1.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
4.2.1. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
4.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
4.3. José de Almada Negreiros	1	0	0	0	1
4.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
4.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>5. Número de críticas literárias a obras dos autores em estudo</b>					

5.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
5.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
5.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
5.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
5.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
5.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>6. Número de críticas literárias a obras relacionadas com os autores em apreço</b>					
6.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
6.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
6.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
6.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
6.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
6.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>7. Número de outras menções (crónicas, citações, entrevistas e outras) dos autores em estudo</b>					
7.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
7.2. Fernando Pessoa	0	1	0	2	3
7.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	1	1
7.3. José de Almada Negreiros	0	2	0	0	2
7.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
7.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>8. Número de menções a <i>Orpheu</i></b>					
8.1. Revista <i>Orpheu</i>	0	0	0	0	0
8.2. Geração de <i>Orpheu</i>	0	0	0	0	0

Fonte: elaboração própria.

**Tabela 44-Resultados obtidos pela análise de 4 edições do Expresso de 2014.**

Ano	2014				
1. Edições publicadas - Data em estudo	22 a 28 de março	21 a 27 de junho	20 a 26 de setembro	20 a 26 de dezembro	
1.1. Número da publicação	2160	2173	2186	2199	
1.2. Tiragem (média do mês anterior)	100125	97160	97700	97300	
1.3. Direção	Ricardo Costa	Ricardo Costa	Ricardo Costa	Ricardo Costa	
<b>2. Número de menções aos autores na capa da publicação</b>					<b>Totais:</b>
2.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
2.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
2.1.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
2.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
2.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
2.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>3. Número de menções aos autores no corpo da publicação</b>					
3.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0

3.2. Fernando Pessoa	6	0	1	8	15
3.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	5	5
3.3. José de Almada Negreiros	11	0	0	0	11
3.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
3.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>4. Produções jornalísticas sobre os autores em apreço</b>					
<b>4. 1. Número de notícias sobre os autores em apreço (acontecimentos, artigos, breves)</b>					
4.1.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
4.2.1. Fernando Pessoa	0	0	0	1	1
4.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
4.3. José de Almada Negreiros	1	0	0	0	1
4.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
4.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>5. Número de críticas literárias a obras dos autores em estudo</b>					
5.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
5.2. Fernando Pessoa	0	0	0	1	1
5.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	1	1
5.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
5.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
5.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>6. Número de críticas literárias a obras relacionadas com os autores em apreço</b>					
6.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
6.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
6.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
6.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
6.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
6.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>7. Número de outras menções (crónicas, citações, entrevistas e outras) dos autores em estudo</b>					
7.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
7.2. Fernando Pessoa	1	0	1	1	3
7.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
7.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
7.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
7.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>8. Número de menções a <i>Orpheu</i></b>					
8.1. Revista <i>Orpheu</i>	0	0	0	0	0
8.2. Geração de <i>Orpheu</i>	0	0	0	0	0

Fonte: elaboração própria.

**Tabela 45 - Resultados obtidos pela análise de 4 edições do Expresso de 2015.**

Ano	2015				
1. Edições publicadas - Data em estudo	18 a 24 de março	24 a 30 de junho	19 a 25 de setembro	24 a 30 de dezembro	
1.1. Número da publicação	2212	2225	2238	2252	
1.2. Tiragem (média do mês anterior)	98050	97660	103920	96775	
1.3. Direção	Ricardo Costa	Ricardo Costa	Ricardo Costa	Ricardo Costa	
2. Número de menções aos autores na capa da publicação					<b>Totais:</b>
2.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
2.2. Fernando Pessoa	0	0	1	0	1
2.1.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
2.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
2.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
2.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
3. Número de menções aos autores no corpo da publicação					
3.1. Cesário Verde	0	0	1	0	1
3.2. Fernando Pessoa	0	0	1	3	4
3.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
3.3. José de Almada Negreiros	0	0	2	0	2
3.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
3.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
4. Produções jornalísticas sobre os autores em apreço					
4. 1. Número de notícias sobre os autores em apreço (acontecimentos, artigos, breves)					
4.1.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
4.2.1. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
4.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
4.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
4.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
4.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
5. Número de críticas literárias a obras dos autores em estudo					
5.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
5.2. Fernando Pessoa	0	0	0	1	1
5.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
5.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
5.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
5.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
6. Número de críticas literárias a obras relacionadas com os autores em apreço					
6.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0
6.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0
6.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
6.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0
6.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0



6.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>7. Número de outras menções (crónicas, citações, entrevistas e outras) dos autores em estudo</b>					
7.1. Cesário Verde	0	0	1	0	1
7.2. Fernando Pessoa	0	0	1	0	1
7.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0
7.3. José de Almada Negreiros	0	0	1	0	1
7.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0
7.5. Raul Leal	0	0	0	0	0
<b>8. Número de menções a <i>Orpheu</i></b>					
8.1. Revista <i>Orpheu</i>	0	0	0	0	0
8.2. Geração de <i>Orpheu</i>	0	0	0	0	0

Fonte: elaboração própria.

**Tabela 46 - Resultados obtidos pela análise de 24 edições do Expresso (2010-2015).**

Ano	2010	2011	2012	2013	2014	2015	Total final
<b>1. Número de edições analisadas</b>	4	4	4	4	4	4	24
<b>2. Número de menções aos autores na capa da publicação</b>							
2.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0	0	0
2.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0	1	1
2.1.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0	0	0
2.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0	0	0
2.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0	0	0
2.5. Raul Leal	0	0	0	0	0	0	0
<b>3. Número de menções aos autores no corpo da publicação</b>							
3.1. Cesário Verde	0	2	0	0	0	1	3
3.2. Fernando Pessoa	4	20	39	5	15	4	87
3.2.1. Álvaro de Campos	2	1	0	1	5	0	9
3.3. José de Almada Negreiros	0	1	0	11	11	2	25
3.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0	0	0
3.5. Raul Leal	0	0	0	0	0	0	0
<b>4. Produções jornalísticas sobre os autores em apreço</b>							
<b>4. 1. Número de notícias sobre os autores em apreço (acontecimentos, artigos, breves)</b>							
4.1.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0	0	0
4.2.1. Fernando Pessoa	0	0	0	0	1	0	1
4.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0	0	0
4.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	1	1	0	2
4.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0	0	0
4.5. Raul Leal	0	0	0	0	0	0	0
<b>5. Número de críticas literárias a obras dos autores em estudo</b>							

5.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0	0	0
5.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	1	1	2
5.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	1	0	1
5.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0	0	0
5.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0	0	0
5.5. Raul Leal	0	0	0	0	0	0	0
6. Número de críticas literárias a obras relacionadas com os autores em apreço							
6.1. Cesário Verde	0	0	0	0	0	0	0
6.2. Fernando Pessoa	0	0	0	0	0	0	0
6.2.1. Álvaro de Campos	0	0	0	0	0	0	0
6.3. José de Almada Negreiros	0	0	0	0	0	0	0
6.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0	0	0
6.5. Raul Leal	0	0	0	0	0	0	0
7. Número de outras menções (crónicas, citações, entrevistas e outras) dos autores em estudo							
7.1. Cesário Verde	0	2	0	0	0	1	3
7.2. Fernando Pessoa	3	5	3	3	3	1	18
7.2.1. Álvaro de Campos	2	1	0	1	0	0	4
7.3. José de Almada Negreiros	0	1	0	2	0	1	4
7.4. Mário de Sá-Carneiro	0	0	0	0	0	0	0
7.5. Raul Leal	0	0	0	0	0	0	0
8. Número de menções a <i>Orpheu</i>							
8.1. Revista <i>Orpheu</i>	0	0	0	0	0	0	0
8.2. Geração de <i>Orpheu</i>	0	0	0	0	0	0	0

Fonte: elaboração própria.

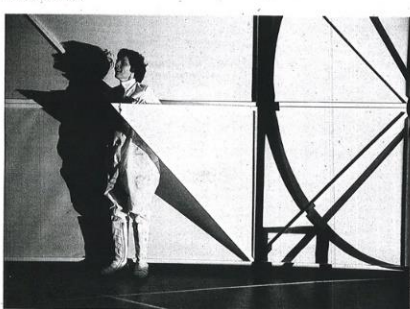
## Anexo n.º 5: Representação visual nas peças jornalísticas do semanário Expresso

## TEATRO &amp; DANCA

## Sonhar senão a vida

A partir da obra de Almada Negreiros, O Bando encenou a história de uma menina que quer ir de viagem.

Texto **Cristina Margato**



**Ana Brandão,**  
co-autora do livro.

com novas possibilidades, fugindo a um mundo que se impõe como único e indiscutível à partida.

Miguel Jesus, que começou por elaborar este texto há quatro anos a pensar num espetáculo muito maior do que aquele que agora se estreia em Lisboa (conta com apenas os dois atores e o músico tchilista Gil Gonçalves), explica: "A história é a de uma partida para o desconhecido e para a loucura... contra as convenções da sociedade e dos outros", que está bem evidente no texto escolhido para o programa. "Não tenho medo de estares a ver a tua cabeça a ir diretamente para a loucura, não tenho medo. Deixa-a ir até à loucura. Vai tu também, pessoalmente, com a tua cabeça até à loucura." Mas a história é também um ato de rebeldia contra todos aqueles que no seu pequeno canto do mundo querem aprisionar as crianças sedentas a conformismo.

Nos figurinos, Clara Beto foi ao ponto de criar um pudrão para o tediado com que fez os fatos futuristas que vestem as duas figuras (parecidos com o que Almada Negreiros usa em algumas fotografias). No cenário, Rui Francisco explorou a ideia de verso e reverso, de claro e escuro, que potencia o trabalho de Joo (Cacho Cachado) e acrescenta aos atores uma espécie de duplos que ganham expressão através de gestos e movimentos. Nesse cenário, a ideia de uma máquina que se transforma em escrú, Rui Francisco trouxe um princípio precepcioso: respeitar e seguir a propoção com que Almada Negreiros via o mundo. A máquina era serve para agitar as sombras era se transforma numa passagem para outro mundo. Como se diz: a máquina é de subtilidade da peça: "Madar é mór pela porta do sonho e ficar diferente no mesmo lugar..." A

Não é a primeira vez que O Bando leve à cena textos de Almeida Nogueira: na primeira montagem, que, ao final, não chegou a um público mais alargado, para o qual estão convidadas as crianças. "O Ulho de Gigante", que pode ser visto por crianças a partir dos 6 anos — numa coprodução que reúne O Bando e o Teatro Nacional D. Maria II —, parte do texto de Mendes de Almeida Nogueira (1921), o qual, aliás, não se apropriou de outras obras de excertos das outras peças do artista.

Se quer usar verdadeiras infantis, o encenador João Truges prefere recorrer a um registro que convence a pensar e que, de resto, habitual no trabalho da companhia que dirige, o qual há mais de três décadas se movida para o lado da infância. É o caso de *Os Meninos da Vale de Barris*, em Palmela, o musical que Almeida Nogueira imagina no poema dá lugar a uma menina (Ana

Brandão), tomada pelo impulso da partida, descomente com o que tem, aventureira ao ponto de querer chegar "ao topo mais profundo do mundo" (p. 101). Ela quer "fazer o mundo com um adulto (Raul Andrade), convicção de que a sua função no mundo é dar uma manivela para criar a luz e logo o dia. Através do diálogo que se estabelece entre a menina que quer partir e o adulto que a quer impedir, "Ofício de Gadião" define um puzzle de palavras e imagens, e assim, identifica alguns passagens emblemáticas dos textos de Almada Negreiros. É assim que o desejo de viagem da menina se transforma, ele próprio, numa viagem; que não se limita a seguir os trilhos do poema. Até porque a dramaturgia, toda frase a frase por Miguel Jesus e João Brites, acaba por criar uma narrativa própria que alinha com essa vontade fundadora do futurismo, de contar com o passado e de anular

**OLHOS DE GIGANTE**  
a partir de Almada Negreiros  
Teatro Nacional D. Maria II, Lisboa,  
de 27 a 30 de março e de 3 a 21 de abril

76 | **ATUAL** | 71 de março de 2023 | **Exemplos**

Figura 75 – Peça jornalística 1: “Sonhar senão a vida”, edição de março de 2013.

## TEATRO &amp; DANÇA REGRESSO

RICARDO PAIS  
ESISTENTE

**Colada à pele** tem sempre uma irreverência notória de quem tem fronteiras. Como uma estética cultural tornada retrato e identidade de um homem para quem o bode, uma fralda e um sapato são os seus atributos. É continuar a fazer o seu trabalho, como prova de vida, porque desistiu não é opção. Ricardo Araújo Pereira, 47 anos, nasceu em São João e vive na moderna quinta-feira com uma estranha "malinha" de texto de Fátima de Almeida Negreiros, e uma fralda com o nome do filho mais velho, "Turismo Infante", esse indigestível vilagem arado da galáxia Fernando Pessoa, na chamada "série palcos palcos".

Procurar uma referência ao novo cinema português não é tarefa fácil. O filme de Almeida Negreiros com o mundo de um grupo de dança urbana como os Momentum Crew é o primeiro filme português a abordar a dança urbana. Mas adivinha sobre se era capaz de trabalhar com eles. A técnica do "best break dance" não é a mesma coisa que o "break dance", o próprio bode dentro da linguagem da dança urbana. Nunca conversou antes com os bailarinos. Mas depois de um tempo, percebeu que a conclusão de que era a coisa mais pouca justa na Almeida Negreiros, especialmente na dança urbana, era que ela não queria saber sobre a Almeida, só sobre o grupo, o coletivo, o corpo, que é a antítese do trabalho sobre os bungees que antes ela fazia. E ela não queria saber sobre a Almeida, só sobre o "Turismo Infante". Querida outro tipo de dinâmica. Outro tipo de relação entre

[illegible]

Tem mentalidade de reformado, mas não consegue ter vida de reformado. É um resistente. Menos acelerado, continua a ferir-se de projetos e a manter a capacidade de indignação perante o luto a que, diz, o país está votado. Estrela agora uma incursão no mundo de Almada, repõe em cena "Turismo Infinito", uma longa peregrinação através do universo pessoal, e reivindica a subversão hoje contida no simples ato de dizer poesia.

[illegible]

com uma grande inclinação, uma que se centraria e é mesmo de "Turismo Infinito". De início nós habíamos mesmo se conseguimos trabalhar nestas condições. Para nós, a ideia de não ter mais nada a oferecer nos outros pontos de contacto com o "Turismo Infinito" o cenário é o mesmo, o figurativo é o mesmo, e há, de facto, pontos de contacto de um espécime para o outro. O outro, a outra, a outra, a outra, a outra, a outra. E é Almeida que vem com o seu próprio fato pendurado numa craveta e fala do encontro que teve no Maritímo da Arca, de uma espécie de "Turismo Infinito". Transporta uma mala que é uma espécie de símbolo do "Turismo Infinito", e aí começa o espectáculo.

A cada um dos pontos de contacto, transformo uma espécie de estado fixado para, mas parece-se a permanente procura de novos caminhos. É uma via de escape à cristalização? É uma via de escape à morte? Detenho-me. Na verdade não há morte. Há morte em um instante. No "Turismo Infinito", é muito fácil encontrar as razões materiais para se ser o espectáculo farrasqueiro que é. Contudo, há uma razão mais profunda, mais cristalina que a lei age, não sendo uma peça de teatro. A partir do "Turismo Infinito" que senta, mais do que nunca, o mito da vida, a vida que se vive.

Ricardo Pais está de volta, mas, por ele, já não encenaria muito mais. Preferiria estar a escrever a transcrever, acrescenta ao texto.

*Figura 76 - Peça jornalística 2: “Ricardo Pais – O Resistente”. edição de marco de 2014.*

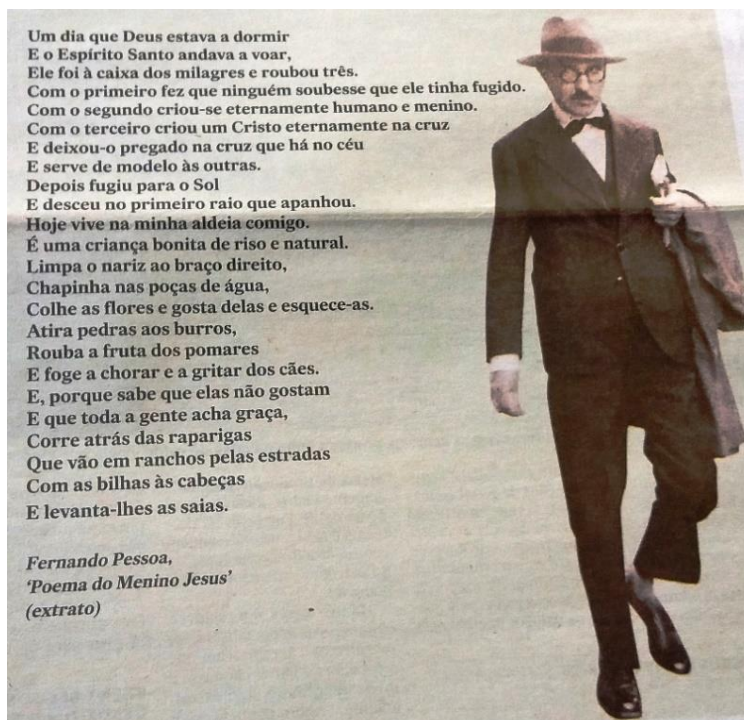


Figura 77 - Peça jornalística 3: "Poema do Menino Jesus", edição de dezembro de 2014.

#### LIVROS NOVIDADE

A obra-prima de Álvaro de Campos, um dos três heterónimos oficiais de Fernando Pessoa, chega agora às livrarias numa edição ilustrada. A cor, o poeta redesenhado nas suas múltiplas formas, o desenhador, Pedro Sousa Pereira, e um peixinho vermelho contam a história do engenheiro que à beira de um porto olha a chegada de um paquete. Mas, tal como ele em 1915, viajam através das inquietudes da vida e do ser humano, percorrendo um mundo complexo de sentimentos, credos, experiências e desilusões

Texto Alexandra Carla



## "ODE MARÍTIMA" REINVENTADA

Dar a volta ao mundo sem sair do mesmo lugar. Descover sobre a vida e "fugir" que se presta homenagem ao mar. Criar paisagens e dar-lhes múltiplos sentidos, enchê-las de imagens e dotá-las de significados próprios. Invenções simbólicas, ir buscar outros. Fernando Pessoa é assim. Mas só Álvaro de Campos consegue de um fôlego, num único poema, agigantar o ser humano disfarçado à beira de um porto, que se imagina o de Lisboa, a olhar um paquete a entrar no cais. É de todas estas vicissitudes que vivem

os desenhos mágicos de Pedro Sousa Pereira nesta "Ode Marítima" que agora é dada à estampa. "Gosto de desenhar poesia e gosto de desenhar poesia de autores mortos, primeiro porque já não dão opinião e depois porque através dos desenhos posso interpretar livremente o que está escrito", diz-nos em início de conversa. "A 'Ode Marítima' é um poema sobre a vida que usa o mar como fio condutor, é como uma onda que começa calma, atinge o clímax, volta a ele e volta à calma", avança mais decidido Pedro Sousa Pereira.

Muita cor, desenhos inusitados, são as grandes características das aguarelas do ilustrador que já deu vida à "Mensagem" e a "Tabacaria". Fernando Pessoa é a figura mais retratada, e a do próprio Sousa Pereira. "Ao poeta desenho-o nas suas múltiplas formas, a mim sempre com a minha roupa no sítio onde desenho. Além de não existir um animal que percorra todo o livro, um peixinho vermelho", avança. A ideia é adaptar ao poema a imagem de um aquário onde tudo se passa. Sem se deixar levar por "harquinhos" e "peixinhos",

no entanto, o ilustrador quer colocar em cada desenho as palavras do poeta. "Se ele diz a dada altura que quer ser uma mulher, tenho de o vestir de mulher". E por isso, que Pessoa, ou melhor, Álvaro de Campos nos surge naufragado, às vezes dissimulado, outras dependendo da zona do poema ser mais ou menos violenta, e a "Ode" é-o extraordinariamente. Texto difícil também, e por excelência, tem-se prestado a inúmeras configurações, tem sido dividido, tripartido, visto como um todo, analisado, estudado, visto e revisto. Responsabilidade acrescida para quem o representa figurativamente (apesar de ser "muito gráfico"). Há leitores que conhecem muito bem a obra em causa, e para estes que desenho e não os quero defraudar, não quero cometer erros", continua Sousa Pereira. "Não fugi a nada, está lá tudo!" E tudo é o que o poeta engenheiro diz ou quer dizer sobre "a grande inquietude da vida". Navegando, e a palavra aqui assenta como uma lapa, é genial a introduzir sentimentos, preocupações, fúrias, patéticas, admirações, referências visuais, referências literárias, referências pessoais... "Levei mais tempo a

estudar do que propriamente a desenhar", diz-nos, avançando que em mais já tem mais outro poema de Pessoa para desenhar e que, tal como este, viverá de cores. "Gosto da cor. Tenho com ela uma relação quase idílica. Enão tenho preocupações técnicas como os ilustradores ou desenhadores saídos das Belas-Artes. Quero desenhar tão mal como Antoine de Saint-Exupéry, e, apesar de desenhar tão mal, ter como ele alguma coisa, subentendo a cor, que faz com que os leitores não consigam tirar os olhos dali". É a verdade não anda longe disso. Esta "Ode Marítima" vive das ilustrações, dos desenhos, da cor, vive e sobrevive. São eles, de facto, que muitas vezes, colocados no encadeamento certo, nos chamam para o texto de Álvaro de Campos e no-lo fazem recordar em toda a sua plenitude. Não vale a pena escamotear, e aqui não há dúvidas, é de um poema pleno e perfeito que falamos, trata-se da obra-prima deste heterónimo e uma das obras-primas de Fernando Pessoa, que, como nos diz Richard Zenith, que aqui assina o prefácio e a tradução para inglês, ainda por cima sabia disso. A



ODE MARÍTIMA, Álvaro de Campos, texto de Fernando Pessoa e desenhos de Pedro Sousa Pereira. Clube do Autor

24 | JORNAL 120 de dezembro de 2014 | Expresso

Expresso | 20 de dezembro de 2014 | JORNAL 120

Figura 78 - Peça jornalística 4: "Ode Marítima Reinventada", edição de dezembro de 2014.





★★★★

### AS AVENTURAS DE FERNANDO PESSOA

Miguel Moreira e Catarina Verdier

Parceria A. M. Pereira, 2015.

178 págs., €23,90

Banda desenhada

Alberto Caeiro dizia que a sua biografia “tem só duas datas — a da minha nascença e a da minha morte. / Entre uma e a outra todos os dias são meus”, mas se tal não chega a ser verdade para o heterónimo de Fernando Pessoa, muito menos é para ele próprio, a quem a vida começou cedo a mostrar a pior face com a morte prematura do pai e de um irmão e o desenraizamento de uma longa estada sul-africana. Embora existam, obviamente, biografias e fotobiografias deste poeta maior da nossa língua, a adaptação da sua vida para BD significa uma nova janela para

o universo pessoano. A adaptação realizada por Miguel Moreira (textos e desenhos) e Catarina Verdier (cor) possui uma economia narrativa que mistura apropriadamente factos e efabulação poética. Mais do que uma biografia, estas aventuras são uma radiografia à cabeça labiríntica do poeta, ancorada no seu itinerário vivencial mas com a capacidade de o relacionar com a obra. A estética reporta-se propositadamente à BD europeia dos anos 20 e 30, mas essa opção não impede soluções gráficas ousadas e imaginativas que subvertem um aparente classicismo através das relações entre o texto e a imagem, entre os tempos da narrativa, entre realidade factual e efabulação, entre as personagens e os espaços onde evoluem, o que resulta numa ambientação gráfica que se abre ao humor e à melancolia mas que nunca trivializa a poesia de Pessoa ao convocá-la. Após múltiplas atribulações editoriais, quis a justiça poética que o livro aparecesse com a chancela da editora que deu à estampa a “Mensagem” (em 1934) — um bom prenúncio para estas “Aventuras” tão potencialmente sedutoras para o público da BD como da poesia. / CELSO MARTINS

Figura 79 - Peça jornalística 5: “As Aventuras de Fernando Pessoa”, edição de dezembro 2015.

## Anexo n.º 6: Referências aos autores em estudo na capa das edições dos órgãos de comunicação social analisados

### Revista LER



Figura 80 - Capa da edição de março de 2010 da Revista Ler. Menção a Cesário Verde.

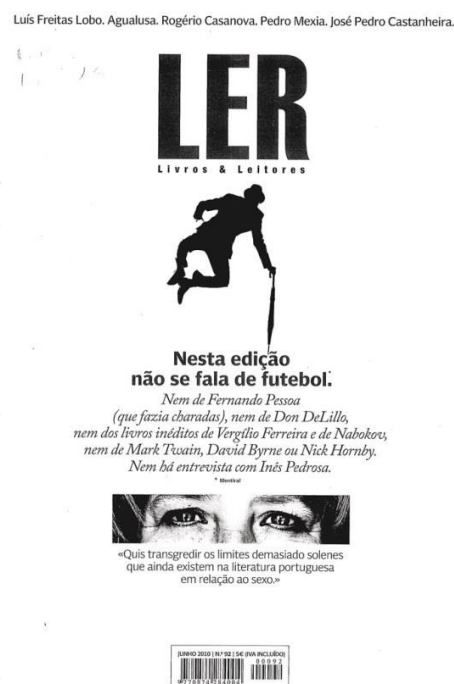


Figura 801 - Capa da edição de junho de 2010 da Revista Ler. Menção a Fernando Pessoa.

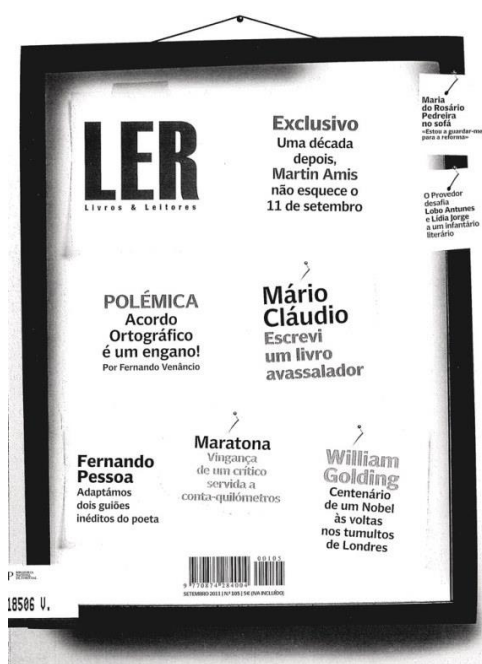


Figura 82 - Capa da edição de setembro de 2011 da Revista Ler. Menção a Fernando Pessoa.



Figura 83 - Capa da edição de setembro de 2012 da Revista Ler. Menção a Fernando Pessoa.



Figura 84 - Capa da edição de março de 2013 da Revista Ler. Menção a Fernando Pessoa.

## Jornal de Letras



Figura 85 - Capa do Jornal de Letras, edição de 23 de março a 5 de abril de 2011. Menção a Fernando Pessoa.



Figura 86 - Capa do Jornal de Letras, edição de 19 de março a 1 de abril de 2014. Menção a Fernando Pessoa e Almada Negreiros.





Figura 87 - Capa do Jornal de Letras, edição de 23 de dezembro de 2015 a 5 de janeiro de 2016. Menção textual a Mário de Sá-Carneiro e a Fernando Pessoa.

## Jornal Público



Figura 818 - Capa do Público, edição de 24 de março de 2015. Referência visual a Fernando Pessoa.

## Expresso



Figura 829 - Capa do Expresso, edição de 19 a 24 de dezembro de 2015. Referência textual a Fernando Pessoa. Fonte: Site do Expresso.

**[WWW.ISCSP.ULISBOA.PT](http://WWW.ISCSP.ULISBOA.PT)**